

Dag Norberg

MANUAL PRÁTICO  
DE LATIM MEDIEVAL

(I – BREVE HISTÓRIA DO LATIM MEDIEVAL)

Tradução: *José Pereira da Silva*

Rio de Janeiro  
CiFEFiL  
2007

## INTRODUÇÃO

O *Manual de Latim Medieval* apresenta problemas particulares. Como este latim não é uma língua nova e autônoma, mas a continuação erudita e escolar do latim da época romana, não é prático partir da estaca zero, como se fez com muito proveito, em outros manuais da coleção "Connaissance des Langues", dirigida por Henri Hierche. Nossa obra supõe alguns conhecimentos do latim clássico, cujos elementos não serão repetidos aqui. Além disso, o latim medieval não apresenta uma unidade, tomando aspectos muito variados segundo as épocas, as regiões e o nível cultural dos autores que dele se servem. Para dar uma idéia desta variedade, achamos útil começar nossa obra por uma breve história desta língua, que será seguida de uma antologia de textos escolhidos para ilustrar a primeira parte do livro, acompanhados de uma tradução e de alguns comentários.

Nas introduções ao estudo do latim medieval que têm sido publicadas até aqui, como a de K. Strecker e R. B. Palmer, *Introduction to Medieval Latin* (Berlín, 1957), um espaço importante é consagrado às notícias bibliográficas, à história da literatura e das bibliotecas, à tradição da literatura clássica e à paleografia. Propositamente renunciamos a concorrer com esses manuais. Quanto à bibliografia, nós nos contentamos com algumas notas sumárias e remetemos à obra recentemente publicada por Martin R. P. McGuire, *Introduction to Mediaeval Latin Studies* (Washington, 1964), onde informações

mais detalhadas poderão ser encontradas. De fato, nosso estudo está limitado à língua, mas este estudo é conduzido de um modo novo. Ao invés de tratar do latim medieval como uma unidade, procuramos delimitá-lo em diversos domínios. Começamos pelo latim do baixo-império, que constitui o ponto de partida. Para a alta Idade Média, pareceu-nos necessário distinguir as regiões românicas das não-românicas. Nas primeiras, o latim era encontrado ainda em relações estreitas com a língua falada, na França até à época de Carlos Magno, na Itália e na Espanha, ainda mais tarde. Nas ilhas britânicas, ao contrário, a situação era completamente diferente. Lá, o latim era uma língua estrangeira que os letrados aprenderam na escola com muito sacrifício e sem encontrar apoio em sua língua materna. A reforma carolíngia, que merece um capítulo à parte, fez que as condições se tornassem semelhantes na França, e no início do segundo milênio, nem mesmo os italianos e os espanhóis podiam compreender o latim sem fazer alguns estudos mais ou menos aprofundados. Na baixa Idade Média, a escola latina era quase a mesma em todas as regiões ocidentais, criando uma unidade espiritual considerável no mundo sábio. Por isto é que nos permitimos agrupar num só capítulo todos os traços característicos desta época.

Nossa seleção de textos é mais passível de críticas. Alguns perguntarão por que não demos exemplos do estilo tão original de um São Bernardo ou de um Tomás Kempis, outros, por que não estudamos mais detidamente os traços locais dos textos medievais etc. Poderão ser enchidos facilmente vários volumes sem se conseguir esgotar o assunto. Nossa finalidade foi mais modesta. Não nos propusemos a apresentar uma antologia da literatura medieval, mas a colocar em evidência as diversas fases da língua deste período e a apresentar ao leitor alguns conhecimentos gerais a partir dos quais poderá

prosseguir com estudos especializados. Mesmo neste ponto de vista, aliás, todo manual continuará sempre mais ou menos imperfeito.

Não conseguiríamos terminar estas notas preliminares sem dizer o quanto devemos a M. Pierre Petitmengin. Ele nos fez a gentileza de ler o manuscrito deste livro e de nos sugerir mil preciosas correções e importantes observações. Somos felizes por lhe testemunhar aqui nosso vivo reconhecimento.

## O LATIM DA IDADE MÉDIA

### *I. Breve história do latim medieval*

No começo, o latim foi uma língua de pastores e de camponeses. Seu emprego estava restrito a Roma e seus arredores. Apesar do início humilde, o latim foi se tornando aos poucos uma língua de alta cultura, expandindo-se por todo o ocidente do império romano. Poucas línguas conheceram tão brilhante sucesso.

Mais importante ainda é a história do latim após a queda do império. O latim falado, conservando, durante muito tempo, uma estabilidade espantosa, nunca morreu; modificou-se de uma geração a outra, diferenciou-se, e esta evolução deu origem às línguas neolatinas ou românicas. O latim escrito também não deixou de ser empregado. Ele servia como meio de expressão tanto nas igrejas quanto nas escolas: era escrito e falado. É certo que o latim medieval já não era uma língua nacional e seu uso se limitava à classe erudita da sociedade. Mas, graças a isso, não conhecia fronteiras geográficas. Com o cristianismo, passa às regiões de línguas céltica, germânica, húngara e eslava, tornando-se uma língua comum a toda a civilização ocidental, imprimindo-lhe um cunho inapagável. Durante os primeiros séculos da época moderna, a elite intelectual ainda conhecia a fundo o latim, cuja importância prática só começará a diminuir após os me-

dos do século XVII. Mesmo em nossos dias, o latim conserva sua universalidade. As escolas o ensinam, mesmo do lado de cá do Atlântico; a Igreja Católica o pratica como língua litúrgica, as ciências e as técnicas antigas e novas recorrem a ele para constituírem o seu vocabulário. Por isso, aquele que deseja compreender a unidade e a complexidade de nossa civilização não pode se dispensar de estudar esta língua que, durante muito tempo, formou os espíritos. Língua alguma possui uma história parecida, língua alguma representou um papel comparável.

O período da história do latim de que trataremos aqui compreende uns mil anos. O fim desse período é claramente marcado pelo Renascimento. Seu início é mais difícil de ser determinado. A escola e a civilização romanas não desapareceram com a destruição de Roma pelos visigodos nem com a deposição do último imperador romano por Odoacro. Só aos poucos a organização romana foi deixando de funcionar, começando os homens a viver, a refletir e a se exprimir de um modo novo. O latim da Idade Média é a continuação do latim escolar e literário do baixo-império. A transformação foi feita muito lentamente. E, para compreender esse desenvolvimento, é necessário partir da situação lingüística anterior à queda do império.

## O latim ao final da época imperial

No III século, o império romano conheceu crises violentas. Os persas, os godos, os alamanos e outros povos bárbaros infligiram aos romanos dolorosas derrotas; internamente, revoluções intermináveis começavam a minar o estado. Quando, por fim, os bárbaros foram repelidos e a unidade do império restabelecida, o mundo havia modificado profundamente. Roma já não era o centro da vida política e cultural. Os imperadores residiam em Milão, Tréviros e Constantinopla e mesmo em outras cidades. Estas cidades, assim como Cartago e outras capitais provinciais ofereciam freqüentemente um ambiente mais favorável à vida intelectual do que a antiga metrópole, com o que já se podia prever a futura decomposição lingüística.

O senado já não tinha importância política. O imperador, que se qualificava de *dominus* era onipotente, seus ministros formavam o *consistorium sacrum*, os funcionários da corte recebiam o título de *comites*, "companheiros do senhor, condes". Os imperadores impuseram à sociedade um sistema de castas segundo o qual todos estavam ligados a uma profissão ou ofício e a uma classe social. Ao mesmo tempo, instituiu-se um novo sistema de títulos honoríficos. O imperador podia ser chamado de *gloriosissimus*, *serenissimus*, *christianissimus*, os funcionários eram divididos em quatro classes, cujos sím-

bolos ou formas de tratamento eram *illustres, spectabiles, clarissimi e perfectissimi*. Dirigiam-se ao imperador através das seguintes palavras, entre outras: *vestra maiestas, vestra gloria, vestra pietas*, e a outras pessoas, segundo a sua classe, por *vestra excellentia, eminentia, magnificentia, spectabilitas* etc. Os títulos *beatitudo* e *sanctitas* eram reservados aos dignitários eclesiásticos. O imperador, falando de si mesmo, não dizia mais *ego*, mas *nos*, o súdito devia chamá-lo por *vos* e não *tu*. Este emprego do plural se expandiu muito rapidamente em todas as classes sociais influenciadas pela língua oficial e, em pouco tempo, permitiu-se o emprego do plural de reverência mesmo para se dirigir a colegas.<sup>1</sup> As repartições da administração imperial e, através de seu modelo, as chancelarias eclesiásticas introduziram também outras expressões que passaram no latim medieval. Por exemplo, serviu-se freqüentemente dos participípios *suprascriptus, supradictus, praedictus, praefatus, memoratus*, para substituir um pronome anafórico *is*. Na maior parte das línguas européias, o emprego excessivo dos vocábulos correspondentes, "supradito, sobredito, supramencionado" etc., é ainda um sinal de formalismo e de pedantismo. Do mesmo modo, substituiu-se freqüentemente *hic* por *praesens* e se escreveu *praesenti iussione praecipimus, scriptis praesentibus adhortamur, lator ou portitor praesentium (sc. litterarum), praesens portitor* etc. Daí as expressões francesas *par la présente* ou *les présentes, le présent porteur* etc. Havia grande predileção pelos ablativos absolutos do tipo *habita districtione (= cum districtione), excusatione cessante, omissa excusatione, excusatione postposita (= sine excusatione)*. O latim não tinha participípio presente do verbo *esse*. Tais casos se resolviam utilizando os participípios *consistens, cons-*

---

<sup>1</sup> Pode ser encontrado um estudo sobre o estilo administrativo do império em Fridh, *Terminologie et formules dans les Variae de Cassiodore*, Göteborg, 1956.



*titutus, positus*, por exemplo, quando se dirigia uma carta a tal ou qual funcionário *Romae constitutus*. Assim, parece que, na língua oficial do império, desenvolveu-se o emprego de um substantivo abstrato como *ministerium* e *imperium* no lugar de *minister* e *imperator*. Nas atas e nos diplomas da baixa Antigüidade e da Idade Média, encontramos freqüentemente *officium, obsequium, coniugium, matrimonium* com o sentido de "funcionário" e de "mulher". *Testimonium* sobrevive no francês *témoim, potestas* no italiano *il podestà*; cf. *Lex Sal.* 56,1 *tria testimonia iurare debent* "três testemunhas devem jurar"; *Cod. Theodos.* III,11,1 *ad magnificam potestatem qui principis auribus hoc possit intimare recurrat*, "que ele recorra a um alto funcionário que possa relatar isto ao imperador".

Em 313, o imperador Constantino promulgou o célebre edito de Milão, em que proclamou a liberdade das religiões, em 392, o imperador Teodósio proíbe os cultos pagãos e o triunfo do cristianismo foi total, a partir daí. Estas são duas datas de uma importância fundamental para o Ocidente, mesmo de um ponto de vista lingüístico. Os cristãos haviam levado uma vida distante, formando um grupo isolado da grande massa da população, desprezado e freqüentemente perseguido. Seu particularismo favoreceu a criação de um novo linguajar que os pagãos compreendiam tão mal quanto à nova ideologia. A partir de então, eles seriam os mestres da sociedade e impuseram aos outros suas idéias e sua língua.<sup>1</sup>

Inicialmente, a nova religião foi praticada no Ocidente pelos orientais que falavam o grego e, durante quase dois séculos, o grego foi a língua da igreja, mesmo em Roma. Disso resultou que uma

---

<sup>1</sup> Esta questão foi estudada, sobretudo, por Chr. Mohrmann, *Études sur le latin des chrétiens*, I-III.

grande parte do vocabulário cristão proveio de empréstimo do grego. Tais são, sobretudo, os nomes que designam a organização e as instituições da igreja que se latinizaram. Assim *ecclesia* é um empréstimo muito antigo, como o prova a acentuação *ecclésia* e não *ecclesiá* (ver abaixo). Outros vocábulos desse gênero são *episcopus*, *presbyter*, *diaconus*, *martyr*, *evangelium*, *baptisma* ou *baptismus*. Por intermédio da Bíblia, alguns hebraísmos foram bem sucedidos até no Ocidente, por exemplo, *sabbatum*, *pascha*, *satanas*, *gehenna*. Os latinos incorporaram tão bem estes vocábulos a sua língua que até puderam juntar a eles sufixos da própria língua. É assim que criaram hibridismos como *episcopatus*, *episcopalis*, *baptizator*, *paschalis*.

Entretanto, é muito interessante ver que então as realidades mais ou menos concretas foram expressas por vocábulos emprestados, foram preferidos vocábulos latinos para exprimir as noções abstratas da fé cristã. Os antigos vocábulos latinos *credere*, *fides*, *gratia*, *salus*, *revelatio* assim como outros, tomaram o mesmo conteúdo cristão que tinham os vocábulos gregos correspondentes. Para formular a nova ideologia em latim, foram forjados, além disso, grande quantidade de vocábulos novos. É com o cristianismo, por exemplo, que aparecem *salvare*, *salvator*, *sanctificare*, *sanctificatio*, *trinitas*, *incarnatio*, *carnalis*, *passibilis*, *transgressor*. Os pagãos acusavam os cristãos de turvar a pureza da língua. Mas, Santo Agostinho responde (*Serm.*, 299,6) a propósito de *salvator*:

*Nec quaerant grammatici quam sit latinum, sed christiani quam verum. 'Salus' enim latinum nomen est. 'Salvare' et 'salvator' non fuerunt haec latina antequam veniret salvator. Quando ad latinos venit, et haec latina fecit.*

"Os gramáticos, que não questionem se o vocábulo é latino, mas sim os cristãos se ele é verdadeiro. *Salus* é um vocábulo latino,

*salvare* e *salvator* não existiam antes da vinda do Salvador. Quando ele veio para os latinos, estas realidades foram introduzidas em latim."

Os cristãos ocidentais podiam, às vezes, escolher entre diversos vocábulos latinos, quando se encontravam diante da tarefa de exprimir suas idéias. O latim possuía uma série de verbos com o sentido de "rezar": *obsecrare*, *orare*, *petere*, *precari*, *rogare* etc. Desses verbos, *orare* foi logo suplantado pelos outros na língua corrente e só continuou sendo empregado em algumas fórmulas fixas que tinham quase sempre um sabor arcaico e solene. É por isso que foi escolhido para designar a oração cristã, dando-se uma vida nova a um vocábulo que estava em vias de desaparecimento da língua latina. É também muito instrutivo considerar a história do vocábulo *gentes*. Para representar a expressão "os pagãos", os cristãos hesitaram, inicialmente, entre o empréstimo grego *ethnici* e os vocábulos latinos *nationes* e *gentes*. Finalmente, venceu o último termo. A razão é que, já na língua clássica, ele continha um sentido pejorativo, visto que havia o costume de opor as duas expressões *populus Romanus* e *gentes*. O significado de *gentes* passou a ser, por causa desta oposição, "povos estrangeiros" e "bárbaros", com um quê de desprezo que favoreceu o emprego cristão do vocábulo e sua transformação em "não-iniciados", "pagãos".

Tem-se acentuado a importância do livro para a religião cristã. É natural que o latim cristão tenha sofrido uma profunda influência da língua da Bíblia, que todo o mundo entendia na igreja, mesmo os mais humildes, que não sabiam ler. Ora, as antigas traduções da Sagrada Escritura eram muito literais e, de certa maneira, o hebraico e o grego exerceram certa influência, até no domínio da sintaxe. Eis dois

exemplos que ilustrarão o mecanismo e o resultado desta influência bíblica.

O primeiro diz respeito à sintaxe. No latim vulgar, podemos constatar certa tendência a ampliar o emprego da preposição *in*. Não se dizia somente *in manu tenere*, *in equo vehi*, mas ainda *offendere aliquem in aliqua re* etc. Os antigos tradutores se apoiaram nesta tendência quando escreveram frases como Êxodo, 17,5 *virgam in qua percussisti flumen accipe in manu tua*, "toma em tua mão a vara com que feriste o rio", e Êxodo, 17,13 *fugavitque Iosua Amalec et populum eius in ore gladii*, "Josué pôs em fuga Amalec e seu povo ao fio da espada". Mas eles não teriam jamais escolhido uma expressão tão audaciosa e tão surpreendente aos ouvidos latinos, se não tivessem lido na versão dos Setenta frases em que a preposição grega  $\epsilon\upsilon\kappa$  tinha o mesmo sentido instrumental. Este emprego da preposição grega depende, por sua vez, da construção no original hebraico. O exemplo hebraico influenciou, portanto, na versão grega e esta estimulou uma tendência que se encontrava na língua latina. Entretanto, era tão fraca esta tendência que Santo Agostinho se viu obrigado a explicar o exemplo que acabamos de citar com as seguintes palavras '*in qua percussiti*' dixit pro eo quod dicimus '*de qua percussisti*', sublinhado que *in* no lugar de *de* pertencia à linguagem bíblica. Seguindo o exemplo da Bíblia, os Padres se servem muito freqüentemente de um *in* instrumental que, de certo modo, se tornou usual no latim literário dos cristãos.

O outro exemplo é, talvez, ainda mais instrutivo. Em sua tradução do texto hebraico, os Setenta escolheram freqüentemente um único vocábulo grego para traduzir certo vocábulo hebraico, sem se preocupar com a polissemia do original. Assim, o hebraico  $ma\text{-}sa\text{-}l$ ,

"comparação", "provérbio", "discurso", "palavra", é sempre traduzido por PARABOLÉ, embora o vocábulo grego só possua o sentido de "comparação". Nas verses latinas da Bíblia, freqüentemente se tomou emprestado o vocábulo grego *parabola* em todos os sentidos do original hebraico, mesmo o de "vocábulo", "palavra". Na linguagem bíblica, o uso de *parabola*, "palavra" se expandiu na língua corrente dos cristãos e quando o cristianismo, após a paz constantiniana, se estendeu a toda a sociedade, *parabola* se tornou um vocábulo corrente. Criou-se um verbo *parabolare*, que encontramos pela primeira vez num texto da época merovíngia, a *Visio Baronti*, cap. 1: *ille nihil homini valuit parabolare sed digito gulam ei monstrabat*, "e ele nada podia dizer ao homem, mas lhe indicava com o dedo sua goela". O italiano *parlare*, e o francês *parler* mostram que no latim falado da baixa Antigüidade este verbo já havia substituído *loqui* que não deixou traço nas línguas românicas.<sup>1</sup> As revoluções política, social e espiritual dos III e IV séculos desenvolveram também outras forças que irresistivelmente transformaram a língua. O latim clássico foi criado e cultivado por uma elite romana. Nesta época de confusão, Roma e a Itália cederam lugar às províncias, e as altas classes da sociedade se renovaram. Não se podia mais preservar uma sutileza como o ritmo quantitativo. Na pronúncia clássica, o acento era musical, o que quer dizer que ele comportava necessariamente uma elevação da voz, enquanto o elemento de intensidade era muito sutil. Os romanos não tinham dificuldade para perceber a diferença entre as sílabas longas e as sílabas breves, e a quantidade tinha, então, uma função fonológica: *ánus*, "mulher idosa", diferenciava-se de *ānus*,

---

<sup>1</sup> Para esses exemplos, ver E. Löfstedt, *Syntactica*, II, p. 452 e s., e *Late Latin*, p. 81 e s., G. A. Beckmann, *Die Nachfolge- konstruktionen des instrumentalen Ablativs*, p. 84 et. s.

"anel", assim como de *annus*, "ano". Mas durante o século III uma nova pronúncia se generalizou. O acento foi carregado cada vez mais de intensidade, até que se tornou essencialmente um acento dinâmico. A intensidade crescente do acento confundiu inteiramente o antigo ritmo quantitativo. As vogais breves atingidas pelo acento se tornaram longas e as vogais longas inacentuadas se abreviaram. Isto quer dizer, entre outras coisas, que o tipo *ānus* desapareceu da língua falada. Santo Agostinho constata que seus compatriotas já não entendiam a quantidade clássica das sílabas e que se dizia, por exemplo, *cāno* por *cāno*. O gramático Donato fala da pronúncia *dēōs* ao invés de *dēō*. O novo ritmo da língua se fundamentava nos acentos, como nas línguas românicas atuais. Para a versificação, o enfraquecimento da quantidade clássica foi de importância capital, como veremos mais adiante. Para o sistema fonético da língua falada, as conseqüências não foram menos graves<sup>1</sup>.

Sabe-se que, nas sílabas abertas acentuadas, *i* e *u* breves receberam o mesmo timbre que *e* e *o* longos. Na maior parte da România, *piram* se tornou *pěra* e, um pouco mais tarde, *gulam* se tornou *gōla*, com os mesmos sons que *tēla* e *sōla* (cf. italiano e espanhol *pera*, *tela*, *gola*, *sola*, francês *poire*, *toile*, *gueule*, *seule*). Ao mesmo tempo, as antigas vogais *ě* e *ō* se ditongaram: *fěrum* passou a *fěro* > *fiero* e, pouco mais tarde, *nōvum* a *no Ivo* > *nuovo* (cf. italiano *fiero*, *nuovo*, espanhol *fiero*, *nuevo*, antigo francês *fier*, *nuef*). O antigo ditongo *ae* que desde a época republicana tendia a simplificar-se em um *e* aberto, foi tratado da mesma maneira que *ě*. Assim, *caelum* tornado *c,elu*, se pronunciava agora *cielo* (cf. italiano e espanhol *cielo*, francês *ci-*

---

<sup>1</sup> Para a história do latim falado, remetemos aos manuais dos romanistas. O problema foi tratado em seu conjunto, ultimamente, por V. Väänänen, *Introduction au latin vulgaire*.

el). A monotongação de *oe* resultou num *ē* fechado; a vogal acentuada de *poena*, por exemplo, não se diferenciava da de *vēna* (cf. italiano e espanhol *pena*, *vena*, francês *peine*, *veine*).

A ortografia latina foi perturbada por estas modificações da pronúncia. Nas inscrições da época imperial, encontramos grafias como *vecēs*, *menūs*, *colomnas* por *vices*, *minus*, *columnas* ou *egrotus*, *eris*, *Advaentu*, *Numaerio*, *amēnus*, *Phebus* ao invés de *aegrotus*, *aeris*, *Adventu*, *Numerio*, *amoenus*, *Phoebus*. Nos autores da alta Idade Média, a ortografia é freqüentemente tão caótica que dificilmente se pode decifrar o sentido do texto e fazer-se uma idéia da pronúncia que se esconde atrás do emprego inábil das letras *i*, *e*, *u*, *o*, *ae*, *oe*, como veremos mais adiante.

As vogais átonas tendem a ser suprimidas; e esta síncope se torna cada vez mais freqüente, à medida que se desenvolve o acento de intensidade. No *Appendix Probi*, manual de ortografia da baixa Antigüidade, lemos regras como: *masculus non masclus*, *vetulus non veclus*, *frigida non fricda*, *tabula non tabla*, *viridis non virdis*. Dessas formas sincopadas derivam os vocábulos franceses *mâle*, *vieil*, *froid*, *table*, *vert*.

Desaparecido o ritmo quantitativo, a velha regra da penúltima já não podia funcionar. Isto porque os vocábulos tomados de empréstimo ao grego foram tratados de uma maneira diferente à época clássica (ou arcaica) e mais tarde. Na época de Cícero, falando sua língua materna, um romano não podia preservar a acentuação grega de vocábulos como *philosophía* e *Akadêmeia*<sup>1</sup>. Isto de colocar o acento na penúltima breve ou de não acentuar uma penúltima longa seria contra

---

<sup>1</sup> Estas palavras gregas estão escritas em caracteres gregos no original.

o gênio da língua latina. Logo, Cícero dizia *philosophía* e *academí'a*. Mas, após o enfraquecimento das quantidades vocálicas que também ocorreram na língua grega, os latinos puderam adotar a acentuação estrangeira *philosophía* e *académia*. No latim falado do fim da Antigüidade, havia, portanto, duas maneiras de acentuar os vocábulos gregos. Os empréstimos que penetraram na língua corrente antes das grandes mudanças do III século eram inteiramente latinizados: *kamã-ra* e *ècclesiã*, por exemplo, se tornaram *cámera* e *ecclésia*. Os empréstimos mais recentes conservaram a posição do acento grego. Assim *Ĕremos* deu *éremus*, como se vê pelas formas românicas, italiano *éremo* e *ermo*, espanhol *yermo*, antigo francês *erm*. Há mesmo alguns vocábulos que receberam um duplo tratamento, como *bútyron* e *ĕgkauston*, que aparecem na Itália sob as formas latinizadas *but'yrum* e *encaústum* (donde o italiano *butirro* e *incostro* > *inchiostro*, na Gália, com a acentuação grega *bútyrum* e *éncaustum* (donde antigo francês *burre* > *beurre* e *enque* > *encre*). No latim literário do fim da Antigüidade e da Idade Média, a situação é completamente confusa. Segue-se freqüentemente o sistema clássico aplicado (= *appris*) principalmente para os estudos dos antigos poetas e para se escrever, por exemplo, em versos métricos, *sophía*, mas o tipo recente *philosophí-a*, *academí-a*, *abyssus*, *problēma* e mais corrente. Do mesmo modo, encontramos na poesia rítmica *Antióchia*, *Alexándria*, *Theódorus*, *orthódoxus*, *tyrannus*, *spéleum*, *sarcophágus*, *Christophórus* para os vocábulos gregos *Antiócheia* etc. Somente se o modelo era polisilábico e oxítono, os latinos não podiam conservar a acentuação do original. Nesse caso, eles entendiam um acento secundário sobre a antepenúltima e desta maneira os vocábulos desse tipo puderam tornar-se proparoxítonos em latim: *Thesaurós*, *baptismmós*, *Agathá*



são, às vezes, acentuados *thésaurus*, *báptismus*, *°gatha* nos poemas latinos<sup>1</sup>.

É necessário, além disso, prestar atenção para alguns deslocamentos do acento que ocorrem em certos vocábulos de origem latina. Em geral, o lugar do acento não mudou, no entanto, notam-se algumas exceções. Acontece notadamente que o acento de um verbo composto passa do prefixo para o radical, cuja vogal original é freqüentemente restituída. Assim, *cont`inet* foi substituída por *conténet* na língua falada (italiano e espanhol *contiéne*, francês *contient*). Os textos apresentam muitos exemplos desta recomposição: *deprenit*, *displacet*, *incadit* etc., e a versificação confirma freqüentemente a acentuação na penúltima, mesmo quando a vogal não muda: *indúit*, *invócat*, *retúlit* etc. O fato de que nesses casos a penúltima foi breve na época clássica não impedirá o deslocamento do acento porque o ritmo quantitativo desapareceu e porque a regra da penúltima parou de funcionar.

Um outro grupo de vocábulos em que o acento sofreu um deslocamento é aquele em que a penúltima se compõe de uma vogal breve seguida de uma *muta cum liquida*. Sabe-se que a acentuação clássica era do tipo *intěgrum*. Na língua falada, a penúltima sílaba passou logo a travada e recebeu o acento: *intég-rum*; cf. italiano *intéro* e *intiéro*, espanhol *entéro*, francês *entier*. Na Idade Média, os professores e os poetas não compreenderam muito bem esta evolução e as regras dos antigos gramáticos. Eles pronunciavam *intěgrum*, mas sabiam que este vocábulo devia escandir-se segundo Donato, *intě-*

---

<sup>1</sup> Cf. J. André dans *Bulletin de la Soc. de linguistique de Paris*, LIII, 1957-1958, p. 138 et ss., e os exemplos que tiramos em *Latomus*, XV, 1956, p. 354. Ver também nossa *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*, onde as mudanças prosódicas de que falamos acima foram tratadas às p. 10 e ss.

*grum*, e em sua ambição de restaurar a prosódia clássica, mudaram freqüentemente *arātrum*, *theātrum*, *candelābrum*, *lavācrum*, *dolābra*, *salūbris*, *delūbrum*, vocábulos nos quais a penúltima é longa por natureza, em *áratrum*, *théatrum*, *candélabrum*, *lávacrum*, *dólabra*, *sá-lubris*, *délubrum*.

Notamos, enfim, que nos paroxítonos do tipo *filiolum*, *mulierem*, *parietem*, o acento passou de *i* (ou de *e*) para a vogal seguinte que se fechou e alongou, cf. italiano *figliuolo*, espanhol *hijuelo*, francês *filleul*, a. italiano *mogliera*, espanhol *mujer*, antigo francês *moilier*, italiano *parete*, espanhol *pared*, francês *paroi*. Já na baixa latimidade, encontramos freqüentemente em poesia uma vogal longa nos vocábulos *viōla*, *liliōla*, *filiōlus*, *muliērem*, *pariētem* etc.

O latim falado do baixo império sofreu diversas outras modificações fonéticas. Não podemos mencionar aqui senão as que tiveram uma importância especial para o latim medieval.

As vogais *e* e *i* em hiatos fecharam-se para chegarem à semiconsoante *y*: *vinea* > *vinya* > italiano *vigna*, espanhol *viña*, francês *vigne*. O autor do *Appendix Probi* previne seus alunos contra as grafias *vinia*, *cavia*, *lancia*, *calcius*, *baltius*, grafias que encontramos mil vezes no latim merovingiano. Paralelamente, *o* e *u* em hiatos se fecharam numa semiconsoante; cf. *Appendix Probi*: *vacua non vaqua*, *vacui non vaqui*. Por vezes, estas vogais, pura e simplesmente desapareceram. Ao invés de *quietus*, *Neapolis*, *duodecim* dizia-se *quetus*, *Napolis*, *dodeci*, pronúncia que se reflete nas sinéreses (synizèses) da poesia medieval. Diante do grupo inicial *sp*, *sc*, *st*, desenvolve-se uma vogal protética: *ispiritus* ou *espiritus*, *escola*, *estella*, *espectare* (freqüentemente escrito *expectare* e confundido com o verbo composto *ex-spectare*); inversamente, tem-se *Spania* por *(H)ispania*.

No início da época imperial, o *b* intervocálico e a semiconsoante *u* atingiram ambos a uma bilabial constrictiva ( $\beta$ ); daí as confusões entre as letras *b* e *u*, atestadas, por exemplo, nas inscrições: *devere, iuvente* < *debere, iubente* etc., e no *Appendix Probi* onde se encontra, entre outras, *baculus non vaclus, tabes non tavis, plebes non plevis, alveus non albeus*. Mais tarde, a bilabial *u* se tornou labiodental (*v*); a antiga articulação só se conservou depois de *g* e *q* (*língua, aqua, qualis*). Na mesma época, os germanos ainda possuíam uma bilabial em vocábulos como *werra, wardon*. Por isso, quando os romanos tomaram emprestados estes vocábulos, tentaram representar o som inicial por *gu*: *guerra, guardare*.

Quando lemos no *Appendix Probi*: *coquus non cocus, equus non ecus, rivus non rius*, esses exemplos mostram que o som *u* entre vogais ou depois de consoante tendia a se fundir na vogal homorgânica. Desse modo, *quomodo* se reduz a *comodo* e *como* já nas inscrições de Pompéia. A aspiração *h*, que, desde a época pré-literária estava em vias de desaparecer, só servia na língua tardia como sinal ortográfico, o que dava lugar a numerosas confusões: por um lado, *ac, ortus, ordeum, aduc* etc. para *hac, hortus, hordeum, adhuc*, por outro, *habundare, perhennis, choibere, hanelare* (cf. francês *haleiner*) por *abundare, perennis, cohibere, anhelare*.

Não podemos seguir detalhadamente a evolução dos sons *y*, *dy*, *gy* (= *i*, *di*, *de*, *gi*, *ge* diante de vogal), dos quais resultaram, por exemplo: *iam* > italiano *già*, espanhol *ya*; *diurnum* > italiano *giorno*, francês *jour*; *radium* > italiano *raggio*, espanhol *rayo*, francês *rai*; *corrigia* > italiano *correggia*, espanhol *correa*, francês *courroie*. Esta evolução é atestada desde a época imperial, nas inscrições e nos textos, por grafias como *iosum* ou *zosum* = *deorsum*, *baptidiare* = *bap-*

*tizare, Ianuaria = Ianuaria, azutoribus, oze, zabolus, zeta = adiutoribus, hodie, diabolus, diaeta.* Os sons *ty* e *ky* sofreram uma assibilação análoga. Nas tabuinhas execratórias dos séculos II e III já se lê *Vincentzus, Vincentzo* (< *Vincentius*), *ampitzatru* (< *ampitiatru* < *amphitheatrum*); *ci* diante de vogal deu um resultado semelhante como se pode concluir das confusões *terciae = tertiae, defenicionis = definitionis* etc., que aparecem nas inscrições a partir do II século. Nos textos da Idade Média, as grafias *gracia, spacium, contemplacio, racionabilis* são numerosas, enquanto que o erro inverso, *provin-tia, offitium* etc., é muito menos freqüente.

*Ge, gi* e *ce, ci* palatalizaram e assibilaram-se na maior parte da România. Nesta posição, a sorte do *g* foi a mesma que a do *i*; cf. *generum* > italiano *genero*, espanhol *yerno*, francês *gendre* e *iacere* > italiano *giacere*, espanhol *yacer*, francês *gésir* e as grafias *Troga = Troia, agebat = aiebat* etc. Os primeiros exemplos da palatalização de *ce, ci* remontam ao V século, época em que aparece uma forma como *intcitamento*. Trataremos desse fenômeno um pouco mais adiante.

Certos grupos intervocálicos tenderam a simplificar-se. Assim *-nct-* tornou-se *-nt-*: ao invés de *sanctus, cunctus*, por vezes se dizia *santus, cuntus* (cf. italiano e espanhol *santo*, enquanto que o francês *saint* supõe a conservação da palatal). Muito mais cedo, *-ns-* se reduziu em *-s-* (fato panromânico). Desde a época arcaica, *cesor* ao invés de *ensor* é atestado e o autor do *Appendix Probi* prescreve: *ansa non asa, mensa non mesa*, mas alerta também para falsas analogias: *formosus non formunsus, occasio no occansio*. No grupo em *-mn*, as duas nasais assimilaram em *-nn* e, às vezes, em *-mm-*. É por isto que se encontram formas como *alunnus* ou *sollemmo* nas inscrições e, na

Idade Média, nos textos (cf. italiano *danno* < *damnum*, francês *somme* < *somnum*). As línguas românicas supõem também certa tendência para a assimilação nos grupos *-pt-* e *-ps-* (donde as grafias *settembris*, *scriserunt* etc.), assim como nos grupos *-ct-* e *-cs-* (cf. *ottobres*, *autor*, *vissi*, *visit* < *vixit*). *Ks* se reduziu a *s* também noutras posições, como o mostram as grafias *dester*, *iusta*, *coniūs* < *dexter*, *iuxta*, *coniux* e os conselhos do *Appendix Probi*: *meretrix non menetris*, mas de outro lado: *miles non mīlex*.

No que diz respeito às consoantes finais, sabe-se que o *m* tinha uma articulação muito fraca desde o início da literatura latina. No período imperial, a tendência a suprimir este som generaliza-se. O *Appendix Probi* diz: *numquam non numqua*, *idem non ide*, *olim non oli*. Nos vocábulos proclíticos *haud*, *sed*, *ad*, *apud*, *quod*, *quid* a consoante final perdeu cedo sua sonoridade diante de uma consoante surda. Encontramos, nas inscrições, por exemplo: *at quem*, *aput forum*, *quot scripsi*. Daí uma grande incerteza na ortografia desses vocábulos. A variação *apud-aput*, *quid-quit* causou, entre outras, as grafias *capud*, *reliquid*. Mas, aqui, é necessário levar em consideração também o enfraquecimento do *t* final na língua falada, atestada já em Pompéia: *quisquis ama valia*, *peria qui nosci amare* = *quisquis amat*, *valeat*; *pereat qui non scit amare*.

Também no domínio da morfologia e da sintaxe, o latim falado conheceu mudanças consideráveis. As fontes nos permitem constatar o início do declínio do neutro, que foi geralmente substituído pelo masculino (*vinum* > *vinus*, *hoc vinum* > *hic vinum*), mas cujo plural, no sentido coletivo, transforma-se por vezes num feminino (*folium* > *folia*, italiano *foglia*, espanhol *hoja*, francês *feuille*).

Os substantivos da quarta declinação passam à segunda, os da quinta à primeira (*fructus*, genitivo *fructi* como *murus*, *muri*; *glacies* > *glacia*). A partir do modelo *niger*, *nigra*, *nigrum* começa a declinar-se *acer*, *acra*, *acrum*; *pauper*, *paupera*, *pauperum*. Quando já não se podia mais discernir entre *ōs*, "boca", e *ōs*, "osso", este último substantivo mudou-se em *ossum*, *ossi*, forma aceita por Santo Agostinho. No interior da terceira declinação, os substantivos imparissílabos do tipo *bos*, *bovis*; *lac*, *lactis* cedem a uma tendência ao nivelamento e obtêm um novo nominativo *bovis* e *lacte*.

O sistema dos casos começa a oscilar. O vocativo está em plena retirada, substituído pelo nominativo, e uns rodeios preposicionais, sobretudo com *de*, *ad*, *per*, *cum*, cada vez mais substituem o genitivo, o dativo e o ablativo. Depois das preposições, o emprego do acusativo tende a generalizar; encontramos já nas inscrições de Pompéia *a pulvinar*, *cum discentes suos*. No singular, a evolução dos sons finais leva a uma fusão do acusativo com o ablativo: *portam* > *porta*, *murum* > *muro*, *canem* > *cane*. A hesitação da língua entre esses dois casos é observada também em algumas construções. Já não se distingue claramente *ubi* de *quo*, *in provincia* de *in provinciam*, *in civitatibus* de *in civitates*; o acusativo começa a ser empregado como objeto direto dos verbos *uti*, *egere*, *maledicere*, *nocere*, *persuadere* e outros e substitui, às vezes, o genitivo de preço (*vendere aliquid decem solidos* etc.). Um acusativo absoluto aparece no lugar de um ablativo. Quanto ao adjetivo e ao advérbio, notemos a confusão do positivo, do comparativo e do superlativo. Nos autores tardios encontramos muitas vezes *quam plures* = *complures*, *tam clarissimus* = *tam clarus*, *omnibus maximus* como *maior omnibus*, *bonus quisque* = *optimus quisque*, *citius*, *saepius*, *superius* por *cito*, *saepe*, *supra*. O

comparativo se exprime cada vez mais com o auxílio de *magis* e *plus*, o advérbio por perífrases como *firma mente*.

Os pronomes tendem a normalizar suas formas. Frequentemente se lê *illum* por *illud*, *illae* por *illius*, *illo* e *illae* por *illi*. Na língua falada, os relativos *qui* e *quem* suplantam as formas femininas *quae* e *quam*, e o paradigma se simplifica também pela fusão das formas *quod*, *quid* e *quae*.

O sistema dos demonstrativos era muito complicado para poder subsistir. *Is* e *hic*, de que restam poucos traços nas línguas românicas, são substituídos por *iste*, *ille*, *ipse*, e estes se confundem frequentemente. *Ipse* pode também ter o sentido de *idem*. Os monossílabos *tot* e *quot* cedem diante de *tanti* e *quanti*. Os advérbios *hinc*, *inde*, *unde* e *ibi* são empregados, frequentemente no lugar de *ab*, *ex*, *de* + demonstrativo.

Um pronome reflexivo pleonástico se junta frequentemente a um verbo: *ambulare sibi*, *vadere sibi* ou *vadere se*, *fugere sibi* etc. (cf. italiano *andarsi*, *fuggirsi*, espanhol *irse*, *huirse*, francês *s'en aller*, *s'enfuir*). Assinalemos, além disso, o emprego de *toti* por *omnes*, de *quique* por *omnes* e a confusão dos relativos *quisquis*, *quicumque* e dos indefinidos *quivis*, *quisque*.

Quase todas as formas sintéticas do futuro latino desapareceram sem deixar traços nas línguas românicas. O início de seu enfraquecimento foi devido ao emprego crescente de rodeios perífrásticos que podem ser constatados na literatura desde o período imperial. *Debere*, *velle*, *habere* com um infinitivo exprimem assim frequentemente não somente a obrigação ou a vontade, mas ainda o futuro puramente temporal; cf. Santo Agostinho, *In evang. Joh., 4,1,2 tempestas illa tollere habet totam paleam* "esta tempestade levará toda a pa-

lha". Nas proposições finais e consecutivas, *debere, velle, posse, valere* servem freqüentemente para reforçar a noção do subjuntivo; *praecipimus ut hoc facere debeatis* tornou-se uma construção freqüente no lugar de *ut hoc faciatis*.

As formas depoentes foram eliminadas bem cedo da língua falada; nos textos, encontram-se freqüentemente *horto, uto, vesco* etc. Em compensação, os perfeitos do tipo *mortuus est, secutus est* resistiram e até mesmo serviram de modelo às inovações *interitus est, ventus est* etc., que costumam ser encontradas na Idade Média. Parece, entretanto, ter sido somente após a queda do império que a passiva sintética *laudatus est = laudatur* ou o perfeito *habeo laudatum = laudavi* ganhou terreno.

Enquanto os supinos caem em desuso, o emprego do infinitivo se amplia muito. Torna-se freqüente após *facere*, em construções como *facere aliquem venire* "fazer vir alguém". É nas antigas versões da Bíblia que encontramos pela primeira vez um infinitivo precedido da preposição *ad*: *carnem dare ad manducare*, construção destinada a um grande sucesso na língua falada da alta Idade Média. Ela parece resultar de um cruzamento das locuções *dare aliquid manducare* e *dare aliquid ad manducandum*.

O ablativo do gerundivo substitui freqüentemente o participio presente para exprimir a concomitância: a frase *redierunt dicendo psalmos* empregada na *Peregrinatio Aetherae*, concorre com *redierunt dicentes psalmos* e anuncia o emprego românico "voltam cantando salmos".

A língua tardia de todos os dias adora reforçar o sentido dos advérbios com o auxílio de uma preposição: *in simul, in ante, ab ante, a foris, de foris, ab intus, de intus*. Vários desses novos advérbios



têm servido também de preposições. Também se pode lembrar a formação de preposições como *de ab* (> italiano. *da*), e *de ex* (> francês *dès*) ou *de ex de* (> português *desde*).

Um traço característico do latim tardio é a confusão das conjunções. Assim, *nam* toma, por vezes, um valor adversativo, *autem* se emprega no lugar de *nam*, *seu* e *vel* no lugar de *et*. Por causa deste enfraquecimento de sentido, bom número de conjunções terminou desaparecendo da língua corrente, entre outras *sed*, *autem*, *at*, *verum*, *nam*, *enim*. Mas, no latim literário, sempre se encontra, e freqüentemente de uma maneira inesperada: *nec non etiam et* toma o lugar de um simples *et*, *ideoque*, *iamque*, *tam - quamque* e de outras expressões que comportam um *-que* pleonástico (sabe-se que *-que* desapareceu da língua falada na época imperial).

A conjunção *quod* tende a introduzir-se por toda a parte. Encontra-se em construções como *dico quod* (ou *eo quod*, *quia*, *quoniam*), *timeo quod*, *volo quod* (ou *quatenus*, *qualiter*, *quo*), *ante quod*, *post quod*, *pro quod*.

Ainda existem várias modificações lingüísticas que mereceriam ser mencionadas, mas como teremos oportunidade de falar disso mais tarde, paremos por aqui. Acrescentemos somente alguns fatos gerais concernentes ao léxico. Os monossílabos têm sido substituídos freqüentemente por vocábulos de duas ou mais sílabas. Assim, *eo*, *eunt*, tornados monossílabos, e *is*, *it* são descartados da conjugação do presente que, no latim tardio, era *vado*, *vadis*, *vadit*, *imus*, *itis*, *vadunt*, como podemos ver nos textos. Os diminutivos e os verbos iterativos eram mais expressivos que os vocábulos simples. Por isso, preferiu-se *agnellus* a *agnus*, *cantare* a *canere*. Os verbos compostos

são reforçados, freqüentemente, pelo acréscimo de um novo prefixo:  
*adpelinere, superelevare* etc.

## O latim na Gália até a época de Carlos Magno

Apesar das mudanças que acabamos de assinalar, a língua falada do baixo-império conservava, no conjunto, a estrutura latina, e a queda do poder de Roma não trouxe inovações imediatas. Nos novos reinos germânicos, fundados sobre as ruínas do antigo império, os príncipes bárbaros já não eram hostis à cultura romana. A maior parte deles aceitou passivamente sua existência; alguns, como o grande Teodorico, chegaram mesmo a proteger os estudos. Os compatriotas suportaram muito bem da invasão; os invasores haviam saqueado, queimado e assassinado, mas, passado o furacão, foram reparados os maiores estragos e, no conjunto, a vida dos romanos prosseguia como antes. Os vencedores, pouco numerosos, sabiamente deixaram subsistir a maior parte do antigo sistema administrativo, a população romana continuou a viver segundo suas leis, os gramáticos e os oradores continuaram ensinando no fórum das cidades. Os próprios bárbaros, muitas vezes, começaram a familiarizar-se com a cultura latina e empregaram o latim, por exemplo, como língua da diplomacia e da legislação<sup>1</sup>.

Portanto, esta osmose não teve como resultado a conservação da cultura antiga. Ao norte da Gália, onde o elemento bárbaro da po-

---

<sup>1</sup> Ver P. Riché, *Éducation et culture dans l'Occidente barbare*, p. 55 e ss.

pulação era bastante grande, os francos conservaram seus costumes nacionais; e seu prestígio junto à população submissa era tão grande que esta terminou por adotar o direito e as instituições dos bárbaros. Os latinos tomaram logo emprestados dos vencedores alguns vocábulos como *mundboro* (nos textos latinos *mundiburdis*), antigo francês *mainbour*, *brunnia*, antigo francês *broigne*, *gundfano*, francês *gonfanon*, *baco*, francês *bacon*. O número considerável de empréstimos desse gênero testemunha a mudança de espírito entre os romanos no reino dos francos.

Em 507, os francos expulsaram os visigodos de Tolosa; em 536 eles anexaram o reino dos borgundos. Fazendo isto, estenderam sua influência às partes da Gália que conservaram fielmente, até esta época, seus caracteres romanos. Na Aquitânia, na Provença e na Borgúndia, a vida urbana ainda subsiste e as cidades parece haver pago professores até por volta do fim do século V e, talvez, até mais tarde. Mas, à época da conquista franca, a situação econômica das cidades se deteriorava, os novos professores não conseguiam levar remédio algum para esse mal e as autoridades municipais já não podiam encarregar-se dos vencimentos de um gramático e de um orador. As escolas fechadas, o ensino das letras clássicas refugiou-se no seio das grandes famílias aristocráticas, onde levou uma existência cada vez mais miserável durante um século mais ou menos. A partir da metade do século VII, o antigo sistema escolar desapareceu completamente, sistema que havia produzido uma cultura essencialmente gramatical e literária. É por causa disso que a escola antiga pôde exercer uma grande influência conservadora sobre a evolução lingüística. As escolas dos padres e dos monges, única forma de educação que permanece a partir de agora, buscavam fins totalmente diferentes

e muito mais restritos. Os padres e os monges tinham necessidade do acesso aos textos sagrados e, para isto, bastava-lhes saber ler.

Com o desaparecimento da escola antiga, nada mais podia retardar a evolução da língua. O latim falado na Gália transformou-se rapidamente em antigo francês e em antigo provençal. Podemos fazer uma idéia desse desenvolvimento, analisando certos fenômenos lingüísticos pertencentes à língua falada que pôde chegar até nós nos textos latinos, em quantidade suficiente para eliminar a influência do acaso.

Sabe-se, por exemplo, que na primeira declinação, a forma *portas* suplantou o antigo nominativo *portae* no antigo francês e no antigo provençal, onde se conservou, nas outras declinações, a diferença entre o caso sujeito e o caso regime. Trata-se, aqui, de uma mudança que os autores não são mais embaraçados de introduzir nos textos. No fim do século VI, a obra de Gregório de Tours nos dá apenas um exemplo disso: *Vit. patr., 12,1 cohabitatores bestias aves-que illi erant*, mas nos textos do século VII, o número de casos aumenta cada vez mais e, pelo fim do século, os redatores das fórmulas de Angers abandonaram completamente o antigo uso da forma *portae*. Do mesmo modo, esta forma desapareceu em certos textos do século VIII e parece permitido concluir disso que esta evolução estava completa por volta de 700, ao menos nas regiões de onde provêm esses textos.

Tomemos um outro exemplo no domínio da sintaxe. Nos autores antigos, o adjetivo possessivo *suus* remete ao sujeito da oração em que se encontra e, em certas condições, ao sujeito da oração principal; noutros casos, serve-se dos pronomes demonstrativos *eius*, *illius*, *eorum*, *illorum*. No entanto, podem ser encontradas exceções a

esta regra já no período clássico, sendo que nos textos tardios a confusão se torna cada vez maior. Mas, desde o século VI, um novo sistema começa a se desenvolver nos textos escritos na Gália. Num documento de 573, lemos assim *uxor sua in libertate permaneat*, "sua mulher fique em liberdade", ao invés da construção latina *uxor eius* e, por outro lado, o *A. et P. cum uxoribus eorum*, "A. e P. com suas mulheres", ao invés de *cum suis uxoribus*. Esse emprego de *suus* e de *eorum* ou *illorum*, que é o do francês e do provençal, ganha terreno no século VII. Esta evolução está concluída, por exemplo, na *Vie de saint Goar*, escrita por volta de 700. Ali, o novo sistema sintático é completamente regular e representa o estado da língua falada, sem dúvida alguma.

Essas duas mudanças interessam-nos, apesar de pouco expressivas em si mesmas, porque não constituem casos isolados devidos ao acaso. Seu número é tão grande que, junto a outros fatos, prometem-nos tirar conclusões bastante seguras em relação à cronologia do desenvolvimento. Tudo leva a crer que por volta do ano 700, a língua falada na Gália tinha sido modificada tanto em sua estrutura que deve ser chamada de língua românica e não de língua latina.

Desde o século VIII, podem ser encontradas frases inteiras que refletem a língua falada desta época e nos permitem entrever diretamente o estado atingido na evolução. Assim, um antigo manuscrito de Lyon conservou um canto latino ao qual acrescentou o seguinte refrão, cantado pelo povo: *Christi, resuveniad te de mi peccatore* (Ver *MGH, PAC*, IV, p. 651: XCII.). A ortografia é do latim medieval, no lugar de *Christe, resubveniat te de me peccatore*, mas a construção é românica (francês *se ressouvenir de quelque chose*). Em latim, seria esperado algo como *Christe, respice me peccatorem*. Vê-se

que o escriba tomou da pena para consignar no pergaminho uma frase da língua vulgar, cuja ortografia tentou latinizar e da qual precisava deixar intocável a construção.

Mais interessantes ainda são os vocábulos jocosos acrescentados no século VIII num manuscrito da *Lei sálica*, onde lemos, por exemplo, a frase: *ipsa cuppa frangant la tota, ad illo botiliario frangant lo cabo, at illo scanciono tollant lis potionis*, (o que pode ser transcrito em palavras latinas ou semilatinas): *ipsam cupam frangant illam totam, ad illum butticularium frangant illum caput, ad illum scancionum tollant illas potiones*, "que eles quebrem toda a forma, quebrem a cabeça do copeiro e tomem todas as bebidas". Aqui, encontramos entre outras coisas, o artigo definido *la, lo, lis* (isto é, o francês *les < las*), o dativo analítico e as formas românicas *cuppa, botigliario, cabo*<sup>1</sup>.

Os contemporâneos não podiam perceber a evolução lingüística de que participavam nem analisar as conseqüências dela. Só no início do século IX se percebeu, ao norte da Gália, que a diferença entre a língua escrita e a língua falada tinha se tornado tão grande que a língua escrita só era compreendida por quem a tinha estudado. Em 813, no célebre Concílio de Tours, decidiu-se "que todos os bispos, em seus sermões, façam as exortações necessárias para a edificação do povo e que todos traduzam esses sermões na *rustica Romana lingua* ou em alemão para que todo o mundo possa compreender o que eles dizem". Esta é a primeira vez que se menciona expressamente a existência de uma nova língua na Gália. Alguns anos mais tarde, em

---

<sup>1</sup> Os problemas da paródia foram tratados por G. A. Beckmann na *Zeitschrift für romanische Philologie*, LXXIX, 1963, p. 305 e ss., e por D'Arco Silvio Avalle na *Rivista di cultura classica e medioevale*, VII, 1965, p. 29 e ss.

842, os Juramentos de Estrasburgo, redigidos em antigo francês, abrem a época literária da nova língua.

Após esta apresentação das condições históricas e do desenvolvimento da língua falada, devemos dirigir nossa atenção para o latim literário escrito na Gália durante o período de que nos ocupamos.

Não é preciso dizer que o declínio progressivo da cultura geral se reflete nos textos. No início do século VI, um autor como São Cesário de Arles ainda se exprime num latim claro e limpo. Se a língua de seu contemporâneo, Santo Avito de Viena, nos parece menos atraente, é porque este último não conhecia bem a técnica da retórica e toma o estilo precioso e empolado tão caro aos letrados da baixa Antigüidade. Pelos fins do século, Gregório de Tours nos faz admirar em sua *História dos Francos* sua originalidade e seu talento de narrador, mas a cada página testemunha a decadência dos conhecimentos gramaticais. Todavia, o latim de Gregório é excelente, em comparação com o que encontramos na crônica de Fredegário, na compilação das fórmulas de Angers ou de Sens, em Marculf, em Defensor de Ligugé ou em outros autores que viviam por volta de 700. Percebe-se que eles fazem um esforço desesperado para formular seus pensamentos em latim, embora o seu bom emprego caia em desuso. Paremos um instante para analisar os diferentes elementos desta bárbarie lingüística.

O latim merovíngio sofreu uma influência profunda da língua falada. Esta influência se traduz de dois modos: ou os autores admitem usos pertencentes ao linguajar cotidiano, ou caem no erro oposto, tentando evitar os fenômenos da língua vulgar. Um fato característico é a confusão de *ae* e de *e*. Depois de vários séculos, o ditongo estava simplificado na pronúncia e, por causa disso, nada mais co-



num nos textos do que grafias do tipo *que* e *eternus* por *quae* e *aeternus*. Mas, mesmo na época mais tenebrosa conservava-se certa idéia, embora muito vaga, da existência da combinação *ae*. Nas fórmulas de Angers que remontam ao fim do século VII, encontram-se grafias como *diae*, *aei*, *aemitto*, *prosequere*, *quaem* etc.; elas constituem uma reação contra a pronúncia cotidiana e uma tentativa falha de escrever em latim clássico<sup>1</sup>. Igualmente difícil era o uso das vogais *e* e *i*. É provável que as grafias *minus* e *se* que se encontram no mesmo texto no lugar de *minus* e de *si* representem uma pronúncia real; cf. o que dissemos acima sobre o desenvolvimento *ĩ > e* e o antigo francês *se*. Do mesmo modo, as formas do antigo francês *fis*, *fist* e *li* parecem estabelecer um uso popular de *fici*, *ficit* e *illi* no lugar das formas clássicas *feci*, *fecit* e *ille*. Mas *viro* para *vero* é, sem dúvida, um erro puramente ortográfico. A hesitação entre *ae*, *e* e *i* é particularmente sensível no emprego incorreto das terminações, cuja pronúncia se enfraqueceu ao norte da Gália. Pode ser encontrado mesmo, por exemplo, *sancti basileci* ao invés de *sanctae basilicae* e *vidi* no lugar de *vitae*.

Este último exemplo permite ilustrar também um outro fenómeno da língua falada. Ela conhece uma sonorização das surdas intervocálicas como mostra a série seguinte: *rota > roda > antigo francês rode, roue; ripa > riba > francês rive; securum > seguro > antigo francês seür*. Trata-se, portanto, de formas do linguajar cotidiano quando lemos nas fórmulas de Angers *prado*, *nutrido*, *rabacis*, *proseuere*, *seuli* ao invés de *prato*, *nutrito*, *rapaces*, *prosequere*, *saeuli*. Mas o autor ou os autores fizeram quase sempre o melhor pos-

---

<sup>1</sup> As *Formulae Andecavenses* foram publicadas por K. Zeumer em *MGH, Leg. sect.*, V. Os exemplos que citamos se encontram em E. Slijper, *De formularum Andecavensium Latinitate disputatio*, Amsterdam, 1906.

sível para evitar essas formas, do que provêm hiperurbanismos como *deti* e *coticis* por *dedi* e *codices*, *paco* por *pago* e *ducas* por *duas*.

Já mencionamos a palatalização de *c* e de *g* diante de *e* e *i* (cf. nas fórmulas de Angers *iesta* = *gesta*, *eieris* = *egeris*, *necliens* = *negligens*, *cogiue* = *coniuge*). No norte da Gália, *c* e *g* iniciais foram palatalizados mesmo diante de *a*; cf. *campus* > antigo francês *champs*, *gamba* > *jambe*, mas *corpus* > *corps*. É necessário supor que *causa* transforma-se primeiramente em *chausa* (pronunciado *t'sausa*) e, em seguida, em *chose*. Pela cronologia desta evolução, é interessante constatar que já se conhece em Angers a redução *au* em *o* na época da redação das fórmulas de que falamos. É assim que devemos explicar as escritas inversas *austes* por *hostis*, *austiliter* por *hostiliter* e *caus* por *quos* (pronunciado *cos*; cf. *condam* e o hiperurbanismo *quoequalis* no mesmo texto).

Ainda podemos notar que a simplificação das consoantes duplas na língua falada proporcionou grafias como *redere*, *nulatenus*, *consignasit* nas fórmulas de Angers e, por outro lado, *deffensor* ou *summus* por *sumus*.

Mas ainda há outros erros que provêm exclusivamente da ignorância da gramática latina e da incapacidade de analisar a língua. Assim, pode-se observar uma tendência à assimilação mecânica das terminações. No início das formas de Angers, o autor quis escrever *pro largitate tua*, mas o fim do substantivo em *e* influenciou-o sobre a terminação do pronome, o que resultou em *pro largitate tuae*. O mesmo texto fornece outros exemplos, como *casa cum curte circumcincte*, "uma casa com pátios de todos os lados", *in tuae iure* = *in tuo iure*, *annulus valentus* = *anulos valentes*.

Quanto mais profundo era o conhecimento da língua literária, menos se dependia de fórmulas fixas quando se tentava exprimir por escrito. Nos documentos latinos, frequentemente se encontravam, por exemplo, vocábulos *cum aquis aquarumve decursibus* de que se guardava certa lembrança visual, sem poder analisar a função das terminações. Nas fórmulas de Angers se empregou *aquarumve decursibus* como objeto direto: *cido (= cedo) tibi de rem paupertatis meae... pascuas, aquas aquarumvae decursibus*. Seria fácil multiplicar tais exemplos, mas não vale a pena. É claro que um registro mecânico destes fatos (por exemplo, a respeito da rubrica *-ibus = -us*) não leva a nada. A única conclusão que podemos tirar disso, sobre a língua viva, é que a terminação *-ibus* tinha saído do uso corrente.

O latim escrito na época merovíngia é um produto artificial em que se encontram, desordenadamente, reminiscências da língua literária, de fórmulas fixas provenientes de épocas precedentes, de traços pertencentes à língua falada, de escritas inversas ou hiperurbanismos e de simples erros. De fato, por volta do ano 700, este latim havia-se tornado caótico. Uma língua onde *vidi, caus, abis, diligo, haec contra* podem significar *vitae, quos, habes, delego, e contra*, onde *se* pode significar *si, sed, sit*, onde *a, ab e ad* se confundem, onde as formas *murs e mur*, caso sujeito e caso regime singular do paradigma da língua falada, são reduzidas a *murus, muros* ou *murum, muro, muru, mure, muri* etc, uma língua dessas não é apropriada para servir de meio de comunicação na administração ou na vida religiosa e cultural de um grande reino. Uma reforma era necessária e, teoricamente, poder-se-ia escolher uma das duas soluções: ou sistematizar a língua falada e criar uma nova língua literária ou voltar ao latim da Antigüidade. Na prática, a primeira alternativa era impossível. A criação de uma nova língua escrita demandava um nível muito elevado

da cultura geral e uma capacidade de analisar a situação lingüística que ainda não se possuía. Ninguém pensou nisso e a idéia em si teria sido prematura. O prestígio da Antigüidade estava intacto, o latim era a única língua da civilização ocidental. O único meio de reconstruir o nível geral era retomar o estudo da gramática e da literatura latinas e de reorganizar as escolas.

Alguns esforços foram feitos para reformar os estudos desde o meio do século VIII. Um sábio americano, Mario A. Pei, mostrou que os primeiros resultados aparecem nos diplomas de Pepino, o Breve<sup>1</sup>. Ele comparou a língua de dois grupos de documentos reais, um datado de 700-717, e outro (tendo exatamente a mesma extensão) dos anos 750-770. No primeiro grupo, *e* acentuado permanece intacto 202 vezes, mas é representado por *i* 175 vezes. No segundo grupo, os números correspondentes são 399 e 37, o que quer dizer que se retoma a ortografia clássica, salvo em 37 casos. No primeiro grupo, o antigo ditongo *ae* permanece 81 vezes e é trocado por *e* 90 vezes; no segundo, lemos *ae* 101 vezes e *e* por *ae* somente 27 vezes. Uma melhora considerável da ortografia pode ser constatada para o grupo *e-o/eu*. Encontramos *eo* por *eu* (por exemplo, no vocábulo *seo*) 26 vezes nos documentos do início do século, enquanto que *eu* é conservado 40 vezes. Nos documentos mais recentes *eo* é encontrado 3 vezes e *eu* 43 vezes. Mario Pei comparou também dois documentos originais de 716 e de 768, dos quais o segundo toma o primeiro como modelo. No primeiro se lê, por exemplo, *ad aefectum, habyre, priste-tirunt, estipendiis, estabilitate* vocábulos que foram trocados no segundo por *ad effectum, habere, praestiterunt, stipendiis, stabilitate*.

---

<sup>1</sup> M. A. Pei, *The Language of the Eighth Century Texts in Northern France*, New York, 1932, p. 364 e ss.

O primeiro documento apresenta, entre outras, as expressões *de caduces rebus presente secolī, impertemus, pars ipsius monastiriae*, que o escriba mais recente substituiu por *de caducis rebus praesentis saeculi, impertimur, pars ipsius monasterii*.

Pepino, o Breve, educado em Saint-Denis, onde parece ter recebido certa cultura, foi o promotor da reforma. Seu filho, Carlos Magno, que lhe sucedeu em 768, concluiu a organização das escolas. Logo veremos o que significava sua obra para a purificação da língua, mas, primeiramente, é necessário ver o desenvolvimento do latim nos outros países ocidentais.

## O latim da alta Idade Média na Itália

Na Itália, o clima cultural ainda era favorável no início do século VI. O rei dos ostrogodos, Teodorico, protegia as escolas e se interessava pela atividade dos escritores. Sob seu reinado, os grandes sábios Boécio e Cassiodoro ainda representam brilhantemente a antiga cultura romana. Mas, no meio do século, vinte anos de guerra entre os ostrogodos e os bizantinos esgotaram o país. Em 568 aparecem novos invasores, os lombardos, que, sem encontrar muita resistência, conquistam a planície do Pó e as regiões de Espoleto e de Benevento e, em seguida, tentam apoderar-se de toda a península. As intermináveis guerras que se seguiram, quebraram definitivamente a antiga estrutura do país, cujas famílias foram arruinadas e o povo reduzido à indigência. A partir do início do século VII, as últimas escolas leigas desaparecem<sup>1</sup>, e a língua falada começa uma evolução semelhante à que acabamos de descrever para a Gália. Encontramos, por exemplo, nas inscrições de Roma do VII século, o futuro românico *essere abetis* = *eritis* (*cod estis, fui, et quod sum, essere abetis*), a preposição italiana *da* (< *de ab*) ou o pronome *idipsa* (cf. italiano *desso*), vulga-

---

<sup>1</sup> O Papa Honório, sucessor de Gregório, o Grande, fala de gramáticos que *solent parvulis exquisita derivando nomina venditare* (Migne, *Patr. Lat.*, LXXX, col. 473 C), o que parece indicar a existência de escolas do antigo modelo no início do século VII.

rismos que permitem concluir que a língua falada estava a caminho de se transformar no italiano<sup>1</sup>.

Portanto, a evolução do italiano não se operou com a mesma força explosiva que a do francês. Apesar de tudo, a Itália tinha sido o principal centro da cultura latina; as cidades tinham conservado uma importância diferente da que conservaram as cidades da Gália; o país ainda possuía restos consideráveis de antigas bibliotecas; Ravena, Roma, o sul da península e a Sicília pertenciam aos bizantinos, e o contato cultural com a África e o mundo grego em nenhum momento foi rompido. Embora os gramáticos e os oradores tivessem fechado suas escolas e o único ensinamento subsistente se encontrasse nas mãos dos padres e dos monges, este ensino estava profundamente marcado, na Itália, pela influência da antiga tradição escolar. Também, só muito tarde é que os italianos se deram conta de que o latim já não era sua língua materna. Não testemunhamos sobre esta tomada de consciência antes do século X. Em 915, na ocasião do coroamento do rei Bérenger I, o senado apresentou suas homenagens *patrio ore*, isto é, em latim, o povo *nativa voce*, isto é em italiano, segundo o texto dum um canto composto poucos anos mais tarde. Em 965, o sábio Gonzon de Novare pede desculpas a um correspondente por seu estilo, porque "a língua cotidiana na Itália está muito perto do latim", *licet aliquando retarder usu nostrae vulgaris linguae quae latinitati vicina est*. Mais tarde, o Papa Gregório V, morto em 999, foi louvado pelo autor de seu epitáfio pela habilidade com que soubera

---

<sup>1</sup> O sentido desses vocábulos é muito discutido. Segundo M. Moggiolini, *boves parebant se* etc., "os bois apareciam, trabalhavam os campos brancos, tinham o arado branco, semeavam o grão negro". Tentou-se interpretar estes vocábulos de maneiras bem diferentes; encontra-se em A. Schiaffini, *I mille anni della lingua italiana*, Milão, 1961, p. 71 e ss., uma apresentação das principais soluções.

expressar-se em francês, italiano e em latim: *Usus francisca, vulgari et voce latina Instituit populos eloquio triplici*. É também no século X, em 960, que se fez uma tentativa expressa de escrever em italiano: são os célebres testamentos de Cápua, pelos quais começa a história do italiano literário<sup>1</sup>.

Enquanto subsistiam as escolas, os autores italianos escreveram um latim bastante correto. A língua de São Gregório, o Grande, é, por exemplo, mais clássica do que a de seu homônimo e contemporâneo gaulês, Gregório de Tours. Gregório tem sido descrito como um homem satisfeito com a ignorância da Idade Média, destacando-se a passagem do prefácio das *Moralia in Iob* onde exprime seu desprezo pelo gramático Donato. Realmente, o papa se serve de um clichê que não deve nos enganar. Era de bom tom escusar-se de barbarismos lingüísticos diante dos leitores e Gregório nada mais faz do que ceder à moda. Ele é, acima de tudo, o último representante da tradição antiga na Itália. Para ele, o latim ainda é um meio vivo e natural de se exprimir. Ele não precisa de Donato para encontrar as formas exatas; sabe empregar os vocábulos próprios sem ter de pesquisar nos autores precedentes; ainda possui o talento que os romanos tinham de se exprimir com uma facilidade natural e com uma clareza admirável. Só depois da sua morte é que começa a época tenebrosa na história literária da Itália<sup>2</sup>.

O mais sábio de todos os autores italianos do século VII é Jonas de Suse, que recebeu sua educação na abadia de Bobbio, fundada

---

<sup>1</sup> Cf. A. Schiaffini, *I mille anni della lingua italiana*, p. 11 e ss.

<sup>2</sup> Estudamos as características desta época e especialmente o latim de Jonas de Suse em *Le développement du latin en Italie de saint Grégoire le Grand à Paul Diacre, Settimane di studio del Centro italiano di studi sull'alto medioevo*, V, Espoleto, 1958, p. 485 e ss.



pelos irlandeses, mas que também visitou Roma e viveu longo tempo na Gália. O trabalho mais importante de Jonas é sua *Vida de São Columbano*, onde mostra certo conhecimento da literatura antiga e da versificação dos irlandeses. Seu latim está cheio de reminiscências poéticas. Ao invés de expressões simples como "a manhã de amanhã", usa, por exemplo, a perífrase *postquam sopor membra laxavit et caecae mundo surgens aurora pepulit tenebras*, "quando o sono abandonou seu corpo e a aurora se levantou, libertando o mundo das trevas obscuras"<sup>1</sup>.

De vez em quando ele forja neologismos audaciosos, como *auliga* "cortesão ou homem da corte", à semelhança de *auriga* "condutor de viatura". Ele gosta de dar etimologias eruditas, como, por exemplo, a explicação do vocábulo *anas*: *alitem quam a nando anatem vulgo vocant*, "ave a que o povo dá o nome de *anas*, conforme o verbo *nare*, "nadar", explicação que se encontra em Isidoro de Sevilha e que remonta a Varrão<sup>2</sup>. Ele conhece até alguns vocábulos gregos como *sofus*, *reuma*, *agapis* (isto é *sophus*, *rheuma*, *agape*). Infelizmente, seus conhecimentos gramaticais não correspondem a sua ambição de escrever com elegância. Escreve, por exemplo, sem se corar *monumentus* e *curriculus*, mas trata, por outro lado, o neutro

---

<sup>1</sup> Cf. Virg., *Aen.*, V, 836 *placida laxabant membra quiete nautae*, Os marinheiros abandonaram-se às doçuras do sono", Stat., *Theb.*, X, 559, *caecis tenebris*.

Da sátira de Sêneca, *Apocol.*, 2, pode-se se lembrar:

*Iam Phoebus brevior via contraxerat ortum  
Lucis, et obscuri crescebant tempora Somni,  
Iamque suum victrix augebat Cynthia regnum  
Et deformis Hiemps gratos carpebat honores  
Divitis Autumnus iussoque senescere Baccho  
Carpebat raras serus vindemitor uvas.  
Puto magis intellegi, si dixerit: Mensis erat October, dies III idus Octobris.*

<sup>2</sup> Isid., *Etym.*, XII,7,51: Varron, *Ling., Lat.*, V, 78.

*scisma* como um feminino (*qua scisma*), no lugar de *plures*, emprega *pluriores*, a desinência *-ent* suplanta, muitas vezes, a desinência *-unt* (*accedent, compellent, dicent, poscent* etc.), o particípio presente tem nele um sentido passivo (*loco nuncupante Carantomo*, "a um sítio chamado Carântomo". cf. *reverentíssimus*, "muito reverendo", *aman-tíssimus*, "bem-amado". Jonas confunde, entre outros, os vocábulo *expers* e *experturs*, *limes* e *limen*, acredita receber o mérito de um estilo clássico por escrever *copies* no lugar de *copia*. Na realidade, o declínio do latim escrito está tão bem manifestado na Itália quanto na Gália. Só há uma diferença de grau<sup>1</sup>.

Mas, desde o início do século VIII, pode-se constatar no reino dos lombardos certo renascimento dos estudos. Em Pávia, a capital, o gramático Pedro Diácono ensina a juventude, encorajado pelo rei Cunincpert e o bispo Damião, morto em 711, compõe cartas no antigo estilo retórico. Em Milão, um clérigo patriota faz o elogio de sua cidade, louvando-a como a verdadeira metrópole da Itália, o que parece ser uma piada contra Roma, Ravena e os bizantinos; na abadia de Bobbio, começa o interesse pela literatura profana, como o mostram os manuscritos provenientes de seu *scriptorium*<sup>2</sup>. Mais tarde, Carlos Magno fez vir da Itália sábios como Paulo Diácono, Pedro de Pisa e Paulino de Aquiléia para ajudarem a organizar a reforma do ensino na França. O latim desses sábios era geralmente influenciado pela língua que eles falavam. Paulo Diácono escreveu, por exemplo, em sua *História dos Lombardos*, V,40, *erabamus* ao invés de *eramus* (cf. it. *eravamo*). Mas, no conjunto, seu latim testemunha uma cultu-

---

<sup>1</sup> A língua do edito de Rothari, que data de 643, é muito mais carregado de traços vulgares. Ela foi recentemente o objeto de um estudo aprofundado de M. B. Löfstedt, *Studien über die Sprache der langobardischen Gesetze*.

<sup>2</sup> Ver P. Riché, *Éducation et culture dans l'Occident barbare*, p. 454 e ss.

ra excelente, adquirida na Itália, mas aprofundada no novo meio espiritual criado por Carlos Magno.

Todavia, a reforma carolíngia não deixou muitos traços na Itália. O país estava dividido politicamente em pequenos pedaços e a divisão do país se mostra também no domínio da civilização. Nos séculos IX e X encontramos sábios eminentes na Itália, como Anastácio, o Bibliotecário; Gonzon de Novare ou Liutprand de Cremona; mas também autores como Agnelo de Ravena, Erchempert do Monte Cassino ou o autor anônimo da *Crônica de Salerno*, que não conseguiram assimilar os elementos da gramática latina, e que, certamente, não se dignaram fazê-lo porque sua língua materna se encontrava muito próxima da língua escrita.

O que mais nos interessa no estudo de seu latim é verificar que os vulgarismos que aí são pinçados têm, freqüentemente, um colorido claramente italiano. Desde o século VII, os textos latinos apresentam, às vezes, diferenças locais. No latim italiano desta época, assinalamos o emprego da preposição *da* (italiano *da* < *de ab*); no latim gaulês encontramos a preposição *apud* (antigo francês *ab, od, prov. ab*) no sentido de *cum* e grande quantidade de substantivos em *-or, dolor, timor, error* etc., tornados femininos, fenômeno que é raro nos textos medievais provenientes de outras regiões. Na língua falada, a redução dos casos tinha chegado, em geral, a uma única forma na Itália e a duas formas na Gália, caso sujeito e caso regime. Isto porque os autores italianos confundem freqüentemente o nominativo latino e os outros casos, enquanto que os gaulêses distinguem claramente duas formas<sup>1</sup>. Quanto mais se avança no tempo, mais aumenta o número de traços locais entre os autores iletrados. Na *Crônica de Salerno*,

---

<sup>1</sup> Cf. meus *Syntaktische Forschungen*, p. 26 e ss.

podem ser lidas freqüentemente frases como *immensam multitudinem* (= *immensa multitudo*) *Agarenorum venerunt* ou *princeps ipsa civitas* (= *ipsam civitatem*) *circumdedit*. O mesmo texto apresenta muitos exemplos do tipo *cum Galli* (= *cum Gallis*) ou, por uma escrita inversa, *referunt multis* (= *multi*) porque o *s* final tinha caído na Itália. Até mesmo alguns traços dialetais pertencentes ao falar cotidiano são encontrados no sul da península, como a metátese *frabice* por *fabricae* e *frebis* por *febris* (cf. no dialeto napolitano *frabbica* e *freve*)<sup>1</sup>.

O latim que se escreveu após o ano 1000, ou por volta deste ano, deve ser estudado com o latim dos outros países ocidentais. Sem dúvida, muitos vulgarismos, mais ou menos característicos do italiano, se encontram ainda nos textos redigidos em latim, sobretudo nas cartas e nos diplomas, mas um novo tipo de educação, organizada nas grandes abadias e nas cidades, generalizou-se na Itália e em outros países ocidentais - educação que logo se tornou mais européia do que nacional e que levou os mais brilhantes frutos da civilização medieval.

---

<sup>1</sup> Ver U. Westerbergh, *Chronicon Salernitanum*, p. 228 e p. 234 e ss.

## **O latim da alta Idade Média na África e na Espanha**

Na África, as instituições escolares são mantidas no reino dos vândalos, apesar das dificuldades criadas pelas perseguições dos bárbaros arianos. Após a reconquista bizantina, o imperador Justiniano se esforçou por reanimar os estudos, ordenando pagar um vencimento a dois gramáticos e a dois oradores em Cartago. Assim, a África se tornou a sede da cultura antiga durante a maior parte do século VII. É na África, por exemplo, que o jovem Adriano parece ter recebido sua educação antes de se tornar abade de um mosteiro perto de Nápoles, que deixa em 669, quando o papa o envia, com Teodoro de Tarso, para organizar a vida eclesiástica e espiritual na Inglaterra. Também havia relações estreitas entre a África e a Península Ibérica. Muitos monges africanos, fugindo das guerras ou das perseguições, passaram com seus manuscritos para a Espanha, onde organizaram centros de cultura monástica, o que foi importante para a atividade intelectual no reino dos visigodos. Assim, a África contribuiu muito para a conservação da cultura antiga, embora o próprio país tenha sido perdido pelos ocidentais. Em 670, os árabes atacaram a África procunular e em 698 se apoderaram de Cartago. Este foi o fim das instituições romanas e da civilização latina num país que representou um papel tão importante na história cultural do império.

Como os outros países mediterrâneos, a Espanha conseguiu conservar seu caráter românico, apesar das invasões e das divisões internas causadas pela oposição entre os invasores arianos e a população hispano-romana, que continuou católica. Após a conversão dos visigodos ao catolicismo em 589, começa um período de paz e de fusão entre os dois povos, que durou mais de um século. Este foi um período de prosperidade e de renascimento cultural. Enquanto outros países estavam mergulhados na decadência, as escolas de Sevilha, de Saragoça e de Toledo floresciam e produziam frutos brilhantes, graças à atividade de Isidoro, de Bráulio e dos arcebispos de Toledo, Eugênio, Ildefonso e Juliano, os maiores sábios do século VII. Os reis visigodos encorajaram os escritores, alguns se puseram eles mesmos a escrever obras literárias. O que fez a originalidade da cultura visigótica foi o papel que desempenhou o estudo da gramática e da retórica. O antigo programa escolar sobreviveu aqui; os bispos e eruditos estudavam, por exemplo, sem recuar, como tantos outros cristãos, diante do estudo de uma literatura impregnada de paganismo.

Sabemos muito pouco da língua falada na Espanha no século VII. A tendência à diferenciação que constatamos na Gália e na Itália também se encontrava, certamente, na Espanha, mas era provavelmente menos acentuada e contrariada pela atividade escolar<sup>1</sup>

Graças a esta atividade, o latim escrito na Espanha na época isidoriana, conserva, no conjunto, uma marca completamente antiga<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Os documentos originais desta época que chegaram até nós são algumas ardósias recobertas de textos, cuja publicação ainda não foi concluída. O estudo de sua língua pode contribuir para o nosso conhecimento do latim falado na Espanha; ver M. C. Díaz y Díaz, *Un document privé de l'Espagne wisigothique sur ardoise*, *Studi Medievali*, 3ª série, I, 1960, p. 52-71.

<sup>2</sup> Possuímos, agora, alguns trabalhos excelentes sobre o desenvolvimento do latim na Espanha: J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, *Enciclopedia Lingüística*

Certamente, têm sido assinaladas neste latim formas como *fraglabit*, *pauperum* por *pauperem*, *idem* por *eadem*, *fugire* por *fugere*, *vocitus* por *vocatus*, *capuisse* por *cepisse*, *coronaturi*, *remuneraturi* por *coronandi*, *remunerandi*, aí se encontra, por exemplo, *ab haec omnia mala* ou um acusativo absoluto: *hos (exorcismos) explicitos, orat episcopus*<sup>1</sup>. Mas a maior parte desses fenômenos já se encontra nos textos do império e são, afinal de contas, bastante raros. Em geral, os autores espanhóis conhecem sua gramática latina e se apresentam sob uma luz muito mais favorável do que seus contemporâneos gauleses e italianos. São capazes de escrever até mesmo versos clássicos. Bráulio de Saragoça, por exemplo, compôs um hino em honra a Santo Emiliano em hexâmetros iâmbicos que são perfeitos do ponto de vista da métrica clássica<sup>2</sup>, e a versificação de Eugênio de Toledo é igualmente admirável. Pelo fim do século VII, Juliano ainda resiste vigorosamente ao uso da versificação rítmica, que ele considera vulgar, escrevendo especialmente a um colega: *tua aetas... rithmis uti, quod plebegis (= plebeis) est solitum, ex toto refugiat*, "recuse absolutamente a utilizar os ritmos que costumam fazer os iletrados"<sup>3</sup>.

Como o ensino da época visigótica era organizado pela Igreja, a invasão árabe de 711 não rompeu imediatamente a tradição escolar. Os espanhóis continuaram a viver da herança de Isidoro, mas, sob os novos mestres, o declínio foi inevitável. Pode-se ver o resultado dis-

---

*tica Hispánica*, I, p. 251-290, e M. C. Díaz y Díaz, *El latín de la península ibérica, Rasgos lingüísticos*, op. cit., p. 153-197; Idem, *El latín de la liturgia hispánica, Estudios sobre la liturgia mozárabe*, p. 55-87.

<sup>1</sup> Ver M. C. Díaz y Díaz, *El latín de la liturgia hispánica*, p. 66 e ss.

<sup>2</sup> *Analecta Hymnica*, XXVII, 87.

<sup>3</sup> Cf. B. Bischoff, *Ein Brief Julians von Toledo über Rhythmen, metrische Dichtung und Prosa*, *Hermes*, LXXXVII, 1959, p. 247-256.

so em dois autores de Córdoba, Santo Eulógio (859) e Paulo Álvaro, que viveram no século IX, por volta de 150 anos após a invasão. Ambos compuseram, por exemplo, poemas métricos e confiaram muito em seu conhecimento da versificação clássica. Sucedendo Juliano, Paulo Álvaro se opõe à versificação rítmica e popular, escrevendo a seu respeito: *pedibus metricis rithmi contemnente monstra*, mas se permite hexâmetros como:

*Angelicācūi turbā virtute beata  
laudibus obsequium solbit fulgentī decore,*

onde as antigas regras da prosódia foram violadas várias vezes<sup>1</sup>. Os poetas espanhóis do século IX destacaram de uma maneira completamente caprichosa os vocábulos que só conheciam através da leitura, como o mostram, por exemplo, as formas *subl'ímat, prec'ónat, ref'útans, rec'édát, rev'élent, expl'órat, ill'ésus, del'ibat*<sup>2</sup>. Algumas vezes, parece que eles se enganaram sob a influência da língua falada. Assim, a acentuação *fuéro* que se encontra nos hinos moçárabes deve ser uma aproximação do espanhol *fuera*<sup>3</sup>.

O caráter artificial do latim dos cordoveses aparece também noutros casos. Eles escrevem, por exemplo, *verbibus, membribus, lacertibus*, confundindo as terminações *-ibus* e *-is*; empregam advérbios como *digniter, religiositer, vitiositer* por *digne, religiose, vitiose*; formam novos vocábulos como *litterizare* por *litteras scribere*, *macredo* por *macies*, *temerantia* por *temeritas*, *penitudo* por *poeni-*

---

<sup>1</sup> MGH, PAC, III, p. 129:21 e p. 130:5 e ss. Cf. igualmente Bischoff, *op. cit.*, p. 253.

<sup>2</sup> Ver B. Thorsberg, *Études sur l'hymnologie mozarabe*, p. 48 e ss.

<sup>3</sup> Cf. minha *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*, p. 11.



*tentia*<sup>1</sup>. Mas, mesmo as esquisitices desse gênero têm suas raízes no latim da época precedente. Assim, Sisebuto († 621), o rei letrado dos visigodos, serve-se do adjetivo *anguifer* ao invés de *anguineus* na frase *anguifero morsu*, o que Paulo Álvaro e seus contemporâneos imitaram. Nesses adjetivos, os sufixos *-fer* e *-ger* perderam seu valor próprio, chegando a empregar até *somnifera* por *somnia*, *pomifera* por *poma*, *polifera* por *polus* e *florigera* por *flores*<sup>2</sup>. Do mesmo modo, já lemos na *Lex Visigothorum* e noutros textos do século VII *contumelium* e *infamium* por *contumelia* e *infamia*. Os autores da época posterior à invasão continuaram e mesmo ampliaram este uso de neutros ao escreverem *copulum*, *excubium* e *exercitum*<sup>3</sup>.

Portanto, é por causa da herança da época visigótica que o latim literário dos espanhóis moçárabes conserva certo caráter escolar e livresco. A influência da língua falada é pouco considerável entre eles. Tem sido assinalado que, na Espanha, o *f* intervocálico tende a sonorizar-se. Daí as formas *versivizando* por *versificando* na crônica de 754 e *revociles* por *refociles*, *reveratur* por *referatur*, *provano* por *profano* em Paulo Álvaro e seus contemporâneos, nos quais se encontra também escritas inversas como *deforamur* por *devoramur*, *adprofemus* por *adprobemus*, *referentia* por *reverentia*<sup>4</sup>. Do mesmo modo, o desenvolvimento *percontare* > espanhol *preguntar* de que há muitos exemplos na Espanha, parece indicar que isto é influencia-

---

<sup>1</sup> Cf. B. Thorsberg, p. 101 e ss., e J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 262.

<sup>2</sup> Ver B. Thorsberg, p. 125 e ss. e p. 143.

<sup>3</sup> Cf. M. C. Díaz y Díaz, *Notes lexicographiques espagnoles*, *ALMA*, XXII, 1952, p. 82 e ss., B. Thorsberg, p. 25 e p. 160.

<sup>4</sup> Ver B. Thorsberg, p. 76 e ss., J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 268, M. C. Díaz y Díaz, *El latín de la península ibérica*, p. 167.

do pela língua falada que Isidoro escreveu *praescrutare* e que autores mais tardios admitiram *prespicere*, *prespicuus*, *prestrepere*, *presistere* etc<sup>1</sup>.

Mas, nos diplomas e cartas, a situação é completamente diferente. O latim que encontramos nesses documentos, cujos mais antigos remontam ao século VIII, não se distingue, em princípio, do latim merovingiano: é uma mistura curiosa de latim escolar, de fórmulas fixas, de traços provenientes da língua falada, de hiperurbanismos e de erros. Por uma análise detalhada e penetrante desses documentos, conseguiu-se tirar deles preciosos esclarecimentos sobre o desenvolvimento da língua falada<sup>2</sup>. Sabe-se que, na Península Ibérica, por exemplo, o acusativo da segunda e da terceira declinações se tornou caso único: em espanhol, *lobo*, *monte* e *lobos*, *montes* funcionam como caso sujeito (*lupus*, *mons* e *lupi*, *montes*) assim como caso regime (*lupum*, *montem* e *lupos*, *montes*), enquanto que na Gália conservou-se, na Idade Média, uma declinação de dois casos. É por isto que podem ser encontradas nos documentos espanhóis frases como *aras quas dedit mihi domino meo Petro; donatore sum; sumus filios Proelli et Juste*<sup>3</sup>. Um traço característico do castelhano é o costume de se introduzir pela preposição *a* o complemento principal, se se trata de uma pessoa. Desde o século X, encontram-se nos documentos espanhóis, exemplos como *prendiderunt ad Sancio et a Nunno Gomez de Septemfiniestras pro illo agro qui est in lomba de Sabuco... in*

---

<sup>1</sup> Ver J. Fontaine, *Isidore de Séville, Traité de la nature*, Bordeaux, 1960, p. 111, B. Thorsberg, p. 65 e ss., M. C. Díaz y Díaz, *El latín de la península ibérica*, p. 168.

<sup>2</sup> Ver a brilhante exposição de J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 269 e ss., e *Particularidades sintácticas del latín medieval*.

<sup>3</sup> Cf. J. Bastardas Parera, *Particularidades*, p. 16 e ss.

*iudicio*<sup>1</sup>. Há diferenças muito claras entre as diferentes partes da Península. Assim, nos documentos da Catalunha, a preposição *cum* é freqüentemente substituída por *apud*; cf. a frase seguinte, tirada de um documento de São Cugato, do século X: *omnia concessit ad uxori.. ut si in sua viduitate sinceriter permanserit, teneat et possideat apud filios suos*. De fato, *cum* não persistiu no catalão que, como no francês e no provençal recorreu-se a *apud*<sup>2</sup>. Por outro lado, os documentos do oeste apresentam, por exemplo, *eris* no lugar de *es*, *sedeat* e *sedere* no lugar de *sit* e *esse*, formas que correspondem ao castelhano *eres*, *sea* e *ser*<sup>3</sup>.

As glosas que se encontram nos dois manuscritos do século X, provenientes das abadias de São Milão de Cogula e São Domingos de Silos, mostram que, mesmo na Espanha, a língua escrita só era compreendida nesta época pelos que a haviam estudado. A partir do ano 1000, na Espanha, a língua culta se encontra praticamente na mesma situação que na Itália. O isolamento cultural é substituído por contatos proveitosos com outros países e a atividade intelectual dos espanhóis contribuiu muito para a formação da civilização medieval do Ocidente e para a criação dessa nova latinidade de que vamos tratar nos capítulos seguintes. Mas, antes de retomarmos o caminho comum, é necessário um desvio por um país não romano.

---

<sup>1</sup> *Op. cit.*, p. 36.

<sup>2</sup> *Op. cit.*, p. 94, *Glossarium Mediae Latinitatis Cataloniae* s. v. *apud*.

<sup>3</sup> J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 288.

## **O latim nas ilhas britânicas antes da época carolíngia**

Tratamos da evolução da língua falada e da língua escrita na Gália, na Itália e na Espanha em diversas épocas em que as línguas populares se tornaram autônomas. É uma situação completamente nova que encontramos agora. Na Irlanda e nas partes célticas ou germanizadas da Grã-Bretanha, o latim era um elemento estrangeiro que não encontrava apoio na língua materna da população. Somente alguns sábios tentaram servir-se do latim, com a ajuda de manuais e de conhecimentos adquiridos na escola. Tal foi a situação na Irlanda desde o início. A grande ilha jamais fizera parte do império, os irlandeses jamais conheceram a administração, a vida urbana nem a organização escolar dos romanos, preservando suas próprias tradições e sua língua céltica. No entanto, se o latim teve um papel considerável na civilização desse país, isto se deve a sua conversão ao cristianismo no início do século V. No ocidente, o latim foi por toda a parte a língua do ofício cristão e, quando o cristianismo expandiu além das fronteiras do império, ninguém teve a idéia de substituí-lo por uma língua indígena. Também se tinha necessidade do latim para ter acesso à Bíblia e às obras dos Pais da Igreja. A conversão dos irlandeses levou a necessidade de ensinar o latim na ilha. Todavia, este ensinamento tinha uma finalidade limitada: não visava a formar funcionários ou retores, mas a permitir aos padres e monges o acesso à litera-

tura cristã. Por isto, necessitava-se de um conhecimento elementar da gramática e do léxico da língua estrangeira, mas não de um estudo aprofundado dos textos literários da época clássica. No continente, os centros de cultura eram as cidades em que os bispos assumiam cada vez mais os cargos dos antigos funcionários imperiais. Na Irlanda, onde não havia cidades, a vida eclesiástica e cultural se concentrou nas grandes abadias. Estudavam-se os textos sagrados sob a direção do abade, consagrando-se a esta ascese severa pela qual os mosteiros irlandeses eram conhecidos.

Os mais antigos textos latinos escritos na Irlanda mostram claramente o que resultou desta situação especial. De um lado, estão cheios de traços bárbaros e não-latinos, doutro lado, têm um caráter mais escolar que os textos contemporâneos escritos no continente. O aspecto bárbaro aparece sobretudo na escolha de vocábulos. O autor continental já possuía em sua língua materna um vocabulário latino muito rico e, em geral, não tinha dificuldade em escolher o termo próprio. Mas, para o irlandês, todos os vocábulos latinos eram igualmente estrangeiros, ele era obrigado a pesquisar nos glossários para encontrar a expressão que procurava e, visto que as leituras eram limitadas, o valor estilístico dos vocábulos escapava-lhe totalmente. Encontramos, por exemplo, no antigo hino *Altus prosator*, atribuído a São Colombo de Jonas (morto em 597)<sup>1</sup>, vocábulos raros como *prosator* ao invés de *creator*, neologismos como *fatimen* e *praesagmen* derivados de *fateor* e de *praesagio*, helenismos com *polyandria* com o sentido de "sepulcros", hebraísmos como *iduma*, "mão". O emprego de vocábulos gregos e hebreus não significa que o

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, LI, 216. [N. do Ed.: Tanto "Colombo", do lat. *columbus*, quanto "Jonas", do hebr. *Jonah*, significam "pomba"].

autor tenha conhecido estas línguas. Ele os tirou dos glossários, do mesmo modo que os vocábulos latinos.

No século VII e mais tarde, os irlandeses procuraram frequentemente vocábulos insólitos para as necessidades da rima, como no hino *Sancte sator*<sup>1</sup>, onde lemos, entre outras coisas: *A quo creta cuncta freta, / Quae aplustra verrunt flustra, / Quando celox currit velox* etc. O autor desconhecido conseguiu recolher toda uma série de extravagâncias: *creta* por *creata*, *aplustra*, "vasos", *flustra* "águas calmas", *celox*, "barco a vela". Parece até ter tirado da gramática de um compatriota o verbo *geo*, derivado de *e-geo* que era considerado como verbo composto: *Christo Theo qui est leo / Dicam: Deo grates geo (= grates ago)*<sup>2</sup>.

O caráter exótico desse latim provém, por vezes, da influência exercida pela língua materna dos irlandeses. Assim, é necessário explicar, por exemplo, as grafias *staitim* por *statim*, *fleatus* por *fletus*, *diciabat* por *dicebat*, *manachus*, *Alaxander* por *monachus*, *Alexander*<sup>3</sup>.

Mas existe também uma corrente contrária, erudita e conservadora no latim da ilha. Os missionários que levaram o cristianismo tinham aprendido o latim na Inglaterra romana, ou, talvez, na Gália. Eles sabiam ler, isto é, tinham freqüentado as escolas romanas e levaram à Irlanda a pronúncia escolar empregada na Inglaterra e na Gália no século V. Nesta época, diversas modificações fonéticas de que falamos mais acima ainda não haviam ocorrido. É necessário

---

<sup>1</sup> *Ibidem*, 229.

<sup>2</sup> Ver B. Löfstedt, *Der hibernolateinische Grammatiker Malsachanus*, p. 137 e ss.

<sup>3</sup> B. Löfstedt, *op. cit.*, p. 86 e ss.

também levar em consideração o fato de que a pronúncia escolar é sempre mais pedante e mais tradicional do que a do povo. Como a Irlanda estava isolada do continente, foram preservados, deste modo, na ilha, certos traços do latim que os próprios latinos haviam abandonado bem cedo.

Assinalamos mais acima, por exemplo, que o som representado pela letra *c* palatalizou-se diante das vogais *e* e *i* no século V. Esta mudança ainda não estava constituída de modo definitivo na Gália e na Inglaterra quando o cristianismo foi introduzido na Irlanda. Pronunciava-se, por exemplo, o nome do apóstolo dos irlandeses *Patrikius* e não *Patritsius*; os irlandeses, ainda hoje o chamam *Patrick*. Os missionários ensinaram os irlandeses a pronunciar a letra *c* como um *k*, mesmo em vocábulos como *caelum* e *civis*. Esta pronúncia se tornou uma tradição escolar na Irlanda. Por isso é que os escribas irlandeses não escreviam *ci* no lugar de *ti* diante de uma vogal, como o fazem tão freqüentemente os escribas do continente<sup>1</sup>. O emprego da aliteração entre os irlandeses é também muito significativo. Eles gostavam de ligar por este meio o maior número possível de vocábulos no verso, e temos aliterações perfeitas nos versos em que os vocábulos começam por *c*: *Clara caeli celsi culmina / Cinis, cautus, castus diligentia* e *Caeli conscendit culmina / Caritatis clementia*<sup>2</sup>. Ainda no século XII, os **islandeses** encontraram na Irlanda a pronúncia *kelum* e *kivis*, como o mostra o primeiro tratado gramatical da *Edda*<sup>3</sup>. Nesse caso, portanto, guardou-se fielmente, na maior parte da Idade

---

<sup>1</sup> Cf. B. Löfstedt, *op. cit.*, p. 104 e ss.

<sup>2</sup> *Analecta Hymnica*, LI, 235,8 e 241,2.

<sup>3</sup> Cf. H. Jellinek em *Beiträge zur Geschichte der deutschenspra- che und Literatur*, II, 1925, p. 112.

Média, na periferia do mundo, num país não-latino, um uso linguístico que remonta à Antigüidade.

Um ponto tão interessante como este é o tratamento das terminações na poesia rimada, em que a técnica dos irlandeses difere da dos latinos. Na România, diferentes modificações fonéticas e morfológicas se produziram nas sílabas finais. Não podemos retomar aqui a história complicada dessas modificações. Basta-nos assinalar que *o* e *u*, *e* e *i* freqüentemente se confundem e que a pronúncia dos finais se enfraquece, sobretudo no norte da Gália (cf., por exemplo, o lat. *vinum* > it. e espanhol *vino*, português *vinho*, francês *vin*; lat. *sentit* > italiano e português *sente*, espanhol *siente*, francês *sent*)<sup>1</sup>. Quando os poetas começaram a enfeitar seus versos por meio de assonâncias monossilábicas, seguiram a pronúncia cotidiana e rimaram *i* breve com *e* e *u* breve com *o*. Assim, Venâncio Fortunato fez sempre a assonância nos dimetros iâmbicos de que se serve nos hinos *Vexilla regis prodeunt* e *Agnoscat omne saeculum*<sup>2</sup>. É necessário considerar que, aqui, os vocábulos *concinit* e *carmine*, *protulit* e *tempore*, *praesumeret* e *debutit*, *ordinem* e *ambiit*, *callido* e *invidum*, *redditum* e *prospero*, *cernitur* e *visio* etc. formam assonâncias perfeitas. Do mesmo modo, Eugênio de Toledo fez assonâncias entre *conplacet*, *delectatio* e *solacium*, *recogito* e *transeunt*, e Teofredo de Corbio, por exemplo, *principio* e *filium*, *sedibus* e *versiculos*, *geritur* e *gladio*<sup>3</sup>. A pronúncia popular se reflete também nas assonâncias dissilábicas do tipo *fides* - *crudelis*, *Christi* - *estis*, *adimpleretur* - *dictum*

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, E. Bourciez, *Éléments de linguistique romane*, § 164.

<sup>2</sup> *MGH, Auct. ant.*, IV, p. 34 e p. 19 e ss. Uma única exceção se encontra no último poema, no verso 73, se a lição dos manuscritos está correta.

<sup>3</sup> *MGH, Auct. ant.*, XIV, p. 243, *PAC*, IV, p. 559 e ss.; estudamos Teofredo em *La poésie rythmique*, p. 41 e ss.



que encontramos na poesia da época merovíngia<sup>1</sup>. Nada se pode encontrar de parecido na poesia latina dos irlandeses. Eles jamais confundem as vogais em suas rimas, o que resulta do fato de eles terem aprendido o latim, na escola, como língua estrangeira, de a pronunciar e a empregarem segundo as regras escolares<sup>2</sup>.

O caráter exótico e ao mesmo tempo conservador da latinidade irlandesa é reconhecida, em certa medida, na antiga província romana da *Britannia*. A assimilação espiritual e lingüística desta província periférica ainda não tinha sido concluída no início do século V, quando os romanos chamaram de volta suas tropas para defenderem a fronteira italiana. Os anglos, os jutos e os saxões, que não tardaram a invadir o país exterminaram a população romanizada das cidades e empurraram cada vez mais para oeste a população céltica dos campos. Na região ocupada pelos germanos, a civilização romana desapareceu completamente. Nos pequenos reinos bretões do oeste, alguns restos da antiga civilização encontraram refúgio nos mosteiros célticos, onde o ensino parece ter sido organizado da mesma maneira que na conquista da Inglaterra pelos bárbaros. O estilo de Gildas (\*500? †570) é empolado e precioso e é possível que seja o mesmo Gildas que escreveu o poema *Suffragare trinitatis unitas*, em que a

---

<sup>1</sup> MGH, PAC, IV, p. 501 e ss.

<sup>2</sup> M. B. Löfstedt, ao qual devemos uma análise excelente do latim dos irlandeses em *Der hibernolateinische Grammatiker Malsachanus*, revelou, às páginas 99 e ss., numerosos exemplos de confusão entre *e* e *i*, *o* e *u*. Mas é típico que os irlandeses possam escrever, por exemplo, *cremen* e *commonis* por *crīmen* e *commūnis*, *nibula* e *apustolus* por *n`ēbula* e *ap`óstolus*, coisa que quase nunca chega ao continente, onde os latinos distinguiram, nas sílabas tônicas, *i* e *u* longos e *e* e *o* breves, de *ī-ē* e *ū-ō*. Isto quer dizer que a incerteza dos irlandeses nesta consideração nada tem a ver com certa flutuação ortográfica que eles não compreenderam e que os levaram a erros.

preciosidade vai ao extremo<sup>1</sup>. Nesta obra, o autor procura prevenir-se, acumulando fórmulas de encantamento, de inspiração mais pagã do que cristã. Ali se lê, entre outras coisas:

*Meae gibrae pernas omnes libera,  
Tuta pelta protegente singula...  
Gigram, cephaem cum iaris et comas,  
Patham, liganam, sennas atque michinas,  
Cladum, crassum, madianum, talias,  
Bathma, exugiam atque binas idumas...*

"Protegei, Senhor, todos os membros de meu ser, que teu escudo defenda e proteja tudo, a cabeça com os supercílios e os cabelos"... O autor fez o melhor possível para compor um texto incompreensível para quem não é iniciado. Coloca nele vocábulos hebraicos, *senna*, "dente", *iduma*, "mão", e muitos vocábulos gregos, dos quais, alguns são facilmente reconhecíveis, como, por exemplo *pelta*, "escudo", *cephale*, "cabeça", enquanto que outros mudaram seu sentido, *perna* = "membro", ou sua forma, *patham* por *spatham*, "ombro", *bathma* por *bathmos*, "pés". Mesmo os vocábulos latinos aparecem sob uma forma mais ou menos estranha: *liganam* por *linguam*, *madianum* por *medianum*, *talias* por *talos*. Alguns vocábulos ainda ficam sem explicação. Encontramos a mesma língua exótica nas *Hisperica famina* que também parecem ter sido escritas no oeste da Grã-Bretanha no século VI. Hoje se acredita que esta obra estranha se compõe de exercícios escolares, em que se tentava exprimir num tom elevado e retórico, amontoando vocábulos extravagantes colocados numa ordem incomum. Se esta teoria está correta, o estilo "hisférico" é o último traço da atividade dos retores romanos na Grã-Bretanha, mas a transplantação nos mosteiros célticos resultou numa caricatura grotesca do original.

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, LI, 262.

O isolamento cultural da Irlanda e da Grã-Bretanha céltica foi rompida pelas peregrinações dos celtas ao continente. Eles conservaram sua tradição escolar, sua educação gramatical e sua pronúncia do latim, mas ampliaram seu horizonte e começaram a estudar a literatura clássica, de que já se encontram alguns traços em São Columbano (morto em 615).

Diante desta evolução, as civilizações céltica e romana se reencontraram e se bateram uma contra a outra na Inglaterra germânica. Caído nas mãos dos bárbaros, o país foi logo cristianizado e reconquistado pela civilização por duas vias: pelos monges vindos da Irlanda e pelos missionários romanos. No início do século VII, os irlandeses fundaram diversas abadias importantes, por exemplo, Lindisfarne e Whitby, ao norte, e Malmesbury, a oeste da Inglaterra. Nessas abadias foi dada aos anglo-saxões uma educação do tipo irlandês e estes se apropriaram e por longo tempo, da pronúncia irlandesa do latim. É provável, por exemplo, que o venerável Beda (673-735) e Alcuíno tenham pronunciado *ce* e *ci* como *ke* e *ki*. Podemos tirar esta conclusão de seu emprego da aliteração. Beda se serve regularmente de duas aliterações em cada verso de seu hino que começa pela estrofe<sup>1</sup>:

*Adesto, Christe, cordibus  
Celsa redemptis caritas,  
Infunde nostris fervidos  
Fletus, rogamus, vocibus.*

Temos uma aliteração entre *Christe* e *cordibus* no primeiro verso, no segundo entre *celsa* e *caritas*, no terceiro entre *in-funde* e *fervidos* e no quarto entre *fletus* e *vocibus*, pronunciado *focibus* (ver

---

<sup>1</sup> *Corpus Christianorum*, CXXII, p. 416.

mais abaixo). Quanto a Alcuíno, ligou ele, em seu poema *Nunc bipedali*<sup>1</sup> os versos adônicos dois a dois por uma aliteração desse tipo:

<i>Esto paratus</i>	<i>ecce precamur</i>
<i>Obvius ire</i>	<i>omnipotenti</i>
<i>Pectore gaudens.</i>	<i>Pax tibi semper...</i>

Portanto, é verossímil que ele tenha pronunciado *kerte*, do mesmo modo que *kurva*, nos dois versos: *Curva senectus certe propinquat*. Os anglo-saxões conservaram esta pronúncia ainda no século X. Quando Abão de Fleury vivia no convento de Ramsay na Inglaterra, entre 986 e 988, compôs um pequeno livro intitulado *Quaestiones grammaticales*, onde critica, entre outras coisas, a pronúncia *ke* e *ki*<sup>2</sup>. Disse ele: *Quod quam frivolum constet, omnibus vera sapientibus liquet*. Para ele, a pronúncia *tsivis*, que havia aprendido na Gália na sua juventude era bonita e, como ele erra, *kivis* que ouvia na Inglaterra, era bárbaro. Ele não suspeitava que, na realidade, os bárbaros conservaram um uso vindo dos antigos e que os povos latinos abandonaram.

Entretanto, a civilização anglo-saxônica jamais teria atingido o progresso esplêndido da época de Beda e de Alcuíno, se não tivesse sofrido a influência de Roma. Em 597, Gregório, o Grande, enviou o monge Agostinho a Cantuária para pregar o Evangelho aos bárbaros, missão que mais tarde traria frutos extraordinários. A penetração da influência romana no norte e no oeste provoca um choque de interesses entre romanos e irlandeses. O conflito dura algumas décadas. Mas, em 669, o Papa Vitaliano decidiu-se a enviar a Cantuária o arcebispo Teodoro, acompanhado do monge Adriano, para organiza-

---

<sup>1</sup> *MGH, PAC, I, p. 266.*

<sup>2</sup> *Migne, Patr. Lat., CXXXIX, col. 528.*

rem ali a igreja da Inglaterra. Teodoro era originário da Tárzia e foi educado no oriente grego. Adriano, que também conhecia o grego, vinha da África, onde o antigo sistema escolar dos romanos ainda permanecia igualmente vivo. Ambos conheciam tão profundamente a literatura profana quanto a cristã, a grega quanto a latina, como o afirma Beda. Na escola episcopal e na monástica de Cantuária, Teodoro e Adriano reuniram em torno de si uma multidão de discípulos que aprenderam métrica, astronomia e cálculo, entre outras. Os que puderam, segundo Beda, aprenderam tão bem o grego e o latim que falavam essas línguas como sua língua materna. Podemos constatar que seu julgamento é correto quanto ao do latim. Para o grego, o conhecimento dos ingleses nunca foi profundo, apagando-se com os alunos diretos de Teodoro e de Adriano.

O primeiro grupo de anglo-saxões formado em Cantuária ainda teve íntimas relações com a tradição irlandesa. Foi o caso, por exemplo, do primeiro autor anglo-saxão, Aldelmo (640-709). Antes de ser o aluno de Adriano em Cantuária, formou-se pela Maeldubh irlandesa que, na metade do século VII, era dirigida pela abadia de Malmesbury. O latim de Aldelmo apresenta, assim, um duplo aspecto. Vocábulo raros, colhidos nos glossários, e o estilo empolado chamado de latim "hisférico" do qual já falamos. De outro lado, a segurança lingüística e as vastas leituras de Aldelmo vêm principalmente de seus estudos em Cantuária.

É a geração seguinte que conduziu a cultura latina na Inglaterra a seu apogeu, resultado do novo contato com autores clássicos. No reino de Nortúmbria, Benoit Bispo fundou entre 674 e 685 as duas grandes abadias de Wearmouth e de Yarrow às quais deu uma biblioteca importante de manuscritos, levados de Roma. É no meio desses

livros que viveu o venerável Beda, primeiramente em Wearmouth e, em seguida, em Yarrow. Beda é, certamente, o maior sábio da alta Idade Média. Inspirando-se nos autores antigos, domina a língua latina com uma habilidade notável. Seu estilo é claro, simples e fácil de compreender.

O mesmo espírito humanista animou a escola episcopal de York, dirigida entre 686 e 721 por João de Beverlei, antigo discípulo de Teodoro de Tarso. Alcuíno, nascido por volta de 730, nele viveu até 781, data quando se encontra com Carlos Magno no transcurso de uma viagem à Itália.

## **A reforma carolíngia e o latim ao norte dos Alpes e dos Pireneus antes do ano 1000**

Carlos Magno descobriu cedo a grande capacidade de Alcuíno e o persuadiu a vir à França para ajudá-lo a reorganizar o ensino. A corte do rei se tornou o centro da vida intelectual da época. Para lá foram convocados os sábios mais eminentes do mundo ocidental a fim de discutirem questões de ordem teológica, literária, lingüística ou científica. Encontramos na companhia de Carlos Magno, entre outros, os irlandeses Dungal e Clemente, os italianos Pedro de Pisa, um gramático, Paulo Diácono, o historiador dos lombardos e Paulino, teólogo e poeta original, patriarca de Aquiléia a partir de 787, o espanhol Teodulfo, o poeta humanista que se tornou bispo de Orleans. A atividade espiritual se estendia da corte a todas as regiões do império franco. Em cada bispado e em cada abadia devia ser organizada uma escola, segundo ordem do rei, para ensinar às crianças a religião e as *artes liberales*. A finalidade não era fazer reviver a Antigüidade clássica, e se este movimento de estudos se chama freqüentemente renascença carolíngia, é necessário preservar uma interpretação muito literal desta expressão. Os letrados seguiam o exemplo de Prudêncio, assim como o de Virgílio; Cícero não desbancava Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Jerônimo ou São Gregório. Era a cultura latino-cristã, cujo nível tentava elevar, que Carlos Magno queria expan-

dir. O resultado imediato da reforma parece, talvez, modesto, mas, na realidade, a iniciativa de Carlos Magno é a base do progresso da civilização medieval. As escolas monásticas e episcopais se multiplicaram, seu papel se tornou cada vez mais importante e, por fim, fizeram nascer as universidades do século XIII.

É fácil constatar o sucesso da reforma escolar pela ortografia e pronúncia, pela morfologia e sintaxe da língua erudita. Na época merovíngia, era difícil escolher, por exemplo, entre as letras *e* e *i*, *o* e *u*, porque, em sílaba acentuada, *i* breve se confundia com *e* fechado e *u* breve se confundia com *o* fechado na pronúncia cotidiana. A reforma carolíngia pôs fim a esta confusão ortográfica. Na escola, já não se dizia *fede* e *gola*, mas *fide* e *gula*. Os vocábulos eruditos *titulus* e *dignus* foram pronunciados com um *i*, *diluvium* e *studium* com um *u*, como o mostram as formas do antigo francês *titele*, *digne* e *diluvie*, *estudie*, e do português *título*, *digno* e *dilúvio*, *estúdio* tomados do latim depois da reforma (cf. italiano *degno* e *stoggio*, que são vocábulos hereditários)<sup>1</sup>. Em consequência disso, os poetas já não rimavam *e* e *i*, *o* e *u*. Antes, seguira-se a língua falada, distinguindo-se claramente entre *e* fechado e *e* aberto, *o* fechado e *o* aberto. A primeira vogal de *nōbilis*, por exemplo, não tinha o mesmo timbre que a de *scōla*. Daqui em diante, os escolares dariam o mesmo som a cada *e* e a cada *o*. No antigo francês não há diferença entre o *o* de *noble* e o de *escole*. (Cf. português *nobre* e *escola*). Do mesmo modo restituiu-se nas escolas a pronúncia do *b* intervocálico, tornado *v* na língua falada (cf. *habere* > antigo francês *aveir*, português *haver*, *faba* > antigo francês *fève*, português *fava*). Vocábulos como francês *habile* e *glèbe* ou português *hável* e *gleba* são, portanto, tomados à língua escolar e

---

<sup>1</sup> Ver M. Bonioli, *La pronuncia del latino nelle scuole*, p. 9 e ss.



erudita após a época de Carlos Magno. Foram muito provavelmente os professores irlandeses e anglo-saxões que importaram esta nova pronúncia. Sua própria tradição escolar não tinha sido perturbada com o desenvolvimento rápido da língua falada da România, como acabamos de sublinhar.

Entretanto, o sucesso dos gramáticos era parcial. Assim, Alcuíno prescreveu em seu manual de ortografia que se escrevesse *hi* e *his* com um *i*, mas os maus hábitos persistiram: continuou-se a escrever *hii* e *hiis* tanto e se bem que no século XIII um outro gramático, Alexandre de Villedieu (Villedieu = Cidade de Deus), que recomenda a pronúncia com um só *i*, se vê obrigado a admitir a ortografia *hii* e *hiis*<sup>1</sup>. A tentativa de restituir a ortografia *ae* também não teve sucesso. É verdade que se hesitou durante muito tempo e, mesmo assim, muitos escribas aprenderam a empregar uma letra *e caudata*, resignando-se, enfim, e abandonando definitivamente o ditongo. Na baixa Idade Média, os antigos manuscritos eram chamados de *codices diphthongati* porque o emprego do ditongo era um critério de estabelecimento da antigüidade. Os professores insulares não conseguiram implantar com sucesso a sua pronúncia escolar de *ke* e de *ki*. Os franceses continuaram a dizer *tse* e *tsi*, uso que Abão de Fleury descreve em suas *Quaestiones grammaticales* da seguinte maneira: '*vinco, vinci, vince*', *mutato cum vocalibus sono dicimus, quemadmodum et 'lego, legi, lege, legam*'. Durante toda a Idade Média, confundiram-se, por exemplo, as terminações *-cia* e *-tia*, que conduziu até a escritas inversas do tipo *platum* no lugar de *placitum* (assim já nas *Formules d'Angers*, 9,15). No antigo francês, mais tarde, no curso do século XIII, *ts* e *dj* se reduzem a *s* e *j* em vocábulos como *cerf*, *geler*,

---

<sup>1</sup> Ver Ch. Thurot, *Notices et extraits*, p. 139.

*jeter*. Ao mesmo tempo, os mestres e os estudantes franceses modificaram a pronúncia escolar dos vocábulos latinos *cervus*, *gelare*, *iac-tare*, isto quer dizer que *tservus*, *djelare*, *djactare* (ou *djattare*) cederam o lugar a *servus*, *jelare*, *jactare*. A partir desta época, os erros do tipo *se-*, *si-* por *se-*, *ci-* são inumeráveis.

Acrescentamos ainda dois exemplos para mostrar que não era fácil extirpar os antigos hábitos de escrever e de pronunciar os vocábulos latinos. Embora Alcuíno tenha prescrito: ‘*hiems*’ sine **p** scribi debet, continuava-se sempre a inserir uma consoante transitória entre *ms*, *mt*, *mn* e, por exemplo, se pronunciava e se escrevia *hiemps*, *verumptamen*, *idemptitas*, *ampnis*, *dampnum*, *alumpnus*, *solempnis*. Do mesmo modo, jamais se chegou a dominar as regras que, na língua clássica, regiam o emprego das consoantes simples e geminadas. Na época carolíngia, assim como mais tarde, encontramos frequentemente, por exemplo, *annulus* por *anulus* (cf. francês *anneau*), *litera*, *leteratura* (cf. inglês *literature*, al. *Literatur*, português *literatura*), *cupa* (> francês *cuve*, português *cuba*) e *cuppa* (> francês *coupe*, italiano *coppa*, português *cupa*), *capa* e *cappa* (sueco *ka Opa* e *kappa*), *plata* e *platta* (sueco *pla Ot* e *platta*)<sup>1</sup>.

Os vocábulos tomados ao grego trouxeram problemas especiais. Desde o início de nossa era, *y* foi pronunciado como *i* e por isto encontramos, frequentemente, na Idade Média, as grafias *martir*, *Sibilla*, *sinodus* etc., mas também *ydioma*, *dyabolus*, *Dyonisius* e outras escritas inversas. No grego medieval *e*, *ei* e *oi* evoluíram para um *i*. Esta nova pronúncia se reflete na ortografia dos vocábulos de empréstimo no latim. Ao lado de *paracletus*, *ceimelion*, *oeconomus* pode-se ler, frequentemente, *paraclitus*, *cimelium* ou *cimilium*, *icono-*

---

<sup>1</sup> Cf. também Ch. Thurot, *Notices et extraits*, p. 536 e ss.

*mus* ou *yconomus*. As aspiradas gregas *ch*, *ph*, *th* sempre causaram dificuldades aos latinos. Na língua falada da Antigüidade, a aspiração era suprimida quase sempre: cf. *thesaurón* > italiano e espanhol *tesoro*, francês *trésor*, português *tesouro*; *chólaphon* > italiano *colpo*, francês *coup*, português *golpe*. Na época carolíngia e mais tarde, de vez em quando se escreveu, por exemplo, *arciepiscopus*, *scola*, *scedula*, *spera* (= *sphaera*), *diptongus*, *lympa*, *teca*, *Talia*. Portanto, freqüentemente se tomou por *f* o som *ph*, tornado constrictivo desde a época imperial: *lymfa*, *filomena*, *fantasma* etc. (donde o francês *fantôme* e o português *fantasma*). E a pronúncia do *ch* parece ter sido flutuante: podemos encontrar *chirographum*, *cirographum*, *hyrographum*, *sirographum*, *chelydrus*, *hilidrus*, *ilidrus*, *archiepiscopus*, *ar-ci-*, *arhi-*, *arki-* etc.<sup>1</sup>. Evidentemente, os professores propagaram na escola doutrinas diferentes. Pode-se comparar sua tentativa de fazer os alunos compreenderem a aspiração dos vocábulos *mihi* e *nihil*, muito tempo depois de desaparecida da língua falada. Estes vocábulos aparecem, entre outras, sob as formas *michi*, *nichil*, *mici*, *nicil*, *migi*, *mizi*, *nizil*<sup>2</sup>.

Atrai nossa atenção ainda a sorte de *sch* e *sc*. *Schedula* e *schema* se escrevem, freqüentemente, como *scedula*, *scema* ou *cedula*, *cema*; ao invés de *schisma* se lê, por vezes, *cisma* ou *sisma*. Do mesmo modo, *sce*, *sci* alternam-se com *ce*, *ci* ou *se*, *si*, fenômenos que ainda não foram objeto de um estudo aprofundado. Num poema abecedário de 871, a estrofe *c* começa assim o vocábulo *celu*, isto é,

---

<sup>1</sup> Cf. os léxicos e, para *ilidrus*, *MGH, PAC*, I, p. 224:32 e II, p. 253:10,1.

<sup>2</sup> Ver M. Leumann, *Lateinische Laut- und Formenlehre*, Munique, 1963, p. 139 e J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 268.

*scelus: Celus magnum praeparavit*, lemos noutros textos *silicet* por *scilicet*, *scilius* e *scedulo* por *cilius* e *sedulo*<sup>1</sup>.

Nas novas escolas da época carolíngia, igualmente se restaurou o conhecimento da morfologia latina. Mas, por vezes, os manuais que o empregavam desorientavam os alunos. Assim, o gramático Virgílio de Tolosa pretendia que ao perfeito *novi* correspondesse um presente *noro*, *noris*, *norit*. Esta é também a forma que um poeta anônimo do século IX empregou num canto de Natal que terminava pelos versos:

*Hec est illa dies, dudum quam visere vates  
Desideraverunt, norit quae pellere morbos,  
Pellere quae norit tetras de corde tenebras.*

O subjuntivo correspondente se encontra num edito publicado em Aix-la-Chapele em 816: *Custodes praeterea ecclesiae harum horarum distinctiones bene norant, ut scilicet signa certis temporibus pulsent*<sup>2</sup>. O mesmo Virgílio de Tolosa ensina que há dois futuros em cada conjugação: *Dicimus enim 'interrogabo` e 'interrogam, -ges, -get, videbo videam, audibo audiam, agam agebo`*. É a partir desta doutrina que os autores do século X forjam futuros como *peragram, declinam, explicam, denegam, fatigar, consiliar*<sup>3</sup>.

Em outros casos, os hábitos da época merovíngia estavam enraizados de tal maneira que não podiam mais ser extirpados. Deste modo, as terminações em *-i* e em *-e* da terceira declinação estavam confundidas e não se chegava mais a distingui-las. Alcuíno se serve

---

<sup>1</sup> Cf. *MGH, PAC*, III, p. 404:3,1; U. Westerbergh, *Chronicon Salernitanum*, p. 232.

<sup>2</sup> Ver Virgílio de Tolosa, *Epit.*, 7, p. 59,19 Huemer; *MGH, PAC*, VI, p. 136:47-49; *Leg. sect.*, III, 2, p. 408,33. Cf. N. Fickermann, *Thietmar von Merseburg*, p. 27 e ss.

<sup>3</sup> Ver N. Fickermann, *op. cit.*, p. 26 e ss.

de um dativo em *-e* no verso *vestrae pietate remisi* e se engana sobre a forma de ablativo quando escreve *cum suo abbate... et successori*<sup>1</sup>. Os ablativos em *-i* dos comparativos tornaram-se usuais na Idade Média. Os escolásticos formaram, assim, as expressões *a priori*, *a posteriori*, fórmulas que ainda vivem no estilo escolar das línguas modernas<sup>2</sup>.

Há autores também que não se mortificam por inventar formas as mais audaciosas. Nas seqüências compostas na França, esforçava-se, assim, para fazer rimar todos os versos em *-a*. Este esforço abriu a porta a muitos abusos. Foram criados substantivos femininos como *sollemnia* e *tirocinia*: *in hac sacra sollemnia* e *in recenti tirocinia*. O masculino *ocellus* se tornou neutro: *clausa ocella... reddens aperta*. Os adjetivos *principalis*, *sublimis* e o particípio *collaudans* foram transpostos para a primeira declinação nas expressões *in arce principalia*, *o lux aeterna sublima* e *virginum quoque collaudantia fortiter mira caterva*<sup>3</sup>. Mas, às vezes, encontram-se formas absolutamente surpreendentes nos mais distintos autores. Alcuíno se permite *unum sagellum tenuum*, o papa Adriano I *per anteriores nostras syllabas*, e o erro *in sacris paginibus* é encontrado na carta de Carlos Magno *De litteris colendis*<sup>4</sup>.

Só encontramos um exemplo no domínio da sintaxe para ilustrar a sobrevivência dos usos merovíngios. Gregório de Tours e Ve-

---

<sup>1</sup> *MGH, PAC*, I, p. 237:XIII, 9; *Mer.*, IV, p. 399,3; ver Fickermenn, *op. cit.*, p. 50 e ss.

<sup>2</sup>Cf. S. Cavallin, *Literarhistorische und textkritische Studien zur Vita s. Caesarii Arelatensis*, Lunda, 1934, p. 48.

<sup>3</sup> Ver L. Elfving, *Étude lexicographique sur les séquences limousines*, p. 26 e ss.

<sup>4</sup> *MGH, Epist.*, IV, p. 248,25; III, p. 611,18; ver N. Fickermann, *Thietmar von Merseburg*, p. 40 e ss.

nâncio Fortunato admitem uma forma fixa *Parisius* em expressões como *Parisius venit* ou *sanguine nobilium generata Parisius urbe*, "nascido de uma família nobre em Paris"<sup>1</sup>. Mais tarde, sob o mesmo modelo, foram criadas as palavras *Turonus*, *Treverus* etc. É provável que esta forma fosse primitivamente um acusativo plural *Parisios venit* (como *Delphos venit*, mas que se transformou em *Parisius* (muitas vezes, a desinência-*us* substitui *-os* no latim merovíngio). Era esperado que uma forma tão bárbara desaparecesse com o ensinamento dos letrados carolíngios, mas isto não ocorreu. Durante toda a Idade Média continuou a ser escrito *Parisius*. No século IX, Abão de São Germano diz *Parisius presul fuerat* e, mais tarde, Abelardo escreve em sua biografia *perveni tandem Parisius*, para dar apenas dois exemplos<sup>2</sup>. Muitas vezes, os acusativos de nomes de lugar tendem a se tornar formas fixas. Isto é atestado também pelo emprego de *Constantinopolim*, *Neapolim* e outros acusativos desse tipo, que substituem todos os casos. Em Paulo Diácono *Constantinopolim* tem o sentido de um ablativo na expressão *Constantinopolim egressus*, e *Neapolim* serve de sujeito em *nunc tamen corpusculum Neapolim retinet*<sup>3</sup>.

As variações encontradas no latim do império franco nos séculos IX e X não dependem somente do nível da cultura do escritor. É possível descobrir também a influência das tradições escolares das diferentes regiões. O estilo dos espanhóis e dos italianos é diferente do estilo dos francos. Foi examinado o vocabulário de Paulo Diáco-

---

<sup>1</sup> Greg. Tours, *Hist. Franc.*, IV, 50; Ven. Fort., *Carm.*, IV, 26,13.

<sup>2</sup> *MGH, PAC*, IV, p. 91:395; Abélard, *Hist. calamitatum*, 32.

<sup>3</sup> Ver meus *Beiträge zur spätlat. Syntax*, p. 52 e ss.; E. Löfstedt, *Late Latin*, p. 136 e ss.

no, mostrando-se que seu latim é o fruto da tradição escolar que a igreja italiana acolheu da escola antiga e conservou, apesar das dificuldades da época<sup>1</sup>. Por outro lado, os francos de Nithard e de Éginhard romperam a cadeia da tradição, pesquisando seus modelos na literatura clássica. Os irlandeses e os anglo-saxões ainda mostram, freqüentemente, uma predileção pelos vocábulos incomuns. Sua influência era considerável e eles tinham muitos discípulos que imitaram o seu estilo. Abão de São Germano, por exemplo, conseguiu encher seu poema *Bella Parisiaca urbis* de vocábulos tão exóticos que achou necessário acrescentar-lhe explicações. Pode-se fazer uma idéia de seu estilo pelos versos seguintes<sup>2</sup>:

*Amphytappa laon extat badanola, necnon  
Effipiam diamant, stragulam pariterque propomam.*

Ele explicou seu jogo pueril deste modo: *amphytappa* = *tapete undique villosum*; *laon* = *laicorum, populorum*; *badanola* = *lectus in itinere*; *effipiam* = *ornamentum ecorum*; *diamant* = *valde amant*; *stragulam* = *vestem pictam vel gumfanon*; *propomam* = *claram potionem per linteum*. Havia, entre outros, uma importante colônia de professores irlandeses em Leão. Sua influência se estendeu aos próprios autores das seqüências limusinas que empregavam, por exemplo, *sutela*, "astúcia", *gerro*, "vadio", *caltudia*, "festa", *dindymum*, "mistério", *pubeda*, "adolescente", *sirma*, "palavras solenes", *cephal*, "cabeça", *chirrare* ou *sirare*, "conduzir pela mão" (= *cheír*, palavra

---

<sup>1</sup> Ver L. J. Engels, *Observations sur le vocabulaire de Paul Diacre*, Nimega, 1961.

<sup>2</sup> *MGH, PAC*, IV, p. 116 e s., versos 16-17.

grega que aparece nos textos latinos sob as formas *chir, hir, ir, sir* etc.)<sup>1</sup>.

Os alemães tomaram vocábulos emprestados de seus vizinhos franceses, com os quais formaram durante muito tempo uma unidade política, apesar da missão anglo-saxônica e da importância de suas relações com a Irlanda, no conjunto de sua civilização latina. Isto explica, por exemplo, sua pronúncia do latim. Um vocábulo como *cellarium* ultrapassou Reno já na época imperial, quando os latinos ainda o pronunciavam *kellarium*, e conservou seu *k* no velho alto alemão *kellari*, que deu *Keller*. Mas é com o monaquismo da época carolíngia que o vocábulo *cella* penetrou no domínio alemão, enquanto que os monges vindos do oeste o pronunciavam *tsella*; de onde a forma alemã *Zelle*. Do mesmo modo *cruce* se tornou *Kreuz*, *cedula* *Zettel* etc. Nas escolas, os alemães conservaram até hoje a pronúncia *tse* e *tsi* de *ce* e *ci* e ainda se diz, por exemplo, *Tsitsero* e *Tsesar*.

A semivogal *u* era, durante os primeiros séculos de nossa era, uma bilabial na língua dos romanos, assim como na língua dos germanos. Estes não tinham dificuldade em transformar o som inicial dos antigos vocábulos de empréstimo *vinum* e *vallum* que, no velho alto alemão, tem a forma de *win* e de *wall*. Mas, em consequência disso, a bilabial se tornou labiodental na Gália, e quando os padres cristãos diziam *versus*, os alemães entendiam *fersus*. O mesmo fenômeno é produzido, finalmente, na Inglaterra e na Irlanda. É por isto que *v* ainda tem o valor de *f* em alemão. Nos textos medievais es-

---

<sup>1</sup> Ver L. Elfvig, *Étude lexicographique sur les séquences limousines*, p. 88 e s.; B. Bischoff, *Das griechische Element in der abendländischen Bildung des Mittelalters*, *Byzantinische Zeitschrift*, XLIV, 1951, p. 27 e s.



critos na Alemanha, encontram-se, por vezes *vero* por *fero*, *victoris* por *fictoris*, *velle* por *felle*, *viet* por *fiet* etc.<sup>1</sup>.

Freqüentemente, o latim dos séculos IX e X tem sido considerado uma língua artificial, desprovida de uma vida própria, mostrando-se como a literatura dessa época se satisfaz com a imitação e com a compilação. Entretanto, é bom lembrar que é nesta época que a poesia rítmica começou a desenvolver formas novas, que o emprego da rima se sistematizou e que nasceram as criações mais originais da Idade Média latina, os tropos e as seqüências. Para fazer compreender este desenvolvimento, devemos nos voltar alguns instantes à Antigüidade clássica.

Todo o mundo está de acordo sobre o fato de que o verso latino clássico repousa na oposição de duração entre as sílabas longas e breves. É um princípio natural na época clássica porque se entendia claramente a diferença entre essas sílabas. Cícero nos conta que, no teatro, todo o público vaiava o ator se ele pronunciasse uma sílaba sequer mais breve ou mais longa, acrescentando:

E, portanto, o povo nada conhecia sobre a métrica e sobre o ritmo do verso, nem entendia porque a pronúncia do ator estava errada; a própria natureza deu a seus ouvidos a faculdade de entender a longura ou a brevidade dos sons.

Já expusemos como, a partir do século III, a intensidade crescente do acento fez os latinos perderem a percepção do ritmo quantitativo. A antiga métrica já não encontrava base natural na língua falada e compreendemos que já não se podia contentar com uma versi-

---

<sup>1</sup> Ver P. Lehmann, *Erforschung des Mittelalters*, II, p. 269:verso 186; 273:326; 275:412; 278:522; 280:64 (cf. o aparato crítico).

ficação completamente artificial. Por isto, no lugar do verso métrico, criou-se o verso rítmico, onde já não é a quantidade das sílabas, mas o seu número e sua acentuação que têm um papel.

Uma análise detalhada da mais antiga poesia rítmica nos permite constatar que esta deriva diretamente da poesia métrica, da seguinte maneira: quando se recitava poesia clássica, esta já não se escandia como fazemos muito freqüentemente em nossas escolas, mas se davam aos vocábulos os acentos que tinham na prosa<sup>1</sup>. Santo Ambrósio, que falava, provavelmente, com os mesmos acentos de intensidade que os italianos e os franceses de hoje, não pronunciava *Veni redemptor gentium* (˘-˘-˘-˘-˘-˘) mas *veni redemptor gentium*. Mesmo mais tarde, o verso sáfico *En adest Caesar pius et benignus* não foi recitado (˘-˘-˘-˘-˘-˘-˘-˘-˘-˘-˘-˘-˘-˘), mas os versos foram lidos com os acentos ordinários dos vocábulos:

*En ádest Cáesar píus et benígnus  
ãrbe qui tóto rútilat corúscus,  
°ique prae cúnc̄tis bonitáte póllet  
Múnere Chr̄sti.*

O que se compreendia não era mais a antiga quantidade das sílabas, mas um ritmo fundado nos acentos. Imitando este novo ritmo, sem se preocupar com a quantidade, foram criadas estrofes ambrosianas como a seguinte:

*Óculi sómnum cáp̄iant,  
Cor sémper ad te vígilet,  
Déxtera tua prótegat  
Fámulos qui te díligunt,*

---

<sup>1</sup> Ver em último lugar nosso artigo *La récitation du vers latin*, *Neuphilologische Mitteilungen*, LXVI, 1965, p. 496 e s. A escansão, isto é a acentuação dos pés métricos, foi inventada, segundo nosso ponto de vista, nas escolas do baixo-império, para que os professores pudessem fazer que os alunos entendessem a antiga métrica quantitativa.

ou estrofes sáficas desse tipo:

*Térra maríque víctor honoránde,  
Cáesar Augúste Hludowíce, Chrísti  
Dógmate clárus, décus aévi nóstri,  
Spés quoque régni.*

Vemos imediatamente que os autores dessas estrofes zombavam da quantidade que tinham as sílabas em latim clássico. Vemos igualmente que ninguém podia escandir esses versos. Mesmo o mais ignorante era incapaz de acentuar *ocúli, dextéra, famúlos* ou *térra máriqué victor hónoránde*. Portanto, é insustentável a teoria segundo a qual os tempos fortes do verso clássico foram substituídos pelas sílabas acentuadas nos versos rítmicos, marcadas pelo acento tônico. Os novos poetas representaram a estrutura acentual que entenderam: os acentos ordinários do modelo quantitativo se encontraram novamente no mesmo lugar, na imitação rítmica<sup>1</sup>.

Durante os quatro séculos que separam o aparecimento da poesia rítmica e a época carolíngia, foram imitados desta maneira os versos iâmbicos e trocaicos, o hexâmetro dactílico e alguns outros versos quantitativos. Algumas inovações, entretanto, devem ser notadas. Na Irlanda, região que se encontrava fora da tradição escolar antiga, distanciou-se rapidamente dos modelos clássicos, que não eram conhecidos. Ao invés de imitar a estrutura acentual, contentou-se em contar o número de sílabas. O anglo-saxão Etelbaldo, que era discípulo de Aldelmo e que compunha versos rítmicos a partir do ensino dos irlandeses, sublinha que o verso ambrosiano deve consistir de oito sílabas, mesmo que o vocábulo final seja paroxítono ou pro-

---

<sup>1</sup> Para os detalhes, ver minha *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*.

paroxítono. Na época carolíngia, este princípio de composição de versos rítmicos se expandiu também no continente<sup>1</sup>.

Na Espanha e no sul da Gália, encontramos também um outro sistema. Na liturgia desses países, o canto responsorial parece ter tido um papel importante: um solista cantava um texto e a assembléia o respondia, recitando um refrão depois de cada parte. O texto e o refrão estavam em prosa, mas, em geral, possuíam um ritmo marcado que certamente se fazia sentir também na melodia. Isto porque se começava a empregar o refrão, e mesmo o texto que precede o refrão para criar novos versos. Em uma dessas *preces* da igreja visigótica, o cantor começou assim por uma oração em prosa: *Averte Domine // iram furoris tui*, ao qual a assembléia respondeu: *Et miseratus parce // populo tuo*. A primeira dessas linhas é feita de 6+7 sílabas com um proparoxítono (= pp) diante da cesura e um paroxítono (= p) no fim, o que exprimimos pela fórmula 6pp+7p, e a segunda de 7+5 sílabas com cadências finais paroxítonas, isto é, 7p+5p. Segundo o mesmo ritmo e a mesma melodia, formaram-se os versos de um canto do qual aqui está a primeira estrofe:

*Omnium precibus pium auditum praebe  
Et quae rogamus, Sancte, cito concede.*

Neste caso, não se partiu de um verso clássico, mas de uma fórmula em prosa ou de uma melodia bem ritmada para compor uma poesia rítmica. Esse é um princípio novo de enorme importância<sup>2</sup>. Na Espanha, serviu-se desse princípio sobretudo nas preces litúrgicas, quase sempre versificadas. Para a datação desses cantos, observe-se que um acróstico nos revela o nome de um dos poetas, *Suintharic*.

---

<sup>1</sup> Ver minha *Introduction*, p. 126.

<sup>2</sup> Tratamos desta questão em nossa *Introduction*, p. 148 e s.

Este poeta se confunde com o bispo desse nome que viveu por volta de 675.

Partindo desses princípios, os poetas da época carolíngia desenvolveram novas formas de poesia rítmica. Um dos inovadores foi Paulino de Aquiléia. Ele escreveu todos os seus hinos em versos rítmicos e criou vários novos versos que se distinguem pela perfeição da forma. Em torno dele reuniram-se outros poetas que se inspiravam no ensinamento do mestre e, assim, o norte da Itália se tornou, nesta época, um centro da versificação rítmica, como mostramos noutro lugar.<sup>1</sup> Falta-nos ainda tratar das origens da seqüência e do tropo<sup>2</sup>. A história da seqüência é particularmente instrutiva. Na missa, já na igreja antiga, eram cantadas dois cantos intercalares entre a epístola e o evangelho, o gradual e o *alleluia*, o segundo dos quais se apresentava desta forma: o solista cantava primeiramente *alleluia* que o coro repetia, enriquecido de melismas, isto é, de figuras melódicas cantadas sobre uma só vogal (o *jubilus*); em seguida, o solista cantava o versículo e o coro repetia novamente o *alleluia* e o *jubilus*. O *jubilus* sobre a vogal *a* se chamava *sequentia*. Os cantores freqüentemente tinham muita dificuldade de se lembrarem dessas longas melodias sem palavras. No nordeste da França, por esta razão, antes do meio do século IX, encontrou-se um meio de facilitar o canto. Ajuntaram-se palavras aos melismas que vinham depois do *alleluia*, de tal modo que cada sílaba do texto correspondesse a um tom da melodia. Nesta nova forma de poesia, portanto, a melodia era o essencial, sendo o texto de importância secundária. Por conseguinte, nas mais antigas seqüências, não existia traço da versificação clássica nem da versifi-

---

<sup>1</sup> *La poésie latine rythmique du haut moyen âge*, p. 87 e ss.

<sup>2</sup> Cf. minha *Introduction*, p. 161 e s.

cação rítmica que tenha resultado dela. Pela forma, estas seqüências são comparáveis aos cânticos bíblicos que, do ponto de vista da poesia greco-latina, são escritos em prosa. Chamou-se a nova poesia *sequentia cum prosa*, ou mais brevemente *prosa*, termo que foi o mais corrente na França, ou ainda *sequentia*, fazendo passar este termo do domínio da música ao da literatura.

A seqüência ordinária é dividida em estrofes cujo traço característico é a repetição progressiva: cada estrofe é seguida de uma antístrofe cantada na mesma melodia, tanto que todos os pares de estrofes se diferem uns dos outros. Mas, no início e no fim não há repetição. As mais antigas seqüências começam pelo vocábulo *alleluia*, logo, somente aos vocalises executados na última vogal do vocábulo dava-se um texto. Todavia, o vocábulo *alleluia* foi logo substituído, sobretudo na Alemanha, por uma estrofe de introdução escrita especialmente para isto. Do mesmo modo, a estrofe final não tinha antístrofe. A estrutura musical e métrica de uma seqüência normal pode se realizar, portanto, pelo esquema seguinte: A BB CC DD EE ...Z. Explica-se a maior parte do tempo a repetição progressiva, supondo que dois coros executavam as seqüências: a estrofe era cantada pelos tenores e a antístrofe pelos sopranos, enquanto que a estrofe de introdução e a estrofe final eram cantadas pelos dois coros conjuntamente. De fato, lemos numa seqüência de origem alemã<sup>1</sup>:

1.	<i>Cantemus cuncti melodum nunc</i>		
	<i>Alleluia.</i>		
.....			
<i>10a</i>	<i>Nunc vos, o socii,</i>	<i>b</i>	<i>Et vos, pueruli,</i>
	<i>Cantate laetantes</i>		<i>Respondete semper</i>
	<i>Alleluia,</i>		<i>Alleluia.</i>

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, LIII, 34,18.

"Cantemos agora todos juntos o canto melodioso, *alleluia*... Agora, companheiros, cantai, cheios de alegria, *alleluia*. E vós, meninos, respondei sempre, *alleluia*".

Entretanto, parece que em certas regiões seja um solista apenas que tenha executado a seqüência, enquanto que o coro cantava, simultaneamente, *alleluia* com longos vocalises. É assim que se explica o início da seqüência seguinte<sup>1</sup>:

<i>1 Alle- caeleste</i>	
<i>Nec non et perenne -luia</i>	
<i>2a Dic, paraphonista,</i>	<i>b Turba et canora,</i>
<i>Cum mera symphonia,</i>	<i>Palinodias canta.</i>

"Canta, parafonista (= cantor), a palavra celeste e eterna, *alleluia*, com uma harmonia perfeita; e vós, harmonioso coro, cantai melodias repetidas". Aqui, parece que o coro e o solista entoaram juntos *Alle-*, depois eles se separam, o coro para executar as figuras melódicas sobre *-e-*, o solista para cantar os vocábulo *caeleste nec non et perenne*, nos quais a vogal *e* é harmonizada perfeitamente com os melismas do coro. Em seguida, eles se unem para cantarem juntos *-luia*, depois que o coro continuou pelos vocalises em *-a*, enquanto o solista cantou o texto da seqüência. Cada verso do texto termina pela vogal *a*, para que o canto do coro e o do solista se harmonizem tão bem quanto possível<sup>2</sup>.

Na realidade, na época carolíngia há dois tipos de seqüências, um francês e um alemão. Na França, conservaram-se por muito tempo as características do tipo primitivo. Assim, o canto começa quase

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, VII, 98,1.

<sup>2</sup> Ver J. Smits van Waesberghe, *Orgaan KNTV, Officieel maandblad van de Koninklijke Toonkunstenaars Vereeniging*, XII, 1957, p. 59 e s.; L. Elfving, *Étude lexicographique sur les séquences limousines*, p. 252 e s.

sempre pelo vocábulo *alleluia* ou por uma estrofe cujas vogais são *a, e, u, (i), a* e os versos terminam por *a*. A sintaxe da frase pode permitir *enjambements* audaciosos, saltando da estrofe à antístrofe e até mesmo à estrofe seguinte. A estrutura rítmica dos versos correspondentes é freqüentemente diferente, embora o número de sílabas seja o mesmo. Encontramos todos esses traços característicos nas primeiras estrofes da seguinte seqüência<sup>1</sup>:

*1. Salve, exultans*

<p><i>2a Sancta párens a gratia</i>  <i>Divina</i>  <i>Elécta ante saecula</i></p>	<p><i>b Cuius intácta viscera</i>  <i>Sunt digna</i>  <i>Férre regentem omnia.</i></p>
<p><i>3a Haec ventura</i>  <i>Ut cana</i>  <i>Cecinit patrum lingua,</i>  <i>Mox angelica</i></p>	<p><i>b Promunt ora</i>  <i>Mariae</i>  <i>Fore iam properata.</i>  <i>Fit mox credula.</i></p>

A estrutura de uma seqüência desse tipo é compreendida facilmente, desde que se suponha que o solista executava o texto ao mesmo tempo em que o coro cantava o vocábulo *alleluia* com melismas sobre o *a*.

Na Alemanha, Notcker, o Gago, morto em 912, criou o modelo de um outro tipo. Ele começava as seqüências, em geral, por uma estrofe de introdução, libertando-se da rima. Além disso, compunha a estrofe e a antístrofe com um paralelismo perfeito tanto pelo ritmo quanto pelo pensamento. Comparemos, por exemplo, as estrofes seguintes<sup>2</sup>:

<i>Hic novam prolem</i>	<i>Angeli cives</i>
<i>Gratia parturit</i>	<i>Visitant hic suos</i>
<i>Fecunda spiritu sancto.</i>	<i>Et corpus sumitur Christi.</i>

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, VII, 29.

<sup>2</sup> *Analecta Hymnica*, LIII, 247.



<i>Fugiunt universa</i>	<i>Pereunt peccatricis</i>
<i>Corpori nocua.</i>	<i>Animae crimina.</i>
<i>Hic vox laetitiae personat.</i>	<i>Hic pax et gaudia redundant.</i>

Aqui, não há enjambement; a estrofe e a antístrofe formam, cada uma, uma unidade sintática, em que a correspondência é destacada pela repetição de *hic* nos últimos versos. Considerando-se as regras de acentuação que Notker seguiu (*híc-novam, híc-suos, persónat*), a concordância rítmica é perfeita. O paralelismo do pensamento é também surpreendente; quando a estrofe afirma que os males do corpo se esvaem, a antístrofe responde que os pecados da alma desaparecem. É possível que esta técnica seja explicada por serem executadas, as seqüências notkerianas, por dois coros.

Os problemas apresentados pelas formas musicais e literárias dos tropos ainda são mais complicadas e a maior parte do trabalho científico ainda não foi feito. O tropo pode preceder ou seguir o texto litúrgico, mas é muito mais comum que esteja inserido nele. Também para os tropos, a melodia litúrgica é, muitas vezes, a base do texto. Um caso particularmente interessante é o dos tropos cujas palavras estão entremeadas ao texto litúrgico. Na Idade Média, o canto do ofertório do terceiro domingo do advento, por exemplo, terminava pelo versículo *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam et salutare tuum da nobis*. Na abadia São Marcial de Limoges, cantava-se a última sílaba com longos melismas e isto fez nascer o tropo seguinte que se encontra num tropário do início do século X<sup>1</sup>:

*Da nobi-s potenti*  
*In caelis et terris*  
*Imperanti*  
*Virtute tui*

---

<sup>1</sup> *Analecta Himnica*, XLIX, 605.

*Quod olim nostris  
Refulsit in tenebris.*

Aqui, as assonâncias em *-i* derivam do esforço para harmonizar o texto litúrgico que cantava provavelmente um coro e o novo canto, executado por um solista.

Um outro tropo é um arranjo sobre a primeira sílaba de um texto litúrgico. O quarto domingo do advento, o primeiro versículo do ofertório era *Quo* (pronunciado *co*) *modo in me fiet hoc quae virum non cognosco. Spiritus Domini superveniet in te et virtus Altissimi obumbrabit tibi.* O coro cantava esses vocábulos, enfeitando a vogal *-o* do primeiro vocábulo com melismas, durante os quais parece que um solista executava o tropo seguinte<sup>1</sup>:

*Co-ncrepare opimo  
Studeto  
Cantu Domino, hymno  
Simul et Mariae, supero  
Ab aethere quae viso  
Archangelo  
Et audito divino  
Alloquio  
Attonita protinus respondit illi:  
Qu-omodo in me fiet hoc etc.*<sup>2</sup>

É muito interessante também o tropo do versículo aleluiático que se cantava em Limoges na missa por um santo confessor. O texto litúrgico era: *Alleluia, alleluia, Iustus germinabit sicut liliam et flo-*

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, XLIX, 609.

<sup>2</sup> Uma outra interpretação da execução musical se encontra, por exemplo, em J. Chailley, *L'école musicale de Saint-Martial de Limoges*, Paris, 1960, p. 218 e s. Esse autor pensa que primeiramente se cantavam os vocalises e em seguida o tropo.

*rebit in aeternum ante Dominum.* O novo canto é inteiramente inserido no texto<sup>1</sup>:

1                    *Laetetur alma*  
                      *Fidelium ecclesia,*  
                      *Per Christi corpus redempta*  
*Felix permanet in saecula,*  
                      *Regnat in gloria*                    *Perpetua,*  
  
                      *Retinens caelica*  
*In caelestibus praemia,*  
                      ***Alleluia.***

2                    ***Iustu-s***  
                      *Et probitate dign-us*  
                      ***Germina***  
*Pacis et vitae dona*  
                      ***Heredit-abit***  
                      ***Sicut liliu-m***  
                      *Et gloria rosar-um*

3                    ***Et flore gratiae***  
                                  *Cum lampade*  
                      *Lucis perpetuae*  
                      *Fulgebit feliciter,*  
                                  *Ditatus munere*  
                                  *Iustitiae*  
                      *Virtutum meritis*  
                      ***Flor-ebit in aeternum***

4                    ***Ante Dominu-m***  
*Qui Dominus est omnium,*  
*Qui salvat omne saeculum,*  
*Qui fert omnium subsidium*  
                                  *Qui condolens nostrum*  
  *Interitum*  
  
*Pro nobis tribuit*  
*Sui sanguinis preti-um.*

Está visto que as rimas dependem sempre do texto litúrgico: na primeira estrofe, os versos terminam em *-a* para fazer assonância

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, XLIX, 499. Tentou-se corrigir os dois primeiros versos em: *Alma laetetur Fidelium ecclesia (a-le-u-ia)*, e supor que esses vocábulos eram executados por um solista, enquanto o coro cantava *alleluia*.

com a última sílaba de *alleluia*; na terceira estrofe em *-e* por causa de *flore* etc. O texto litúrgico oficial e o tropo devem ser cantados juntos, o primeiro por um coro e o outro por um solista. Parece-nos ser permitido admitir a hipótese de que o canto era diafônico, ou seja, que o solista se distancia da melodia do coro, cantando em quartas paralelas, para unir-se novamente, no fim das frases musicais, à melodia do coro. Seja como for, é uma forma de polifonia que já era conhecida no século IX<sup>1</sup>.

Para o desenvolvimento da poesia medieval, a criação de seqüências e de tropos foi de uma importância fundamental. Ela permitiu aos poetas se liberarem inteiramente do rigor da forma dos versos antigos e lhes anunciou possibilidades novas de expressão. Eles podiam a partir de então construir seus versos e suas estrofes livremente a partir de uma melodia dada, ou compondo de acordo com a melodia, e isto com uma riqueza de variantes que contrasta fortemente com o pequeno número de formas que permitia a poesia antiga. Entre as seqüências da época carolíngia, já encontramos verdadeiras obras-primas da poesia medieval, tais como a seqüência do cisne, composta por um professor francês desconhecido, ou a seqüência de Raquel, de Notker, o Gago.

É necessário acrescentar algumas palavras sobre o desenvolvimento do emprego das rimas. Na prosa latina da época imperial, os escritores adoravam arrumar as frases em membros paralelos, enfeitados com finais homófonos. Até mesmo se pretendeu que o homeo-

---

<sup>1</sup> Cf., por exemplo, L. Elfvig, *Étude lexicographique sur les séquences limousines*, p. 253 e s.; J. Chailley, *Histoire musicale du moyen âge*, Paris, 1950, p. 70 e s.; M. Schneider, *Geschichte der Mehrstimmigkeit*, II, Berlim, 1935, p. 61 e s. (sobre a diafonia e quartas).

teleuto era a figura retórica mais característica da prosa antiga<sup>1</sup>. No início da Idade Média, um autor como Venâncio Fortunato se serve muito freqüentemente desse estilo. *Nubit ergo terreno principi / nec tamen separata caelesti / ac dum sibi accessisset saecularis potestas / magis quam permetteret dignitas / se plus inclinavit voluntas. / Subbita semper Deo / sectans monita sacerdotum / plus participata Christo / quam sociata coniugio*, escreve, por exemplo, de Santa Radegonda<sup>2</sup>; a simetria dos membros é, por vezes, perfeita, mas também se pode observar a assonância final dos vocábulos *Deo* e *sacerdotum*... Do mesmo modo, Eugênio de Toledo começa assim uma carta: *Vestrae pietatis oracula / favi dulcedine suaviora / ingenti me fateor perlegisse laetitia. / Unde etiam creatori Domino precum obtuli vota / propter vestrae facultatis augmenta. / Cuius enim anima / quamvis sit sapientiae privata / tantam in te domne non amet amoris industriam / cum ab arce culminis / qua sublimis emines et praecellis / ad amandum infirmos et exiles / ultronea benignitate descendis*<sup>3</sup>? Eugênio compôs, assim, toda sua carta em membros ornados de assonâncias monossilábicas, segundo as regras que ele segue em sua poesia e que acabamos de expor. Mas em Eugênio, a simetria é freqüentemente abandonada: ao acusativo *oracula suaviora* corresponde o ablativo *laetitia*, ao substantivo *culminis* o verbo *praecellis* etc., ou seja, as assonâncias ou rimas tornaram-se autônomas.

Na época carolíngia, os autores foram primeiramente mais reservados, mas a partir do século IX, podem ser encontrados exem-

---

<sup>1</sup> E. Norden, *Die antike Kunstprosa*, Leipzig, 1918, p. 760. Ver também K. Polheim, *Die lateinische Reimprosa*, Berlim, 1925.

<sup>2</sup> *Vita S. Radegundis*, 9, *MGH, Auct. ant.* IV:2, p. 39, 12 e s.

<sup>3</sup> *MGH, Auct. ant.*, XIV, p. 286,20 e s.

plos de uma técnica de rima muito avançada. Godescalc d'Orbais tomou gosto pela rima dissilábica, como vemos na seguinte passagem<sup>1</sup>:

*Longe vehementius ardeo et stupeo vestrae beatitudinis animum / humilitatis excellentia generosum / caritatis eminentia gloriosum / benignitatis evidentia luminosum / et insuper pietatis magnificentia deliciosum. / Sed quid vobis rependam pro munere tam dulci / grato nimis ac suavi / nisi quod totus esse cupio dum vivo vester / si tamen dominus Jesus Christus redemptor noster / utriusque nostrum fore dignetur sequester.*

Na poesia, o uso da assonância ou da rima se desenvolve de uma maneira semelhante<sup>2</sup>. Na época clássica, seu emprego era acidental, ou melhor, o poeta se servia dela para produzir efeitos especiais. Mas, por volta do fim da Antigüidade, percebe-se uma tendência muito clara para se fazer assonância nos finais de palavras que se encontravam diante de uma cesura ou no fim do verso. É, sobretudo, Sedúlio quem busca estas repetições de sons em seus hexâmetros e em sua poesia lírica, assim como em sua prosa. Venâncio Fortunato, Eugênio de Toledo e outros poetas ainda vão mais longe, desenvolvendo em seus poemas a mesma técnica que em suas obras em prosa. Temos também muitos cantos rítmicos em que aparecem assonâncias ou rimas mais ou menos regulares. São os irlandeses, principalmente, e os seus discípulos que levaram esse processo tão longe<sup>3</sup>. Um pequeno recuo pode, no entanto, ser constatado no fim do século VIII. A primeira geração de poetas carolíngios, Alcuíno, Paulo Diácono, Teodulfo e outros que tomaram Virgílio e Prudêncio por modelos,

---

<sup>1</sup> MGH, PAC, III, p. 723,38 e s.

<sup>2</sup> Encontram-se informações bibliográficas em minha *Introduction*, p. 38 e s.

<sup>3</sup> W. Meyer estudou as rimas utilizadas pelos irlandeses em *Gesammelte Abhandlungen zur mittellateinischen Rythmik*, III, p. 315 e s.; ver enfim H. Brinkmann, *Der Reim im Frühen Mittelalter*, *Britannica, Festschrift für Hermann M. Flasdieck*, Heidelberg, 1960, p. 62 e s.

mostraram-se menos favoráveis a este jogo de homofonia dos finais. Mas a evolução não podia mais ser retida. Já no século IX, um emprego da rima completamente regular aparece na poesia escrita em hexâmetros ou em dísticos elegíacos e em versos líricos quantitativos ou rítmicos. Eis, por exemplo, como Godescalc d'Orbais constrói seus hexâmetros<sup>1</sup>:

<i>Septeno Augustas</i>	<i>decimo praeunte kalendas</i>
<i>Solis equi dulcem</i>	<i>efflarunt ubi naribus ignem</i>
<i>Fluctibus Oceani</i>	<i>capita atque iubas madefacti,</i>
<i>Assuetum ad cursum</i>	<i>properantes vertere currum...</i>

A cesura está sempre após a quinta sílaba, e a sílaba que precede a cesura rima sempre com o final do verso. Este é o tipo de hexâmetro que se chamará mais tarde de leonino. Pode-se observar que, no segundo verso, a última sílaba do vocábulo *dulcem* (que não conta, de acordo com as regras clássicas, por causa da elisão ou da sinalefa) forma uma rima com *ignem*, o que parece implicar que Godescalc recitou seus versos sem marcar a elisão ou a sinalefa.

Godescalc gostava igualmente de utilizar a rima em sua lírica quantitativa como o mostra esta estrofe sáfica<sup>2</sup>:

<i>Christe, rex regum</i>	<i>dominans in aevum,</i>
<i>Lumen aeternum,</i>	<i>patris atque verbum,</i>
<i>Qui regis cunctum</i>	<i>pietate mundum,</i>
	<i>Factor egentum.</i>

É, porém, em seus versos rítmicos que encontramos uma técnica bem desenvolvida. Tomemos, por exemplo, as duas primeiras estrofes de seu célebre canto *Ut quid iubes*<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> MGH, PAC, III, p. 733.

<sup>2</sup> MGH, PAC, III, p. 727.

*Ut quid iubes, pusiole,  
 Quare mandas, filiole,  
 Carmen dulce me cantare,  
 Cum sim longe exul valde  
   intra mare?  
 O cur iubes canere?  
 Magis mihi, miserule,  
 Flere libet, puerule,  
 Plus plorare quam cantare  
 Carmen tale iubes quale,  
   amor, care,  
 O cur iubes canere?*

Nessas estrofes, todos os vocábulos finais, mesmo diante de pausas, terminam em *-e*. Além disso, o primeiro e o segundo versos são ligados por rimas trissilábicas (*pusiole - filiole, miserule - puerule*), o terceiro e o quarto por rimas dissilábicas (*cantare - mare, cantare - care*). A segunda estrofe apresenta até rimas dissilábicas entre os vocábulos *plorare e cantare, tale e quale* dos versos 3 e 4. Evidentemente, Godescalc é obrigado a enfeitar muito seu latim tão cheio de rimas quanto possível e teve muitos imitadores. O emprego da rima dissilábica ou trissilábica se expandiu cada vez mais para se tornar, finalmente, um dos traços mais característicos da poesia latina medieval. Retomaremos isto, ao estudarmos a evolução do latim após o ano 1000.

---

<sup>1</sup> *MGH, PAC*, III, p. 731 e s. B. Bischoff encontrou algumas novas estrofes que ele publicou na *Festschrift für W. Bulst*, Heidelberg, 1960, p. 61 e s. A fórmula *ut quid* é usual no latim tardio; ver Hofmann-Szantyr, p. 460.



## O latim medieval após o ano 1000

Durante a segunda metade da Idade Média, a igreja romana estendeu sua influência ao leste e ao norte da Europa. Assim, a Hungria, a Boêmia, a Polônia, o norte da Alemanha e os países escandinavos entraram no mundo da cultura latina. Em toda a Europa ocidental, portanto, o latim era a base da educação, seja qual for a língua nacional. Na Itália e na Suécia, na Irlanda e na Polônia, por toda a parte, os alunos se inclinavam, desde o primeiro ano escolar, sobre os mesmos autores latinos, profanos e religiosos. Como a base era comum, a nacionalidade não contava muito na *libera litteraru res publica*. Os italianos Lanfranco de Pávia e Santo Anselmo de Aosta se tornaram, um após o outro, abades do convento do Bico, na Normandia, e depois, arcebispos de Cantuária; o inglês João de Salisbúria ocupou a sede episcopal de Chartres, uma multidão de estudantes de todos os países afluía às universidades de Paris e de Bolonha. Os sábios do mundo inteiro falavam a mesma língua e uma unidade espiritual, apoiada em estudos comuns, começou a ligar o conjunto de todos os países ocidentais.

De outro lado, a diversidade das línguas subjacentes e das instituições políticas e sociais introduziram muitas diferenças locais, assim como temporais e individuais no latim deste período. É fácil

constatar, por exemplo, que o vocabulário varia de uma região para outra. Vocábulo da língua materna eram acolhidos sem cerimônia, sobretudo nas cartas e documentos semi-eruditos [os textos são de origem alemã]. Nos países não-românicos, o latim está, deste modo, cheio de vocábulos de origem estrangeira. Na Inglaterra, encontramos, por exemplo, *schopa* = "shop", *Daywerca* = "daywork", *laga* = "law", *stiremannus* = "steersman"; na Alemanha, *hansa* = "Hansa", associação comerciantes, *burchgravius* = Burggraf; na Polônia, *co-sakus* = "latro", *cmetho* = "colon". Nos países de línguas românicas, os escribas quebram a cabeça para restituir uma forma latina aos vocábulos da língua corrente. Assim para dar apenas alguns exemplos escolhidos ao acaso, o vocábulo latino *mansionile* veio a dar *mesnil* no antigo francês. Muitos escritores adivinharam a boa etimologia do vocábulo, mas outros empregavam formas semi-eruditas como *mesnillum*, *meisnillum*, *maisnile*, *masnile*, *mansile* etc. O adjetivo latino *medianus* evoluiu para *mezzano* na Itália, em *mejá* no sul da França. Daí, as formas *mezanus* e *meianus* nos documentos desses países. Na Catalunha, encontra-se um verbo *acuydare*, *aquindare*, *acontare*, *aquundare* etc. É o latim *accognitare* tornado *acuyndar*, *acuydar*, *acundar* na língua falada e latinizada deste modo temerário. Os sábios mostraram que o espanhol *manzano*, *mazano*, "macieira", deriva de *mattianum*. Tentou-se representar este vocábulo de origem obscura por *mançanum*, *maçanus* e outras formas. É curioso ver que, nos documentos, o latim da baixa Idade Média, aparecia freqüentemente sob uma forma mais estranha nos países românicos do que noutros países. Para os escribas românicos, a língua erudita ainda se encontrava muito próxima de seu falar cotidiano.

É necessário, entretanto, atentar-se para a migração de palavras: o que era corrente, por exemplo, em Paris, foi rapidamente im-

portado pelos estudantes de outras regiões. Encontramos, assim, frequentemente, os substantivos em *-agium* nas regiões não-românicas, embora, na maior parte dos casos, este sufixo provenha, sem dúvida, da França, onde o latim *-aticum* deu *-age* (*hominaticum* > antigo francês *hommage* > lat. medieval *hommagium*; cf. ainda *linguagium*, *passagium*, *villagium* etc.)<sup>1</sup>.

Evidentemente, o sentido dos vocábulos varia também de uma região a outra. Emprega-se *consul* em Roma para designar um funcionário da administração pontifical, mas, nas cidades alemãs, para designar um membro do conselho municipal; *proconsul* pode significar "xerife" na Inglaterra, "burgomestre" na Alemanha; o valor de *miles* se estende do simples "soldado" a "senhor" e "cavaleiro"<sup>2</sup>.

Para nós, é mais difícil de escolher as diferenças locais de pronúncia, problema que ainda não foi objeto de estudos sérios. Observando a técnica das rimas, pode-se, entretanto, fazer-se uma idéia da pronúncia escolar. É típico que na França os vocábulos *quondam* e *undam*, *responde* e *unde*, *abscondi* e *profundi* formem rimas perfeitas no século XII; isso prova que se pronunciava *ondam*, *onde* e *profondi* sob a influência do antigo francês *onde*, *ont* e *parfont*<sup>3</sup>. São muito freqüentes, sobretudo na França, as rimas do tipo *antiquus - inimicus*, *unquam - aduncam*, *precor - aequor*, ou *nescit - reiecit*, *fae-*

---

<sup>1</sup> Ver, ao lado dos léxicos mencionados na nota precedente, Du Cange, *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*, Niort, 1883-87. *Novum Glossarium Mediae Latinitatis*, ed. F. Blatt, Copenhagen, 1957 e ss., J. F. Niermeyer, *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*, Leyde, 1954 et ss., E. Habel, *Mittelateinisches Glossar*, 2ª ed., Paderborn, 1959.

<sup>2</sup> Para a língua da feudalidade, ver o livro útil de E. Rodón Binué, *El lenguaje tecnico del feudalismo en el siglo XI en Cataluña*, Barcelona, 1957.

<sup>3</sup> Cf. Hugues d'Orléans, V, 13, X, 99, Adam de Saint-Victor, *Analecta Hymnica*, LV, 339, 22.

*ce- quiesce, facit - pascit, docens - noscens*<sup>1</sup>: *qu* havia perdido seu apêndice labial<sup>2</sup>, e diante de *e* e *i* não se fazia distinção entre *c* e *sc*. O *t* final que, depois de muito tempo, tendia a se enfraquecer, caiu no francês antigo por volta de 1200. Em consequência disso, os poetas rimaram *quicquid* e *reliquit*, *stravit* e *David*, cujas consoantes finais se confundiam no falar dos franceses, como o diz expressamente o gramático Pierre Hélie<sup>3</sup>. Para a pronúncia, não importava que no latim clássico as vogais acentuadas tenham sido longas ou breves, as consoantes duplas ou simples; cf., por exemplo, as rimas *ignitis - sagittis, extollunt- colunt, vitae - mitte, intercedat - reddat*<sup>4</sup>. A equivalência fônica de *magnityranni, signans - cachinnans* etc., mostra uma assimilação *gn>nm*; assim como os grupos *ps* e *ks* foram simplificados em *ss*: *ipsas - remissas, enixa - amissa, dixit - scripsit* e em Hugues d'Orléans, 15,41 e ss., *velox - Pelops - celos*. Nenhuma dessas mudanças está completamente de acordo com a evolução fonética do francês. Não se espante por encontrar na França muitas rimas do tipo *benedicta - vita, peccatum - actum, sancti - creanti, tinctus - intus*, mas é possível que a pronúncia escolar tenha sido influenciada pelos italianos<sup>5</sup>. A aproximação de *matre* e *deitate, Christum* e *magistrum*,

---

<sup>1</sup> Ver K. Halvarson, *Bernardi Cluniacensis carmina de trinitate et de fide catholica* etc., p. 149.

<sup>2</sup> Cf. o verso de um tratado do século XIV que se encontra em Ch. Thurot, *Notices et extraits*, p. 143: *Si clames 'quantum' poteris, dices male 'cantum'*.

<sup>3</sup> Cf. Pierre Hélie em Ch. Thurot, *Notices et extraits*, p. 144: *Sicut profertur d in hoc pronomine 'id', eodem modo pronunciatur t, cum dicimus 'legit', 'capit'.* *Unde sunt quidam qui maxime nos reprehendunt, ut Hiberni. Volunt enim sic pronunciare t in 'legit' sicut in 'tibi', dicentes quod aliter nulla erit differentia inter d et t.*

<sup>4</sup> Esses exemplos são tirados de um texto de Bernardo de Cluny, *Analecta Hymnica*, L, 323:5,4, 11,48, 11,53, 12,34.

<sup>5</sup> Esses exemplos se encontram em K. Halvarson, *op. cit.*, e em minha *Introduction*, p. 48. Ver também M. Bonioli, *La pronuncia del latino nelle scuole*, p. 120 e ss., e

*ventri* e *furenti* indica uma articulação muito fraca do *r* nesta posição. Mesmo no antigo francês *dames* pode rimar com *armes*, *presse* com *averse* etc.<sup>1</sup>.

Por falta de pesquisas especiais, ainda não podemos esboçar uma história da pronúncia escolar do latim da Baixa Idade Média. Havia, sem dúvida, outros "dialetos" eruditos, além daquele que acabamos de lembrar, mas eles não parecem ter tido um papel importante. A influência da civilização francesa era preponderante naquela época. Após a invasão normanda, a Inglaterra se tornou uma província cultural francesa e, mais tarde, o meio escolar de Paris seduziu a elite intelectual e a juventude de toda a Europa. Provavelmente, os estudantes levaram, cada um a sua região, alguns detalhes da pronúncia francesa da língua erudita.

Na época carolíngia, as abadias eram os focos de civilização mais importantes, mas após o século X, quando uma nova estrutura da vida política, econômica e intelectual começa a se desenhar e a vida urbana retoma sua vitalidade de antigamente, antes, são as escolas episcopais que se colocam à frente do desenvolvimento. Na atmosfera mais livre e mais democrática dessas escolas, a atividade intelectual trouxeram consigo frutos que se impõem à nossa admiração.

O estudo do latim foi cada vez mais aprofundado; e os professores e seus alunos chegaram, por vezes, a assimilar perfeitamente todas as sutilezas da língua erudita. A perfeição lingüística é um dos traços mais típicos da literatura latina do século XII, por isto devemos nos deter alguns instantes para darmos uma análise dela.

---

Ch. Beaulieux, *Histoire de la prononciation du latin en France*, *Revue des études latines*, V, 1927, p. 78.

Cícero, Virgílio, Ovídio e outros autores clássicos sempre desfrutaram do favor dos professores. Por vezes, conseguiram imitar tão bem o seu estilo que é difícil distinguir o texto medieval de um texto antigo. É assim que Gerberto de Reims, morto em 1003 como papa, sob o nome de Silvestre II, e grande admirador de Cícero, escreve cartas num espírito humanista que anuncia o que três séculos mais tarde animará a correspondência de Petrarca. O poeta Hildeberto de Lavardin, morto em 1133, como arcebispo de Tours, compõe poesias em hexâmetros e em dísticos num tom virgiliano. Por outro lado, são tão inspiradas no estilo de Santo Agostinho ou de São Jerônimo, que os eruditos de nossos dias puderam enganar-se sobre a autenticidade das obras. Mas isto são exceções. Em geral, os traços medievais são palpáveis, apesar da elegância do estilo dos grandes autores. É que a imitação ainda não se tinha tornado um princípio estilístico, como mais tarde, durante a Renascença. Com efeito, ainda se sentia livre de criar um estilo pessoal e de adaptar a língua às necessidades do momento. O ensinamento gramatical dado nas escolas forneciam a base lingüística sobre a qual eram criadas novas construções. É no vocabulário, principalmente, que podemos seguir este desenvolvimento. Havia sido ensinado, por exemplo, que a poesia clássica preferia os adjetivos compostos do tipo *altisonus*, *altitonans*, *altivolans*. Sobre este modelo os poetas carolíngios já haviam criado, entre outros, *altiloans*, *alticrepus*, *altifluus*, *altiloquus* e continuaram por *alticanax*, *alticanorus*, *altifer*, *altipetrus*, *altisonorus*, *altitonus*, *altivolus* etc. Os compostos verbais *sanctificare*, *beatificare*, *glorificare* etc. estiveram em moda entre os cristãos do fim da Antigüidade<sup>2</sup>. As

---

<sup>1</sup> Ver K. Halvarson, *op. cit.*, p. 150, e M. Bonioli, *op. cit.*, p. 97.

<sup>2</sup> Ver Chr. Mohrmann, *Études sur le latin des chrétiens*, I, p. 60.

composições eram muito práticas e, sobre seu modelo, forjaram-se, na Idade Média, verbos como *ratificare*, *publificare*, *exemplificare*, que foram muito produtivos nas línguas modernas<sup>1</sup>. Os diminutivos formaram sempre um grupo favorecido.

*Munda cultellum, morsellum quere teneillum,  
Sed per cancellum, post supra pone platellum,*

"Limpa a faca, procura um pequeno pedaço, mas com o garfo, depois, coloca-o em teu prato", escreve um professor, influenciado, ao que parece, pela língua francesa. Outras formações desse gênero são *fabrellus*, *tortella*, *pompula*, por *faber*, *torta* e *pompa*<sup>2</sup>. Para fazer os alunos compreenderem a formação e o emprego dos verbos incoativos, um outro mestre-escola compôs os seguintes versos:

*Crescit, decrescit, in vita non requiescit,  
Tandem vilesцит, putresцит, quando senescit,  
Vultu pallesцит, cupidus fore non erubescit,  
Infans marcesцит tacite pariterque liquescit,*

"Ele crê, descrê, não descansa em sua vida; enfim, ele se envelhece, corrompe-se; quando envelhece, se enfraquece, não se cora por ser ávido; menino sem voz, descora-se e desmaia". Do mesmo modo, por exemplo, forjam-se *gaudescere*, *movescere*, *calvescere*, "tornar-se calvo", *stultescere* etc. Frequentemente os verbos perderam o sentido incoativo, assim como no provérbio:

*Dum Mars aresцит et mensis Aprilis aquescit,  
Maius humescit, frumenti copia cresцит,*

---

<sup>1</sup> Ver os léxicos, além de outros exemplos em H. Walther, *Proverbia sententiaequae Latinitatis Medii Aevi*, 14453, 19695 b.

<sup>2</sup> H. Walther, *op. cit.*, 15598, 8624, 9375, 14908 a.

"Quando março é seco, abril chuvoso e maio úmido, a colheita é bela"<sup>1</sup>.

Na época arcaica, para dar expressividade à frase, já se preferia acumular os vocábulos de mesma sonoridade. Ênio, por exemplo, escreve *Priamo vi vitam evitari*. Na Idade Média, esta figura etimológica foi largamente utilizada, com certa preferência pelo jogo com o prefixo verbal *de*. Assim, lemos em Alain de Lille *defloratus flos effloret*, onde *effloret* não significa "florir", como nos antigos, mas "perder sua flor", e, além disso, em Gautier de Châtillon *rosa derosatur, mundus demundatur, masculos demasculare, federa defedere*, nas *Carmina Burana titulum detitulare, virginem devirginare*, noutros, por exemplo, *canonicum decanonicare, depuerare pueros*<sup>2</sup>.

Um traço característico do latim medieval é o emprego de nomes de pessoas para simbolizar certa qualidade. Assim, Salomão representa a sabedoria, Páris a beleza, Catão a moral, Cícero a eloquência, Crasso a avareza. Esses nomes, inclusive, foram declinados como adjetivos. Henri de Settimeo escreve *codrior* (Codro é um poeta mendicante que aparece em Juvenal 3,203), *neronior, salomonior* *Salomone, platonior ipso* e outros autores gostavam igualmente dessas expressões<sup>3</sup> (Hugues d'Orleans havia forjado o tipo *capto captivior, paupere pauperior*<sup>4</sup>). De nomes de pessoas têm sido tirados até

---

<sup>1</sup> H. Walther, *op. cit.*, 3734 a, 1760, 3798, 3909, 6597.

<sup>2</sup> Ver Migne, *Patr. Lat.*, CCX, col. 579, Wilmart na *Revue bénédictine*, XLIX, 1937, p. 140 e ss.; *Carmina Burana*, 4,3; 84,4,11; H. Walther, *op. cit.*, 2300, 5415.

<sup>3</sup> Henri de Settimeo, 1,163, 2,5, 3,3, 3,87; ver Manitius, *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*, III, Munique, 1931, p. 939; além dos seguintes exemplos: Gautier de Châtillon na *Revue bénédictine*, XLIX, 1937, p. 332: 19,4; *Carmina Burana*, 19,5.

<sup>4</sup> Primas, VI, 10 e ss.



verbos: *Helena* e *Tiresias* deram *helenare* e *tiresiare*, a partir de *Ab-salon*, *Nero*, *Gualterus*, *Venus*, *Satanas* criaram-se os verbos *absalonizare*, *neronizare*, *gualterizare*, *venerizare*, *satanizare*<sup>1</sup>. Em geral, esses dois tipos de formação de verbos, em *-are* e em *-izare*, desfrutaram de uma popularidade enorme. Pode-se citar *presbiterare*, *pontificare*, "ordenar padre, sagrar bispo", *vitulare*, "comportar-se como um bezerro", *musare*, "pegar ratos", *gulare*, "comer excessivamente", *cervisiare*, "preparar cerveja", *podagrare*, "tornar alguém gotoso"<sup>2</sup>, e, por outro lado, *sillabizare*, "ensinar a alguém ler", *stultizare*, *puerizare*, "ser tolo, ser pueril", e, do mesmo modo, *eremizare*, *monachizare*, *scholizare*, *harmonizare*, *modulizare* etc.<sup>3</sup>.

Os versos seguintes<sup>4</sup> podem ilustrar os abusos a que se deixaram arrastar certos autores, no prazer de formar tais novos verbos:

*Romulizanti regi*  
*Congressus agonizans*  
*Victorizat.*

*Martyrizandum corpus*  
*Tradebat vivens homo*  
*Pro Domino.*

"Ele triunfa agonizante, quando encontra o rei arrogante. Ele, um homem vivo, entregava seu corpo ao martírio para a glória do Senhor".

Bem freqüentemente os poetas criaram novos vocábulos para obter rimas. Lemos, por exemplo, num canto anônimo<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> Henri de Settimello, 3,5, Albert de Stade, *Troilus*, III, 717, H. Walther, *Proverbia sententiaeque Latinitatis Medii Aevi*, 11466, Alai de Lille, *Contra amorem Veneris*, 137, Pierre d'Éboli, *Liber ad honorem augusti*, 102, H. Walther, *op. cit.*, 1042, 1745 a (ver M. Manitius, *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*, III, p. 706 e 739).

<sup>2</sup> H. Walther, *op. cit.*, 15303, 3368, 6418, 1916, 8942, 9995.

<sup>3</sup> H. Walther, *op. cit.*, 13332 a, 15591, *Analecta Hymnica*, VIII, 260,1; X, 238,4, 211,2, 198,1.

<sup>4</sup> *Analecta Hymnica*, LIII, 213,8.

*Pange, lingua, gloriosa  
vulnerum solemnia,  
Mentis cedant nubilosa,  
serena sint omnia,  
Ut laudentur amoenosa  
summi regis stigmata.*

*Pessumdata luctuosa  
crucis ignominia,  
Vivae carnis triumphosa  
receptae laetitia  
Quina sibi speciosa  
servavit monilia.*

Aqui, é fácil ver que os neologismos *amoenosus* e *triumphosus* são devidos às necessidades da rima.

Os autores deixaram-se embriagar por sua virtuosidade e tentaram jogos de palavras de toda sorte. Assim, Gautier de Châtillon joga com a dupla significação do vocábulo *mundus*, "mundo" e "limpo", nos versos:

*Quid desertum nisi mundus?  
Mundus quidem sed immundus,  
Quia munda respuit<sup>2</sup>.*

No mesmo canto ele se diverte, juxtapondo *carus*, "querido", *carere*, "ser privado de alguma coisa", e *caries*, "corrupção":

*Tanto viro locuturi  
Studeamus esse puri  
Set et loqui sobrie,  
Carum care venerari  
Et ut simus caro cari  
Careamus carie.*

O verso *Hec (= ira) radit, rodit ridetque pium sed et odit* encontra-se em Bernardo de Cluny<sup>3</sup> que também fez figurar juntamente *Venus (= libido)*, *Epicurus (= voluptas)*, *venari*, "caçar", *vena*, "veia" e *venenum*, "veneno", nos seguintes versos:

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, XXIII, 32,1-2.

<sup>2</sup> Gautier de Châtillon, *Moralisch-satirische Gedichte*, ed. K. Strecker, Heidelberg, 1929, I,6 e I,1.

<sup>3</sup> Ver K. Halvarson, *Bernardi Cluniacensis carmina*, p. 105:275 e p. 111:496 e ss.

*Post ventrem saturum Venus est venans Epicurum.  
Tunc Venus in venis equandaque vina venenis.*

Os trocadilhos dessa natureza são inumeráveis e levam, freqüentemente, os traços do ensinamento escolar, como nos passos em que joga com a terminologia gramatical. A estrofe<sup>1</sup> seguinte exemplifica um jogo muito gostoso:

*Vocativos oculos,  
Ablativos loculos  
Gerunt mulieres.  
Si dativus fueris  
Quandocumque veneris  
Genitivus eris.*

"Os olhos das mulheres nos seduzem, suas bolsas roubam nosso dinheiro. Se podes dar alguma coisa quando vieres, serás pai". Frequentemente se consegue inserir os paradigmas gramaticais nos versos. Assim, um poema satírico começa pelos versos *Magnus maior maximus, parvus, minor minimus*<sup>2</sup> e no epítáfio seguinte<sup>3</sup>, o poeta conseguiu fazer aparecer todos os casos do nome *Robertus*:

*Munere nature, virtutum dote refertus  
Mortis obit iure florens etate Robertus  
Cuius in hoc tumulto cinis ossaque sunt cooperti  
Clerus cum populo fleat impia fata Roberti  
A quo cuncta bona procedunt ordine certo  
Eternam dona requiem, pie Christe, Roberto  
Nunc quod nos miseri petimus, Deus alme pater, tum  
Quod pius et misericors es, ne perde Robertum  
Vidit et invidit mors digna mori, qui per te  
Stabat que cecidit iuvenum spes tota, Roberte  
Ergo tristicie voces resonant in aperto  
Nam spes leticie moritur, moriente Roberto.*

---

<sup>1</sup> Os versos se encontram em P. Lehmann, *Die Parodie im Mittelalter*, 2ª ed., Stuttgart, 1963, p. 108.

<sup>2</sup> *Carmina Burana*, 35. Cf. F. Munari, *Il Piramus et Tisbe di Matteo di Vendôme*, *Studi italiani de filologia classica*, XXXI, 1959, p. 75.

<sup>3</sup> P. Lehmann, *Erforschung des Mittelalters*, IV, p. 291.

As mesmas sete artes liberais aparecem, algumas vezes, como num poema de Alain de Lille, que quer pôr em evidência o milagre do nascimento virginal e que trata da geometria, entre outras coisas, deste modo<sup>1</sup>:

*Artis suae in censura  
geometra fallitur,  
Dum immensus sub mensura  
terrenorum sistitur.  
In directum curvatura  
circuli convertitur,  
Sphaeram claudit quadratura  
et sub ipsa clauditur.*

"O geômetra se engana em sua arte rigorosa, quando o imensurável se submete à medida das coisas terrestres. A curvatura do círculo é convertida em reta, a quadratura encerra a esfera e é encerrada pela mesma".

O livro de poemas de Serlon de Wilton nos dá uma idéia do método que os professores desenvolveram para ensinar a seus alunos as sutilezas da língua latina. Serlon era inglês, mas ensinava em Paris na metade do século XII, antes de sua "conversão". Para inculcar os detalhes de sua prosódia, compôs, entre outras coisas, um grande poema de mais de 100 *versus differentiales*, isto é, de versos leoninos, onde dois vocábulos rimados são homônimos, mas têm uma prosódia diferente, assim:

*Unam semper āmo, cuius non solvor ab hāmo.  
Dicitur arbor ācer, vir fortis et improbus ācer.  
Forma senilis ānus, pars quedam corporis ānus.*

Este procedimento foi tão bem aceito que se empregou o poema como material escolar, intercalando nele novos versos, construí-

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, XX, 9. Cf. também Gil de Zamora, *ibidem*, XXXII, 192 e XX-XIII, 271.

dos a partir do mesmo método, na medida das necessidades do ensino<sup>1</sup>. Noutro poema, Serlon conseguiu fazer rimar sempre dois monossílabos com um vocábulo dissilábico<sup>2</sup>:

*Cipri, timent dū te: tu fortior es Iove, Dite.  
Que tua sors, que vis! Tibi res obnoxia quevis.  
Nulla premit te lis; validis premis omnia telis...*

"Deusa de Chipre, os deuses te temem, tu és mais forte do que Júpiter ou Plutão. Como é importante tua função, como é grande o teu poder! Tudo se encontra sob tuas ordens. Nenhuma luta te inquieta, tu submetes tudo com tuas armas poderosas." O mesmo autor gosta de compor versos completos do tipo:

*Audi, gens omnis! Memorem, pectora, vultum  
Voce, manu, lacrimis exprime, tunde, riga,*

em que devemos religar *merorem voce exprime, pectora manu tunde* e *vultum lacrimis riga*. Serlon escreve também uns acrósticos complicados como

*Pulcher pube Paris, Pirrus probitate probaris,  
Actibus Alcides, armis animosus Atrides,...*

cujas primeiras letras compõem o nome de *Patricius*<sup>3</sup>.

Do meio escolar é que provêm também os *versus recurrentes*, por exemplo, *Ateragram Roma iem sidroc eulas et oma*, cujas letras devem ser lidas do fim para o começo: *amo te, salve cordis mei amor Margareta*, ou os *versus retrogradi*, de que apresentamos aqui um exemplo<sup>4</sup>:

---

<sup>1</sup> Ver J. Öberg, *Serlon de Wilton, Poèmes latins*, p. 79 e ss. e p. 134 e ss.

<sup>2</sup> J. Öberg, *op. cit.*, p. 96 e ss.

<sup>3</sup> J. Öberg, *op. cit.*, p. 94:9-10 e p. 109.

<sup>4</sup> H. Walther, *Proverbia sententiaequae Latinitatis Medii Aevi*, 1648 a e 11185.

*Hospitibus pius est nec vendit fercula, donat  
Pocula gratis nec hic negat hospitium.*

Se lermos os vocábulos do fim para o começo, obteremos também um verso, mas de sentido contrário:

*Hospitium negat hic nec gratis pocula donat,  
Fercula vendit nec est pius hospitibus.*

Também devia ficar cheio de si o professor que conseguisse compor os versos equívocos, de difícil classificação:

*Dilige luxuriam vitium cole                    destrue sancta  
Iustitiam fuge                                    sperne Deum Sathanam venerare*

para não falar de:

*I mus, gaude mus, ride mus nilque time mus,  
Has caveas caveas, ne per eas pereas<sup>1</sup>.*

O último verso lembra os trocadilhos do tipo *filia, sub tilia fila subtilia fila* ou *mala mali malo mala contulit omnia mundo*, "o queixo (*m̄ala,ae* f.) causou, pela maçã (*m̄alum,i* n.) do maligno, (*malus,a,um*) todos (*malum,i* n.) os males do mundo"<sup>2</sup>. A fantasia dos professores e dos estudantes era ilimitada, neste particular, e se divertiam até mesmo com versos do tipo *les sua mi stultus calcaria viscitur obli*, onde os vocábulos *miles* e *obliviscitur* foram divididos, ou *al pi pen ca bas tot habet ni nas quot habet gras = pica tot habet albas pennas quot habet nigras<sup>3</sup>*.

Esses jogos de palavras nos parecem pueris e ridículos. Mas, não nos esqueçamos de que era por meio de exercícios escolares desta natureza que os grandes autores, cujo estilo admiramos, conseguiram

---

<sup>1</sup> H. Walther, *op. cit.*, 5741 e 11331.

<sup>2</sup> H. Walther, *op. cit.*, 9495 e 14301.

<sup>3</sup> H. Walther, *op. cit.*, 13672 e 749.

ram dominar o latim. A língua erudita se tornou um instrumento perfeito nas mãos de um São Pedro Damiano, de um Abelardo ou de um Salimbene de Adão.

Assim, o tesouro da cultura literária latina se manifesta na versificação. Por isto, após o ano 1000, o hexâmetro desenvolveu plenamente suas formas medievais. As rimas dissilábicas se generalizaram por toda parte pelo final do século XI e, nas escolas, todas as combinações possíveis eram estudadas cuidadosamente<sup>1</sup>. O tipo mais freqüente era o hexâmetro leonino:

*In terra **summus** rex est hoc tempore **nummus**.*

Deste tipo se conheciam os *versus caudati*, cujos vocábulos do final dos versos formam rimas:

*Si quis huic mundo millenis militat **annis**,  
Vix tandem fractis sibi dat stipendia **pannis**.*

Os versos *collaterales* ou *concatenati* apresentam o cruzamento ABAB:

*Noscere **defectus** delictorum **propriorum**  
Plus habet **effectus** quam sidera nosse **polorum**.*

Os *cruciferi* (ou *crucifixi*) ABBA:

*Angelico **verbo** castus tuus intumet **alvus**,  
Ut fieret **salvus** homo tentus ab hoste **superbo**.*

*Unissoni* ou *quadrigati* são dois hexâmetros com as rimas AAAA:

*Festa sonans **mando**, cum funere proelia **pando**,  
Meque fugit, **quando** resono, cum fulmine **grando**.*

---

<sup>1</sup> Encontra-se uma análise detalhada da técnica em nossa *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*, p. 43, 66 e ss.

A cesura de todos esses versos é a quinta sílaba, mas há também outras estruturas do hexâmetro, como, por exemplo, uma combinação da terceira e da sétima sílaba: - ' ' ' ' - - / ' ' ' ' - - ' ' ' ' - - / ' ' ' ' - - ' ' ' ' - '. Rimando-se os vocábulos diante dessas duas cesuras, são conseguidos os chamados versos *triniti salientes*:

*Stella maris quae sola paris sine coniuge prolem,  
Iustitiae clarum specie super omnia solem.*

Buscando-se novos efeitos de rima, a antiga estrutura do hexâmetro foi desprezada, deixando, por exemplo, as cesuras se posicionarem entre o segundo e o terceiro, o quarto e o quinto pés do hexâmetro. Eis os primeiros versos de um poema de quase 3000 versos *tripartiti dactylici*, composto por Bernardo de Cluny:

*Hora novissima, tempora pessima sunt, vigilemus  
Ecce minaciter imminet arbiter ille supremus:  
Imminet, imminet, ut mala terminet, equa coronet,  
Recta remuneret, anxia liberet, ethera donet.*

Se os hexâmetros são divididos em três partes iguais, fala-se de *adonici*:

*Dextera Christi, nos rapuisti de nece tristi,  
Plasmata patris tollis ab atris leta barathris.*

Sendo possível toda sorte de combinações, os tipos mais complicados escapam aos sistemas escolares. Eis, por exemplo, alguns hexâmetros que apresentam quatro ou cinco rimas em cada verso, enlaçadas de uma maneira engenhosa:

*Tu requies, species, saties et manna saporis,  
Nutrix, adiutrix, tatrix in agone laboris,  
Tu libanus, platanus, clibanus per flamen amoris,  
Balsamus et calamus, thalamus, spiramen odoris.*

Nos *versus serpentini* ou *decisi*, rima-se o último vocábulo de cada membro métrico com o primeiro do membro seguinte. Como



num poema em honra da Santa Virgem, que começa pelas seguintes palavras:

*Ave porta poli, noli te claudere mota,  
Vota tibi grata data suscipe, dirige mentem  
Entem sinceram, veram non terreat ater,  
Mater virtutum etc.*

Na versificação lírica também, o desabrochamento das formas é visível desde o século XI. De poetas como Fromond de Tegernsee, Hermano de Reichenau, Alfano de Salerno, Ruperto de Liège, Dudon de Saint-Quentin mostram uma espantosa habilidade para imitar os versos mais difíceis de Horácio, de Prudêncio e de Boécio. Dudon inseriu em sua *Histoire des Normands* uns poemas escritos em versos glicônicos, asclepiadeus, falecianos, sáficos, adônicos e ferecrateanos, imita os modelos dados por Boécio -˘˘˘˘-˘˘˘˘-//˘˘˘˘˘˘ e ---˘˘˘˘-//˘˘˘˘˘˘ nos poemas que começam por:

*Rothomage tuus modo puer,  
Marchio iure potens tibi datus...*

e

*Adducta, lector, nunc ratione,  
Per conctos animum ordine sanctos  
Propenso sensu porrige sollers...*

Ele compõe até mesmo novas estrofes como a seguinte, em que o primeiro verso é um adônico, o segundo um trimetro dactílico catalético, o terceiro um ferecrateano e o quarto um glicônico (-˘˘˘˘˘˘-˘˘+˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘+˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘+˘˘˘˘˘˘˘˘˘˘-):

*Doxa superna  
Omnipotens columen,  
Fomes sensifigusque  
Numen sidereum potens<sup>1</sup>.*

---

<sup>1</sup> Ver nossa *Introduction*, p. 85 e Migne, *Lat.*, CXLI, col. 695, col 683 e col. 657.

Por volta do ano 1100, uma nova tendência pode ser constatada na versificação. Nos meios escolares franceses, a renovação do espírito humanista abriu os olhos dos poetas à beleza do verso clássico. Hildeberto de Lavardin, Marbode de Rennes e outros abandonam as rimas que haviam praticado com tanto sucesso para seguir mais de perto os modelos antigos. Um poeta como Gilon de Paris troca de estilo no meio de sua epopéia sobre a primeira cruzada com as palavras seguintes:

*Quod tamen incepti, sed non quo tramite coepi,  
Aggrediar sensumque sequar, non verba sonora,  
Nec patiar fines sibi respondere vicissim<sup>1</sup>.*

No século XII, vários poetas preferiram o estilo clássico em seus poemas épicos, como, por exemplo, Gautier de Châtillon, em *Alexandreis*, e José Iscano, em *De bello Troiano*. Outros se servem ora da técnica clássica, ora da técnica medieval. Bernardo de Cluny diz que deseja satisfazer o gosto de todos, mas admite que o verso rimado carece de vigor<sup>2</sup>:

*Ne stupeas, lector, quia sepe Leonica sector:  
Gratis grata sonis admisceo metra Leonis.  
Nunc versus planos aro scilicet Ovidianos,  
Nam querunt illos quidam, quidam magis istos.  
Est aliud quare metra parco Leonis arare:  
Versus enervat qui verba Leonica servat,  
Nec succinctus erit qui dicta Leonica querit.  
Ergo commixtos nunc illos, nunc sequor istos.*

Esperar-se-ia encontrar a mesma tendência clássica na poesia lírica. Mas aqui, a corrente tanto fluiu em sentido inverso, que a versificação clássica foi praticamente abandonada no século XII. Pode-

---

<sup>1</sup> Migne, *Patr. Lat.*, CLV, col. 985.

<sup>2</sup> Bernardo de Cluny, *De trinitate et de fide catholica*, 1063 e ss., ed. Halvarson, p. 38.

mos compreender também a razão disso. O hexâmetro rimado produzia um efeito estético discutível, como vimos acima, enquanto que o novo verso rítmico apresentava uma incomparável riqueza de formas que se adaptava muito melhor à necessidade dos poetas do que a versificação métrica, cujo caráter artificial estava demasiadamente manifesto.

É difícil apresentar em algumas páginas desenvolvimentos tão variados da versificação rítmica dessa época. Se começarmos pela seqüência, constataremos, a partir do ano 1000, uma tendência crescente para regularizar os versos e as estrofes dessa poesia<sup>1</sup>. É por esta época que Wipon, morto em 1048, compôs sua célebre seqüência *Victimae paschali laudes* e que um autor anônimo compôs o poema *Laetabundus exultet fidelis chorus*, que apresentamos em nossa segunda parte. Nos dois poemas aparece claramente um esforço para a rima, embora os poetas não a tenham empregado sistematicamente. Os versos de cada estrofe são, assim, mais regulares do que nas seqüências da época precedente. A identidade dos versos é completa num poema atribuído pela tradição a Fulberto de Chartres (morto em 1028) e que se encontra entre as *Carmina Cantabrigiensia* num manuscrito do século XI. Eis aqui a primeira estrofe:

<i>Aurea personet lira</i>	<i>clara modulamina,</i>
<i>Simplex corda sit extensa</i>	<i>voce quindenaria;</i>
<i>Primum sonum mese reddat</i>	<i>lege ypodorica,</i>

"Que a lira de ouro entoe os cantos sonoros, a corda simples se estenda por quinze tons, a nota mediana produza o primeiro tom conforme a lei subdórica". Tal é a forma de todas as estrofes e antístrofes que, se tivéssemos apenas o texto, teria sido impossível decidir se

---

<sup>1</sup> Cf. nossa *Introduction*, p. 172 e ss.

se trata ou não de uma seqüência AA BB CC AB AA BB CC AB. Temos aqui o primeiro exemplo do novo estilo de seqüência que se torna cada vez mais freqüente no final do século XI. A forma preferida era a que encontramos no *Stabat mater*:

*Stabat mater dolorosa  
Iuxta crucem lacrimosa,  
Dum pendeat filius.*

Todas as estrofes foram compostas a partir desse esquema e só a melodia torna evidente que se trata de uma seqüência. Em Fulberto, o verso rítmico se compõe de 15 sílabas a partir da fórmula 8p + 7pp; aqui, a parte do verso diante da cesura é dobrada: 8p + 8p + 7pp. Adão de São Vítor (morto em 1192), que talvez seja o autor mais estimado de seqüências do novo estilo, utiliza freqüentemente a estrofe do *Stabat mater*, mas recorre também a outras formas empregadas nos hinos e cantos rítmicos. Assim, sua seqüência em honra de Santa Genoveva é composta de estrofes ambrosianas do tipo seguinte:

*Genovefae sollemnitas  
Sollemne parit gaudium,  
Cordis erumpat puritas  
In laudis sacrificium.*

Portanto, pode-se dizer que a seqüência litúrgica, em geral, reaproximou-se do hino no que diz respeito à forma. O ritmo dos versos é rigorosamente medido e reaparece de vez em quando sob a mesma forma em todas as estrofes. A rima é dissilábica e dá aos versos a sonoridade que tanto se admira durante o último período da Idade Média.

Por outro lado, a versificação rítmica desenvolve à época de que nos ocupamos uma variedade considerável de formas novas e refinadas. Isto vem em grande parte da evolução da música em diversas vozes. Vimos que a melodia havia decidido parte da seqüência e

do tropo. Do mesmo modo, é da música que depende o texto do motete. No canto, são colocadas palavras sob as vocalises de melodias que acompanham o tenor litúrgico. Reconhecemos a técnica dos tropos no motete seguinte:<sup>1</sup>

*Doce- nos optime,  
Vite fons, salus anime,  
Mundo nos adime,  
Rex unigenite,  
    Vena divite  
    cor imbue,  
    Os instrue,  
Opus restitue  
    Manus strenue,  
Vitam distribue,  
Sint ut assidue  
Due manus Lie,  
    Mens Marie,  
    Sint mutue  
    Plebi tue,  
    Perpetue  
Vite spem tribue,  
Que nos doce-bit.*

Aqui, a voz baixa cantava o mote *docebit* do texto oficial, enquanto que a voz alta cantava o novo canto, cujas rimas em *-e* correspondem com a vogal do canto litúrgico. O motete é um *duplum*, cantado a duas vozes. Havia triplos e quádruplos também, nos quais se faziam cantar ao mesmo tempo três ou quatro textos diferentes em melodias diferentes. É uma técnica que pode parecer ao homem moderno um pouco estranha, sobretudo quando o motete deixa o domínio litúrgico e não se receia misturar textos profanos com sagrados. Adão de la Bassée, cônego de Lille (morto em 1286), compôs, por exemplo, um texto latino para ser cantado simultaneamente com um texto francês num triplo do qual ele diz: *Motetum de sancto spiritu*

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, XXI, p. 198.

*super illud: "Et quant iou remir fon cors le gai', cuius tenuram tenet 'amor'.*

Eis o texto latino:<sup>1</sup>

*O quam sollemnis legatio,  
Qua tuum, Deus, filium  
Unigenitum  
Transmisisti, spiritum  
Spirantem paraclitum,  
Cuius radio  
Pio nos cum filio  
Visita  
Lucis vita,  
Mundum illuminans  
Ac seminans  
Vim amoris.*

Um outro canto politônico que tinha certo interesse para a versificação era o conduto.<sup>2</sup> Nessa composição, liberou-se da base litúrgica. O autor concebeu sua obra como uma unidade, compôs tanto a melodia quanto a letra. Todas as vozes cantam conjuntamente o mesmo texto, o que corresponde às idéias modernas. O conduto se compõe, freqüentemente, de várias estrofes, por vezes munidas de um refrão. É o caso, por exemplo, no pequeno canto a três vozes, de que damos aqui a primeira estrofe:<sup>3</sup>

Veris ad imperia,  
Eya,  
Renascentur omnia,  
Eya,  
Amoris proemia,

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, XLVIII, n° 333. Cf. F. Gennrich, *bibliographie der ältesten franz. und lat. Motetten*, Darmstadt, 1957, p. 85 e ss.

<sup>2</sup> Para o desenvolvimento do termo *conductus*, veja-se J. Chailley, *Histoire musicale du moyen âge*, Paris, 1950, p. 325.

<sup>3</sup> Ver F. Gennrich, *Formenlehre des mittelalterlichen Liedes*, Halle, 1932, p. 85 e ss., que dá também a música e mostra que o autor se inspirou num canto provençal.

Eya,  
Corda premunt saucia  
Querula melodia,  
*Gratia*  
*Previa,*  
Corda marcentia  
Media.  
*Vite vernet flos*  
*Intra nos.*

Os refrães, cantados por um coro ou pelo povo, formam uma parte característica dos rondós, de que também há exemplos latinos. O célebre chanceler da igreja parisiense, Filipe (morto em 1236), segundo a tradição, é o autor do canto seguinte, em que destacamos em itálico as partes do coro das do solista:<sup>1</sup>

Novum ver oritur,  
*Letemur igitur,*  
Iam flos egreditur,  
*Cesset tristitia,*  
*Floralia*  
*Gaudia*  
*Dat Epiphania.*

Hiems exstinguitur,  
*Letemur igitur,*  
Estas reducitur,  
*Cesset tristitia,*  
*Floralia*  
*Gaudia*  
*Dat Epiphania.*

Meror excluditur,  
*Letemur igitur,*  
Lusus revertitur,  
*Cesset tristitia,*  
*Floralia*  
*Gaudia*  
*Dat Epiphania.*

Estas observações já nos mostraram que na Baixa Idade Média, possuía-se um repertório de formas muito ricas; queremos neste

---

<sup>1</sup> *Analecta Hymnica*, XX, 102.

ponto destacar ainda alguns versos particularmente estimados pelos poetas dessa época. Num canto citado por Beda, o Venerável, e provavelmente composto já no final da Antiguidade, lemos o refrão *In tremendo die iudicii*, cujo ritmo pode ser descrito pela fórmula 4+6pp. A mesma forma retorna em outros refrões da Alta Idade Média e, pelo final do século XI, aparece como verso principal de um canto escrito pela ocasião da morte de Guilherme, o Conquistador, e cuja primeira estrofe é:<sup>1</sup>

Flete vir,	lugete proceres,
Resolutus	est rex in cineres,
Rex editus	de magnis regibus
Rex Guillelmus	bello fortissimus.

É também pelos fins do século XI que aparecem um poema sobre o paraíso, atribuído a São Jubão, arcebispo de Lião em 1082, e, talvez, um tropo de São Marcial de Limoges que começa pelas palavras:<sup>2</sup>

Prima mundi	seducta subole
Turbati sunt	paradisicole
Fraude nota.	
Fraude nota	Adam condoluit,
Eve quoque	scelus inotuit,
Fit commota.	

No final do decassílabo utilizado nesses poemas, há sempre um vocábulo proparoxítono, mas diante da cesura a acentuação é facultativa. Este verso estava destinado a um grande sucesso no século XII e mais tarde, tanto na poesia latina quanto na românica. O céle-

---

<sup>1</sup> E. du Méril, *Poésies populaires latines*, Paris, 1843, p. 294 e ss.; ver também minha *Introduction*, p. 153 e ss., e D'Arco Silvio Avalle, *Preistoria dell'endecasillabo*, Milão-Nápoles, 1963.

<sup>2</sup> Cf. minha *Introduction*, p. 152 e ss., e J. Chailley, *L'école musicale de Saint-Martial de Limoges*, Paris, 1960, p. 283. Segundo esse último, o manuscrito traz as leituras *Eva* e *monuit*, que modificamos para *Eve* e *innotuit*.



bre verso goliárdico tem uma origem semelhante. Nós o encontramos pela primeira vez num refrão, acrescentado a um hino de Marius Victorinus (século IV) *Miserere, Domine, miserere, Christe*. O refrão está dividido em dois hemistíquios, cada um com um ritmo bem marcado, mas com finais diferentes: 7pp+6p. Na Alta Idade Média, empregou-se esse verso como refrão, e um poeta moçárabe se serviu dele para compôr o canto *miserere, Domine, Miserere nobis*. Todavia, o emprego do verso é esporádico até o século XII, quando os poetas profanos dele se apoderaram. Parece que é ao gênio de Hugues d'Orléans que se deve a descoberta de todas as possibilidades desse verso. Ele criou os versos:

Filii burgensium, filii crumene,  
Quos a scholis revocat cantus philomene,

após os quais, o verso goliárdico se tornou um dos mais freqüentes.<sup>1</sup> Os poetas satíricos preferem, principalmente, a estrofe que se compõe de três versos goliárdicos seguidos de um hexâmetro ou de um pentâmetro, quase sempre extraído de um autor clássico e rimando com os versos precedentes. Gautier de Châtillon, por exemplo, escreveu um poema conhecido que começa pela estrofe

Missus sum in vineam circa horam nonam,  
Suam quisque nititur vendere personam.  
Ergo quia cursitant omnes ad coronam,  
Semper ego auditor tantum, numquamque reponam,

em que o quarto verso provém de venal (*Sat.* 1,1).<sup>2</sup>

Mas já é tempo de voltarmos à prosa, cujo desenvolvimento apresenta também alguns traços interessantes, inclusive quanto ao

---

<sup>1</sup> Ver nossa *Introduction*, p. 151 e ss.

<sup>2</sup> Gautier de Châtillon, *Moralisch-satirische Gedichte*, edição de K. Strecker, Heidelberg, 1929, p. 82.

ritmo. Sabe-se que a prosa clássica, os fins de frase são organizados de modo a formar combinações de sílabas longas e breves chamadas de cláusulas. Na época imperial, o sistema de cláusulas cada vez mais simplificado, até que, afinal, só se utilizaram estes três tipos:

1. ' \_ ' // \_ ' \_ ' (por exemplo ducit ad-vitam)
2. ' \_ ' // \_ ' \_ ' (por exemplo victa deserviat)
3. '~ ~ ~ // \_ ' \_ ' (por exemplo litteris indicare).

A vantagem desta simplificação era muito grande. Mesmo os autores do período da decadência, que já não dominavam as sutilezas da prosódia latina, podiam de certo modo dispor as palavras finais com base nos acentos. Também acontece que os acentos desempenham o papel principal, tornando a quantidade uma sutileza acessória. Enfim, o sistema quantitativo caiu em total desuso, permanecendo apenas os três tipos acentuais que mais tarde se chamaram *cursus*:

1. '~ ~ // ~ ~ ~ = *cursus planus*
2. '~ ~ // ~ ~ ~ ~ = *cursus tardus*
3. '~ ~ ~ // ~ ~ ~ ~ = *cursus velox*

No início da Idade Média, mesmo esses tipos acentuais eram pouco utilizados. Autores como Beda, o Venerável, ou Alcuíno, não se preocupavam mais com as cláusulas, enquanto outros como Paulo Diácono, Paulino de Aquiléia, Walfrido Strabon e Anastácio, o Bibliotecário, somente mostram certa tendência mais ou menos marcada, terminando as frases por um *cursus* rítmico. Isso prova, portanto, que a antiga tradição escolar ainda não estava completamente apagada e que as regras da prosa rítmica eram sempre ensinadas em algumas escolas.<sup>1</sup> No século XI, esta tendência foi transformada num uso regular em São Pedro Damiano e Alberico do Monte Cassino. Na célebre abadia italiana, o estudo da prosa rítmica foi particularmente

---

<sup>1</sup> Cf. G. Lindholm, *Studien zum mittellateinischen Prosarhythmus*, p. 7 e ss.

cultivada. É de lá que o monge João Caetano foi chamado a Roma em 1088 para reformar o estilo latino da chancelaria papal; ele voltou mais tarde sobre o trono de São Pedro sob o nome de Gelásio II.

Esse uso do *cursus* rítmico nas cartas dos papas suscitou um estudo assíduo desse meio de adornar a prosa. Em Roma, o chanceler papal Alberto de Morra, antigo monge do Monte Cassino, compôs uma *Forma dictandi* que publicou em 1187, após sua elevação ao trono pontifício. Em Bolonha, em Paris, em Orléans etc., outros *dictatores* de que possuímos várias *Summae* ensinaram e explicaram as regras da prosa rítmica. Os mestres italianos, em geral, recomendaram as três formas do *cursus* que acabamos de mencionar. Segundo suas regras, o *cursus planus* se compõe, por exemplo, dos vocábulos como *audíri compéllunt, confidénter audébo, violári non-pótest, operántur in-bónum*; o *cursus tardus*, de vocábulos como *tímet impéria, óvis ad-víctimam*; o *cursus velox* de *gáudia perveníre, suffíciant ad-volátum, ágere nimis dúre, dábitur regnum Déi, sápias per-te múl-tum*. Nos três últimos exemplos, encontramos a estrutura ' ~ ~ ~ // ' ~ ~ // ' ~ ~; o que quer dizer que se admitem duas cesuras na mesma cláusula, estrutura desconhecida em épocas precedentes. Os mestres franceses se distanciaram ainda mais dos modelos antigos. Eles consideraram como legítima a cláusula sem cesura, ou seja, aquela que consiste num só vocábulo. De acordo com eles, o vocábulo *dámpnationem*, por exemplo, forma um *cursus planus*. Além do mais, eles acrescentaram aos três tipos estáveis um quarto que chamaram *cursus trispondaicus*, em que há três sílabas inacentuadas entre duas sílabas acentuadas. É o tipo que encontramos numa cláusula como *dóna sentiámus*, cuja estrutura é ' ~ ~ // ~ ~ ' ~ ~. No *cursus trispondaicus*, um só vocábulo é suficiente para constituir uma cláusula regular, c i-

tando-se, entre outros exemplos, a palavra *cómpositíone*.<sup>1</sup> É difícil de resolver, de uma maneira definitiva, os problemas que o exame das cláusulas num texto medieval põe em evidência. Primeiro, é preciso determinar onde se encontram as pausas do discurso segundo a intenção do autor. Depois, a acentuação de certos grupos de vocábulos ainda pouco conhecida. Sabemos que, no latim falado da Antigüidade, os pronomes relativos, as preposições, as conjunções e algumas formas do verbo *esse* não possuíam acento e que outros vocábulos, como os pronomes pessoais e possessivos, podiam ser acentuados ou não, dependendo do contexto. No latim medieval, a acentuação parece ter sido quase sempre a mesma, mas, nesta língua escolar, as regras da pronúncia dependiam muito do ensino, cujos detalhes nos escapam. Entretanto, quando o professor italiano dá como exemplo de *cursus planus* os vocábulos *bonum no potest e operantur in bonum*, é evidente que ele acentuou *non-pótest* e *in-bónum*, apesar da quantidade da sílaba acentuada. Por outro lado, um *cursus velox* como *rapias per te multum* mostra que o professor disse *pér-te*, tratando os dois monossílabos como um só vocábulo, acentuado segundo as regras ordinárias. Os *dictatores* observaram este fenômeno, que chamaram de *consillabatio*, sem nos dar, infelizmente, sua definição precisa.<sup>2</sup> É necessário encarar os problemas de método e analisar os textos com muita circunspeção, antes de traçar os quadros estatísticos necessários para o exame do ritmo na prosa. Um estudo recente<sup>3</sup> nos mostra que, na Baixa Idade Média, os autores se serviram largamente de cláusulas regulares e que as exceções são devidas quase

---

<sup>1</sup> Ver G. Lindholm, *op. cit.*, p. 16 e ss.

<sup>2</sup> G. Lindholm, *op. cit.*, p. 74 e ss.

<sup>3</sup> G. Lindholm, *op. cit.*, p. 187 e ss.

sempre a condições particulares. Assim encontramos em Pedro da Vinha, que viveu pelos meados do século XIII, a seguinte divisão: *cursus planus* 24,9%, *cursus tardus* 2,5%, *cursus velox* 68,9%, *cursus trispondaicus* 2,5%, outros tipos 1,2%. As cifras são vizinhas das de Cola de Rienzo, um século mais tarde: *cursus planus* 10,7%, *tardus* 1,6%, *velox* 84,2%, *trispondaicus* 1,9%, outros tipos 1,6%. É claro que esses dois autores preferiram os *cursus velox*, que admitiram o *cursus planos*, mas tentaram evitar os outros tipos. Dante, cujo estilo latino ainda é efetivamente medieval, serve-se também, frequentemente, do *cursus tardus*. Em sua obra, os números correspondentes são: *cursus planus* 31,8%, *tardus* 21,1%, *velox* 45,3%, *trispondaicus* 0,9%, outros tipos 0,9%. Os três tipos que a escola italiana recomendou constituem conjuntamente, em Pedro da Vinha, 96,3% de todas as cláusulas, em Cola de Rienzo, 96,5% e em Dante, 98,2%. Em Petrarca e Bocácio, esses números descem a 74,0% e 68,7%, atingindo, em Gasparino Barzizza e Enéa Sívio, no início do século XV, 48,0% e 52,5%. Isto quer dizer que os dois últimos, representantes típicos da Renascença plena, abandonaram o sistema medieval, despreocupando-se completamente com o ritmo final. Entretanto, é interessante observar que Enéa Sívio, tornado papa, cede à antiga tradição que ainda era viva na chancelaria papal. Ali, o emprego do *cursus* foi conservado até Leão X (papa de 1513 a 1521) que fixou em sua corte como secretário, entre outros, o célebre humanista Pietro Bembo. Este, cujo latim se distingue por sua elegância ciceroniana, livrou definitivamente a chancelaria romana dos últimos traços do estilo da Idade Média.

O estudo do *cursus* rítmico nos faz ultrapassar os limites da Idade Média. Mas, antes de terminar nossa exposição sumária, é ne-

cessário acrescentar algumas palavras sobre o desenvolvimento do latim durante os últimos séculos desta época.

Constatamos que são, sobretudo, as escolas episcopais que deram aos letrados dos séculos XI e XII a preparação lingüística minuciosa que permitiu o progresso brilhante da literatura latina deste período. Mas, a partir do século XIII, a situação mudou-se rapidamente. Nas universidades que substituíram, em número sempre crescente, as escolas episcopais, a dialética superou a gramática, os fatos atraíram o interesse dos estudantes muito mais que a forma elegante, abandonaram-se os autores clássicos para se entregarem ao estudo da Teologia, do Direito, da Medicina, da Filosofia e das ciências. Os próprios gramáticos mudaram de método. Eles já não se ocupavam mais em buscar o uso correto nos modelos antigos, mas tentavam resolver os problemas lingüísticos por meio de sua própria especulação. A finalidade da gramática deixou de ser o de facilitar o estudo das obras-primas da literatura latina, mas sim o servir de introdução ao estudo da Lógica. Disso resultou que o latim escolástico perdeu o contato com as belas letras e se tornou cada vez mais técnico.

A novidade que apresenta o latim, desde a fundação das universidades e da dominação da escolástica, aparece principalmente no vocabulário. A nova especulação tinha necessidade de uma nova terminologia para exprimir com precisão científica suas análises e seus raciocínios. Numerosos neologismos escolásticos tiveram uma fortuna durável, por exemplo, os termos abstratos *prioritas* e *superioritas* derivados de *prior* e *superior*, os verbos do tipo *organizare* e *specificare*, com os substantivos correspondentes *organizatio* e *specificatio*, uma grande quantidade de substantivos em *-alitas* derivados de adjetivos em *-alis*, como *actualitas*, *causalitas*, *formalitas*, *in-*

*dividualitas, potencialitas, proportionalitas, realitas, spiritualitas*, substantivos em *-ista* como *artista, iurista, decretista, occamista, thomista, scotista, platonista, latinista, humanista*.<sup>1</sup> Ainda dizemos *disputare pro et contra* ou *a priori, a posteriori*, expressões empregadas no ensino da dialética; uma compilação de sermões ainda é chamada em alemão *Postille*, do latim *postilla*, abreviação das palavras *post illa verba*, pelas quais se começavam nessa época a explicação de um texto. Outras inovações da escolástica foram mais efêmeras ou mudaram de sentido, como, por exemplo, *quodlibetum*, debate geral em que os auditores podiam propor qualquer problema, *quodlibet*, à análise dos professores, ou as formalizações pouco fantasistas do tipo *haecitas, ipseitas, talitas, quiditas, perseitas, velleitas, anitas* (resposta à questão *an sit aliquid*) etc. A vitória do aristotelismo introduziu um novo afluxo de helenismos. Santo Tomás de Aquino, por exemplo, introduziu vocábulos como *epicheia, eubolia, synderesis, theandrica*, expressões subjacentes de Aristóteles que explicam o emprego de vocábulos latinos como *habitus, accidens, forma, materia, intellectus agens* etc. Até mesmo do árabe se tomaram muitos vocábulos, alguns dos quais ainda têm uma descendência viva: *algebra, algorismus, cifra, alchimia, chimia, elixir, camphora* etc.

Mas estas são, sobretudo, a simplicidade da sintaxe e a monotonia do estilo que caracterizam o latim escolástico. Acrescentem-se novos argumentos por um *item*, um *amplius* ou um *praeterea*, repetidos ao infinito. A Lógica exigia uma precisão impecável das expressões latinas, mas não uma variação segundo as regras da retórica. Defendeu-se o emprego de imagens que animavam o estilo: a auste-

---

<sup>1</sup> Ver G. Billanovich, *Rivista di cultura classica e medioevale*, VII, 1965, p. 143 e ss.

ridade do pensamento exigia uma absoluta aridez estilística. Tomava-se do antigo francês o artigo *ly* para designar uma citação, para evitar toda possibilidade de equívoco. Assim se exprime Santo Tomás, falando do Filho, em seu tratado de Santíssima Trindade: *Melius est quod dicatur 'semper natus', ut ly 'semper' designet permanentiam aeternitatis et ly 'natus' perfectionem geniti.*<sup>1</sup>

O latim da escolástica é uma criação admirável. A língua que durante séculos havia sido cultivada pelos poetas e oradores, tinha plasticidade suficiente para ser remodelada a partir de exigências do novo movimento e se tornar um instrumento admirável ao serviço do pensamento dos lógicos e metafísicos. Mas estes, que haviam acostumado seus ouvidos à música da eloquência ciceroniana, achavam desagradável esse latim. Sua reação também foi violenta. Desde o século XIV, os amigos das letras se empenharam numa luta implacável contra o latim técnico da cultura dialética. Em seu entusiasmo pela beleza da literatura clássica, eles rejeitaram tanto a língua da escolástica como tudo que havia sido criado após a Antigüidade. Para Petrarca e seus partidários, somente os antigos produziram o modelo de uma eloquência latina. Depois de sua época, o estilo latino se degenerou durante um período de barbaria inaudita que era necessário abandonar o mais rápido possível para extrair a civilização romana de seu longo exílio.

---

<sup>1</sup> *Summa theologiae*, I a, q. 42, a. 3, ad 4um. Para o latim da escolástica, ver F. Blatt, *Fra Cicero til Copernicus*, Copenhagen, 1940, p. 127 e ss., M.-D. Chenu, *Introduction à l'étude de saint Thomas d'Aquin*, Montreal, 1950, p. 84 e ss., M. Hubert, *Quelques aspects du latin philosophique aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles*, *Revue des études latines*, XXVII, 1949, p. 211 e ss., idem, *Notes de latin médiéval*, *ibidem*, XXX, 1952, p. 307 e ss., A. M. Landgraf, *Dogmengeschichte der Frühcholastik*, Ratisbona, 1952, p. 20 e ss., L. Schutz, *Thomas-Lexicon*, Paderborn, 1895, R. J. Deferrari, I. Barry et J. J. McGuinness, *A Lexicon of St. Thomas*, Washington, 1949-1953.



Não podemos seguir aqui o jogo complicado cujo resultado foi o retorno das belas letras e a vitória das idéias da Renascença. O estudo aprofundado das fontes antigas estimulou o desenvolvimento intelectual e libertou as forças dinâmicas do humanismo de suas prisões. Mas, para o latim, o sucesso da Renascença foi desastroso. Os gênios da literatura renunciaram logo a se exprimirem numa língua em que a imitação era o princípio supremo e na qual o normativismo rigoroso quase não dava liberdade de expressão. Os sábios seguiram mais tarde o seu exemplo, quando descobriram as limitações do uso da língua escolar. Após a Renascença, o latim deixou de se desenvolver e sua história deixou de apresentar interesse do ponto de vista lingüístico, tornando-se o que se costuma chamar de língua morta.

Aí está uma imagem que facilmente se presta a equívocos. Frequentemente se tem discutido a questão de saber se o latim da Idade Média é uma língua morta, viva ou semiviva; discussão realmente pouco frutífera, pois a língua não é um organismo que nasce, cresce, se envelhece e morre, mas um meio de comunicação entre os homens, que pode funcionar bem ou mal.

Se examinarmos o latim medieval desse ponto de vista, poderemos imediatamente constatar os limites sociais de seu emprego. Desde o momento, variável segundo a região, em que o latim deixou de ser compreendido por todo o povo, seu uso passou a ser limitado a uma camada exclusiva da população. O latim já não era uma língua materna, mas uma língua escolar, cujos segredos eram inacessíveis à maior parte da sociedade. Por outro lado, o latim medieval já não conhece limites políticos. No império romano, o latim tinha sido uma língua nacional, cuja difusão ia junto com o da administração romana. Na Idade Média, seu sucesso vem do fato de ser ele a língua do

cristianismo ocidental. Foi a língua erudita não somente na antiga România, mas também na Irlanda, na Inglaterra, na Alemanha, na Hungria, na Polônia, nas regiões escandinavas. Em todas essas regiões, os sábios se serviram do latim, oralmente e por escrito, no ensino, nas diversas funções da vida política e administrativa, e nos conventos e igrejas. Nesses círculos, a vida da língua erudita não foi artificial. O latim seguiu o desenvolvimento da civilização, incorporando os vocábulos necessários para exprimir as novas idéias e adotando uma estrutura mais simples. Essa atitude do latim medieval, de se transformar a partir das necessidades dos homens, mostra-se sobretudo em dois domínios: na lírica e na escolástica. Na mesma época em que se construía as grandes catedrais, quando Leonino, Pérotin e outros mestres criavam a música polifônica, os autores compuseram poemas latinos que, pela riqueza de sua forma e de sua sonoridade, fazem época na literatura ocidental. A revolução lingüística da escolástica foi tão imponente, embora tenha sido orientada noutra direção, para a precisão lógica e exatidão monótona que exigia o ensino das universidades. Tanto num caso quanto noutro, o latim medieval mostrou sua capacidade de servir de meio de expressão, artística ou técnica segundo as necessidades.

O estudo da língua latina da Idade Média ainda se encontra em seus primeiros passos. Depois da Renascença, é a literatura antiga que se fez objeto preferido das investigações dos sábios. Ora, essa literatura já é resultado de uma atividade crítica: ao fim da Antigüidade, somente as obras julgadas dignas de serem preservadas e que representavam algum interesse da época foram transcritas do papiro para o pergaminho. A literatura da Idade Média nunca foi depurada. Sua extensão é enorme, a maior parte dela foi estudada de maneira superficial, bastantes domínios ainda permanecem desconhecidos, a

produção artística está freqüentemente submergida pela maré das obras sem interesse. É uma tarefa urgente e frutífera que se comece o estudo de uma matéria tão pouco explorada. Mas é necessário, primeiramente, preparar os instrumentos indispensáveis, sem os quais toda a tentativa de penetrar nesse domínio é destinada ao fracasso.

## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

**A maior parte dos textos citados encontra-se nas seguintes grandes coleções:**

*Analecta Hymnica* = C. Blume, G. M. Deves, H. Bannister, *Analecta hymnica mediæ aevi*, I-LV, Leipzig, 1886-1922 (citamos os números dos poemas).

*Corpus Christianorum*, I-. Turnhout, 1953- DIEHL, E. *Inscriptiones Latinae Christianae veteres*, I-III. Berlim, 1924-1930.

MIGNE. *Patr. Lat.* = *Patrologiae cursus completus. Series Latina.*

MGH = *Monumenta Germaniae Historica, Auct. ant.* = *Auctores antiquissimi.*

*Dipl. karolin.*, I = *Die Urkunden der Karolinger*, I.

*Epist.* = *Epistolae.*

*Leg. sect.* = *Legum sectiones.*

*Mer.* = *Scriptores rerum Merovingicarum.*

*PAC* = *Poetae aevi Carolini.*

*Script.* = *Scriptores.*

THUROT, Ch. *Notices et extraits de divers manuscrits latins pour servir à l'histoire des doctrines grammaticales au moyen âge*. Paris, 1869.

WALTHER, H. *Proverbia sententiaeque Latinitatis medii aevi*. Goettingue, 1963-

**Para os outros textos citados serão encontradas indicações bibliográficas suficientes nas notas de pé de página.**

**O léxico do latim medieval tem sido objeto de numerosos estudos. Citaremos os títulos dos dicionários mais importantes nas notas das páginas 68 e 69, quando estaremos tratando do "latim medieval após o ano 1000". Os manuais e tratados que mencionaremos mais frequentemente são os seguintes:**

BASTARDAS PARERA, J. *El latín medieval hispánico*, *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I. Madri, 1959, p. 251-290.

———. *Particularidades sintácticas del latín medieval*. Barcelona, 1953.

BECKMANN, G. A. *Die Nachfolgekonstruktionen des instrumentalen Ablativs im Spätlatein und im Französischen*. Tubingue, 1963.

BONIOLI, M. *La pronuncia del latino nelle scuole dell'Antichità al Rinascimento*, I. Turim, 1962.

BOURCIEZ, E. *Éléments de linguistique romane*. 5ª ed. Paris, 1967.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *El latín de la península ibérica, Rasgos lingüísticos*, *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I. Madri, 1959, p. 153-197.

———. *El latín de la liturgia hispánica, Estudios sobre la liturgia mozárabe*. Madri, 1965, p. 55-87.

ELFVING, L. *Étude lexicographique sur les séquences limousines*. Estocolmo, 1962.

FICKERMANN, N. *Thietmar von Merseburg in der lateinischen Sprach-tradition, Jahrbuch für die Geschichte Mittel- und Ostdeutschlands*, VI, 1957, p. 21-76.

HALVARSON, K. *Bernardi Chuniacensis Carmina De trinitate et de fide catholica, De castitate servanda, In libros regum, De octo vitiis*. Estocolmo, 1963.

HOFMANN-SZANTYR = HOFMANN, J. B. *Lateinische Syntax und Stilistik*. 2ª ed. por A. Szantyr. Munique, 1965.

LEHMANN, P. *Erforschung des Mittelalters*, I-IV. Stuttgart, 1959-1962.

LINDHOLM, G. *Studien zum mittellateinischen Prosarhythmus*. Estocolmo, 1963.

LÖFSTEDT, B. *Studien über die Sprache der langobardischen Gesetze*. Upsala, 1961.

———. *Der hibernolateinische Grammatiker Malsachanus*. Upsala, 1965.

LÖFSTEDT, E. *Late Latin*, Oslo, 1959.

———. *Syntactica*, I-II, Lund, 1933-1942.

———. *Vermischte Studien zur lateinischen sprachkunde und Syntax*, Lund, 1936.

MEYER, W. *Gesammelte Abhandlungen zur mittellateinischen Rhythmik*, I-III. Berlin, 1905, 1936.

MOHRMANN, Chr. *Études sur le latin des chrétiens*, I-III. Roma, 1958-1965.

NORBERG, D. *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins*. Upsala, 1943.

———. *Beiträge zur spätlateinischen Syntax*. Upsala, 1944.

———. *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*. Estocolmo, 1958.

———. *La poésie latine rythmique du haut moyen âge*. Estocolmo, 1954.

ÖBERG, J. *Serlon de Wilton, Poèmes latins*, Estocolmo, 1965.

RICHÉ, P. *Éducation et culture dans l'Occident barbare, VI<sup>e</sup>- VIII<sup>e</sup> siècles*. 2<sup>a</sup> ed. Paris, 1967.

THORSBERG, B. *Études sur l'hymnologie mozarabe*. Estocolmo, 1962. VÄÄNÄNEN, V. *Introduction au latin vulgaire*. 2<sup>a</sup> ed. Paris, 1967.

WESTERBERGH, U. *Chronicon Salernitanum, A Critical Edition with Studies on Literary and Historical Sources and on Language*. Estocolmo, 1956.

Dag Norberg

MANUAL PRÁTICO  
DE LATIM MEDIEVAL

(II – TEXTOS ESCOLHIDOS)

Tradução: *José Pereira da Silva*

Rio de Janeiro  
CiFEFiL  
2007



## INTRODUÇÃO

.....

Nossa seleção de textos é mais passível de críticas. Alguns perguntarão por que não demos exemplos do estilo tão original de um São Bernardo ou de um Tomás Kempis, outros, por que não estudamos mais detidamente os traços locais dos textos medievais etc. Poderão ser preenchidos facilmente vários volumes sem se conseguir esgotar o assunto. Nossa finalidade foi mais modesta. Não nos propusemos a apresentar uma antologia da literatura medieval, mas a colocar em evidência as diversas fases da língua deste período e a apresentar ao leitor alguns conhecimentos gerais a partir dos quais poderá prosseguir com estudos especializados. Mesmo neste ponto de vista, aliás, todo manual continuará sempre mais ou menos imperfeito.

.....

## II. TEXTOS ESCOLHIDOS

### *1. Cristianismo e paganismo na Gália (um sermão de São Cesário de Arles)*

No início do século VI, as crenças pagãs estavam sempre vivas na Gália, sobretudo no campo. Os bispos se esforçavam para extirpar os antigos hábitos, instruir as massas urbanas e organizar as igrejas rurais.<sup>1</sup> Os sermões de São Cesário, bispo de Arles de 503 a 543, dão-nos preciosos ensinamentos a esse respeito.

Para ser compreendido pelo povo, São Cesário se exprime num estilo simples e claro. Ele mesmo diz sobre esse assunto: "Se quisermos expor-lhes a Escritura na ordem e no estilo dos Santos Padres, o alimento espiritual poderia chegar a alguns letrados, mas a grande massa ficaria faminta. Eu peço, pois, humildemente, que os ouvidos dos eruditos se contentem por suportar minhas expressões rústicas sem se lamentarem, para que todo o rebanho do Senhor possa receber o alimento celeste numa linguagem simples e familiar."<sup>2</sup> É necessário deixar claro que a população a que se dirigia São Cesário falava sempre latim e não uma língua românica ou proto-românica.

---

<sup>1</sup> Ver P. Riché, *Éducation et culture dans l'Occident barbare*, p. 131 e ss.

<sup>2</sup> Césaire, *Serm.*, LXXXVI, *Corpus Christianorum*, CIII, p. 353.

Certamente, esse latim não era mais aquele de Cícero e de sua época; além do mais, os textos escritos não podem dar uma idéia completa do que era a língua falada. Apesar de tudo, a estrutura dessa língua era latina. O latim que podemos estudar nos sermões de São Cesário é a última fase do latim vivo na Gália.<sup>1</sup> Nós, portanto, escolhemos o sermão vivo como ponto de partida para nossa excursão no domínio do latim medieval.<sup>2</sup>

*Rogo vos, fratres carissimi, ut adtentius cogitemus quare christianiani sumus<sup>3</sup>, et crucem Christi in fronte portamus. Scire enim debemus quia<sup>4</sup> non nobis sufficit quod nomen christianum accepimus, si opera christiana non fecerimus... Omni die dominico<sup>5</sup> ad*

---

<sup>1</sup> Cf. nosso artigo *A quelle époque a-t-on cessé de parler latin en Gaule? Annales*, XXI, 1966, p. 346 e ss.

<sup>2</sup> Césaire, *Serm.*, XIII, *Corpus Christianorum*, CIII, p. 64 e ss.

<sup>3</sup> **quare... sumus.** SINTAXE - O latim arcaico emprega, freqüentemente, o indicativo nas interrogativas indiretas. Este uso ainda permanece vivo na língua falada, apesar das regras da gramática clássica e dos textos tardios que apresentam numerosos exemplos. Nesse sermão, Cesário escreve assim à linha 45 *videte qualis est* e à linha 47 *considerate si est*. (Nós nos referimos diversas vezes às linhas em que determinados fatos se documentam, mas isto só será possível determinar num texto formatado para edição impressa ou em formato protegido).

<sup>4</sup> **scire... quia.** SINTAXE - A oração infinitiva, tão característica do latim clássico, foi cedo suplantada na língua falada por uma completiva introduzida por *quia* ou *quod* (por vezes também *quoniam*). Esse tipo de oração divulgada nos textos literários de uma época tardia, sob a influência da Bíblia, na qual os tradutores se apoiaram na construção grega correspondente. É assim que Cesário escreve aqui às linhas 26 *videte quia*, 55 *credam quod*, 61 *denuntiantes quod*, 68 *dicite quia*, 69 *audivimus quod*, 71 *contestamur quia*, a maior parte do tempo com o indicativo na oração subordinada. Em nosso texto, Cesário emprega a oração infinitiva somente após *agnoscitis* (linha 57), *videtis* (linha 64), *cognoveritis* (linha 77).

<sup>5</sup> **die dominico.** SINTAXE - O uso antigo do adjetivo no lugar do genitivo possessivo se encontra em certas fórmulas como *erilis filius* = *eri filius* "le fils du maître de la maison". Do mesmo modo, no latim dos cristãos, *dominicus dies*, *dominica oratio*

*ecclesiam<sup>1</sup> convenite: si enim infelices Iudaei tanta devotione celebrant sabbatum, ut in eonulla opera terrena exerceant, quanto magis christiani in die dominico soli Deo vacare et pro animae suae salute debent ad ecclesiam convenire? Quando ad ecclesiam convenitis, pro peccatis vestris orate: nolite rixas committere, nolite lites et scandala concitare; qui ad ecclesiam veniens haec fecerit, ibi se litigando vulnerat, ubi se orando sanare potuerat. In ecclesia stantes nolite verbosare<sup>2</sup>, sed lectiones divinas patienter audite: qui enim in ecclesia verbosare voluerit, et pro se et pro aliis malam*

---

etc. Para designar o domingo, emprega-se mais freqüentemente a expressão inteira *dies dominicus* ou *dies dominica*. Mas também se chega a suprimir o substantivo, dizendo somente *dominicus* ou *dominica*. A variação de gênero se reflete nas línguas românicas: francês *le dimanche*, espanhol *el domingo*, mas italiano *la domenica*. Emitiu-se a hipótese (G. Rohlfs, *Die lexikalische Differenzierung der romanischen Sprachen*, Munique, 1954, p. 25 e ss.) de que o feminino se reportou à vitória nas partes da Românica que estavam particularmente expostas à influência do grego, cujo vocábulo correspondente é sempre feminino.

<sup>1</sup> **ecclesiam.** LEXICOGRAFIA - É evidente que o sermão de Cesário apresenta um bom número de cristianismos lexicológicos. Alguns são empréstimos tomados da língua grega, como por exemplo, *ecclesia*, cuja acentuação latina (*ecclésia* e não *ecclesia*) parece indicar que o vocábulo passou ao latim antes do desaparecimento da quantidade das vogais. Podem ser destacados em nosso texto outros vocábulos de origem grega *presbyter*, *diabolus*, *baptismus* e *scandalum*, e é do hebraico que vem, por intermédio da Bíblia, *sabbatum*. Mas, mesmo os vocábulos latinos que encontramos aqui estão carregados de um novo conteúdo semântico. *Peccatum* não significa mais qualquer erro, mas uma falta contra a lei divina, um pecado, e podemos mesmo constatar uma modificação semântica devida à ideologia cristã em vocábulos como *infelix*, *miser*, *fideliter*, *paenitentia*, *oratio*, *indulgentia*, *devotio*, *salus*, *regnum*. O novo significado salta aos olhos nas expressões *corpus et sanguis Christi*, *oleum benedictum*, *baptismi sacramentum*, *crux Christi*, *lectio divina*, *verbum Dei*, que dizem respeito ao culto e aos ritos cristãos.

<sup>2</sup> **verbosare.** LEXICOGRAFIA - No latim tardio criou-se *verbosari* ou *verbosare* derivado de *verbosus* da mesma maneira que *anxiari* o é de *anxius*, e *iucundari* de *iucundus*. Já chamamos a atenção para o fato de que os depoentes foram eliminados da língua falada. Isto porque Cesário admite aqui a forma ativa, enquanto que manteve em outros lugares a forma passiva. *In ecclesia stantes... nolite invicem verbosari*, diz ele, por exemplo num outro sermão em que pretende que são sobretudo as mulheres que se dão a tagarelar.

*redditurus est rationem, dum verbum Dei nec ipse audit, nec alios audire permittit. Decimas de fructiculis<sup>1</sup> vestris ad ecclesiam reddite. Qui fuit<sup>2</sup> superbus, sit humilis; qui erat adulter, sit castus; qui solebat furtum facere vel res alienas invadere, etiam de propria substantia incipiat pauperibus erogare. Qui fuit invidus, sit benignus; sit patiens, qui fuerat iracundus; qui fecit iniuriam, cito veni-*

---

<sup>1</sup> **fructiculis.** LEXICOGRAFIA - *Fructiculus*, que parece ser uma criação de Cesário, significa "pequeno fruto". Mesmo a uma data mais tardia, os diminutivos conservaram freqüentemente seu sentido próprio, assim quando os ricos qualificam sua fortuna de *pecuniola*, *acquisitulum*, *sorticellula* etc., ou quando os grandes autores qualificam suas obras de *exiguitatis meae munusculum* (Cf. T. Janson, *Latin Prose Prefaces*, Estocolmo, 1964, p. 146). Por outro lado, podem ser encontrados exemplos desde a época clássica em que os diminutivos efetivamente perderam seu sentido original. Varrão, contemporâneo de Cícero, não faz diferença entre *auris* e *auricula* quando diz *auriculis magnis*. Esse é o uso do latim falado como o mostram, por exemplo, o francês *oreille* < *auricula*, *soleil* < *soliculus*, *oiseau* < *avicellus*.

<sup>2</sup> **fuit-erat-fuerat.** ESTILÍSTICA - Não se vê por que Cesário escolheu ora *fuit*, ora *erat*. O emprego do mais-que-perfeito no lugar do imperfeito - uso que já se encontra na época clássica - provém, entretanto, de uma tendência a terminar os períodos por certa cláusula rítmica: *fúerat iracúndus* dá um *cursus velox*. Com efeito, constata-se com espanto que o bispo de Arles, depois de ter declarado que não se ocupava da retórica dos letrados, procura exprimir-se numa prosa rítmica conforme as regras de sua época. Noutro texto, encontramos assim, diante de uma pausa marcada por uma pontuação forte, 16 vezes um *cursus planus*, 10 vezes um *cursus tardus*, 16 vezes um *cursus velox*. Duas vezes somente, o autor empregou formas não recomendadas: linha 38 *loqui studeant* e linha 68 *baptismi sacramentum*. Mas é bem possível que Cesário tenha pronunciado *loqui estudeant* e tenha acentuado *báptismi sacraméntum* e que se tratasse, em realidade, de duas formas regulares de *cursus tardus* e de *cursus velox*. Estudaremos mais adiante esses fenômenos lingüísticos.

De um ponto de vista acentual, as cláusulas de nosso sermão são, pois, todos ou quase todos irrepreensíveis. Mas Cesário observou freqüentemente a quantidade das cláusulas. Ele formou, por exemplo, 10 vezes as cláusulas de *cursus planus* de um crético seguido de um troque: *in fronte portamus* etc., 6 vezes ele ultrapassou as regras da quantidade: *observatione remansit* (cláusula heróica) etc. O *cursus tardus* é constituído 4 vezes regularmente de um dicrético, 6 vezes de formas américas, o *cursus velox*, 13 vezes de um ditroque precedido de um proparoxítono, 3 vezes de um dispondeu. Esses números são insuficientes para permitir uma conclusão segura. Mas uma estatística mais vasta - que não temos necessidade de fornecer aqui - conduz ao mesmo resultado: veríamos em Cesário os restos do sistema quantitativo em vias de substituição pelo sistema acentual ou rítmico da Idade Média.

*am petat; cui iniuria facta est, cito dimittat. Quotiens aliqua infirmitas supervenerit, corpus et sanguinem Christi ille qui aegrotat accipiat; oleum benedictum a presbyteris humiliter ac fideliter petat, et inde corpusculum suum ungueat, ut illud quod scriptum est impleatur in eo: "Infirmatur aliquis? Inducat presbyteros, et orent super eum unguentes eum oleo: et oratio fidei salvabit infirmum, et adlevabit eum Dominus; et si in peccatis sit, dimittuntur ei." (Jac. 5,14 s.) Videte, fratres, quia qui in infirmitate ad ecclesiam currit, et corporis sanitatem recipere, et peccatorum indulgentiam merebitur obinere. Cum ergo duplicia bona possimus in ecclesia invenire, quare per praecantatores, per fontes et arbores et diabolica fylacteria, per caraios aut aruspices et divinos vel sortilogos multiplicia sibi mala miseri homines conantur inferre?*

*Sicut iam supra diximus, filios et omnes familias vestras admonete semper, ut caste et iuste ac sobrie vivant; nec solum eos verbis sed etiam exemplis ad bona opera provocate. Ante omnia, ubicumque fueritis, sive in domo, sive in itinere, sive in convivio, sive in concessu<sup>1</sup>, verba turpia et luxuriosa nolite ex ore proferre: sed magis vicinos et proximos vestros iugiter admonete, ut semper quod bonum est et honestum loqui studeant; ne forte detrahendo, male loquendo, et in sanctis festivitatibus choros ducendon cantica luxuriosa et turpia proferendo, de lingua sua, unde deberent Deum*

---

<sup>1</sup> **in concessu.** LEXICOGRAFIA - Temos aqui duas antíteses: *in itinere* é o oposto de *in domo*, e *in concessu* deve, portanto, ser o oposto de *in convivio* e significar "na solidão". É um sentido desse vocábulo que não se encontra nos léxicos, mas que se explica facilmente, visto que o verbo *concedere* pode substituir *secedere*. Santo Hilário de Poitiers escreve, por exemplo, *in desertum concedit* explicando Mateus 14,13 *secessit inde in navicula in locum desertum seorsum*.

*laudare, inde sibi vulnera videantur infligere*<sup>1</sup>. *Isti enim infelices et miseri, qui ballationes*<sup>2</sup> *et saltationes ante ipsas basilicas sanctorum exercere nec metuunt nec erubescunt et si christiani ad ecclesiam veniunt, pagani*<sup>3</sup> *de ecclesia revertuntur, quia ista consuetudo ballandi de paganorum observatione remansit. Et iam videte qualis est ille christianus, qui ad ecclesiam venerat orare*<sup>4</sup>, *et neglecta ora-*

---

<sup>1</sup> **videantur infligere.** ESTILÍSTICA - Na prosa tardia, o passivo *videri* é, freqüentemente, um auxiliar sem valor próprio, que é empregado para formar cláusulas. Aqui, os vocábulos *videantur infligere* dão uma excelente cláusula (um dicrético = *cursus tardus*), mas na qual consiste o sentido, pois *infligant* teria sido suficiente. Noutros sermões, Cesário prefere igualmente as cadências rimadas *successores esse videmur* e *similitudinem illarum molarum habere videtur* (dois casos de *cursus planus*) às expressões simples *successores sumus* e *similitudinem illarum molarum habet*. Noutros autores tardios se encontram, no mesmo emprego: *nosci, dinosci, cognosci, probari, comprobati, monstrari, inveniri* e ainda outros verbos.

<sup>2</sup> **ballationes.** LEXICOGRAFIA - O vocábulo *ballare* que é um empréstimo do grego BALLÍTSEIN apareceu pela primeira vez em Santo Agostinho, que se lamenta dos povos que vêm às festas dos mártires para "se embriagar, dançar, cantar canções indecentes e conduzir danças de roda à maneira do diabo" (Augustin, *Serm.*, CVI, 2). Vemos que estas são as próprias superstições que persistiam na Gália à época de Cesário.

<sup>3</sup> **pagani.** LEXICOGRAFIA - Tentou-se explicar de várias maneiras a evolução semântica do vocábulo *paganus* que adotou o sentido de "pagão". Alguns sábios pensaram que era necessário partir do sentido de "camponês", que já é uma explicação de Orósio, que escreveu a Santo Agostinho, por volta de 418, que "os que não pertencem à cidade de Deus são chamados de pagãos (*pagani*) a partir das encruzilhadas e das aldeias do campo", *ex locorum agrestium compitis et pagis pagani vocantur* (Orose, *Hist.*, I, prol., 9). Outros pensam que é antes a oposição entre *milites Christi* e *pagani*, "os civis", que forma o ponto de partida - suposição bastante verossímil. Com efeito, *paganus* já é empregado com certo tom pejorativo em Tácito, que diz em suas *Histoires*, III, 24: *mox infensus praetorianis "vos" inquit "nisi vincitis pagani"*, "em seguida, ele se dirigiu aos pretorianos com censuras cruéis: se não alcançardes novamente a vitória, sereis pequenos burgueses". O vocábulo já tinha, portanto, um valor afetivo quando os cristãos começaram a empregá-lo para designar seus adversários (Ver E. Löfstedt, *Late Latin*, p. 75 e ss.).

<sup>4</sup> **venerat orare.** SINTAXE - Os verbos de movimento são seguidos, freqüentemente, de um infinitivo na língua falada, fenômeno que aparece desde a época arcaica e subsiste ainda hoje como o mostra a frase de Plauto *venerat aurum petere* e sua tradução francesa "il était venu réclamer son or" (ele veio reclamar seu ouro). A prosa clássica recusava essa construção, mas em textos tardios são encontrados freqüente-

*tionē sacrilegia paganorum non erubescit ex ore proferre. Considerate tamen, fratres, si<sup>1</sup> iustum est ut ex ore christiano, ubi corpus Christi ingreditur, luxuriosum canticum quasi venenum diaboli proferatur. Ante omnia, quicquid vultis vobis ab aliis fieri<sup>2</sup>, hoc aliis facile; quod vobis non vultis fieri, nulli alii feceritis. Quam rem si volueritis implere, ab omni peccato potestis vestras animas liberare: quia et qui litteras non novit, istas<sup>3</sup> duas sententias memoriter tenere, et cum Dei adiutorio operibus et potest et debet implere.*

*Et licet credam quod illa infelix consuetudo, quae de paganorum profana observatione remansit, iam vobis castigantibus de locis istis fuerit Deo inspirante sublata, tamen si adhuc agnoscitis aliquos illam sordidissimam turpitudinem de annicula vel cervulo<sup>4</sup>*

---

mente exemplos do tipo *vadam adhortare eos* ou *fuimus* (isto é *profecti sumus*) *visitare Romam* (Lib. Hist. Franc., 15, MGH, Mer., II, p. 262,34, e *Vita Landiberti*, 24, *ibid.*, VI, p. 377,2).

<sup>1</sup> **Si** interrogativo. SINTAXE - *Considerate si iustum est* é uma construção absolutamente normal em baixo latim. Em Cícero, o emprego de *si* interrogativo é uma exceção, restrita a algumas frases particulares, sempre seguidas de um subjuntivo.

<sup>2</sup> **quicquid vultis vobis fieri**. ESTILÍSTICA - É no Sermão sobre a montanha que o autor recolheu esses vocábulos. As palavras de Jesus influenciaram, desse modo, o estilo de Cesário. A *beati pauperes* etc., correspondem em Cesário linha 74 *infelices et miseri* etc. Os preceitos de Jesus são expressos por imperativos ou por *nolite*, assim como em Cesário.

<sup>3</sup> **istas**. SINTAXE - Sabe-se que havia no latim clássico uma diferença muito clara entre os pronomes demonstrativos. À época imperial, essas diferenças se tornam cada vez mais apagadas. *Hic* e *ille* se enfraquecem e tendem a substituir *is* como pronome anafórico; mais tarde, *ille* se torna pronome pessoal ou artigo definido na língua falada da Idade Média. *Iste* e *ipse* tomam, freqüentemente o sentido de *hic*, *ipse* pode também substituir *idem*. Em nosso texto, *iste* serve de demonstrativo da primeira pessoa às linhas 52 (*istas duas sententias = has duas sententias*) e 56 (*de locis istis = "de nossa região"*).

<sup>4</sup> **turpitudinem de annicula vel cervulo**. LEXICOGRAFIA - A partir de *anus,us* "a velha", são criados os diminutivos *anula*, *anulla*, *anicula* e *anicilla*. Podem ser comparados os derivados correspondentes de *anus,i* "anel": *anulus* e *anellus*. Sob a in-



*exercere, ita durissime castigate, ut eos paeniteat rem sacrilegam commisisse. Et si, quando luna obscuratur<sup>1</sup>, adhuc aliquos clamare cognoscitis, et ipsos admonete, denuntiantes eis quod grave sibi peccatum faciunt, quando lunam, quae Deo iubente certis temporibus obscuratur, clamoribus suis ac maleficiis sacrilego ausu se defendere posse confidunt. Et si adhuc videtis aliquos aut ad fontes aut ad arbores vota reddere, et, sicut iam dictum est, caraios<sup>2</sup> etiam et divinos vel praecantatores inquirere, fylacteria etiam diabolica, characteres aut herbas vel sucinos<sup>3</sup> sibi aut suis adpendere, duris-*

---

fluência de *annus*, i "ano" e do adjetivo *anniculus*, "de um ano", escrevia-se frequentemente *annulus*, *annellus* e mesmo *annicula*.

Compreendem-se melhor as palavras de Cesário, se se comparar um outro sermão sobre a festa de ano novo: "É possível crer que há homens de bom senso que se fingem de animais selvagens, tomando o aspecto de um cervo (*cervulum facientes*)? Uns se envolvem de peles, outros se cobrem da cabeça dos animais... E há algo mais vergonhoso do que ver homens vestir túnicas de mulheres?" No final do mesmo século, foi decretado num concílio de Auxere: *Non licet kalendis Ianuarii vecola aut cervolo* (isto é *vetulam aut cervulum*) *facere* (<sup>4</sup> *Corpus Christianorum*, CIV, p. 780 e ss., e CXLVIII A, p. 265,1. A leitura *vecola*, que o editor rejeitou, remonta ao arquétipo, sem dúvida alguma. Para o desenvolvimento *vetulus* > *veclus* > italiano *vecchio*, francês *vieux* etc., ver V. Väänänen, *Introduction au latin vulgaire*, p. 44). Ainda no século VII, Santo Elói pregou: *nullus in Kalendas Ianuarii nefanda et ridiculosa, vetulas aut cervulos vel iotticos* (talvez *idioticos*) *faciat* (*Vita Eligii*, II,16, *MGH, Mer.*, IV, p. 705,13. Ver o artigo *Romanischer Volksglaube um die Vetula* em G. Rohlf's, *An den Quellen der romanischen Sprachen*, Halle, 1952), e a repetição da mesma interdição em outros autores mostra que essas crenças populares estavam profundamente enraizadas.

<sup>1</sup> **obscuratur**. LEXICOGRAFIA - Não se trata do eclipse da lua, mas de seu declínio e dos ritos pagãos nas calendas para fazer voltar a nova lua.

<sup>2</sup> **caraios**. LEXICOGRAFIA - Não há etimologia segura desse vocábulo que se encontre em qualquer texto do fim da Antigüidade e da Alta Idade Média sob as formas de *caragius*, *caragus* e *caraius*. De qualquer modo, os *caraii* eram uma espécie de bruxos, como os *divini* e os *praecantatores*.

<sup>3</sup> **fylacteria, characteres, herbas, sucinos**. LEXICOGRAFIA - Quando os padres pregam contra as superstições pagãs, eles falam, às vezes, do uso de amuletos e de sinais mágicos; Santo Ambrósio combate, por exemplo, os *qui confidunt in phylac-*

*sime increpantes dicite quia, quicumque fecerit hoc malum, perdit baptismi sacramentum. Et quia audivimus quod aliquos viros vel mulieres ita diabolus circumveniat, ut quinta feria<sup>1</sup> nec viri opera faciant, nec mulieres laneficium, coram Deo et angelis eius contestamur quia, quicumque hoc observare voluerint, nisi per prolixam et duram paenitentiam tam grave sacrilegium emendaverint, ubi arsurus est diabolus, ibi et ipsi damnandi sunt<sup>2</sup>. Isti enim infelices et miseri, qui in honore Iovis quinta feria opera non faciunt, non dubito quod ipsa opera die dominico facere nec erubescant nec metuant. Et ideo quoscumque tales esse cognoveritis, durissime castigate; et si se emendare noluerint, nec ad conloquium nec ad convivium vestrum eos venire permittite: si vero ad vos pertinent, etiam flagellis caedite, ut vel plagam corporis timeant, qui de animae suae salute non cogitant. Nos enim, fratres carissimi, cogitantes periculum nostrum paterna vos sollicitudine admonemus: si nos liben-*

---

*terius et characteribus.* Contra as doenças diversas, serviam-se também de talismãs confeccionados com ervas ou âmbar, como podemos ver em Plínio, o Velho.

<sup>1</sup> **quinta feria.** LEXICOGRAFIA - Na época imperial, os dias da semana eram chamados *dies Solis, Lunae* (ou *Lunis* por analogia com os outros nomes; cf. por exemplo, o espanhol *lunes*), *Martis, Mercuri* (ou *Mercuris*; cf. espanhol *miércoles*), *Iovis, Veneris, Saturni* (ou *Saturnis*), como podemos ver nas inscrições (Ver E. Diehl, *Inscriptiones Latinae Christianae Veteres*, III, p. 311) e em outras fontes. Os bispos faziam grandes esforços para extirpar este costume. "Não digamos jamais 'mardi', 'mercredi' ou 'jeudi', mas o primeiro, segundo e terceiro dia da semana (*primam feriam* etc.)", escreve Cesário num sermão. Mas seu sucesso foi apenas parcial. Eles foram bem sucedidos em substituir o primeiro e o último nome por *dominicus* (*dominica*) e *sabbatum*, mas os outros nomes permanecem ainda em toda a România, exceto em Portugal.

<sup>2</sup> **dammandi sunt.** SINTAXE - No latim tardio e medieval, a paráfrase *dammandus sum* tomou o sentido de um futuro passivo. Esse uso pode ser ilustrado por um refrão de um *Versus de poenitentia*, em que se diz da alma do pecador: *aeternis es torquenda cruciantibus*. Às vezes, o adjetivo em *-ndus* serve também de participio presente passivo. Isto porque se diz num outro refrão *in terra ponendus eris* para exprimir o sentido de futuro. (*MGH, PAC, IV, p. 605,1 e p. 496,2*).

*ter auditis, et nobis facitis gaudium, et vos feliciter pervenietis ad regnum. Quod ipse praestare dignetur, qui cum Patre et Spiritu sancto vivit et regnat in saecula saeculorum. Amen.*

[TRADUÇÃO]

Rogo-vos, caríssimos irmãos, peçamos-nos com mais insistência porque somos cristãos e levamos na frente a cruz de Cristo. Devemos saber que não basta termos recebido o nome de cristãos, se não nos comportamos como cristãos... Todos os domingos, deveis ir à igreja. Se os miseráveis judeus celebram seu sábado com uma devoção tão grande que não fazem nada de material naquele dia, não é com que mais forte razão os cristãos devem, no dia do Senhor, se consagrar unicamente a Deus e se reunirem na igreja para a salvação de sua alma? Quando vindes à igreja, pedi por vossos pecados. Não provoqueis discussões, não vos disputeis, não deis maus exemplos. Quem faz isto quando vem à igreja, fere-se a si mesmo com suas querelas, quando poderia ter-se curado por suas preces. Quando estiverdes na igreja, não sejais indiscretos, mas ouvi com paciência o texto da Escritura: porque o que tiver preferido tagarelar na igreja levará a responsabilidade disso por si mesmo e pelos outros, porque não escuta a palavra de Deus nem permite que os outros a escutem. Pagueis à igreja os dízimos de vossos ganhos. Que o orgulhoso seja humilde e a adúltera casta. Que aquele que gostava de roubar e apoderar-se dos bens de seu próximo, meta-se a tirar de sua própria fortuna para fazer generosidades aos pobres. Que o invejoso seja cordial e o irascível paciente. Quem cometeu injustiça deve logo pedir perdão, quem sofreu uma injustiça, logo perdoar. Em caso de má saúde, o doente deve receber o corpo e o sangue de Cristo e pedir aos pa-

dres, com humildade e fervor, o óleo bento para ungir com ele seu corpo, para que se cumpra em si a palavra: *"Alguém entre vós está doente? Chame os anciãos da igreja e lhes peça para si, que seja ungido com o óleo. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o levantará; e se tiver cometido pecados, eles lhe serão perdoados"*. Vede, meus irmãos, que o doente que se empenha em ir à igreja ganhará a saúde do corpo e a remissão de seus pecados. Portanto, já que podemos encontrar duas espécies de bens na igreja, por que há miseráveis que tentam atrair a si mil sortes de infelicidades por meio de encantadores, mágicos, arúspices, adivinhos e feiticeiros?

Como já dissemos acima, admoestai sempre vossos filhos e todas as vossas famílias para que vivam casta, justa e sobriamente, instigai-os às boas obras por meio de vossos exemplos e exortações. Sobretudo, onde estiverdes, em vossas casas ou em viagem, num festim ou na solidão, não tenhais jamais na boca palavras indecentes ou obscenas, antes, convideis incessantemente vossos vizinhos e vossos próximos a procurar a correção e a honestidade em seus propósitos, de modo que sua língua, que deveria louvar a Deus, não lhe inflija ofensas, se caluniam e maldizem, dançam e entoam canções impudicas e obscenas durante as festas sagradas. Porque os que dançam sem crença e sem se enrubescer justamente diante das igrejas dos santos são uns infelizes, uns miseráveis. Se eles próprios vêm cristãos à igreja, voltam dela pagãos, porque o costume de dançar é um resíduo do culto pagão. Vede já o que vale esse cristão que, veio à igreja para rezar, renega a oração e não hesita em proferir as fórmulas sacrílegas dos pagãos; considerai do mesmo modo, meus irmãos, se é justo que dessa boca cristã em que penetra o corpo de Cristo, saia uma canção obscena, uma espécie de veneno diabólico. Sobretudo, fazei aos outros o que quereis que vos seja feito e não façais a ninguém o que

não quereis que vos seja feito. Praticando esse mandamento, podeis libertar vossa alma de todo pecado, porque mesmo aquele que não sabe ler pode ter esses dois preceitos presentes no espírito e, com a ajuda de Deus, pode e deve realizá-los em sua vida.

Eu estou bem persuadido de que, guiados por Deus, vós tendes sabido corrigir e fazer desaparecer desses lugares este costume funesto, resto do culto ímpio dos pagãos, todavia se vós ainda conheceis pessoas que se acusam da mais repulsiva das manchas, disfarçando-se em mulher velha ou em cervo, reservai-lhes um corretivo tão severo que eles se arrependam de ter cometido um sacrilégio. E se vós sabeis que alguém tem conservado o hábito de uivar quando a lua está em seu declínio, repreendei-os a eles mesmos, mostrando-lhes que eles cometem um pecado grave, ao imaginarem que podem, por seus uivos ou seus malefícios de uma audácia sacrílega, socorrer a lua que se obscurece em seus tempos próprios, segundo a vontade de Deus. E se vós virdes ainda alguém dirigir votos às fontes ou às árvores ou interrogar, como dissemos, aos mágicos, adivinhos ou encantadores, ou dependurar em seu pescoço ou ao pescoço de seus próximos, amuletos diabólicos, caracteres mágicos, ervas ou peças de âmbar, censurai-os com a maior severidade, dizendo-lhes que todos os que cometem esse pecado perdem o sacramento do batismo. Pretendemos também dizer que há homens e mulheres deslumbrados a tal ponto pelo diabo que no quinto dia da semana os homens não trabalham nos campos e as mulheres não fiam a lã, e afirmamos diante de Deus e seus anjos que todos esses que agem assim serão, se não se corrigirem dessa idolatria tão grave por uma longa e dura penitência, condenados a queimar-se lá onde o diabo se queimou. Porque esses infelizes, esses miseráveis que em honra de Júpiter se abstêm de trabalhar no quinto dia, entregam-se, certamente, aos mesmos

trabalhos no domingo, sem vergonha e sem inquietude. Castigueis pois, muito severamente, todos os que em vosso conhecimento, vivem assim. Se eles não querem se corrigir, não lhes faleis nem façais refeições com eles. Se eles vos pertencerem, vós mesmos deveis chicotear, para que os que não pensam na salvação de sua alma creiam ao menos na contusão de seu corpo. Nós vos advertimos, caros irmãos, com a solicitude de um pai que conhece bem nosso próprio perigo. Se quiserdes nos escutar, nos causareis uma grande alegria, e conseguireis felizmente o reino dos céus. Porque aquele que vive e reina com o Pai e o Santo Espírito pelos séculos dos séculos digno-se de nos conceder esse dom. Amém.

## *2. Duas cartas da Gália merovíngia*

### **A. Santo Elói**

Um século depois de São Cesário, a situação lingüística havia mudado muito na Gália. A língua falada apresentava mais traços românicos do que latinos e, sob sua influência, a língua escrita havia perdido sua estrutura clara e bem organizada. Para dar uma idéia, escolhemos duas cartas, das quais a primeira, escrita por Santo Elói, mostra ainda alguns traços da antiga educação. Encontramos nela os nomes de três célebres bispos da época merovíngia: São Didier, bispo de Cahors (630-655), Santo Elói, bispo de Noyon (641-660) e Santo Ouen, cujo nome secular era Dadon, bispo de Rouen na mesma época. Todos os três ocuparam postos importantes na corte dos reis Clotário II e Dagoberto, seu filho: Didier como tesoureiro, Elói como ourives e intendente das moedas e Dadon como referendário. Em 630, Dagoberto enviou Didier, na qualidade de bispo, a Cahors para reprimir um motim e pacificar a região. Após a morte de Dagoberto, em 639, Elói e Dadon abandonaram também a corte para se consagrarem à instrução religiosa do povo. Nossa carta deve ter sido

escrita entre 641, data em que Elói e Dadon se tornaram bispos, e 655, ano em que morreu Didier.<sup>1</sup>

*Damno semper suo atque apostolico patre<sup>2</sup> Desiderio papae  
Elegius<sup>3</sup> servus servorum Dei.*

*Quociens<sup>4</sup> aditum scribendi gratiae vestrae<sup>5</sup> repperimus<sup>6</sup>, to-  
tiens nobis comolum<sup>1</sup> gaudii videtur adcriscere<sup>2</sup>. Quapropter cum*

---

<sup>1</sup>Didier entretinha uma correspondência constante com os grandes homens de sua época, e possuímos uma coleção de cartas, extraída dos arquivos de Didier à época carolíngia. A compilação é composta de dois livros, o primeiro dos quais contém dezesseis cartas da mão de Didier, e o segundo vinte e uma endereçadas a ele por seus amigos. A carta que publicamos a seguir encontra-se no segundo livro.

<sup>2</sup> **Patre.** MORFOLOGIA – As terminações em *-i* e em *-e* são confundidas no latim merovíngio freqüentemente. Assim o dativo da terceira declinação termina freqüentemente em *-e*, o ablativo, ao contrário, em *-i*: *patre* por *patri*, *priori* por *priore* etc. Como o *m* final havia caído, chegou-se mesmo a escrever-se *maiolem domus* por *maiori domus* ou *tenuem sermonem* por *tenui sermone*. (Cf. o índice da edição sobre *Casuum formae*).

<sup>3</sup> **Elegius.** FONÉTICA – As grafias *Eligius* e *Elegius* são ambas freqüentes. Em sílaba aberta e acentuada, o *i* breve tinha tomado o mesmo timbre que o *e* longo; cf. na coleção a que pertence nossa carta, *antestitem*, *iteneris* I, 13,3 e II, 8, 9.

<sup>4</sup> **quociens.** FONÉTICA – *Quociens*, *gracia* etc., são grafias que encontramos por volta de 50 vezes em nossa coleção de cartas. O erro inverso, *benefitium*, *pertinatia* etc., é muito mais raro; nossa coleção apresenta somente 11 exemplos dessa natureza.

<sup>5</sup> **graciae vestrae.** ESTILÍSTICA – *Gratia vestra* é aqui um título honorífico, assim como *almitas*, *caritas*, *dignatio*, *magnitudo*, *pietas*, *sanctitas* e, para os reis e os ministros dos reis merovíngios (*maires du palais*), *excellencia*, *eminentia*, *dominatio*, *celsitudo*, *culmen* etc. Por outro lado, havia certo gosto em se designar por expressões como *nostra parvitas* (veja-se aqui à linha 7), *exiguitas*, *extremitas* etc.

<sup>6</sup> **repperimus.** FONÉTICA – Aqui *repperimus* é um perfeito, como o mostra a cláusula *vestrae repperimus*. Entretanto, o latim tardio possui também uma forma do presente *repperio* com dois *p*, devida à analogia com o perfeito *repperi*. A maior parte do tempo, a geminação das consoantes, como em *ingerrere* à linha 11, *prae-*



*salutationis officia<sup>3</sup> illud propensius<sup>4</sup> pre<sup>1</sup> cunctis conditionibus  
deposco ut, quotienscumque inter mundanas sollicitudines mens ad*

---

*summo, possitus* etc. noutras cartas, provém de uma reação contra a tendência da língua falada a simplificar as consoantes dobradas, tendência de que encontramos freqüentemente exemplos do tipo *sumus, misus, efectus* etc.

<sup>1</sup> **comolum.** FONÉTICA E MORFOLOGIA - O *u* breve é representado pela letra *o* porque o *u* breve e o *o* longo são confundidos na língua falada nas mesmas condições que o *i* breve e o *e* longo. Confira em nossas cartas *copio, Bitorige*. Aqui *cumululus* se tornou neutro. O fenômeno inverso é mais freqüente: os textos atestam a regressão do neutro na língua falada; confira, por exemplo, *synodalis concilium* numa carta do rei Sigeberto, II, 17, 12.

<sup>2</sup> **adcriscere.** FONÉTICA - Na Itália e na Gália, as formas incoativas em *-isco* substituíram, em geral as formas em *-esco*. De fato, encontramos em nossas cartas *adcriscere, floriscat* e *innotiscere*. Freqüentemente há mais diferença entre o incoativo e o verbo simples; confira linha 10 *feniscere*, isto é *finiscere*, no lugar de *finire*.

<sup>3</sup> **cum salutationis officia.** MORFOLOGIA - No latim da época merovíngia, encontramos freqüentemente, por exemplo, *a plures, cum exemplaria, de litteras, de pueros, pro condiciones nostras* e, por outro lado, *ad ipsa civitate, adversus domno Desiderio, ante ipso domno, per vestro consilio* etc. As expressões do tipo *cum eum, de salutem* são bastante raras e, no plural, os erros *praeter his feminis, per omnibus* etc., faltam totalmente em diversos textos. Como as terminações em *-m* e, no plural, em *-is* e *-ibus* desapareceram cedo da língua falada, são, portanto, preferentemente, as formas do caso regime, conservadas no antigo francês e no antigo provençal, que encontramos nos textos latinos após as preposições.

ESTILÍSTICA - Nossa carta está cheia de traços da retórica empolada da Baixa Antigüidade. A fraseologia de Elói, de Didier e de outros bispos do século VII é mais ou menos a mesma que a de Sidônio, no século V. Realmente, nossa carta não contém senão belas palavras e é necessário supor que o mensageiro de Elói tenha sido encarregado de expor em viva voz uma tarefa que era, certamente, muito importante e muito delicada para ser confiada a uma carta que podia cair nas mãos de um inimigo. À fraseologia epistolar pertencem as palavras *cum salutationis officia* que, noutras cartas, são substituídas por expressões como *salute humillima effusa, salutationis obsequia praelata* (acasutivo absoluto), *officia salutationum persolvens, salutationum iura persolvens* etc. (Ver a edição, p. 14).

<sup>4</sup> **propensius.** - SINTAXE - O comparativo tem aqui o sentido de possessivo. Nos textos tardios, encontram-se, deste modo, freqüentemente, os advérbios *citius, celerius, frequentius, attentius, diutius, nuperius, subterius, superius, subindius* etc., uso que arrastou até os comparativos *postius* e *antius*. *Postius* que é atestado nos textos é o ponto de partida do francês *puis, antius* deu o antigo francês *ainz*. (Cf. E. Löfstedt, *Late Latin*, p. 50, e meus *Syntactische Forschungen*, p. 242 e 245)

*statum quietis praevallet adtingere, memoriam parvitatís nostrae sacris precibus vestris subiugere non omittatis.*

*Quod nequaquam credo<sup>2</sup> ut nostra (memoria) in oblivio ulla-  
tenus apud vos cadat, ut nec vestra apud nos umquam feniscere  
novit. Sed non incongrue arbitravi rediviva commonitione eadem  
ingerrere, cum nimirum constet quod nulla in praesenti seculo  
causa ita mentem stimulet, quemadmodum vitae perpetuae et beata  
iustorum patria Desiderii immensitatae viscera mentemque sollici-  
tet<sup>3</sup>. Quamobrem congruit ut, unde quisque adtencius cogitat, inde  
frequentius et loqui studeat. Proinde, mi unanimes<sup>4</sup> pia viscera De-  
siderii, memento semper Elegii tui, cum preces Domino fundes. Et  
quamvis nos terrarum interpositio longe ab alterutrum separet, nec  
queat nos subinde corporalis coniunctio<sup>5</sup> sociari, spiritu semper*

---

<sup>1</sup> **pre.** FONÉTICA - Como o ditongo *ae* se havia simplificado em *e* aberto, depois de muito tempo, nada é mais comum do que a grafia *e* por *ae*. O erro oposto também é freqüente; cf. linha 14 *immensitatae* por *immensitate*.

<sup>2</sup> **quod nequaquam credo.** SINTAXE - Pode-se parafrasear esta expressão em latim clássico: Atque hoc quidem nequaquam credo, scilicet memoriam nostri in oblivium apud vos cadere posse, sicut ne memoria vestri quidem apud nos occidere potest. Teremos aqui, portanto, uma oração introduzida por *ut* no lugar de *quod* ou *quia* substituindo uma oração infinitiva depois de *credo*, construção que se encontra, às vezes, nos textos tardios (Cf. *mes Beiträge zur spätlat. Syntax*, p. 114.).

<sup>3</sup> **vita perpetuae** etc. ESTILÍSTICA - Nessa frase, Elói dispõe os vocábulos de um modo afetado: o ablativo *immensitatae* (= *-tate*) vem intercalar-se entre o genitivo *Desiderii* e os substantivos *viscera mentemque*, dos quais aquele é o complemento. Elói tentou, sem dúvida, dar alguma elegância a seu estilo por meio dessa ordem rebuscada das palavras. O pensamento mais claro é: "Nada estimula tanto o espírito como a pátria feliz da vida eterna e dos justos estimula o coração e a alma de Didier."

<sup>4</sup> **mi unanimes** etc. SINTAXE - Como *pia viscera Desiderii* é aqui uma paráfrase de *pie Desideri*, Elói colocou no masculino singular *mi unanimes* (isto é, *unanimis*), por uma espécie de *constructio ad sensum*.

<sup>5</sup> **corporalis coniunctio.** ESTILÍSTICA - Nas cartas tardias, encontramos as noções *absentia corporis* e *praesentia spiritus* mil vezes opostas. São Paulino de Nola es-

*simul versemur et ita vivere elaboremus, ut non post longum spacium anima simul et corpore sociemur sociatique in aeternum vivamus. Quod exoratus fideliter ac frequenter prestabit, credo, nobis clementissimus Dominus Deus noster Iesus Christus, cui gloria in aeterna secula. Amen*<sup>1</sup>.

*Saluto te supra modum sincerissimo affectu*<sup>2</sup>, *salutat et Dado, fideles utrorumque sodales*<sup>3</sup>.

### [TRADUÇÃO]

Ao bispo Didier, seu senhor para sempre e seu pai apostólico, Elói, servo dos servos de Deus.

---

creve, por exemplo, em sua *Epist.*, 18: *etsi regionum intervallis corporaliter dispareremur, spiritu tamen domini... coniuncti sumus*.

<sup>1</sup> **quod exoratus fideliter** etc. ESTILÍSTICA - Elói abandonou aqui o estilo epistolar e tirou da eloquência do púlpito a frase que termina os sermões. São Cesário dizia no sermão que apresentamos aqui: *quod ipse praestare dignetur, qui cum Patre et Spiritu sancto vivit et regnat in saecula saeculorum. Amen*.

<sup>2</sup> **Saluto te** etc. ESTILÍSTICA - Mesmo na época merovíngia, as cartas parecem ter sido escritas, freqüentemente, por um secretário, mas o remetente acrescentava sempre, ele mesmo, uma última frase, diante da qual encontramos, de vez em quando, nas cópias, os vocábulos *manu propria* (Ver a edição das cartas de Didier, I, 2,20 e II, 1,30). Essa frase era, quase sempre, estilizada a partir de certas fórmulas, como *Incolumem excellentiam vestram superna pietas tueatur, Annis multis vobis servire mereamur, beatissime papa* ou *Oratio me vestra sublevet, beate et venerabilis papa*. Os reis podiam contentar-se com as palavras *Syggibertus rex subscripsi*. Quando encontramos em Palácio de Auxerre, um dos colegas de Didier, a frase final *Palladius peccator hunc mandatum meum relegi et subscripsi*, isto é um sinal da decadência da cultura: Paládio confundiu os diversos gêneros e imitou o fim de uma carta do rei. Aqui, Elói parece ter empregado uma frase mais livre, porque ele queria apresentar simultaneamente as gentilezas de Dadon (Cf. a edição, p. 11 e 73.).

<sup>3</sup> **fideles utrorumque sodales**. FONÉTICA E SINTAXE - A terminação *-es* substitui aqui *-is*. *Utrorumque*, à semelhança de *amborum*, no lugar de *utriusque*, é um erro que aparece de tempos em tempos desde a época clássica.

Cada vez que temos a ocasião de escrever a Vossa Graça, nossa alegria atinge seu ápice. Porque, apresentando-vos nossas melhores soluções, desejamos de vós instantemente, antes de tudo, outra coisa, que não vos esqueçais de mencionar nossa humilde pessoa em vossas santas orações, todas as vezes que puderdes encontrar a paz interior entre os cuidados desse mundo. Estamos perfeitamente persuadidos de que não nos deixareis jamais soçobrar no esquecimento, assim como vossa lembrança não se abrandará jamais em nós. Mas não nos encontramos impedidos de voltar a fazer este pedido e de volta fazer novamente presente: sabe-se que nada neste mundo pode estimular tanto um espírito quanto a vida eterna e a pátria dos bem-aventurados (que), por sua imensidão, põe em comoção o coração e o espírito de Didier. Portanto, é fácil compreender que se tenta exprimir o que se tem freqüentemente no pensamento. Queirais, pois, meu sincero e caro amigo Didier, lembrar-vos sempre de vosso Elói, quando dirigirdes vossas preces ao Senhor. Embora estejamos separados um do outro por um grande espaço e não possamos nos encontrar materialmente com freqüência, estamos sempre juntos em espírito e vivemos de tal maneira que nos reuniremos cedo em carne e espírito e viveremos juntos para sempre. Se o pedirmos com fé e insistência, estou seguro de que o obteremos de nosso dulcíssimo Senhor e Deus Jesus Cristo, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Minhas saudações mais sinceras e mais devotadas, assim como as de Dadon, nosso fiel amigo.

### **b. Uma carta rimada de Frodeberto**

Na carta seguinte, escrita por Frodeberto, bispo de Tours de 663 a 682, a seu colega Importuno, bispo de Paris de 664 a 666, encontramos um estilo completamente diferente.

Em 665, a colheita parece ter sido fraca no norte da Gália. Uma entrega de trigo que Importuno devia ter efetuado a um convento de religiosos em Tours era de tão miserável qualidade que Frodeberto devolveu o lote acompanhado de uma carta irônica. Seu confrade não tardou a responder. Fora de si, insultou Frodeberto em duas cartas em que lhe fez censuras incrivelmente duras. Dessas cartas pode-se concluir que Frodeberto tinha sido monge na Austrásia, ou seja na parte do reino merovíngio em que a população era em geral de língua germânica e em que o antigo tipo de educação havia desaparecido há dois séculos. Ele havia tido por mestre o ministro Grivaldo. Este foi deposto de seu cargo em 662 pelos Grandes da Austrásia e parece que Frodeberto tenha sido aliado dos revoltosos. Em todo caso, no início de seu episcopado, aprisionara a mulher de Grivaldo num convento em Tours, e esta, caso se dê crédito a Importuno, para fazer dela sua amante e se apoderar de sua fortuna. A calúnia de Importuno era tão grave que Frodeberto se viu obrigado a

dirigir duas cartas aos religiosos de Tours, cartas nas quais faz o melhor que pode para denegrir por sua vez o seu adversário.

Essas cartas são redigidas em prosa rimada. É na poesia irlandesa que se encontram, nesta época, rimas tão aperfeiçoadas. Como Frodeberto diz de seu adversário que ele "mente como um irlandês", é possível que tenha utilizado essas rimas para parodiar o estilo de Importuno. Seja o que for, é sem dúvida por causa das rimas que essas cartas foram tidas como dignas de ser conservadas.

Como se pode prever, o estilo das cartas mostra que os autores tinham recebido certa formação religiosa e literária. Eles citam a Bíblia, parodiam o estilo epistolar e se servem de certas figuras de retórica. Mas seu conhecimento de gramática latina é pouco seguro e eles empregaram freqüentemente palavras, formas e construções pertencentes à língua falada. Diversos desses torneios já não são conhecidos por outros lugares e apresentam um interesse especial. É que os dois adversários escrevem sob a influência de uma emoção muito grande e tiram algumas de suas invectivas da linguagem da rua.

Contentamo-nos por reproduzir aqui a primeira dessas cartas><sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Essas cartas estão conservadas no manuscrito 4627 do fundo latino de Biblioteca Nacional de Paris, aos fólhos 27v.-29r., que foram reproduzidas em fac-símile por G. J. J. Walstra, que dá também uma edição crítica, uma tradução e um comentário histórico e lingüístico em *Les cinq épîtres rimées dans l'appendice des formules de Sens*, Leide, 1962. O sábio holandês fornece também todos os esclarecimentos necessários para um estudo aprofundado. Nossa interpretação não concorda sempre, entretanto, com a do Prof. Walstra; cf. nosso artigo *Quelques remarques sur les lettres de Frogovert e d'Importun*, *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*, XCII, 1964, p. 295 e ss.

***Sanctorum meritis beatificando<sup>1</sup> domno et fratri Inportunē<sup>2</sup>.  
/ Domne dulcissime et frater carissime Inportune, / quod<sup>3</sup> recipisti<sup>4</sup>***

---

<sup>1</sup> **sanctorum meritis beatificando.** ESTILÍSTICA - As cartas que datam da época merovíngia começam frequentemente por fórmulas do tipo seguinte: *Domino sancto et meritis apostolico... Eufronio papae Fortunatus* ou *Domino sancto mihi que in Deo peculiari patrono Eufronio papae Fortunatus* (Veja-se Fort., *Carm.*, III, 1 e 2.). São fórmulas desse gênero que Frodeberto parodia, dizendo que a salvação de Inportuno dependia dos méritos dos santos.

<sup>2</sup> **domno et fratri Inportune.** FONÉTICA - No latim tardio e medieval há duas formas do vocábulo *dominus*: a forma original, empregada sobretudo para designar Deus, e a forma sincopada *domnus*, freqüente como título honorífico. É necessário, entretanto, observar que o uso das duas formas não está submissa a regras rigorosas.

Na língua falada da Gália, as sílabas finais tendiam a desaparecer nessa época, e a pronúncia fraca contribuiu para a confusão dos finais nos textos. Aqui, escreveu-se *Inportune* no lugar de *Inportuno*, assim como na linha 5, *tale anonae* no lugar de *talem annonam*. Nesses dois casos, é possível que o final das palavras precedentes, *fratri* e *tale*, tenha tido alguma importância e que se tratasse, no texto, de uma espécie de assimilação das desinências, ajudada pelo enfraquecimento da pronúncia.

<sup>3</sup> **quod** = "quanto ao fato de que". ESTILÍSTICA - As cartas começavam, por vezes, por uma subordinada em *quod*, que expunha o motivo da missiva. Cf. o início da carta que São Didier remete ao rei Sigeberto por volta do ano 647: *Quod nos pia sollicitudine litteris dignati estis consolare, insufficiens est mens nostra gratiarum iura persolvere*, "quanto ao fato de que tivestes tido a cortesia de nos reconfortar por uma carta, não sabemos como exprimir bem o nosso reconhecimento" (*Epistulae Desiderii*, I, 4,6.).

<sup>4</sup> **recepisti.** LEXICOGRAFIA - É difícil precisar aqui o sentido de *recipere*, mas um exemplo medieval, citado por Du Cange em seu *Glossarium*, VII, p. 43, pode nos ajudar: *propter hoc debet recipere monachos in refectorio de pane et vino et fabis et piscibus et pimento in festivitate omnium sanctorum*. Aqui, *recipere* parece ter aproximadamente o mesmo sentido e a mesma construção que *reficere*. No latim medieval, freqüentemente se tem estabelecido uma relação entre as palavras cujos sons se assemelhavam. Assim é que o rei Chilpérico empregou *salim* no sentido de "por saltos", aproximando este vocábulo do verbo *salire*, num hino escrito por volta de 575: *Armatus salim currit aulis undique coetus gentium*, "a multidão de pessoas armadas saltou de todos os lados contra a fortaleza" (*MGH, PAC*, IV, p. 455.). Num diploma de 775, Carlos Magno escreveu: *sub Deo in rege manet potestas quomodo cuncta terribilia debeant ordinari*, "é o rei que, depois de Deus, tem o poder de organizar todas as coisas desse mundo" (*MGH, Dipl. Karolin.*, I, p. 146,23). Evidentemente, ele fez *terribilis* derivar de *terra*. Do mesmo modo, pode-se encontrar *irritare* = *irritum, facere, iterare* = *iter facere, rogas* = *rogatio, mentio* = *mendacium, ianuaris* = *ianitor, penetrare* = *perpetrare, properare* = *propinquare* etc. (Ver E. Löfstedt,

*tam dura, / estimasti<sup>1</sup> nos iam vicina morte de fame perire, / quando talen annoram voluisti largire<sup>2</sup>. / Nec ad pretium<sup>3</sup> nec ad donum<sup>4</sup> / non<sup>1</sup> cupimus tale anonae. / Fecimus inde comentum<sup>2</sup>; / si*

---

Late Latin, p. 157 e ss., que dá também algumas informações bibliográficas.) Deste modo, Frodeberto confundiu aqui *recipere* "receber" e *reficere* "reconfortar". A construção é *recepisti nos* (acusativo) *dura annona* (ablativo instrumental), "tu nos alimentaste com trigo duro". Pode-se tirar sem dificuldade o objeto direto *nos*, assim como o substantivo *annona*, da oração seguinte.

<sup>1</sup> **estimasti.** LEXICOGRAFIA - Desde a época imperial, empregava-se *aestimare* por *existimare*, "acreditar", mas aqui *estimasti* significa de preferência *voluisti*. É uma mudança de sentido dos *verba sentiendi* que pode ser constatada freqüentemente no latim tardio. Cf. *vita Aniani*, 1, *MGH, Mer.*, III, p. 108, 21 *illud... arbitror non tacere*, "eu não quero silenciar isto"; *Vita Desiderii*, 13, *ibid.*, IV, p. 571, 21 *ideo credimus eum merito ad sacerdotium provehere*, "por causa disso, queremos promovê-lo, com razão, ao episcopado"; *Vita Trudonis*, 8, *ibid.*, VI, p. 281, 21 *vos autem ob vestimentorum ipsius qualitatem eum iudicare putastis*, "mas vós quisestes julgá-lo pela qualidade de suas vestes"; Gregório de Tours, *Hist. Franc.*, 2, 3 *caecaverat eum cupiditas et virtutem Dei omnipotentis inridere per pecuniam aestimabat*, "a avareza o cegou e, por dinheiro, ele se deliciava em rir da força de Deus onipotente" (cf. mais adiante: *Deum per pecuniam inridere volui*); Gregório, *Glor. conf., praef., O rustice et idiota, ut quid nomen tuum inter scriptores indi aestimas?*, "A ignorante, sem cultura, por que queres tu que teu nome seja inscrito entre os dos escritores?"

<sup>2</sup> **largire.** MORFOLOGIA - Sabe-se que os depoentes desapareceram cedo do latim falado. É por isso que os textos apresentam freqüentemente formas ativas, como *largire* e *dignētis* em nossa carta, e *mentis*, *mentit*, *sequis*, *gloriare* nas outras cartas de Frodeberto e de Importuno. Os depoentes que ainda podem ser encontrados, como *morimur*, à linha 11 de nossa carta, são muito freqüentemente reminiscências da língua literária: dizia-se sem qualquer dúvida, muito tempo depois, *morire* e *nascere*; cf. *PAC*, IV, p. 497 *vide ne male morias*; *ibid.* p. 576 *melius fuisset quod homo numquam nasceret*.

<sup>3</sup> **ad pretium.** SINTAXE - A preposição *ad* pode servir, na Idade Média, para introduzir o complemento de preço. Cf. *Capitula Remedii Curiensis*, *MGH, Leg.*, V, p. 184, 5 *fiat battutus aut redemat suum dossum ad VI solidos*, "que ele seja batido ou livre suas costas por seis soldos" (Para um uso semelhante da preposição *in*, ver J. Bastardas Parera, *Particularidades sintácticas*, p. 52).

<sup>4</sup> **ad donum.** SINTAXE - O latim clássico já conhecia o emprego da preposição *in* diante do atributo; lemos, por exemplo, em Tito Lívio, IV, 61, 10 *proditori... duarum familiarum bona in praemium data*. Na época imperial, podem ser encontradas frases como *habere aliquam in coniugem*, *dare aliquam in mulierem*, *eligere aliquem in regem*. Nos textos da Idade Média, a preposição *ad* substitui, às vezes, *in* nesta função; nota-se, por exemplo, *habere aliquam ad mulierem*, *donare aliquid ad pro-*



*Dominus<sup>3</sup> imbolat formentum<sup>4</sup>. / Aforis turpis est crusta, / abintus<sup>5</sup> miga<sup>1</sup> nimis est fusca, / aspera est in palato, / amara et fetius<sup>2</sup> odoratus. / Mixta vetus apud<sup>3</sup> novella, / faciunt inde oblata<sup>4</sup> non bella.*

---

prium, suscipere aliquid ad beneficium (Cf. E. Löfstedt, *Date Latin*, p. 36, J. Bastardas Parera, *op. cit.*, p. 41, *Lex Alam.*, 2,1). Aqui, *ad donum* é o mesmo que "de presente".

<sup>1</sup> **nec... nec... non.** SINTAXE - A regra segundo a qual duas negações reunidas na mesma proposição se destroem não era válida na língua falada, menos preocupada com a lógica do que com a ênfase, e este uso se introduziu freqüentemente nos textos (Ver Hofmann-Szantyr, p. 803 e ss.). Cf. Gregório, o Grande, *Epist.*, V, 4 *reliquis numquam praeponi non debuit; Vita Galli*, 9, *MGH, Mer.* IV, p. 255, 12 *non remansit eis nihil*; Concílio de Châlons-sur-Marne (por volta de 644), 13, *Corpus Christ.*, CXLVIII A, p. 306,1 *ut nullus alterius clerico (= clericum) retinere non praesumat*; Concílio de Auxerre (entre 561 e 605), 10, *ibid.*, p. 266,35 *non licet super uno altario in una die duas missas dicere nec in altario, ubi episcopus missas dixerat, presbyter in illa die missas non dicat.*

<sup>2</sup> **comentum.** LEXICOGRAFIA - Se o vocábulo *comentum*, ou melhor, *commentum* (normalmente "comentário") não está aqui devido a um erro de escriba, deve ser explicado como fizemos acima em relação a *recipere = reficere*. Frodeberto aproximou o vocábulo de *comedere* e lhe deu o sentido de "pão".

<sup>3</sup> **si Dominus = sed Dominus.** FONÉTICA - Na língua falada, a conjunção latina *si* não tinha acento, passando a *s'í* (com *i* breve) e, em seguida, a *se*. Importuno escreve, por exemplo, *se vidis amico* por *si vides amicum*, e em outros textos se encontram muitos exemplos desta forma que sobrevivem na maior parte das línguas românicas. Entretanto, os escritores têm tido conhecimento, em geral, da diferença entre a língua falada e a língua escrita com relação a isto, tentando representar *se* pela grafia *si*. Em nossa passagem, Frodeberto pronunciou *sedominus* (= *sed dominus*), mas, num enorme cuidado para reencontrar o bom uso, ele escreve *si dominus*.

<sup>4</sup> **imbolat formentum.** FONÉTICA - *Imbolare* é, como o mostra o antigo francês *embler*, a forma da língua falada para *involare*, "sobrevoar", "apoderar-se, roubar, tirar". Quanto a *formentum*, esta forma parece ser um cruzamento de *fermentum*, "fermento", com *frumentum*, "trigo". Na verdade, o português "formento", assim como algumas formas dialetais, exigem o desenvolvimento *fermentum > formentum*. (NOTA DO TRADUTOR: A palavra "formento" não é corrente na língua portuguesa nem consta de seus principais dicionários. "Frumento" é palavra que significa "trigo selecionado").

<sup>5</sup> **aforis, abintus.** LEXICOGRAFIA - Os latinos da época imperial gostavam das expressões compostas do tipo *abante*, "antes", *depost*, "desde", importantes para as línguas românicas. É Plínio, o Antigo, quem primeiramente emprega *a foris*, expressão que em sua obra significa "de fora": *in ulcus penetrat iniuria omnis a foris*. Mais

*Semper habeas gratum / qui<sup>5</sup> tam larga manu voluisti donatum, / dum Deus servat tua potestate<sup>6</sup>, / in qua cognovimus tam*

---

tarde, *a foris* pôde ter também o sentido de "externamente". Esta mudança se operou de maneira semelhante àquela que fez com que *a fronte*, *a tergo* etc. respondam frequentemente à pergunta "*ubi?*". Em nosso texto, a preposição *ab* perdeu todo o valor de separação. Cf. o mesmo emprego de *de foris* e *de intus*, *Vitae patrum* 3,92: *sicut sum de foris, ita sum de intus* (Tratamos desse problema em *Beiträge zur spätlat. Syntax*, p. 76 e ss.).

<sup>1</sup> **miga.** FONÉTICA - A sonorização de *c* entre duas vogais se encontra também nos vocábulos *parisiaga*, *iogo*, *pliga* na correspondência de Frodeberto e de Importuno.

<sup>2</sup> **feti<sup>us</sup>.** FONÉTICA - Tentou-se explicar a forma *feti<sup>us</sup>* pela queda do *d* intervocálico (*feti<sup>us</sup>* por *fetid<sup>us</sup>*). Cf. G. J. J. Walstra, *op. cit.*, p. 100), mas esta interpretação é duvidosa, visto que já no século IV, Fírmico Materno emprega o adjetivo *oriputi<sup>us</sup>* no lugar de *oriputi<sup>us</sup>* sob o modelo de outros adjetivos em *-ius* (Ver T. Wikström, *In Firmicum Maternum studia critica*, Upsala, 1935, p. 118 e ss.).

<sup>3</sup> **apud.** SINTAXE - Na Gália, a homonímia entre *quomodo*, tornado *com*, e a preposição *cum* provocou o abandono de *cum* que foi substituído pela preposição *apud*. Desde o século VII, encontram-se exemplos desse uso. Cf. Fredegair, 2,40 *apud eam* (= *cum ea*) *demicavit Pompegianus*; *Vita Goaris*, 5, *MGH, Mer.*, IV, p. 415,21 *apud ipsud lacte linebat membra illorum*; *Passio Praeieci*, I, 12, *ibid.*, V, p. 232, 11 *cunq<sup>ue</sup> eum...* *Praeiectus apud multa dolore tumulasset, cum merore redit* (Cf. G. A. Beckmann, *Die Nachfolgekonstruktionen des instrumentalen Ablativs im Spätlatein und im Französischen*, p. 216 e ss., J. Bastardas Parera, *Particularidades sintácticas*, p. 95).

<sup>4</sup> **oblata.** LEXICOGRAFIA - *Oblata*, *ae*, f. (isto é, *hostia*) ou, raramente, *oblatum*, i, n. "pão oferecido pela eucaristia", "oferenda", emprega-se aqui no sentido geral de "pão".

<sup>5</sup> **qui.** MORFOLOGIA - Na língua corrente, *qui*, caso sujeito masculino, e *quem*, caso regime, tendiam a desbancar as formas femininas correspondentes, *quae* e *quam*. Lemos, por exemplo, nas fórmulas de Angers, p. 15,15 *carthola qui*, p. 15,9 *epistola quem*. Ao neutro subsistia uma única forma pronunciada *ke*, mas transcrita de vários modos: *que*, *quae*, *quem*, *quid*, *quod*. O dativo *cui* também se conservou e concorreu com *quem*. Assim é na segunda carta de Importuno: *cui amas*, e provavelmente aqui, onde *qui* é a grafia de *cui* e a construção deve ser: *habeas gratum quem... voluisti donatum*.

<sup>6</sup> **tua potestate.** LEXICOGRAFIA - *Potestas* é, aqui, um título honorífico "vossa autoridade".

*grande largitatis*<sup>1</sup>. / *Vos vidistis in domo, / quod de fame nobiscum<sup>2</sup> morimur, homo*<sup>3</sup>. / *Satis te presummo*<sup>4</sup> *salutare / et rogo ut pro nobis dignetis orare. / Transmisimus tibi de illo pane*<sup>5</sup>; / *probato*<sup>1</sup> *si*

---

<sup>1</sup> **grande largitatis.** FONÉTICA - Nessas cartas, há alguns casos em que o *s* final foi suprimido: aqui, na linha 15, *congregatio puellare*, ao invés de *congregatio puellaris*, e na segunda carta de Frodeberto *bracco tale* para *bracco talis*. Isso não está de acordo com o desenvolvimento geral na Gália, onde o *s* final não caiu. Mas algumas inscrições e alguns textos fazem supor que, mesmo na Gália, em pontos esparsos, houve uma tendência ao enfraquecimento do *s* final (Ver B. Löfstedt, *Studien über die Sprache der langobardischen Gesetze*, p. 128 e ss.). Certamente, é por causa dessa tendência que encontramos aqui, por uma grafia inversa, *largitatis* por *largitatem* (ou *largitate*). Mas é possível também que estejamos diante simplesmente de um erro de copista.

<sup>2</sup> **nobiscum.** SINTAXE - Observamos acima que se trocava a preposição *cum* por *apud* na língua corrente da Gália. Aqui, é por reação a este uso que Frodeberto escolheu *cum*, numa fase em que a língua literária se serve de *apud*. Cf. a antítese entre *vos in domo* et *nobiscum* (= *apud nos*).

<sup>3</sup> **vos... homo.** LEXICOGRAFIA - Nos textos cristãos, o vocativo *homo* é empregado muito freqüentemente para pôr em destaque a condição da vida humana. Assim, Cesário de Arles, num sermão, p. 614,14, diz o seguinte: *O homo, audis... quia refugium non habet qui pauperi non dedit*. Aqui, talvez Frodeberto se lembre de Mateus, 7,9 *quis est ex vobis homo, quem si petierit filius suus panem, numquid lapidem porriget ei?*.

SINTAXE - O emprego freqüente de *nos* no lugar de *ego* e de *vos* no lugar de *tu* traz numerosas inconseqüências gramaticais, mesmo em escritores eruditos. Em nossa carta, a mudança de número nada tem de espantoso, nem aqui nem na frase seguinte: *te rogo ut dignetis orare*.

<sup>4</sup> **presummo.** FONÉTICA - *Presummo* por *praesumo* representa uma reação à simplificação das consoantes dobradas bem atestada na Gália.

ESTILÍSTICA - Nas cartas da época merovíngia, pode-se encontrar a frase *salutare non praesumo* (isto é *audeo*) por exprimir a maior diferença; cf. na correspondência de São Didier II,14,5 *salutare quidem non praesumo*: II,3,13 *salutare quidem non audeo sed deprecor sanctitatem vestram ut pro me, unillimum vestrum, in sacris orationibus vestris memores esse dignemini*. É a esta frase que Frodeberto faz alusão quando diz ironicamente: *satis te praesumo salutare* etc.

<sup>5</sup> **de illo pane.** SINTAXE - No latim tardio, já se exprimiu a noção partitiva com a preposição *de* em frases do tipo *da mihi de drapo sancti Caesari* (*Vie de saint Césaire*, II,42. Cf. Löfstedt, *Syntactica*, I, p. 145 e ss.). *Ille* se tornou aqui um pronome anafórico com o mesmo valor enfraquecido que *is* tinha no latim clássico. Esse en-

*inde potis<sup>2</sup> manducare. / Quamdiu vivimus, plane / liberat<sup>3</sup> nos  
Deus de tale pane. / Congregatio puellare<sup>4</sup> sancta / refudat<sup>5</sup> tale  
pasta.*

---

fraquecimento do demonstrativo é a origem do desenvolvimento do artigo definido. Desde a época imperial há exemplos mais ou menos isolados que anunciam a evolução futura. Assim está em *Vitae patrum*, 6,3,4: *Macarius ille Aegyptius* (Ver E. Löfstedt, *Syntactica*, I, p. 358 e ss.). Mas não é somente no século VIII que encontramos textos que, embora reflitam imperfeitamente o estado da língua falada, fazem suspeitar que esta possuía um artigo. Cf., por exemplo, *Vita Trudonis*, 29, *MGH, Mer.*, VI, p. 297,1 e ss.: *dixit: "Ille peregrinus qui me persequitur scit quis ille sit qui illum thesaurum de hac ecclesia furatus est." Ille vero peregrinus cum constrictus esset indicavit illum latronem... ergo... ille latro suspensus est in patibulo, et illum thesaurum.. restitutum est. Maximam autem partem illius thesauri ille fur in terra recondidit.*

<sup>1</sup> **probato.** MORFOLOGIA - O imperativo em *-to*, que é característico do estilo das leis, emprega-se à época imperial somente nas frases feitas. Nas línguas românicas, nem traços dele existem.

<sup>2</sup> **potis.** FONÉTICA - Nada é mais comum nos textos merovíngios do que a confusão de *e* e *i* nas terminações. Encontramos na correspondência de Frodeberto e de Importuno *fratre* por *fratri*, *vidit* por *videt* e *vidis* por *vides*.

<sup>3</sup> **liberat.** SINTAXE - É evidente que *liberat* tem aqui o sentido de um subjuntivo, "que Deus livre". Do mesmo modo, Frodeberto escreve em sua segunda carta *numquam respondes ei in mutto* "nunca é necessário que respondas", e seu adversário, no início de sua segunda resposta: *qui mihi minime credit, factu tuum vidit* "que esse que não acredita em mim, veja seus feitos". Em outros textos, é sobretudo na segunda pessoa do plural que o subjuntivo ou o imperativo é substituído pelo indicativo, como na célebre inscrição de Pompéia: *itis, foras rixsatis*, "Saí, tagarelai fora". Sabe-se que o imperativo francês *chantez* deriva da forma latina *cantatis*, [enquanto que o nosso provém diretamente do imperativo latino *cantate*].

<sup>4</sup> **puellare.** FONÉTICA - O adjetivo *puellare* concorda freqüentemente com *monasterium* ou *coenobium* e *puellare* pode ser empregado também sozinho como substantivo com esse sentido. É possível que a forma *puellare* no lugar de *puellaris* se explique por esse uso, mas não se pode mais excluir a possibilidade de um erro de copista.

<sup>5</sup> **refudat.** FONÉTICA - Encontram-se outras palavras nesta correspondência em que o *t* intervocálico tenha sido sonorizado, como em *digido* e *putore* por *digito* e *putore*; exemplos de grafia inversa são *cauta* e *rotore* por *cauda* e *rudore*.

*Nostra privata stulticia*<sup>1</sup> / *ad te in summa amicitia*<sup>2</sup>. / *Obto te semper valere*<sup>3</sup> / *et caritatis tue iuro*<sup>4</sup> tenere.

<sup>1</sup> **nostra privata stultitia.** ESTILÍSTICA - Já assinalamos que os bispos que ditavam suas cartas a um escriba tinha o hábito de acrescentar ao fim uma saudação de próprio punho. As saudações são freqüentemente precedidas de frases como *Subscriptio domni episcopi* ou *Manu propria*, e é uma frase desse gênero que Frodeberto substitui pelas palavras irônicas: *Nostra privata stultitia ad te in summa amicitia*, evidentemente *scribit hanc salutationem*.

<sup>2</sup> **amicitia.** ORTOGRAFIA - Esta grafia deve ser comparada com *amittias* na segunda carta de Frodeberto. O final *cia* por *-tia* provém da assibilação de *ci* e de *ti* diante de uma vogal, de que já tratamos suficientemente. É mais difícil compreender por que *ci* é substituído por *ti* diante de uma consoante: *amiti-cia* (pronunciado /amitsitsia/). Isto vem, sem dúvida, da incerteza dos escribas em relação ao emprego das letras *c* e *t*, cuja pronúncia era semelhante diante de *i* + vogal.

<sup>3</sup> **Obto te semper valere.** ESTILÍSTICA - Vem em seguida a saudação que Frodeberto escreveu de seu próprio punho. Mencionamos acima algumas fórmulas que encontramos nas cartas de São Didier e de seus correspondentes. Frodeberto se serve primeiramente de uma fórmula usual, mas acrescenta com a ironia característica de sua carta a proposição: *et caritatis tue iuro tenere* "e espero que não te esqueças de teus sentimentos de amizade".

<sup>4</sup> **caritatis tue iuro.** FONÉTICA - *Iuro* no lugar de *iura* pode ser explicada pelo enfraquecimento da vogal final, mas é possível que se trate apenas do erro de um copista.

LEXICOGRAFIA - Na língua epistolar, eram preferidas frases rebuscadas e preciosas. Ao invés de "minhas saudações", dizia-se *salutationis officia* (ou *obsequia* ou *iura*) *persolvere*, ao invés de "muito obrigado", podia-se escrever como o faz São Didier I,1 *multiplices et ineffabiles vestrae beatitudini... gratiarum iura (= gratias debitas) persolvimus*, falava-se também de *caritatis iura*, como Didier em sua carta I,13 *vicissim iura caritatis glutinantur*. Aqui Frodeberto quer dizer: *opto te caritatem quam mihi debes tenere*.

ESTILÍSTICA - Feita a abstração do endereço, Frodeberto redigiu sua carta em membros, ou *cola* de desigual duração, cujos finais são claramente postos em relevo por uma rima ou uma assonância dissilábica (uma vez trissilábica: *stultitia : amicitia*). As duas sílabas finais dos vocábulos rimados são quase sempre idênticas: *perire : largire, comentum : formentum, novella : bella* etc. (do mesmo modo, sem dúvida, *potestate : largitate*, escrita *largitatis*). Por três vezes há identidade de duas vogais, mas não de todas as consoantes: *crusta : fusca, pane : manducare, sancta : pasia*. Às vezes, apenas as vogais acentuadas que são as mesmas: *Inportune : dura, donum : anona, palato : odoratus*, fato que o último editor atribui com razão ao enfraquecimento das finais na língua falada.

## [TRADUÇÃO]

Ao Senhor Importuno, nosso irmão, bem-aventurado pelos méritos dos santos.

Senhor e caro confrade Importuno:

A propósito do trigo tão duro com que nos alimentas, tu bem nos desejais fazer morrer logo de fome, quando tiveste a bondade de nos fornecer esse trigo. Nós não queremos desse trigo, qualquer que seja o preço, nem mesmo gratuitamente. Fizemos pão dele, mas Deus impediu a fermentação. Por fora, a casca é repugnante, por dentro, o miolo é completamente negro, é áspero e de gosto amargo, o cheiro é repugnante. Misturou-se a farinha antiga à nova, fazendo-se dela pães que não são bonitos. Terás sempre o direito a minha gratidão por esse presente que quiseste oferecer-me, e que Deus conserve tua grandiosidade, na qual encontramos tanta liberalidade. Tu, um homem mortal, vivei em teu palácio, enquanto que nós em nossa casa morreremos de fome. Eu ousou tomar a liberdade de te saudar e te pe-

---

É curioso constatar que as cadências das cola formam 14 vezes um *versus planus* regular: *recepísti tam dura, de fame perire, voluísti largire, tale anonae, inde comentum, tumpis est crusta, nimis est fusca, apud novella, oblata non bella, voluísti donatum, vidístis in domo, dignetis orare, semper valere, iuro tenere*; 4 vezes a estrutura desta cláusula é anormal: *est in palato, habeas gratum, morimur homo, vivimus pane*. Encontramos ainda 1 vez o *versus tardus*: *privata stultitia* e 3 vezes o *versus velox*: *carissime Inportune, pretium nec ad donum, fetius odoratus*. As outras formas rítmicas são: *imbolat formantum, tua potestate, grande largitatis, presummo salutare, potis manducare* (estas são as formas que se chamarão mais tarde de *versus trispondaicus*) *somma amicitia, de illo pane, de tale pane, puellare sancta, tale pasta*. Nessa carta, Frodeberto empregou, portanto, 22 vezes os *versus planus*, *tardus* ou *velox* e 10 vezes outras formas. Isto quer dizer que parece ter tentado terminar os membros dos períodos pelas cláusulas recomendadas, embora não o tenha conseguido sempre. Mas as cláusulas são rítmicas; imediatamente se vê que ele não se preocupa demasiadamente com a quantidade das sílabas: *Inportune* =  $\text{---}$ , *recepísti tam dura* =  $\text{---}$ , *fame perire* =  $\text{---}$ , etc., são formas que a prosa métrica evita.

ço que rezes por nós. Nós te enviamos desse pão, experimenta comer dele se puderes. Que Deus nos livre e nos preserve de um pão desses enquanto vivermos. A santa comunidade dos monges recusa esta pasta. Quero terminar pessoalmente por estas palavras simples e absolutamente amigáveis: Recebe meus melhores votos por tua saúde e pela afeição que nos deves.

### 3. A crônica de salerno

Na Itália, a reforma escolar inaugurada por Carlos Magno não deixa muitos traços. Os italianos permaneceram fiéis a sua própria tradição e consideraram sempre o latim como a forma escrita de sua língua. Os laços entre a língua escrita e a língua falada permaneceram mais estreitos até o final do século X. Desta época data a *Crônica de Salerno*, escrita depois de 974 por um monge desconhecido de Salerno. O autor conta a história de seu país com destreza admirável e certa cultura, que transparece aqui e ali em seu estilo, mas no conjunto ele se preocupa tão pouco com a gramática latina que podemos fazer uma idéia da língua que ele falava. O texto que apresentamos expõe os acontecimentos do ano de 843.<sup>1</sup>

*Dum<sup>2</sup> talia peracta fuissent, idipsum<sup>3</sup> eminentissimum suum germanum Sikenolfum Beneventani concusare<sup>1</sup> ceperunt, addentes*

---

<sup>1</sup> O texto foi publicado por U. Westerbergh, *Chronicon Salernitanum*, p. 73 e ss. Nessa excelente obra encontra-se um comentário sobre todos os traços medievais, com informações bibliográficas detalhadas.

<sup>2</sup> **dum**. SINTAXE. – Desde a época imperial, *dum* substitui freqüentemente *cum historicum*.

<sup>3</sup> **idipsum**. SINTAXE. – A forma fixa *idipsum* de que provém o italiano *desso* é empregada na Crônica como objeto direto, p. 35,20 *ingenti cursus (= cursu) idipsum*



*quia omnimodis satagens<sup>2</sup>, quatenus honorem principalem arripiat. Qui<sup>3</sup> dum huiuscemodi dicta princeps Sicardus audisset, immo<sup>4</sup> incuntanter<sup>5</sup> talia credidit et omnimodis conabatur, qualiter eum de*

---

*nunciare studuerunt abbati.* Mas o mais freqüentemente, *idipsum* é um advérbio que pode ser traduzido por "assim mesmo", "além do mais" e põe em destaque a identidade das pessoas, como aqui, ou das ações, como por exemplo, à p. 151,30 *dum hec et hiis similia presul predictus verba repeteret, idipsum et Beneventani exinde inter se susurrarent, patricius ille nefandiximus metu percussus ceterique Argivi in fugam conversi sunt.*

<sup>1</sup> **concusare.** LEXICOGRAFIA. – Freqüentemente podemos constatar nos autores medievais uma incerteza, às vezes surpreendente, no emprego dos prefixos. Aqui *concusare* substituiu *accusare*, assim como escreveu *aggregare* por *congregare*, *comperire* por *reperire*, *incumbere* por *occumbere*, *omittere* por *dimittere*, *proiectus* por *subiectus*. Confira p. 92,33 *cunctos suos optimates agregari iussit in unum*; p. 138,15 *Deus delicta illorum... omisit*; p. 9,27 *sibi proiectas provincias*. Certos tipos de confusões são especialmente interessantes. Quando lemos na Crônica, p. 59,7 *disponsavit puellam*, trata-se de uma permuta dos prefixos *de-* e *dis-* que podemos observar desde a época clássica até o nascimento das línguas românicas que também ocorrem por causa do parentesco de sentidos entre os prefixos e do desenvolvimento fonético do latim tardio (Ver B. Löfstedt, *Studien über die Sprache der Langobardischen Gesetze*, p. 294 e ss.). A expressão *fortitudinem obmiserat* por *amiserat*, p. 20,29, pode ilustrar a confusão de *ab-* e de *ob-* que, ela também, deixou traços nas línguas românicas (Cf. *Recueil Max Niedermann*, Neuchâtel, 1954, p. 45 e ss., onde encontramos também exemplos demonstrativos de que os prefixos *prae-* e *pro-* foram confundidos). É por causa da semelhança dos sons que o autor (ou o escriba) representou *enormiter* pela grafia *innormiter*, p. 106,30, *adlata* por *ablata* e *abdica-* bat por *addicabat*, p. 30,5 e 130,6.

<sup>2</sup> **satagens.** SINTAXE. – O particípio presente tem aqui a função de uma forma pessoal, traço característico do estilo de numerosos autores medievais.

<sup>3</sup> **qui.** SINTAXE. – Na Crônica, é freqüente o emprego pleonástico do pronome relativo. Cf. p. 11,18 *Quod ille predictus rex Karolus talia cognoscens* e, em nosso texto, l. 39 *Quem cum eum vidissent*, onde *quod* está representado por *talia* e *quem* por *eum*.

<sup>4</sup> **immo.** LEXICOGRAFIA. – *Immo* tem perdido de vez em quando o seu sentido original por ser empregado como partícula de ligação. Aqui *immo* é apenas um ornamento do estilo.

<sup>5</sup> **incuntanter.** FONÉTICA. – O grupo *nct*, após longo tempo, havia sido reduzido a *nt*, o que se reflete freqüentemente no texto da Crônica. *Tentoria* por *tentoria*, à linha 25, é uma grafia inversa.

*iam dicta gloria deviaret. Quid multa dicam? Eum complehendit iussit atque eum invitum clericum fecit; feruntque alii ut dyaconatum honorem<sup>3</sup> eum per vim silicet<sup>4</sup> sublimasset, necnon et euangelium in ecclesia eum legere fecisset, et postremum vinctum illum Tarentum misit et in ardua custodia retrudi iussit, qui<sup>5</sup> fuit holim*

---

<sup>1</sup> **complehendi.** FONÉTICA. – As formas *comprehendere, platum, fletum* que encontramos na Crônica por *comprehendere, pratum fretum* são típicas do dialeto da Itália meridional.

<sup>2</sup> **feruntque alii ut.** SINTAXE. – O autor da Crônica usou um estilo literário, empregando freqüentemente uma proposição infinitiva após os verbos que exprimem uma declaração ou uma opinião. Mas, por vezes, ele se equivoca e escreve, contra o uso clássico, *dicere ut* e *credere ut*, hiperurbanismo de que temos aqui um exemplo; cf. ainda linha 19 *cognovisset ut*. Entretanto, tem-se podido constatar que seu uso é diferente quando ele faz os personagens falarem. Neste caso, ele prefere *quia* seguido de um indicativo, que é, de fato a construção empregada ainda hoje no sul da Itália, onde *quia* sobrevive sob a forma de *ca* (Ver a edição de U. Westerbergh, p. 279 e ss.).

<sup>3</sup> **dyaconatum honorem.** SINTAXE. – A construção clássica teria sido *ad diaconatus honorem*, mas nosso cronista que encontrou em suas leituras acusativos do tipo *Romam* ou *domum* omite a preposição *ad* ou *in* mesmo noutras expressões, talvez sob a influência do uso mais livre da poesia (cf. Virg. *Lavinaque venit litora, ibimus Afros* etc.). Encontram-se nele expressões como *propria reverti, palacium venire, stabulum properare, urbem regredi, imperium elevari*.

FONÉTICA. – O fato de que as consoantes finais *m*, *t* e *s* tinham desaparecido na língua falada na Itália por essa época ocasionaram uma incrível confusão de terminações nos autores que não tinham aprendido sua gramática clássica. Aqui parece que o cronista tenha desejado dizer *diaconatus honorem*.

<sup>4</sup> **silicet.** FONÉTICA. – As grafias *silicet, sedula, asenderat* assim como as hipercorreções *abscente, scitus* etc., nos convencem de que, diante de *e* e *i*, *sc* e *s* eram pronunciadas quase da mesma maneira.

<sup>5</sup> **custodia... qui.** MORFOLOGIA. – *Qui* e *quod* parecem poder substituir qualquer forma de relativo. Cf. *monasterium qui, ecclesia quod, semones quod, verba quod* etc.

*ad receptum pluviale aqua<sup>1</sup> constructa, que nos cisternam nuncupamus.*

*Hiis ita patrat, princeps idem cum non paucis suis fidelibus ludus causa seu arte venacionis in predio Labellaniensi devenit. Qui dum ibidem morarentur atque sua coniuge ibidem ascire fecisset atque seperrime<sup>2</sup> exercitandum cum suis iret<sup>3</sup>, una die accidit ut principissa<sup>4</sup> sub tentorio resideret atque in conca argentea pedes*

---

<sup>1</sup> **ad receptum pluviale aqua.** SINTAXE. – O autor poderia ter escrito *ad recipiendum pluvialem aquam* e é por analogia com esta construção que acrescentou um objeto direto ao substantivo verbal *receptus* (*pluviale aqua = pluvialem aquam*).

<sup>2</sup> **seperrime.** LEXICOGRAFIA. – Na Crônica, encontramos as formas regulares *sepissime* e *creberrime*, alternando com *creberrissime*. Além disso, o autor contamina essas formas, quando escreve frequentemente *seperrime* e *creberrissime*.

<sup>3</sup> **exercitandum... iret.** SINTAXE. – Nos textos da alta Idade Média, de vez em quando é encontrado o acusativo do gerundivo ou o adjetivo em *-ndus* com sentido final. Cf., por exemplo, *Vita Gaugerici*, 11, *MGH, Mer.*, III, p. 656,6 *contigit ut curtis, quas ecclesia sua in terraturium Petracorico habebat, accederet visitandum; Cod. dipl. Long.*, 114, a.754 *directus sum in exercito ambulandum cum ipso*; Gregório, o Grande, *Epist.*, X, 14 *cum sacerdos perscrutanda mysteria ad sancta sanctorum intrat*. Cremos que esta construção testemunha uma reação contra o uso da língua falada em que tinha sido substituído *venio ad petendum, dare ad manducandum* por *venio ad petere, dare ad manducare*. Este infinitivo preposicionado era sentido de novo como um vulgarismo que era necessário evitar a qualquer preço num texto, e é o que explica que se tenha chegado a escrever *venio petendum, dare manducandum*. É necessário buscar uma explicação semelhante para a construção surpreendente *licentia ambulandum* que encontramos de vez em quando nos textos da mesma época; cf. o *Édit de Rothari*, 186 *mulier ipsa licentiam habeat... elegendum; Lois de Liutprand*, 12 *pater autem aut frater potestatem habeant... dandum aut spunsandum filiam aut sororem suam*. No lugar de *habeo licentiam ad ambulandum* dizia-se *habeo licentiam ad ambulare*, mas por medo do infinitivo preposicionado, tem-se caído no erro oposto, escrevendo *habeo licentiam ambulandum* (Cf. meus *Syntaktische Forschungen*, p. 223 e ss.).

<sup>4</sup> **principissa.** LEXICOGRAFIA. – O sufixo *-issa* é empregado na Idade Média para formar substantivos femininos como *comitissa, ducissa, principissa, abbatissa*, condessa, duquesa, princesa, abadessa.

*lavaret. Factum est ut<sup>1</sup> ante iam dictum tentorium quidam vir nobilissimus cum famulum suum transiret, atque verso capite eam denique<sup>2</sup> vidit. Dum illa denique cognovisset ut eam nudis pedibus vidisset, mox talia<sup>3</sup> suo viro intimavit, adnectens: "Si ilico exinde me non vindico, morti incumbo." At princeps ait: "Exinde<sup>4</sup> fac, ut comparet voluntati tue." Illa, potestate accepta, statim famulos suos clam Beneventum misit, quatenus iam dicti viri uxorem cum verecundia ad eam assciret. Dum famuli eius talia fecissent atque usque ad suras vestimenta abscidissent, eamque<sup>5</sup> aduxerunt ubi tenc-*

---

<sup>1</sup> **factum est ut.** ESTILÍSTICA. – É da Vulgata que o cronista tomou emprestado este torneio; cf. *Lucas*, 2,1 *Factum est autem in diebus illis exiit edictum a Caesare Augusto*; *Gêneses*, 4,3 *Factum est autem post multos dies ut offerret Cain de fructibus terrae munera Domino*.

<sup>2</sup> **denique.** LEXICOGRAFIA. – Nosso autor gosta de inserir partículas como *denique*, *quippe*, *nempe*, *nimirum*, *scilicet* em sua narração, partículas que, freqüentemente, perderam aqui e ali o sentido original.

<sup>3</sup> **talia.** ESTILÍSTICA. – O emprego freqüente das expressões *talia intimavit*, *promisit talia dicta* etc., indubitavelmente provém do ensino escolar em que se tinha aprendido este torneio, caro aos poetas; cf., por exemplo, Virgílio, *Aen.*, IX, 431 *talia dicta dabat*.

<sup>4</sup> **exinde.** SINTAXE. – *Inde* e *exinde* substituem freqüentemente a preposição *de* seguida de um substantivo ou de um pronome demonstrativo. Cf. na Crônica, p. 130,10 *exiguum exinde sumpsit*, p. 16,2 *quid faciam exinde*. É curioso que desses dois advérbios *exinde* seja muito mais freqüente nos textos, enquanto que a língua falada preferiu *inde*; cf. italiano *ne*, francês *en*.

<sup>5</sup> **eamque.** SINTAXE. – Os autores medievais abusam freqüentemente do emprego da conjunção *que* que, depois de muito tempo, desapareceu da língua falada. Aqui *eamque* tem o sentido de *eam*, isto quer dizer que o uso da partícula é absolutamente pleonástico. Semelhantemente, encontramos na Crônica *idemque*, *ipseque*, *suusque*, *nullusque*, *omnisque*, *ceterique*, *ibique*, *moxque*, *simulque* por *idem* etc. Parece evidente que a analogia dos pronomes *quicumque*, *uterque*, *quisque* contribuiu para esse uso.

De fato, o fenômeno oposto existe também no latim tardio e medieval. O rei lombardo Liutprand se serve assim de *unusquis* no lugar de *unusquisque* em sua lei, parágrafo 85, *prospeximus ut unusquis iudex et sculdahis faciat mittere preconem*. *Quicum* no lugar de *quicumque* se encontra, por exemplo, num poema merovíngio, *MGH*, PAC, IV, p. 646 *Nec pavescant firma corda quaecum hec audierint*, e no histo-

*toria ficta debebant; dum eam cernisset<sup>1</sup> principissa, ipsa statim per tota castra deportare iussit. Cum deportata fuisset ad locum ubi vir eius manebat atque cum suis coetaneis ad tabulam ludebat<sup>2</sup>, protinus suus germanus huiusmodi<sup>3</sup> ei adlocutus: "Mi frater, aspice et dedecus tue coniugis cerne!" At ille nil ei respondit; erat enim ardens in animo suo, atque ipsum<sup>4</sup> ad tabulam ludebat et minime*

---

riador de Ravena, Agnello, 60 *Quibuscum vero secularis cumversationis hominibus ecclesiastici iuris praedia... data sint, ...ad dominium revocet ecclesiae* (Ver meus Beiträge zur spätlat. Syntax, p. 92 e ss.).

<sup>1</sup> **ficta, cernisset.** MORFOLOGIA. – *Ficta* é empregada aqui por *fixa*, na frase seguinte *cernisset* é derivada de *cerno*. O autor tem empregado freqüentemente o radical do presente para formar o perfeito; cf. *depromi* por *deprompsi*, *sumerunt* por *sumperunt*, *rumperunt* por *ruperunt*, *deluderunt* por *deluserunt*, *aurisset* por *hausisset*. Mas também acontece que se adapte o radical do presente; *annexere* por *annectere*, *poposcere* por *poscere*, *prostare* por *prosternere*, *attribere* por *atterere* (Ver U. Westerbergh, *op. cit.*, p. 324 e ss.).

<sup>2</sup> **ad tabulam ludebat.** SINTAXE. – Para o emprego instrumental da preposição *ad*, cf., por exemplo, *Liber pontif.*, 134 b 1 *voluit totam Italiam ad gladio extinguere* (Ver G. A. Beckmann, *Die Nachfolgekonstruktionen des instrumentalen Ablativs*, p. 75 e ss.).

<sup>3</sup> **huiusmodi.** SINTAXE. – No lugar do genitivo que não se prende mais aqui a um vocábulo principal, prevê-se um ablativo *hoc modo*. Mas esse genitivo se fixou logo cedo na língua literária. Cf. Gregório, o Grande, *Epist.*, II,30 *huiusmodi innocentia eius evidenter enituit*, Jordanes, *Getica*, 280 *istiusmodi fluvius ille congelascit ut in silicis modum pedestrem vehat exercitum*.

<sup>4</sup> **ipsum.** MORFOLOGIA. – Já acentuamos a confusão dos casos proveniente da queda das consoantes finais. O autor está acostumado, em sua língua falada, ao novo sistema casual do italiano, mas tem, ao mesmo tempo, certa imagem visual das formas latinas e uma idéia muito vaga de seu emprego. Ele pode, por exemplo, dar aos antigos acusativos e ablativos a função de caso sujeito ou nominativo. Cf. p. 147,13 *ne unam quidem stillam cecidit*; p. 93,3 *meum infantulum Siconem fiat (= sit) vobis commendatum*; p. 159,27 *immensam multitudinem Agarenorum... venerunt*; p. 171,17, *multos... interempti sunt*; p. 44,28, *famulis nostris illum sequantur*; p. 98,21 *statim calcaribus qui in pedibus episcopi erant innexi protinus in terra proiecti sunt*. Esta confusão de formas se choca também quando o nome tem outras funções. Notar-se-ão os exemplos seguintes, em que o caso regime é expresso de um modo ambíguo: p. 165,17 *Dum Salernitanis locus ille liquisset (= dum Salernitani locum illum liquissent)*; p. 79,19 *idipsum Sikenolfus valido exercitu (= validum exercitum) congregans*; p. 31,14 *Grimwald... undique muniri civitas ista (=civitatem istam) ce-*

*eam videlicet vidit. Alia nempe die princeps idem, ut mos est, cum suis optimatibus cum accipites<sup>1</sup> iuxta aquosa loca gradiebant, quatenus quaslibet<sup>2</sup> aves caperent. Qui dum accipitem suum, ut fama est, micteret<sup>3</sup> et una cruribus longibus avem captasset, ad castra reversi sunt. Dum temptorium<sup>4</sup> ipse princeps adisset, vir ille cuius uxore fedata fuit, hac illac discurrebat, quatenus invenire<sup>5</sup> virum qui eum adiuveret ad vindicandum suum dolorem. Sed cum non paucis de ipsa re ad illum adnecteret et vicissim inter se exinde sermocinaret, factum est ut Nanningo inde transire. Quem cum eum vidissent, protinus eum vocaverunt atque ei omnia intimave-*

---

pit; p. 59,28 *ipsum Greculum ibidem negaverunt (=necaverunt) ceterisque (= ceterosque) illius sequaces*. Esta confusão dos casos reto e oblíquo (ou regime) não se encontra nos textos latinos escritos na Gália, onde um sistema de dois casos é conservado na língua falada da Idade Média.

<sup>1</sup> **cum accipites**. FONÉTICA. – Prever-se-ia *cum accipitribus*. O desaparecimento de *r* é comparável com *plausta*, p. 141,3 por *plaustra*, *sepulchum*, p. 29,4 por *sepulchrum*.

<sup>2</sup> **quaslibet**. LEXICOGRAFIA. – *Quaslibet* tem aqui o sentido de *aliquot*. Pode-se notar que o cronista se serve, por vezes, de formas pronominais fixas; cf. p. 97,29 *preclarissimum quidam (= quendam) Alonem episcopum elegerunt*; p. 104,28 *pro nullius (= nulla) alia re*.

<sup>3</sup> **micteret**. FONÉTICA. – Na Crônica, encontramos freqüentemente as grafias inversas *mictere*, *lictera*, *activit* assim como *factus* por *fatus*. A assimilação que se operou no grupo *pt* causou a grafia *inclipta* por *inclitya*, mas também as mudanças entre *ct* e *pt*; cf. *correctus* por *correptus*, *aptum* por *actum* em textos da Itália. A redução de *ks* em *ss* ou *s* apareceu nas formas *luxtris = lustris*, *fexus = fessus*, *vidixet = vidisset*, *excitatione = haesitatione* (Cf. U. Westerbergh, *op. cit.*, p. 226.).

<sup>4</sup> **temptorium**. FONÉTICA. – O desenvolvimento de uma consoante transitória nos grupos *ms*, *mt* e *mn* encontra-se na Crônica em vocábulos como *dampnare*, *dompnus* etc. (mas cf. a assimilação característica da língua falada em *contennissimus* p. 114,34). Daí a confusão de vocábulos como *contemptus* e *contentus* ou a grafia *temptorium* por *tentorium*.

<sup>5</sup> **invenire**. FONÉTICA. – Lemos aqui *invenire* e, mais adiante, *transire* por *inveniret* e *transiret*. Na Crônica, as formas *amare*, *amarem*, *amares*, *amaret*, *amarent* foram confundidas, de modo que só o contexto pode ajudar-nos a interpretar o seu sentido.

*runt. Ille ut talia audiens, nimis gavisus est, adnectens: "Nisi extimplo<sup>1</sup> talia commictimus, statim eius dictioni<sup>2</sup> illud videlicet intimabo." Illi vero statim ad eius tentorium venerunt atque, abstracto gladio, non paucis plagis eum videlicet peremerunt. Ferunt namque nonnulli quod, dum ipsi tentorium introysset et ipse princeps Nannigonem ibidem cernisset, taliter fertur dedisset responsum: "Misericordiam, ait, Naningo nunc mihi facite." Ille denique respondit: "Mihi minime mea facinora Deus indulgeat, si ego indulse- ro tibi!" Et sic evaginato gladio, eum penitus sauciavit atque nimirum de hac vita extinxit<sup>3</sup>. Suam coniugem, Adelchisam nomine, de qua iam supra diximus, cum verecundia consanguineos suos Beneventum deducunt. Et merito; per vim illa suumque virum multa incomoditatem aliorum<sup>4</sup> intulerunt; necesse fuit ut quandoque et ipsi peiora horum<sup>5</sup> perciperent.*

---

<sup>1</sup> **extimplo.** FONÉTICA. – *I* por *e* numa sílaba tônica só se encontra, segundo a sábia editora do texto, nos vocábulos *extimplo*, *signiter* e *dinique*.

<sup>2</sup> **dictioni.** FONÉTICA. – O vocábulo latino que o cronista tem em mente é *dicio*, "poder", "soberania". Cf. as grafias *ecciam*, *donaccionem*, *monitionem*.

<sup>3</sup> **extinxit.** FONÉTICA. – Como *x* era pronunciado *s*, era necessário inserir um *c* para tornar a pronúncia escolar *ks* em vocábulos do tipo *strucxit*, *extrucxit*.

<sup>4</sup> **aliorum.** SINTAXE. – No latim tardio, o dativo era substituído, por vezes, por um genitivo, ligado de uma maneira bastante livre a um substantivo principal. Cf. *Vita Aniani*, 10, *MGH, Mer.*, III, p. 116,18 *multorum Chunorum dederunt interitum*, onde, do ponto de vista clássico, teria sido mais natural escrever *multis Chunis*, dativo complemento do verbo. Em nosso texto, o genitivo *aliorum* é empregado desta maneira livre. Noutros lugares, são principalmente os pronomes *eius*, *huius*, *illius*, *eorum* e *illorum* que encontramos na função de um dativo. Cf. na Crônica, p. 28,11 *per omnia illius fidem servaret*; p. 14,15 *quidam homo eorum dixit*; p. 163,9 *iuraverunt quatenus illorum preeset*. Sabe-se que os descendentes românicos de *illorum* (italiano *loro*, francês *leur*) tanto desempenham a função de dativo quanto a de genitivo.

<sup>5</sup> **peiora horum.** SINTAXE. – O genitivo de comparação desenvolveu-se no latim tardio sobretudo sob a influência do grego. Expressões do tipo *maius omnium*, *minus omnium*, *peiora priorum*, *maiora horum* são freqüentes nas antigas traduções da Bíblia, e daí se expandiram na literatura cristã. De outro modo, o ablativo de compara-

## [TRADUÇÃO]

Feito isto, os habitantes de Benevento se comprazem também em acusar seu eminente irmão Siquenolfo, dizendo que ele queria apoderar-se, a qualquer preço, de seu principado. Quando o príncipe Sicardo entendeu este boato, imediatamente acreditou nele e tentou por todos os meios impedir que seu irmão chegasse a esta dignidade. Não temos necessidade de contar os detalhes. Sicardo mandou prender Siquenolfo e o obrigou a se tornar padre. Outros pretendem que ele o elevou à força à dignidade de diácono e o fez pregar o Evangelho na igreja; enfim, que ele o enviou acorrentado a Tarento, onde mandou jogá-lo num horrível calabouço que tinha sido construído para receber a água de chuva, o que chamamos cisterna.

Depois o príncipe retornou com bom número de seus fiéis a seu domínio de Lavelo para se divertir e ir à caça. Eles permaneceram lá embaixo; ele tinha feito vir sua mulher e ia muito amiúde fazer exercícios com seus serviçais. Ora, chegou um dia que a princesa, sentada em sua tenda, lavava os pés numa pequena bacia de prata. A sorte quis que um homem muito nobre passasse diante da tenda com seu servidor e que, voltando a cabeça, visse a princesa. Quando ela percebeu que ele havia visto seus pés nus, disse a seu marido: "Eu morrerei se não me vingar disso imediatamente." O príncipe lhe disse: "Faça o que quer." Obtida esta permissão, ela enviou imediata e

---

ção segue por vezes um superlativo. Auspício de Toul exorta assim o conde de Trèves Arbogaste, no século V: *sanctum et primum omnibus nostrumque papam I-amblichum honora*; na *admonitio Basilii ad filium spiritualem* lemos *ultimum se esse iudicat cunctis hominibus*, e assim é freqüentemente no latim medieval (Cf. Hofmann-Szantyr, p. 111 e 169, *ALMA*, XXII, 1951-1952, p. 15; P. Lehmann, *Erforschung des Mittelalters*, V, p. 233, linha 317).



secretamente seus servidores a Benevento para trazerem em situação vergonhosa a mulher do homem de que falamos. Feito isto, os servidores lhe arrancaram as vestes até à barriga da perna e a conduziram ao lugar em que as tendas eram levantadas. Quando a princesa a viu, ordenou logo que a obrigassem a circular pelo campo. Quando ela foi levada lá onde seu marido estava ocupado em jogar dados com seus colegas, seu irmão lhe disse logo isto: "Meu irmão, veja a desonra de tua mulher!". Mas ele não respondeu nada, porque estava completamente absorvido pelo jogo de dados e não a viu. Um outro dia, o príncipe saiu como de costume com seus cortesãos, levando consigo uns falcões e atravessou vários pântanos para caçar passarinhos. Diz-se que ele soltou seu falcão e surpreendeu um pássaro de longas patas; depois do que, retornou-se ao campo. Quando o príncipe entrou em sua tenda, o homem cuja mulher tinha sido humilhada corria de um lado para outro para encontrar alguém que o ajudasse a vingar seu ultraje. Muitos estavam juntos a ele e debatiam o assunto entre si, quando eis que Naningo passou. Quando o viram, chamaram-no e lhe contaram tudo. Este ficou muito contente por entender isso e disse: "Se não realizarmos o plano imediatamente, vou contá-lo a Sua Majestade." Logo eles seguiram para sua tenda, desembainharam da espada e o trespassaram de todos os lados. Alguns dizem que o príncipe gritou, quando viu Naningo entre os homens que entraram em sua tenda: "Tenha misericórdia de mim, Naningo!" Mas este respondeu: "Que Deus não me perdoe jamais meus pecados se eu te fizer alguma concessão!" Dito isto, tirou sua espada e lhe desferiu um golpe profundo e mortal. Eles conduziram sua mulher Adelquisa, de que falamos, coberta de vergonha, a seus pais em Benevento. E com razão. Ela e seu marido tinham, por sua violência, cometido muitas injusti-

ças contra os outros. Era inevitável que cedo ou tarde eles próprios caíssem numa infelicidade ainda maior.

#### 4. Um hino composto por Paulo Álvaro de Córdoba

Na metade do século IX, os cristãos da Espanha foram perseguidos por seus senhores muçulmanos. A resistência espiritual foi organizada pelo arcebispo de Córdoba, Santo Eulógio, morto em 859, assim como por seu amigo Paulo Álvaro. Possuímos diversas obras escritas pelos dois amigos. Elas nos mostram que os espanhóis viviam ainda da herança de Isidoro e conservavam sua própria tradição, embora a decadência do ensino escolar fosse manifesta. Escolhemos aqui um hino em honra de São Jerônimo para ilustrar a latinitude espanhola dessa época. O hino foi atribuído recentemente, por razões convincentes, a Paulo Álvaro.<sup>1</sup>

*1. Christus est Virtus Patris, Sapientia<sup>2</sup>,  
Cunctos qui replet spirituali gratia,  
Ut possint probe digerere normulam  
Et proximorum illustrare opaca,  
Ut digne queant fruere celestia<sup>3</sup>.*

---

<sup>1</sup> Ver a obra erudita de B. Thorsberg, *Études sur l'hymnologie mozarabe*, em que o hino é publicado e comentado às páginas 107 e ss.

<sup>2</sup> **Christus est virtus patris, sapientia.** FONTES. – O autor tomou emprestados esses vocábulos à Vulgata, *I Coríntios*, 1,24 *praedicamus... Christum Dei virtutem et Dei sapientiam*.

<sup>3</sup> **fruere celestia.** SINTAXE. – O emprego de *utor*, *fruor* e de outros verbos com um objeto direto no lugar de um ablativo já se encontra no latim arcaico e se torna muito freqüente depois da época clássica. No início da Idade Média, muitos verbos ordina-

- |  |  |
|--|--|
| <p>2. <i>Ipsius dono<br/>Olim hic vates<br/>Omnibus notus<br/>Cunctos inrigans<br/>Ut sol resplendet</i></p> | <p><i>perflatus egregius<br/>nomine Itheronimus<br/>doctrinarum fontibus<sup>1</sup>,<br/>ex almis dogmatibus<br/>in ortu ignicomus<sup>2</sup>.</i></p> |
| <p>3. <i>Hic procul cuncta<br/>Precalcans<sup>3</sup> pede</i></p>   | <p><i>seculi negotia<br/>velut spurcissima</i></p>   |
- 

riamente intransitivos foram utilizados com um acusativo. Segundo o modelo de *regere*, *iuvare* e *docere*, os verbos *praeesse*, *subvenire* e *praedicare* também receberam frequentemente um objeto direto. Cf. *Vita Richarii* 11, *MGH, Mer.*, VII, p. 451,14 *praeerat suos*; *PAC*, IV, p. 487: 11,1,4 *Iesus, clementer tribulantes subveni*; *Analecta Hymnica*, XXIII, n° 133,2 onde se lê sobre os santos mártires: *Qui in pace ecclesiae florentes more lilii praedicaverunt populum, ut replerent paradisum*. Ainda mais surpreendente, do ponto de vista clássico, é a construção transitiva de verbos como *crescere*, *perire*, *navigare*, dos quais daremos alguns exemplos: *Carmen ad regem*, *MGH, PAC*, IV, p. 136:6 (*Omnes sancti*) *regnum praesens vobis crescent, adquirent perpetuum*; *Fredegário* 2,36 *Felice raenante in Iudaeam, sedicio in Caesariam Palistine orta magna Iudaeorum multitudinem perit*; *Vita Honorati*, *Beiheft 32 zur Zeitschrift für romanische Philologie*, p. 1,25 *Formidabat itaque mater plurimum, que virum induxerat ad errorem, ut infantulum deperiret*; *Vita Landiberti*, 1,17, *MGH, Mer.*, VI, p. 370,17 *navigaverunt eum ad civitatem eius* (Para outros exemplos, confira meu livro *Syntaktische Forschungen*, p. 132 e ss.).

<sup>1</sup> **omnibus notus doctrinarum fontibus**. SINTAXE – *Notus* seguido de um ablativo tem aqui um sentido ativo como *ignotus* nos exemplos seguintes: *Ildefonso de Toledo*, *De virginitate*, 1 *Ignota semper coniugio, ignota amplexu, ignota tactu, ignota maritali collegio*; *Bráulio de Saragoça*, *Renotatio librorum Isitori*, *Migne, Patr. Lat.*, LXXXII, col. 67 C *Quod opus... quisquis crebra meditatione perlegerit, non ignotus divinarum humanarumque rerum scientia merito erit*. Cf. também *cognitus alicuius rei* ao invés de *peritus alicuius rei*, *Eulógio*, *Memoriale sanctorum*, II,1,1 *venerabilis memoriae Perfectus presbyter... plenissime ecclesiasticis disciplinis imbutus et vivaci educatione litteraria captus, nec non ex parte linguae Arabicae cognitus* (*Ver B. Thorsberg, op. cit.*, p. 117 e ss.).

<sup>2</sup> **ignicomus**. LEXICOGRAFIA – *Virgílio* parece ter forjado *ignipotens*, *Ovídio* *ignipes* e *ignifer* e os poetas do baixo-império contribuíram para esta formação de adjetivos: *ignicolor*, *ignicomans*, *ignicomus*, *ignifluus*, *ignivagus*, *ignivomus*.

<sup>3</sup> **precalcans**. LEXICOGRAFIA – Nos textos de origem espanhola, tem-se notado, entre outras palavras, *prespicere*, *prespicuus*, *prestrepere*, *prescrutator* por *perspicere*, *perspicuus*, *perstrepere*, *perscrutator* e é este o mesmo fenômeno que encontramos aqui (Cf. *B. Thorsberg, op. cit.*, p. 65 e ss.).

<p><i>Dedecorosa Alens inopum Sibi eterna</i></p>	<p><i>respuitque<sup>1</sup> rescula<sup>2</sup>, egenaque viscera adquirens stipendia.</i></p>
<p>4. <i>Hic quoque vitam Et sese valde Parentes, domos Bethlem invenit<sup>3</sup> In qua peregit</i></p>	<p><i>appetit monasticam strinxit ad regulam. omittens et patriam rura beatissima, consummata opera.</i></p>
<p>5. <i>Dum esset ferbens<sup>4</sup> Gentiliumque Pro elegante Opusculorum<sup>5</sup> Tali meretur</i></p>	<p><i>calensque ingenio summo cum studio lepore prosatico reconderet animo, corrige oraculo:</i></p>

---

<sup>1</sup> **respuitque.** SINTAXE – Os poetas medievais se servem freqüentemente da partícula *-que* para completar o número de sílabas do verso; assim ocorre aqui e no verso seguinte *egenaque*.

<sup>2</sup> **rescula.** LEXICOGRAFIA – O diminutivo *rescula*, *ae f.* não é desconhecido dos autores tardios. Cf. Paulo Álvaro *Epist.*, XIII,3 *super solis sacerdotibus rescule dispartuntur ecclesie*. Mas, temos aqui, com a mudança do gênero *resculum*, *i n.* Cf. no latim dos moçárabes os neutros *contumelium*, *infamium*, *copulum*, *excubium* etc. (Ver M. C. Díaz y Díaz, *El latín de la península ibérica*, p. 172; B. Thorsberg, p. 25 e 160.).

<sup>3</sup> **invenit.** LEXICOGRAFIA – *Invenit* está empregado aqui por *advenit*. Já assinalamos a confusão dos prefixos que é característica dos autores medievais.

<sup>4</sup> **ferbens.** FONÉTICA – Nada mais comum no latim tardio do que a confusão de *b* e *v*. No *Appendix Probi* se prescreve *baculus non vaclus* e, noutro lugar, *vapulo non baplo*. Esta confusão é atestada muito freqüentemente nos textos espanhóis (cf. mais adiante, na estrofe 9, *negabi* por *negavi*), onde o *f* intervocálico também é sonorizado: cf. *reveratur*, *provano* etc., ao invés de *referatur*, *profano* e, com uma ortografia hipercorreta, *profeant*, *adprofemus* etc. por *provehant*, *adprobemus* (Cf. B. Thorsberg, p. 76 e ss.).

<sup>5</sup> **gentiliumque... pro elegante lepore prosatico opusculorum.** SINTAXE – "Por causa da elegância e da sutileza da prosa das obras pagãs" é uma expressão muito fácil de compreender. É necessário tirar o objeto direto subentendido do verbo *reconderet*, isto é *hoc* ou *haec opuscula*.

6. *Nam, ecce, morbus invadit corpusculum<sup>1</sup>,  
Iamque reclinis dolore in ferculo  
Ex more quippe funerum vulgali<sup>2</sup>  
Obsequiorum, tantum ut spiritum  
Redderet polo et membra in tumulto*
7. *Reconderetur<sup>3</sup> repente, set concito  
Alta penetrans ducitur in spiritu;  
Sistitur nempe Principi ethereo,  
Cui adstant miliarum legio  
Exequitantum illi<sup>4</sup> absque numero.*
8. *Mox Tonans verba feriendo<sup>5</sup> conquerit<sup>6</sup>,*

<sup>1</sup> **corpusculum.** LEXICOGRAFIA – É evidente que *corpusculum* perdeu completamente seu valor de diminutivo. Do mesmo modo se lê num hino pascal, *Analecta Hymnica*, LI, n° 83: (*Christus*) *cuius sacrum corpusculum in ara crucis torridum* (evidentemente *est*).

FONTES – O sonho de São Jerônimo, que Paulo Álvaro conta na parte central do hino é tomado da famosa carta de Jerônimo a Eustáquio (*Epist.* 22,30, *Corpus Scrip-tor. Eccl. Lat.* 54).

<sup>2</sup> **vulgali.** LEXICOGRAFIA – *Vulgalis* ao invés de *vulgaris* não é um erro eventual, mas um uso bastante difundido, sobretudo na Espanha, na Idade Média.

<sup>3</sup> **membra... reconderetur.** SINTAXE – Na Idade Média, quando o sujeito é um neutro plural, o verbo vai, muitas vezes, para o singular. Cf. Gregório de Tours, *Mart.*, 4,45 *quae nuper gestum fuit, edicam*; Paulo Álvaro, *Epist.*, IV,21 *tanta est... eloquia*; *Carm.*, IX,114 *secla recurrit* e em nosso hino, 10: *milia..., orat*.

<sup>4</sup> **miliarum legio exequitantum illi.** LEXICOGRAFIA – O particípio *exequitantum* (*Exequitantum* é uma conjectura infeliz de B. Thorsberg por *exercitantum* ou *exercitatum* dos manuscritos; vide sua edição, p. 123.) se refere a *miliarum*, genitivo plural de *milia*: "uma legião de milhares de homens, louvando a Deus. Encontra-se frequentemente *sequitare* e seus compostos no latim dos moçárabes.

<sup>5</sup> **verba feriendo.** LEXICOGRAFIA – De *verba ferire*, "falar", pode-se conferir em Isidoro, *Etym.*, IX,1,8 *omnes mediterraneae gentes in palato sermones feriunt*.

<sup>6</sup> **conquerit** etc. LEXICOGRAFIA – Paulo Álvaro toma aqui a célebre passagem de São Jerônimo: *Interrogatus condicionem, Christianum me esse respondi. Et ille qui residebat: Mentiris, ait, Ciceronianus es, non Christianus*. Ele deu, portando, o sentido de "perguntar" ao verbo *conquerere*, sentido que encontramos também em suas cartas, por exemplo IV,25 *ad ea de qua conquereris nihil confirmativa respondes*.

<i>Christique servum Non ita, verbis Cordis thesaurum Tullianumque</i>	<i>mox ut esse comperit, ut testatur, asserit. iudicando aperit veraciter protulit.</i>
9. <i>Verbera iubet Corpore<sup>2</sup> densa Propere lingua Cepit, testare: Ausus fuero,</i>	<i>per membris<sup>1</sup> inducere, flagella ingerere. ululando gemere Si umquam hunc legere te negabi, Domine.</i>
10. <i>Tunc Angelorum Supplici prece Ut tribuatur Sicque reversus Cunctis ostendit,</i>	<i>Adstantium milia flexa orat genua<sup>3</sup>, postulanti venia. dissicata corpora ut gesta veracia</i>

---

SINTAXE – Se compararmos as fontes, veremos também que é necessário subentender o acusativo sujeito de infinitivo: *Christi servum mox ut esse* (evidentemente *eum*) *comperit*. É uma elipse que já se encontra nos autores clássicos. Do mesmo modo, a omissão de *esse* no terceiro verso da estrofe não dificulta o entendimento da frase: *non ita* (evidentemente *esse*)... *asserit*.

<sup>1</sup> **per membris**. SINTAXE – Em nosso poeta, a preposição *per* é seguida frequentemente de um ablativo; assim *toto per mundo, longo per tempore, per seculis*. Por outro lado, ele pode escrever *pro nostras noxas, cum vetera (mella)* etc. (Ver. *MGH, PAC*, III, p. 794.).

<sup>2</sup> **corpore**. MORFOLOGIA – Na Idade Média, as terminações *-i* e *-e* do dativo e do ablativo da terceira declinação são trocadas frequentemente uma pela outra.

<sup>3</sup> **flexa genua**. SINTAXE – *Flexa genua* é um nominativo absoluto ou um acusativo absoluto, construções cujo emprego é muito difundido desde o fim da Antigüidade. O nominativo absoluto se apresenta assim: *Lex Visigothorum*, V,14 *si quid exinde libertus libertave distraxerit vel donaverit, modis omnibus invalidum erit, patronus eius scilicet aut patroni filii omnia sibi vindicaturi*; Teofrido de Corbie, *MGH, PAC*, IV, p. 560:3 *Adam plasmatus, prima aetas incipit*; p. 633:14 *Fortis in bello Iesus Neve filius rompheas iactans, civitates corruunt*. Como exemplos do acusativo absoluto pode-se citar, entre outros, *Analecta Hymnica*, XII,486,3 *Quem superatum* (texto dos melhores manuscritos), *fortiter tecum regnant feliciter*; *ibidem*, XXVII,153,8 *Episcopatum accepit, nolentes multos invidos*; *PAC*, IV, p. 459:3 *Debellatas multas gentes, venit ad Bethuliam*.

- |   |   |
|---|---|
| <p>11. <i>Hoc probaretur,<br/>De quibus sepe<br/>Sicque correctus<br/>Ambit precelsa,<br/>Nec sibi affectat</i></p> | <p><i>non falsa somnifera<sup>1</sup>,<br/>inludimur, inproba.<br/>a divina gloria<br/>celestia, deifica,<br/>ultra mundialia.</i></p>      |
| <p>12. <i>Tanto doctrine<br/>Tanto corusco<br/>Instructu ut suo<br/>Plebs Christi que est<br/>Ipsius dono</i></p>   | <p><i>fulget exhinc lumine,<br/>iubar pollet floride,<br/>rutilat splendide<br/>redemta a sanguine.<br/>refice nos, Agie.</i></p>           |
| <p>13. <i>Tu noster splendor,<br/>Per te clarescit<br/>Tu preliator<br/>Aries ingens,<br/>Hereticorum</i></p>       | <p><i>tu nobisque destina<sup>2</sup>,<br/>ubique Ecclesia;<br/>in fide catholica,<br/>fortis es in dogmata<br/>dextruens maceriam.</i></p> |
| <p>14. <i>Te invidorum<br/>Te criminatur<br/>Tibique cedit<br/>Minime valens<br/>Fribola quia</i></p>               | <p><i>insequitur actio,<br/>stultorum factio,<br/>falsa commentatio,<br/>lubrica intentio,<br/>revertit in nicilo<sup>3</sup>.</i></p>      |

---

<sup>1</sup> **falsa somnifera.** LEXICOGRAFIA – Estas palavras correspondem à frase *Nec vero sopor ille fuerat aut vana somnia, quibus saepe deludimur* de São Jerônimo, com o que se conclui que o poeta se serve de *somnifera* no lugar de *somnia*. Confirma num outro hino moçárabe *gubernans dicitur* (evidentemente São Mateus) *cuncta polifera* = *cunctum polum* e num hino nupcial também composto na Espanha *usurpant* (evidentemente *Adam et Eva*) *vetita ligni pomifera* = *vetita ligni poma* (O problema foi tratado de modo detalhado por B. Thorsberg, p. 125 e ss.)

<sup>2</sup> **destina.** LEXICOGRAFIA – O sentido do substantivo *destina* é "coluna", "apoio". Cf. Bráulio de Saragoça, *Renotatio* (Migne, *Patr. Lat.*, LXXXII, col. 67 C): *Quem* (evidentemente *Isidorum*) *Deus post tot defectus Hispaniae novissimis temporibus suscitans, credo ad restauranda antiquorum monumenta, ne usquequaque rusticitate veterasceremus, quasi quandam apposuit destinam.*

<sup>3</sup> **nicilo.** FONÉTICA – *Nicilum* é uma grafia que se encontra frequentemente na Espanha, assim como *mici*, *arcivum*, *macina* etc. (Ver J. Bastardas Parera, *El latín medieval hispánico*, p. 268).



<i>15. Tibi resistens Moxque reiectus Annuens tibi Noscitur fore Idoneus, probus</i>	<i>probatur hereticus deputatur inscius. quisquis<sup>1</sup>, hic catholicus confestim, in hactibus doctrinisque profluus.</i>
<i>16. Tutare plebem Corda perlustra Ut solidata Floreant verbo, Adsistant cuncti</i>	<i>hanc sanctis suffragibus, ex celicis donibus<sup>2</sup>, in pacis dogmatibus fecundi in fructibus in supernis sedibus.</i>
<i>17. Presta, tu Pater, Unus cum Prole Sancto qui cuncta Iugiter, Semper Per infinito</i>	<i>Deus clementissime, simul cum Spiritu gubernas imperio per evi spatio seculorum numero.</i>

[TRADUÇÃO]

1. Cristo é o poder do Pai, a sabedoria que enche todos os homens de sua graça espiritual, para que possam expor bem a lei e ilus-

---

<sup>1</sup> **annuens tibi quisquis** (sc. est). SINTAXE – O participio presente com *sum* pode substituir o verbo simples no latim tardio, em que se diz frequentemente, por exemplo, *sacrificans est* por *sacrificat*. Além disso, permite-se omitir *est* nesta frase, servindo-se do participio presente sozinho no lugar de uma forma pessoal. Este uso é encontrado em orações principais, mas também em subordinadas, sobretudo adjetivas e adverbiais temporais. Cf. Gregório de Tours, *Histoire des Francs*, X,10 *Multum se ex hoc deinceps rex paenitens, ut sic eum ira praecipitem reddidisset*; VI,6 *Dehinc mulier quaedam, quae, ut ipsa declamabat, tria habens daemona, ad eum adducta est*; *Vit. Patr.*, 19,1 *In quo* (evidentemente *viridario*) *ingressa dum intuens herbas loci deambulans, mulier eam... prospexit*.

<sup>2</sup> **suffragibus, donibus**. MORFOLOGIA – A terminação em *-ibus*, depois de muito tempo caiu em desuso, é aqui acrescida por uma espécie de hiperurbanismo aos dois substantivos pertencentes à segunda declinação.

trar os espíritos obscuros dos próximos, permitindo-lhes assim merecer o céu.

2. Inspirado pelo dom de Cristo, nosso célebre pai Jerônimo, conhecendo todas as fontes da doutrina e levando a todos a onda vivificante dos dogmas, brilhou como o sol nascente, como a labareda de fogo.

3. Jerônimo enviou para longe de si todos os cargos desse mundo, comprimindo-os a seus pés, como coisas impuras e vergonhosas, para nutrir os corpos necessitados dos pobres e merecer assim uma recompensa eterna.

4. Jerônimo entregou-se à vida monástica e se submeteu totalmente à regra. Deixou seus pais, sua casa e seu país e veio a Belém, bem-aventurada entre todas as terras, onde acabou suas obras.

5. Como ele era de espírito feroso e vivo e estudava com o maior interesse as obras pagãs por causa da elegância de sua prosa, foi punido por esta revelação:

6. Eis que a doença invade seu corpo e, já prostrado sobre um leito de dor, como para simples funerais, ia entregar a alma a Deus e os membros ao túmulo,

7. quando, subitamente, é conduzido espiritualmente ao mais alto dos céus. Ele se vê colocado na presença do Príncipe Etéreo, perante quem se encontravam legiões inumeráveis, louvando a Deus.

8. Tomando logo a palavra o Todo Poderoso, abriu-se logo o interrogatório e, quando compreendeu que o acusado se dizia cristão, afirmou que esse protesto não tinha fundamento. Ele o julgou e revelou o tesouro de seu coração, e o declarou inteiramente retórico.

9. Ele espancou seus membros e supliciou-se com chicote. Jerônimo soltou gritos de dor e protestou: "Se jamais tento ler esse autor, eu o reneguei, Senhor!"

10. Então, as legiões de anjos que estavam presentes se prostraram, implorando a graça pelo suplicante. Assim ele pôde voltar e mostrar a todos seu corpo dilacerado,

11. Para que fosse demonstrado que se tratava de coisas reais e não desses falsos e ilusórios sonhos que freqüentemente nos enganam. Aperfeiçoado pela majestade divina, e ele se consagrou aos mais elevados, celestes e divinos estudos e não procurou mais imitar os livros profanos.

12. Doravante é tão grande a luz de sua doutrina, tão vasta e brilhante sua erudição, que, graças a seu ensinamento, um magnífico clarão ilumina o povo resgatado pelo sangue de Cristo. Senhor, reconfortai-nos por seu dom.

13. Tu és nosso esplendor, tu és nosso sustentáculo, graças a ti a Igreja brilha por toda a parte, tu és o campeão da fé católica, imenso cordeiro, por teus profundos conhecimentos dogmáticos, tu derrubas a muralha dos hereges.

14. És tu que persegues a ação dos invejosos, tu que incriminas o partido dos loucos, tu que fazes ceder a exegese mentirosa, tentativa pífida, sem qualquer poder, porque vazia de sentido cai em seu nada. 15. O que te resiste é convencido de heresia, e, cedo refutada, passa por ignorante. Quem adota o teu conselho é reconhecido pouco depois como católico, ativo, íntegro e erudito.

16. Defende nosso povo por teu santo auxílio, ilumina nossos corações com os dons celestes para que eles se alegrem nos dogmas

da paz e que todos os homens tenham lugar nas celestiais moradas, fortalecidos por tuas palavras, graças ao fruto de suas boas obras.

17. Atende-nos, Pai, Deus clementíssimo, que, com o Filho e o Espírito Santo, regulas sempre todas as coisas por tuas ordens perpétuas, pela eternidade, por infinito número de séculos.

VERSIFICAÇÃO. -- Este hino está escrito em versos rítmicos que imitam a estrutura dos trimetros jâmbicos. O autor deve ter lido poemas como este de Bráulio de Saracusa em honra de São Milão, que começa por *O magne rerum, Christe, rector inclite* (*Analecta Hymnica*, XXVII, 87). É um hino escrito em trimetros jâmbicos segundo as regras clássicas, segundo o esquema: B L B L B / B L B L B L. Mas esses versos têm sido recitados com os acentos ordinários dos vocábulos:

*O magne rerum, / Christe, rector inclite,*  
*Parent olympi / perpetim cui sidera,*  
*Tu vota festis / annuis faventia*  
*Largire nobis, / casta praebe et sobria,*  
*Placare possint / quae tuam clementiam.*

Se esses versos são recitados com acentos de intensidade e segundo as regras da prosa, não se entende o esquema métrico, mas o ritmo seguinte:  \_ \_ \_ ' \_ / \_ \_ \_ \_ ' \_ \_, isto é, um verso que se compõe de dois hemistíquios, dos quais o primeiro tem cinco sílabas com uma cadência final sempre paroxítona e o segundo sete sílabas com um fim sempre proparoxítono. Designamos esse verso por 5p+7pp. É um verso rítmico do tipo que Paulo Álvaro tentou escrever e que, no conjunto, foi bastante eficiente. Deste modo, respeita cuidadosamente o número de sílabas. Os hemistíquios 3,2 *velut spurcissima*, 4,2 *strinxit ad regulam*, 5,2 *summo cum studio*, 6,4 *tantum ut spiritum*,

12,3 *rutilet splendide* e 14,2 *stultorum factio* que parecem conter seis sílabas, compõem-se, de fato, de sete, porque é necessário, na recitação, acrescentar uma vogal protética diante de *sp* e *st*: *velut espurcissima* etc. O pronome *cui* (7,4) deve ser lido com diérese, enquanto que *deifica* (11,4) e *idoneus*(15,5) são trissilábicos. Duas vezes (11,5 e 12,3) o poeta admitiu uma elisão. No que diz respeito à acentuação, o autor leu, provavelmente, com recomposição, *inrígans* (2,4) e *inópum* (3,4), enquanto que *fuéro* (9,5) é comparável com o espanhol *fuéra* (< latim *fúeram*). Duas vezes parece ter fracassado: 1,4 *inlustrare opaca* e 8,1 *feriendo conquerit*, mas não pode ser excluída a possibilidade de que ele tenha desprezado a prosódia desses vocábulos e tenha acentuado *ópaca* e *cónquerit*. De fato, em seus hexâmetros são encontrados exemplos de uma prosódia extremamente incomum, como *adêquans*, *venérat*, *locôrum*, *ignéus* (^ = breve e ' = longa). Notamos, enfim, que em cada estrofe, todos os versos são rima-dos: *-a* e *-am* rimam freqüentemente, assim como *-o*, *-u* e *-um*. So-mente no verso 17,1 é que o poeta faz uma exceção a esta regra.

## 5. *Aldelmo*

Escolhemos Aldelmo (morto em 709) como representante da latinidade insular, beneficiado pelo ensino dos mestres irlandeses, assim como pelo dos emissários do Papa Teodoro e Adriano. Em matéria de gramática, seu latim é correto, não oferecendo oportunidades para muitas observações. Mas seu estilo e seu vocabulário são muito particulares e revelam sua origem insular. Aldelmo compôs, entre outras, uma obra chamada *De virginitate* que escreveu, segundo o modelo de Sédulio, primeiramente em prosa e depois em versos. A versão em prosa é, freqüentemente, muito mais pomposa que os hexâmetros, como mostram os dois fragmentos seguintes, que tratam da vida de Santa Justina.<sup>1</sup>

*Denique Iustina, iustitiae bernacula<sup>2</sup>, ab orthodoxis non  
contemnenda virago<sup>1</sup>, cum Dioclitianus imperii sceptris infeliciter*

---

<sup>1</sup> Aldelmo, *De virginitate*, 43, *MGH, Auct. ant.*, XV, p. 295 e ss. e a obra poética do mesmo título, *ibidem*, p. 429-430, vv. 1842-1868.

<sup>2</sup> **Iustina iustitiae bernacula.** ESTILÍSTICA – Adelmo acrescentou a explicação *iustitiae vernacula* para sublinhar a etimologia do nome próprio. Na Idade Média, apreciam-se os jogos de palavras desse gênero. Cf., por exemplo, *Analecta Hymnica*, LI, n° 208,1 *Ianuari, ianua caeli*, LII, 161,1 *O Clara luce clarior*, 91,1 *agnes, agna, quae in laeta agni domo habitas*. FONÉTICA – Aproximou-se *bernacula* por *verna-*

*fungeretur, quanta vel qualia apud Antiochiam<sup>2</sup> pro virginitate servanda pertulerit, quis mediocri fretus ingenio expedire se posse gloriatur, ni cuncta signorum et prodigiorum gesta, quae litterarum apicibus inserta leguntur, diligenter didicerit<sup>3</sup>? Quam neque procus ab integritatis arce detrudere nec magica maleficorum necromantia ullatenus vincere valuerunt, sed omnis praestigiarum scena, quam callido fantasmate falsi nebulones scematizarunt, ut famus evanescens disparuît, ut cera liquescens emarcuît, ut umbra fatescens<sup>4</sup> dicto citius dissolvebatur. Hanc, inquam, cum Cypria-*

---

cula à linha 33 *sevo* por *sebo* (*sebum*, *i* = sebo) e, no poema, no verso 20 *fribula* por *frivola*.

<sup>1</sup> **virago.** LEXICOGRAFIA – Popular na Idade Média, o vocábulo arcaico *virago*, derivado de *vir*, é condenado na poesia da época imperial e seguinte, assim como numerosas curiosidades.

<sup>2</sup> **apud Antiochiam.** SINTAXE – No latim falado, o locativo está em vias de desaparecimento desde a época clássica, porque é substituído quase sempre pelo ablativo ou por preposições, principalmente *apud*. Isto explica também a causa de ser o locativo empregado de maneira nova. A partir do modelo *Romae*, escreve-se, por exemplo, *Italiae* e *Africae*.

<sup>3</sup> **diligenter didicerit.** ESTILÍSTICA – O emprego freqüente da aliteração é característica do estilo dos irlandeses e dos ingleses. Adelmo une freqüentemente dois vocábulos que começam pelo mesmo fonema: *magica maleficorum*, *vincere valuerunt*, *fatasmate falsi*, *finetenus favorabiliter*, *praedita permansit* etc.; às vezes as figuras são mais complicadas: *ut in tanto tormento tenerrima virgo torreretur*. Já assinalamos que nesta época os irlandeses e os ingleses pronunciavam *ce* e *ci* como *ke* e *ki*. Temos, portanto, um sistema de aliterações perfeito em 20 *catholicorum coetibus*, 40 *caerimonias cogente*, ou 21 *versa vice supernorum sacramenta caelitus cognosceret*. Além do mais, *v* e *f* eram pronunciados da mesma maneira. Logo, parece que, no verso 4 do poema, *florida mundanae calcans commercia vitae*, há duas aliterações porque as palavras *florida* e *vita* estão aproximadas. Expressões como *infeliciter fungeretur* (linha 2), *petrae im-posuit* (linha 31) ou *feliciter per-veniret* (linha 24) nos fazem crer que Adelmo, às vezes, decompôs os vocábulos, fazendo aliterar o som inicial do vocábulo simples com o vocábulo precedente ou seguinte. Posto isto, a seqüência de aliterações é absolutamente regular, inclusive na linha 20 *magorum molimina funditus e-verteret et medullitus a-mitteret*.

<sup>4</sup> **evanescens, liquescens, fatescens.** ESTILÍSTICA – Adelmo aprecia não somente as aliterações, mas também os membros paralelos com que ele ornamenta freqüen-

*nus, qui per idem tempus aruspicum celeberrimus et post Soroastren et Simonem magorum praestantissimus fuisse memoratur, adhibitis Leviathan<sup>1</sup> argumentis strofosisque deceptionum muscipulis ad thalami copulam et maritale consortium flectere nequiret, ilico per castissimam Iustinae virginitatem, qua omnes contrariarum virium machinas exterminans eliminaverat, invictum Christi tropeum et ineluctabile bravium licet paganus prudenter intellexit ita prorsus, ut actutum ecclesiastico exorcismo catacizatus<sup>2</sup> et parturientis gratiae vulva in baptisterio regeneratus, ubi seni vel bis terni gradus<sup>3</sup> collocantur, catholicorum coetibus adscisceretur, quatenus, qui magorum molimina funditus everteret et medullitus amitteret, versa vice supernorum sacramenta caelitus cognosceret et ef-*

---

temente de rimas ou de outros artifícios retóricos. Aqui é fácil ver que os três participios em *-escens* foram escolhidos para pôr em destaque o paralelismo; à linha 14 *ad thalami copulam et maritale consortium*, as duas sílabas *t(h)al* e *co* foram repetidas em cada membro, à linha 16 *invictum Christi tropeum* (= *tropaeum*) e *ineluctabile bravium* (= *brabium*), o adjetivo incomum *ineluctabile* é acrescido por causa do paralelismo e da aliteração.

<sup>1</sup> **Leviathan.** MORFOLOGIA – O nome hebraico que é indeclinável deve ser interpretado aqui como um genitivo possessivo. *Leviathan* designa um monstro, aqui o diabo, que, paralelamente, é chamado *strofosus* (*strophā* = "pantomima", "peça que se prega nas pantomimas", "astúcia").

<sup>2</sup> **catacizatus.** FONÉTICA – Pode-se explicar a forma *catacizatus* por *catechizatus* de duas maneiras: ou Adelmo foi influenciado pelas palavras que começam por *cata-*, ou então se trata de um traço de empréstimo tomado dos irlandeses, onde se revelaram formas como *maladico*, *kalandas*, *idiama*, *Alaxander*, *ortagrafia*, *manachus* (cf. irlandês *Alaxandir*, *manach* "monge" etc.) (Ver B. Löfstedt, *Der hibernolateinische Grammatikker Malsachanus*, p. 97, que sublinha também a existência do fenômeno inverso: *monochus* por *monachus*, *colophizo* por *colaphizo* etc.).

<sup>3</sup> **seni vel bis terni gradus.** FONTE – A exposição dos seis graus do batismo e dos sétimo grau do episcopado é compreendida se se considerar a fonte de Adelmo, Isidoro, *De officiis*, II,25,4 *Fons autem origo omnium gratiarum est, cuius septem gradus sunt: tres in descensu propter tria quibus renunciamus, tres alii in ascensu propter tria quae confitemur; septimus vero, id est qui et quartus, similis filii hominis, extinguens fornacem ignis, stabilimentum pedum, in quo omnis plenitudo divinitatis habitat corporaliter.*



*ficeretur impavidus praedicator, qui fuit pervicax fidei refragator, sicque per septenos ecclesiae gradus paulatim proficiens ad summum pontificatus apicem feliciter perveniret.*

*Iustina vero non solum integritatis gloria fine tenus favorabiliter praedita permansit, verum etiam ad capissendam<sup>1</sup> passionis palmam adamante durior diversis tormentorum cruciatibus macerata non cessit, quia invictae mentis fundamina nequaquam arenosis<sup>2</sup> sablonum glareis ultro citroque nutabundis subdiderat, sed editam aulae structuram, ut ille sapiens, quem evangelicum describit oraculum, robustissimae petrae imposuit. Quae dum crudis nervorum flagris truciter caederetur et crebris palmarum contusionibus exalparetur, tandem in sartagine ferream sevo et pice crepitantem, ut in tanto tormento tenerrima virgo torreretur, scandere iussa est. Sed Christus clementia sua solita, qua mediocribus consulens et contritis corde ultro misereri scit, flammantis foci<sup>3</sup> potestatem compressit et ad inclitam nominis sui gloriam virgineos artus ab ingruenti sartaginis exitio potenter protexit. Postremo Claudio Ca-*

---

<sup>1</sup> **capissendam.** MORFOLOGIA – Parece que Adelmo confundiu as formações em *-essere* e em *-issere* (*capessere*, *incipissere*), confusão bastante desculpável, se for levada em conta a existência das formas *capescere* e *capiscere* no latim medieval (Cf. B. Löfstedt, *Studien über die Sprache der langobardischen Gesetze*, p. 32 e ss.).

<sup>2</sup> **arenosis sablonum glareis.** ESTILÍSTICA – Sabe-se que os vocábulos *arena*, *sablo* e *glarea* têm o sentido de "areia", "saibro" e "cascalho". Esta redundância, característica do estilo pomposo de Adelmo, corresponde à simples expressão bíblica, Mateus 7,26 (*vir stultus*) *qui aedificavit domum suam super arenam*.

<sup>3</sup> **flammantis foci.** LEXICOGRAFIA – No latim falado, *focus* "lareira", tomou logo cedo o sentido de "fogo", como o mostram as línguas românicas e numerosos textos, desde a época imperial. Aqui, sem dúvida, Adelmo escolheu *focus* para fazer aliterar o substantivo com o participio *flammantis*. No latim insular, a mudança de sentido de *focus* tomou os sentidos de "lar", "lareira", "casa", ao invés de *ignis*. Encontram-se exemplos nas *Hisperica famina*, A 439, em Adelmo, *Aenigmata*, 52,5 e, ainda, em Beda, *De psalmo LXXXIII,6 turicremo purgans crimina cuncta lare* (*Corpus Christianorum*, CXXII, p. 449. Cf. também *ibidem*, p. 415:11,3 e p. 425:9,2).

*esare ultroneos Dei martires ergastuli squaloribus cruciante et edictis crudelibus ad delubrorum caeremonias cogente sententiam decollationis accipiens una cum Cypriano non iam necromantia freto, sed pontificatu praedito sacrosancto cruoris ostro purpurescit.*

[TRADUÇÃO]

Enfim, foi sob o reino fatal do imperador Diocleciano que viveu Justina, a servidora da justiça, uma virgem que os ortodoxos não devem negligenciar. Que homem comum poderia gabar-se de explicar tudo que ela suportou em Antioquia para guardar sua virgindade, a menos que tenha tomado por base tudo que se pode ler na literatura sobre sua vida plena de milagres e de prodígios? Seu noivo não pôde fazer cair a cidadela de sua castidade, nem a necromancia dos malfetores vencê-la, mas toda a encenação fantasmagórica que os charlatões mentirosos tinham montado com uma astuciosa imaginação desapareceu como a fumaça que se desvanece, afastou-se como o círio que derrete, dissipou-se, em menos tempo que o necessário para dizê-lo, como a sombra que se desfaz. Cipriano (segundo a tradição), o mais célebre feiticeiro desta época e o mais hábil mágico depois de Zoroastro e Simão, não sendo bem sucedido em conduzi-la aos laços do matrimônio e à união conjugal, apesar dos argumentos de Leviatã e as sedutoras bruxarias do Maligno, a castidade virginal de Justina, graças à qual ela havia afastado e destruído todas as maquinações diabólicas fê-lo compreender, enfim, embora fosse pagão, que o troféu de Cristo era indestrutível e que sua vitória era fatal. Assim, imediatamente libertado pelo exorcismo da Igreja, e introduzido numa nova vida pelo canal da graça fecunda, no batistério aos seis, ou duas ve-

zes três graus, foi admitido na assembléia dos católicos, de modo que, invertendo inteiramente as maquinações diabólicas e enxotando-as do mais profundo de si mesmo, aprendeu em contrapartida as verdades religiosas sob a inspiração celeste; ele que havia recusado obstinadamente a fé, torna-se um pregador audacioso e escalando pouco a pouco os sete graus da Igreja, teve a glória de chegar à dignidade suprema do episcopado.

Quanto a Justina, não somente conseguiu perseverar até o fim em sua gloriosa virgindade, mas ainda obteve a palma do martírio: mais dura que o aço, ela não cedeu às mil torturas que lhe impuseram, porque não tinha colocado os fundamentos de sua alma invencível num terreno arenoso e instável em todos os sentidos, mas tal qual o sábio de que fala o Evangelho, ela construiu sobre a rocha a mais sólida arquitetura de sua casa. Depois de ter sido cruelmente fustigada por rudes golpes de chicote e esbofeteadas numerosas vezes, recebeu a ordem para descer numa caldeira de ferro, toda crepitante de sebo e pez, para que, a tenra menina fosse torturada por um tormento tão grande. Mas o Cristo que em sua clemência habitual tem piedade dos humildes e dos aflitos sufocou as chamas e preservou por seu poder, para glória de seu nome, o corpo virginal da morte que a esperava na caldeira. Enfim, quando o imperador Cláudio torturava os mártires voluntários de Deus em sua horrível prisão e os forçava por editos cruéis a participar das cerimônias dos templos pagãos, ela foi condenada a ser decapitada, quando Cipriano já não era feiticeiro, mas bispo, sendo pintada de vermelho pela santa púrpura de seu sangue.

*Sic quoque Iustinam modulabor carmine castam<sup>1</sup>  
 Aurea virgineo lucrantem regan pudore,  
 Quae terrena tori dirupit vincla iugalis  
 Florida mundanae calcans commercia vitae.  
 Huic procus illustris pravo succensus amore  
 Nectere non cessat verborum retia frustra,  
 Ut sibi forte foret dotalis virgo per aevum,  
 De qua posteritas esset ventura nepotum.  
 Sed cum tale nefas gestiret mente malignus*

*Nec tamen insontem posset pervertere fallax  
 Virginis aut fibras caecis incendere flammis,  
 Nititur egregiam magicis maculare venenis.  
 Tunc famosus erat Cyprianus fraude nugaci  
 Doctus in horrenda sceleratorum arte magorum,  
 Qui tunc auxilium spondebat ferre potenti  
 Plurima scematizans<sup>2</sup> sacrae molimina menti*

---

<sup>1</sup> **carmine castam.** ESTILÍSTICA – Na maior parte dos hexâmetros, Adelmo emprega aliterações desse tipo. Às regras que já demos, podemos acrescentar agora que pode haver aí uma aliteração entre duas vogais quaisquer. Cf. v. 14 *doctus in (h)orrenda sceleratorum arte magorum* em que há uma correspondência entre *i*, *o* e *a* (*in horrenda arte*). Exemplos mais seguros são encontrados em Alcuíno, *MGH, PAC*, I, p. 303:

Te (h)omo laudet,  
 alme creator,  
 Pectore mente  
 pacis amore:  
 Non modo parva  
 pars quia mundi est.

<sup>2</sup> **scematizans.** MÉTRICA – Nos poetas clássicos, *sc* e *sp* no início de um vocábulo, não tornam longa por posição, necessariamente, a sílaba precedente. Do mesmo modo, Adelmo escreve, por exemplo, *fastigi`á scandit, sign`á stupendus*. Mas, ele vai mais longe, dispensando-se da regra da posição até mesmo entre vocábulos: *r`éstaurans, g`estat, r`éstat, n`ésciat*, permitindo-se que a prosódia *scemat`izans* seja um fenômeno análogo. Por outro lado, a sílaba que precede *qu* é longa, por vezes, em Adelmo: *calc`eque, qu`oque* etc. Além disso, podem ser notadas nesse autor as extravagâncias seguintes: *`égotum, lor`ica, clandest`ina, quint`illis, rad`ice, Chald`ea regna, fid`ei, ind`olis* (Ver a edição de Ehwald, *MGH, Auct. ant.*, XV, p. 754 e ss.).

*In tantum, ut diris certaret demonis armis.  
 Quos<sup>1</sup> magus assidue strososus misit ad almam,  
 Ut pia pulsarent stimulis praecordia stupri.  
 Sed cum virgo Dei sprevisset fribula carnis  
 Lurida tetrorum confringens tela latronum,  
 Credidit altithronum salvantem saecula Christum  
 Ad dominum tota conversus mente fidelis:  
 Poenituit<sup>2</sup> tandem magus idola spurca relinquens  
 Expertus, virgo quid posset ferre pericli,  
 Quae numquam valuit superari mille nocendi  
 Artibus, incesti sed fugit crimen iniquum.*

[TRADUÇÃO]

Celebrarei também em meu canto a casta Justina que ganhou o reino eterno por seu virginal pudor. Ela quebrou os laços profanos do casamento, desdenhando a prosperidade de uma vida terrestre. Seu nobre noivo, inflamado por um amor impuro, insiste, sem sucesso, em lhe pedir que se decidisse a se tornar para sempre sua mulher, de

---

Mesmo um autor erudito como Beda, o Venerável, escreve *Chald' éa, Iud' éa, form' ides, persev' érat, fid' éi* etc., e encontramos casos parecidos durante toda a Idade Média (Ver *Corpus Christianorum*, CXXII, p. 408:12,1 e 2, p. 413:9,1, p. 414:5,3 e p. 425:14,3).

<sup>1</sup> **quos**. SINTAXE – *Quos* se relaciona com a expressão *plurima scematizans molimina* como se Adelmo tivesse escrito "ele enganou vários mágicos".

<sup>2</sup> **poenituit**. SINTAXE – Expressões impessoais do tipo *me paenitet, me piget* tendiam, desde o início da literatura latina, a ser suplantadas pelas construções pessoais *paeniteo* (na Idade Média, *me paeniteo*), *pigeo*. Cf. no latim medieval *Visio Baronti*, *MGH, Mer.*, V, p. 388,9 *multum... te penitebis*; *Vita Eucherii*, prólogo, *ibidem*, VII, p. 46,39 *non pigeamus*; *PAC*, IV, p. 205:234 *presens tedet tibi víta*; *Concilium Matisconense* a. 585,11 *unusquis nostrum oportet... hortari*.

O latim tardio também nos oferece exemplos do fenômeno inverso. Assim *PAC*, IV, p. 594:5,5 *ipse te ammonet quod debet facere*, onde *debet* seguiu o modelo de *oportet*. Do mesmo modo se chega à conclusão de que se encontra o emprego impessoal de *potest, dicit* e de outros verbos (Cf. E. Löfsted, *Vermischte Studien*, p. 130 e ss.).

quem nasceriam as gerações futuras. Mas como esse homem perigoso, animado por seu desejo sacrílego, não podia mesmo seduzir a inocência da virgem por meio de suas mentiras, nem inflamar seu coração de uma paixão cega, tenta corromper sua virtude por meio de bebidas mágicas. Havia naquele tempo um bruxo famoso, Cipriano, instruído na arte horrível dos mágicos perversos. Sobre seu pedido, promete ajudá-lo e organizou vários atentados contra esta alma santa que teve de lutar contra as armas horríveis do diabo. O mágico artificioso enviava sempre sedutores à santa para tentar suas piedosas resoluções, incitando-a a relações culpáveis. Mas, como a virgem de Deus fugia dos prazeres da carne, pondo em ridículo as armas lívidas dos odiosos bandidos, e ele creu em Cristo, o celeste soberano, salvador do mundo, e se converteu de todo o coração ao serviço do Senhor. O mágico se arrependeu e abandonou os ídolos imundos, quando viu os perigos que podia suportar a virgem que, sem nunca ter sido vencida por seus mil estratagemas, soubera escapar à injusta acusação de libertina.

## 6. O júzo final

A célebre seqüência da missa de exéquias *Dies irae, dies illa*, atribuída a Tomás de Celano, e em todo caso composto no século XI-II, é justamente considerado como uma das obras primas da poesia latina da Idade Média. Esta seqüência é o resultado de uma longa série de poemas: o assunto sempre tentou os escritores medievais. Há, entre outros, em manuscritos de época carolíngia, um poema que apresenta semelhanças surpreendentes com a seqüência. A versificação desse poema é imperfeita, e seu latim pertence mais à barbárie merovíngia do que à escola carolíngia; mas é o fato de um verdadeiro poeta ter encontrado aqui o tom digno de um assunto majestoso, e a rudeza da versificação e da língua que destaca de modo feliz a austeridade do conteúdo. Damos aqui o texto a partir de um manuscrito de Clermont-Ferrand que respeitou os originais, segundo nosso ponto de vista, melhor que outros testemunhos<sup>1</sup>.

*Qui de morte estis redempti<sup>2</sup>  
Et per crucem liberati,*

---

<sup>1</sup> Este poema foi publicado por K. Strecker, *MGH, PAC*, IV, p. 521 e ss. que, entretanto, prefere o texto de um outro manuscrito.

<sup>2</sup> **redempti** etc. FONTES – O poeta se inspirou em *I Pedro*, 1,18 e seguintes *redempti estis... pretioso sanguine... Christi* e no prefácio da missa: *sursum corda*. Nas

*Pretioso comparati  
Sanguine filii Dei,  
Sursum corda sublevate  
Et Iesum desiderate.*

*Diem magnum formidate,  
Quando mundum iudicare  
Christus, imperator caeli,  
Venit, fulgens in virtute,  
Et in magna claritate  
Regnum sanctis preparare<sup>1</sup>,*

*Cum, aperta astra caeli<sup>2</sup>,  
Fulgorans ab arce patris  
Lucens vultus Iesu Christi  
Apparebit<sup>3</sup> mundo omni,*

---

estrofes seguintes, é sobretudo a narração de *Mateus*, 25,31 e seguintes que inspira o poeta, acrescentando-lhe imagens e fórmulas tiradas das profecias do *Antigo Testamento* e do *Apocalipse*.

<sup>1</sup> **iudicare... venit... et... preparare.** SINTAXE. – Desde a Antigüidade, o infinitivo final e o gerundivo precedido da preposição *ad* são encontrados em concorrência. Podia-se dizer *venio petere* ou *venio ad petendum*, *do bibere* ou *do ad bibendum*, *facilis facere* ou *facilis ad faciendum*. As duas construções são influenciadas mutuamente e se começou a dizer por um lado *venio ad petere* e de outro *venio petendum*. Na língua corrente, é o infinitivo que conseguiu a vitória. Isto se reflete frequentemente nos textos medievais em que encontramos exemplos como *Analecta Hymnica*, LIII, nº 73,11 *ad monumentum videre properant*; *Vita Landiberti*, 23, *MGH, Mer.*, p. 375,15 *concurrerat mixtus vulgus utriusque sexus... ad basilica (= basilicam) in honore ipsius sancti aedificare*; *Itala*, Joh., 6,52 (cod. Verc.) *carnem dare ad manducare*; *Vita Audoini*, 12, *MGH, Mer.*, V, p. 562,2 *perlongum est ad enarrare* (Para outros exemplos, vide meus *Syntaktische Forschungen*, p. 206 e ss.; J. Bastardas Parera, *Particularidades sintácticas*, p. 167 e ss.; M. Bassols de Climent, *Glossarium Mediae Latinitatis Cataloniae*, I, p. 29 e ss.; E. Svenberg, *Lunaria et zodiologia Latina*, Göteborg, 1963, p. 30, *Mittellateinisches Wörterbuch*, I, p. 151,30 e ss.).

<sup>2</sup> **aperta astra caeli.** SINTAXE. – A imagem surpreendente torna-se facilmente compreensível, desde que se dê conta do fato de que *astra* é quase sempre sinônimo de *caelum* nos hinos. *Aperta astra* é um nominativo ou um acusativo absoluto.

<sup>3</sup> **fulgorans ab arce patris... apparebit.** FONTES. – Parece que o poeta tenha-se lembrado do antigo hino *Apparebit repentina*, onde lemos, nas estrofes 4 e 6, *MGH*,



*Obviam volabunt sancti  
Suo pio redemptori,*

*Cum mundi rota<sup>1</sup> ab igne  
Tota coeperit ardere  
Sive flamma concremare,  
Caelum ut liber plicare<sup>2</sup>,*

---

PAC, IV, p. 508: *De caeleste iudex arce maiestate fulgidus... aderit et Flamma ignis anteibit iusti vultum iudicis.*

<sup>1</sup> **rota mundi.** LEXICOGRAFIA. – Esta expressão é formada a partir de *orbis terrae* "o círculo do mundo".

<sup>2</sup> **concremare, plicare,** intr. SINTAXE. – Um particípio presente como *vertens* pode ter dois significados: "girando (alguma coisa)" e "girando-se", isto quer dizer que se refere seja a *verto*, seja ao meio *vector* "eu me giro". Este duplo sentido do particípio presente ainda se observa na Idade Média, em que podemos, por exemplo encontrar *tribulans* e *vexans* como particípios de *tribulor* e de *vexor*; cf. Grégoire le Grand, *Epist.*, X,20, *fraternitatis vestrae doctrina tribulantibus sit solamen; Vita Richarii*, 12, *MGH, Mer.*, VII, p. 452,5 *illic vidimus daemioniacos nimis vexantes*. Por causa deste uso dos particípios presentes, também se têm empregado as formas conjugadas dos verbos ativos num sentido neutro ou intransitivo. Assim, *vertere* já se emprega, na época clássica por *verti* ou *se vertere* e, mais tarde, encontramos toda uma série de verbos desse gênero: *minuere, mollire, recreare, sanare, siccare, iustificare, praesentare, coniungere, levare* por *se minuere* etc. Cf. *MGH, PAC*, IV, P. 536 14,2 *Beatus Victor... pro cuius laude hodie coniunximus; Vita Geretrudis*, A, 5, *MGH, Mer.*, II, p. 458, 33 *Cum autem adpropinquasset, levavit magna tempestas*. Portanto, é possível dar ao infinitivo *plicare* o sentido de *se plicare*. Como os versos 2 a 6 da estrofe terminem por um infinitivo ativo com um significado intransitivo ou neutro, uma interpretação parecida de *concremare* é também preferível ("quando o mundo começará a queimar-se pela chama"). Efetivamente, os verbos transitivos *incendere, accendere, concremare, exurere* são empregados, às vezes, como intransitivos na Idade Média e, por outro lado, *ardere* se tornou, às vezes, transitivo. Eis alguns exemplos: Gregório de Tours, *Hist. Franc.*, 8,15 *ex hoc mihi miraculi lumine animus magis accendit; Vita Sulpicii*, A. 2, *MGH, Mer.*, p. 373,14 *casu contigit ut domus illius concremaret*; Gregório de Tours, *Vitae patr.*, 8,11 *At ille correptus febre, sicut vino, ita divino exurebat incendio*; Andrade, 3, 232, *PAC*, III, p. 108:

*Et gladio obtruncans bis denos caelicolarum,*

*Septem germanos arsit pro nomine Christi* (Cf. Hofmann-Szantyr, p. 295 e ss., e meus *Syntaktisches Forschungen*, p. 195 e ss.).

*Sidera tota cadere<sup>1</sup>,  
Finem seculi<sup>2</sup> venire,*

*Cum a voce regis magni  
Resurgent omnes defuncti  
Recepturi unusquisque  
Prout gesserat in carne,  
Et praesentabuntur omnes  
Ante thronum maiestatis.*

*Dies ille dies irae<sup>3</sup>,  
Dies nebulae et caliginis,  
Dies tubae et clangoris,  
Dies luctus et tremoris,  
Quando tenebrarum ignis  
Supercadet<sup>4</sup> in iniquis.*

---

<sup>1</sup> **sidera tota cadere.** LEXICOGRAFIA. – O uso de *toti* "todos", por *omnes* já pertence à época imperial.

MORFOLOGIA. – *Cadere* deve ser acentuada, aqui, na penúltima sílaba, isto quer dizer que o verbo passa da terceira para a segunda conjugação: *cadére* é o ponto de partida de todas as formas românicas: italiano *cadere*, espanhol *caer*, antigo francês *cheoir* etc.

FONTES – É ao *Apocalipse*, 6,13, que o poeta tomou o conteúdo desta estrofe: *stellae de caelo ceciderunt super terram... et caelum recessit sicut liber involutus.*

<sup>2</sup> **finem seculi venire.** SINTAXE. – Parece que o acusativo *finem* por *finis* resulta de uma confusão de construções: o poeta começou com sujeitos no nominativo *cum rota coeperit ardere, caelum plicare, sidera cadere*, mas acrescentou um acusativo no fim, como se se tratasse de proposições infinitivas. O poema foi escrito realmente na França, onde sempre se conservou uma distinção clara entre o caso reto (ou caso sujeito) e o caso oblíquo (ou caso regime).

<sup>3</sup> **dies irae.** FONTE. – O poeta teve sob os olhos a profecia de *Sofonias*, 1,15 *Dies irae dies illa, dies tribulationis et angustiae, dies calamitatis et miseriae, dies tenebrarum et caliginis, dies nebulae et turbinis, dies tubae et clangoris.*

<sup>4</sup> **tenebrarum ignis supercadet.** LEXICOGRAFIA. – A expressão *tenebrarum ignis*, isto é, *inferni ignis*, deve ser aproximada de *Mateus*, 25,30 *inutilem servum eicite in tenebras exteriores, illic erit fletus et stridor dentium.* O verbo *supercado* foi tomado do *Salmo* 57,9 *supercecidit ignis et non viderunt (scilicet iniqui) solem.*

*Qualis pavor tunc aderit<sup>1</sup>,  
Quando rex iratus venit  
Et infernus apparebit  
Impiosque absorbebit,  
Sulphur, flamma atque vermes  
Cruciabunt peccatores?*

*Quid acturi erunt mali,  
Quando ipsi tremant sancti  
Ante tantam maiestatem  
Iesu Christi filii Dei?  
Et si iustus<sup>2</sup> vix evadit,  
Impius ubi parebit?*

*Ibi Angeli<sup>3</sup> timebunt*

---

<sup>1</sup> **aderit.** LEXICOGRAFIA. – Aqui a raiz de um verbo simples (ou primitivo) leva o acento: *adérit*. Na poesia rítmica, é possível constatar freqüentemente esta forma de recomposição. Quando lemos *Tunc videbit quid proderunt* num verso em que o final é sempre paroxítono, é evidente que se deve ler *prodérunt*. Dessa maneira se revelaram, entre outras, as acentuações *ablúit, concútit, detúlit, indúit, protégat, resónant, retúlit, sustúlit, invócans, circúitus, duodécim, exítus, invícem*. A vogal do verbo simples (ou primitivo) é quase sempre reconstituída: *resédens, deprémit* etc. (Ver *MGH, PAC, IV, p. 1163 e ss.*).

Além disso, o verbo composto (ou derivado) tem aqui o sentido do verbo simples (ou primitivo), como na estrofe 11,3 *quid aderunt tunc dicturi*. Cf. *Vita Gangulfi, 2, MGH, Mer., VII, p. 158,2 Quae licet nobilissimis adforet (= foret) orta natalibus, dissimilis tamen exitit moribus; Carmina Centulensia, PAC, III, p. 322:15 sollicitus, moneo, quapropter semper adesto (= esto)*. É bem conhecido o fato de um prefixo (preposição ou partícula) de um verbo composto não modificar o sentido do verbo simples. Assim como *re* em francês perdeu sua função original em *remercier*, ou *remplir*, também o latim tardio emprega, por exemplo, *repraesentare* por *praesentare*, *recludere* por *claudere* etc.; cf. Ven. Fort., *Vita Radegundis, 37,85 reclausa post se mox ianua* (Cf., por exemplo, S. Blongren, *Studia Fortunatiana*, Upsala, 1933, p. 154 e ss.).

<sup>2</sup> **et si iustus** etc. FONTE. – Cf. *I Pedro, 4,18 Et si iustus vix salvabitur impius et peccator ubi parebunt?*

<sup>3</sup> **angeli** etc. FONTE. – Sabe-se que a "hierarquia celeste" é dividida em três grupos, descritos em latim já por Gregório, o Grande, *In evang., II,34,10 angeli, archangeli, virtutes; potestates, principatus, dominationes; throni, cherubim, seraphim*. Aqui a ordem é modificada por causa da versificação.

*Archangeli formidabunt,  
Throni atque Potestates,  
Principatus et Virtutes,  
Cherubim atque Seraphim<sup>1</sup>  
Sive Dominationes.*

*Tunc sedente Iesu Christo  
In aeternitatis throno,  
Adstante choro sanctorum  
Omnium patriarcharum,  
Prophetarum, apostolorum,  
Martyrum et confessorum,*

*Tunc videbunt omnes Christum  
Pro hominibus crucifixum.*

---

<sup>1</sup> **Seraphim.** FONOLOGIA. – Segundo a gramática de Alexandre de Ville-Dieu, os nomes próprios de origem hebraica devem ser acentuados na última sílaba, se estiverem indeclinados:

*Omnis barbara vox non declinata latine  
Accentum super extremam servabit acutum.*

Já muito mais cedo se havia prescrito a acentuação *Adám, Joséph, Jesús, Abrahám* etc., e se havia praticado esta acentuação na versificação. Cf., por exemplo, a estrofe seguinte de um guia bem conhecido de Pierre de Corbeil:

*Hic in collibus Sichén  
Enutritus sub Rubén  
Transiit per Iordaném,  
Saliit in Bethlehém,  
Hez, Sir asne, hez.*

Mas, freqüentemente os nomes hebraicos têm sido acentuados segundo as necessidades do verso. *María, Iacóbus, Gabríel, Hierúsálem* não são menos freqüentes do que *Mária, Iacobus, Gábríel, Hierúsalem* na poesia quantitativa, e a mesma alteração se produz nos versos rítmicos. Cf. PAC, IVm o. 509:20,1 *Urbis summae Hierúsálem introibunt gloriam*; p. 562:14,2 *Quem rex Pharáo adflixit in Égypto*; Gautier de Châtillon, *Poèmes satiriques*, publicados por Strecker, p. 40:2,4 *Letare Ierúsalem et conventum facite*; p. 84:10,2 *si tot plagis Phárao durum cor indurat* (Ver Ch. Thurot, *Notices et extraites*, p. 400, e minha *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*, p. 19.). A acentuação *Seráphim* em nosso poema, nada tem de extraordinário para quem conhece a prática lingüística da Idade Média.

*Quid aderunt tunc dicturi,  
Qui se nolunt emendare  
Et videbunt plagas ferri  
In corpore Iesu Christi?*

*Iam quod oculus non vidit<sup>1</sup>  
Neque auris audivit  
Nec in cor hominis ascendit,  
Quanta Deus preparavit  
Sanctis suis, quos dilexit  
Et de hoc mundo elegit.*

[TRADUÇÃO]

Vós, que estais salvos da morte e libertados pela Cruz, resgatados pelo sangue precioso do Filho de Deus, elevai vossos corações e orai fervorosamente a Jesus.

Temei o grande dia em que o Cristo, o imperador do céu, virá para julgar o mundo, resplandecendo em sua majestade, e para preparar o reino aos santos em sua glória infinita,

quando o céu se abrirá e, refletindo o clarão da morada paterna, a face de Jesus Cristo aparecerá em seu esplendor ao mundo inteiro, enquanto os santos se lançarão diante de seu redentor cheio de bondade,

então o disco do mundo se abrasará e se consumirá nas chamas, o céu se dobrará como um livro, todas as estrelas cairão e virá o fim do mundo,

---

<sup>1</sup> **quod oculus non vidit** etc. FONTE. – O poeta transcreveu literalmente *I Coríntios*, 2,9 *sed sicut scriptum est: Quod oculus non vidit nec auris audivit, nec in cor hominis ascendit, quae praeparavit Deus iis qui diligunt illum; nobis autem revelavit Deus per Spiritum suum.*

quando, ao chamado do grande rei, todos os mortos ressuscitarão para receber cada um o salário de sua vida terrestre, sendo todos conduzidos perante o trono de majestade.

Aquele será um dia de ira, dia de tristeza e escuridão, dia de trombeta e clamor, dia de luto e terror, quando o fogo das trevas se abaterá sobre os injustos.

Qual será sua angústia, quando vier o rei em seu furor, quando o inferno aparecer para engolir os ímpios e quando o enxofre, a chama e os vermes roedores atormentarem os pecadores?

Que farão os maus, quando até os santos tremerão diante da imensa majestade de Jesus Cristo, o Filho de Deus? E se apenas o justo escapa, onde ficará o ímpio?

Ali é que os anjos terão medo, ali é que tremerão os arcanjos, os tronos e as potestades, os principados e as virtudes, os querubins, os serafins e as dominações.

Então, Jesus Cristo se sentará no trono da eternidade e o coro de todos os santos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires e confesores será reunido diante de si.

Então, todos verão o Cristo, crucificado pelos homens. Que dirão, então, os que não querem se emendar, quando virem as chagas feitas a ferro no corpo de Jesus Cristo?

Tudo que os olhos viram, os ouvidos não ouviram e não chegou ao coração do homem, Deus preparou para os santos, que Ele ama, selecionando-os deste mundo.

VERSIFICAÇÃO -- A versificação deste canto rítmico é muito simples. Cada estrofe se compõe de seis versos, cada um dos quais tem oito sílabas e um final paroxítono (8 p.). O poeta acrescentou uma sílaba aos versos 1,1; 10,5; 11,2 e 12,3 e duas sílabas ao verso 6,2. Nos dois últimos casos, é justificável por causa da dificuldade de inserir citações literais da Bíblia. É também por causa disso que o verso 6,2 apresenta um final proparoxítono. Mas, apesar disso, a versificação é regular: *fili* (8,4) deve ser lido com sinérese, *auris* (12,2) com diérese, *cadére*, *adérit* e *Seráphim* são acentuados na penúltima (ver o comentário). Quanto à cadência final, os acentos alternam quase sempre regularmente: *ét per crúcem liberáti*, *pétióso cómparáti* etc., mas o poeta não se mortifica por escrever *ságuine filii Déi* (1,4), *cáelum ut líber plicáre* (4,4) etc. (ver 4,1; 4,5; 5,2; 6,2; 8,6; 9,2; 10,3; 11,6; 12,6); somente a acentuação final é invariável (com apenas uma exceção). O autor se serve da técnica merovíngia de rima ou de assonância: *caeli* forma uma rima monossilábica com *virtute*, *mundi* com *ardere*, *omnes* com *maiestatis*, *dicturi* com *emendare* etc.; e, por vezes, somente as vogais da sílaba final são contadas; cf. *caeli: patris, irae caliginis, maiestatem: Dei, Seraphim: Dominationes*. Mas há também versos em que a rima é dissilábica, como *sublevate: desiderate* etc.

## 7. A batalha de Fontenoy aos 25 de junho de 841

Após a morte de Luís, o Piedoso, seus filhos começaram imediatamente a intrigar uns com os outros. Carlos, o mais jovem, se viu obrigado a fazer aliança com Luís, o Germânico, para resistir aos ataques de Lotário. Os dois reis tentaram negociar com o irmão mais velho, mas, como Lotário se recusava a negociar, Carlos e Luís travaram com ele uma batalha em Fontenoy-en-Puisaye, ao sul de Auxerre, no dia 25 de junho de 841, onde o exército de Lotário teve de se render. A batalha foi descrita num poema rítmico por certo Angiberto, que havia lutado no exército de Lotário e que nos deu uma descrição detalhada dela<sup>1</sup>.

1. *Aurora cum primo mane*<sup>2</sup>      *tetra noctis dividit,*  
*Sabbati*<sup>3</sup> *non illud fuit*      *sed Saturni dolium*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O poema está publicado nos *MGH, PAC*, II, p. 138 e ss. Para a crítica do texto, ver também K. Strecker, *Zum Planctus Lotharii*, *Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtsforschung*, XLV, 1923, p. 360 e ss.

<sup>2</sup> **primo mane**. LEXICOGRAFIA. — O advérbio *mane*, que foi reforçado pela preposição *de* numa época tardia: *de mane* (italiano *domani*, francês *demain*), pode ser também um substantivo indeclinável, como aqui.

<sup>3</sup> **sabbati**. SINTAXE. — Aqui é necessário subentender *dies*. Semelhantemente se lê na Regra de São Bento, 13 *sabbatorum* (sc. *die*), e *Vita Caesarii Arelat.*, 2,48, *MGH, Mer.*, III, p. 500,22 *post sancti Genesi* (sc. *festum* que o editor inseriu a partir de um manuscrito interpolado) e assim freqüentemente na Idade Média. Cf. também *lunis*,



- |   |   |
|---|---|
| <p><i>De fraterna rupta pace</i><br/> <b>2. Bella clamant. Hinc et inde</b><br/> <i>Frater fratri mortem parat,</i><br/> <i>Filius nec patri suo</i><br/> <b>3. Cedes nulla peior fuit</b><br/> <i>Fracta est lex christianorum,</i><br/> <i>Unda manans, inferorum</i><br/> <b>4. Dexter a prepotens Dei</b><br/> <i>Victor ille manu sua</i><br/> <i>Ceteri si sic pugnassent,</i><br/> <b>5. Ecce olim velut Iudas</b></p> | <p><i>gaudet demon impius.</i><br/> <i>pugna gravis oritur.</i><br/> <i>nepoti avunculus,</i><br/> <i>exhibet quod meruit.</i><br/> <i>campo nec<sup>2</sup> in Marcio.</i><br/> <i>sanguinis hic profluit</i><br/> <i>gaudet gula Cerberi.</i><br/> <i>Protexit Hlotharium,</i><br/> <i>pugnavitque<sup>3</sup> fortiter.</i><br/> <i>mox foret<sup>4</sup> victoria.</i><br/> <i>salvatorem tradidit,</i></p> |
|---|---|

---

*Martis, Mercuris* etc. (sc. *dies*) > espanhol *lunes, martes, miércoles* etc. Em princípio, esta elipse não difere do tipo bem conhecido *ventum erat ad Vestae* (sc. *templum*) ou *in Regnorum* (sc. *libris*); *ut Cato Originum* (sc. *in libris*) *ait* etc. (Ver E. Löfstedt, *Syntactica*, II, p. 249 e ss.).

<sup>1</sup> **Saturni dolium.** LEXICOGRAFIA. — Destaque-se prioritariamente que o poeta conhecia bastante bem a mitologia antiga: ele sabia que Marte era o deus da guerra, que Cérbero guardava a entrada do reino dos mortos e que Saturno era um deus que exercia um poder sinistro. Noutros casos, podemos constatar que tudo isto havia sido esquecido, salvo que os nomes dos dias da semana remontavam à mitologia pagã. Cf. *Versus de Verona, MGH, PAC, I, p. 120:5 Fana et templa constructa ad deorum nomina: Lunis, Martis et Minervis* (assim mesmo, ao invés de *Mercoris*) *Iovis atque Veneris et Saturni sive Solis, que prefulget omnibus*. Mas, o que é mais interessante em nosso poema, é a antítese entre *Sabbati* e *Saturni*. Parece que nesta época ainda concorriam os dois nomes do sábado. Sabe-se que o inglês conservou o nome pagão, em *Saturday*, enquanto que o alemão e as línguas românicas cederam à pregação dos bispos; cf. alemão *Samstag*, francês *samedi* (de *sambati dies*), italiano *sabato* etc. Seria esperada a expressão *Saturni dies*, mas o poeta recorreu à imagem do caldeirão do inferno, de que fala, entre outras, Valério do Bierzo *vereantur voraginis urnam sine fine urentem* (M. C. Díaz, *Anecdota Wisigothica*, I, Salamanca, 1958, p. 113).

<sup>2</sup> **nulla... nec.** SINTAXE. — Uma das duas negações é supérflua, pleonasma que estudamos mais atrás.

<sup>3</sup> **pugnavitque.** SINTAXE. — Na poesia, a conjunção *-que* pode ser colocada longe do fim da proposição. Cf. também 5,2 *tuique = tui*.

<sup>4</sup> **foret = fuisset.** SINTAXE. — Temos aqui uma construção que pode ser interpretada como um hiperurbanismo. Nas línguas românicas, em geral, é o mais-que-perfeito do subjuntivo que substitui o imperfeito, e os textos tardios apresentam inúmeros exemplos desse pleonasma. Têm sido notados, por exemplo, em Lúçifer de Cagliari: *timui ne inter nos bella fuissent orta e hortatus... ut dignum fructum fecissent paenitentiae* (Ver H. Rönsch, *Itala und Vulgata*, Malburg, 1875, p. 431).

- |  |   |
|--|---|
| <p><i>Sic te, rex, tuique duces<br/>Esto cautus, ne frauderis</i></p> <p>6. <i>Fontaneto fontem dicunt,<br/>Ubi strages et ruina<br/>ne.</i></p> <p><i>Orrent campi, orrent silve,</i></p> <p>7. <i>Gramen illud ros et ymber<br/>In quo fortes ceciderunt,<br/>Pater, mater, soror, frater,</i></p> <p>8. <i>Hoc autem scelus peractum,<br/>Angelbertus ego vidi,<br/>Sulus de multis remansi</i></p> <p>9. <i>Ima vallis retrospexi<br/>Ubi suos inimicos<br/>Debellabat ficientes</i></p> | <p><i>tradiderun gladio.<br/>agnus lupo previus.<br/>villam quoque rustice<sup>1</sup>,<br/>Francorum de sanguine.</i></p> <p><i>orrent ipsi paludes.<br/>nec humectet pluvia<sup>2</sup>,<br/>prelio doctissimi,<br/>quos amici fleverant,<br/>quod descripsi ritmice,<br/>pugnansque cum aliis<br/>prima frontis acie.<br/>in collis cacumine,<br/>rex fortis Hlotharius<br/>usque foras rivulum<sup>3</sup>.</i></p> |
|--|---|

---

<sup>1</sup> **rustice.** LEXICOGRAFIA. — Parece-nos que *rustice* quer dizer "em língua vulgar" ou "em francês antigo". De vez em quando tem sido lembrado o célebre cânon do Concílio de Tours, em 813, segundo o qual os bispos deviam traduzir seus sermões em *rustica Romana lingua* ou em alemão.

<sup>2</sup> **ros et ymber nec humectet pluvia.** SINTAXE. — O verso é inspirado em Paulino de Aquiléia, *De Herico*, 8,3 *Vos super unquam imber, ros nec pluvia descendant*. O emprego considerável de *nec* somente diante do último membro (para *nec ros nec imber nec pluvia*) se repete na maldição de 12,3, onde seria esperada a construção *nec iubar nec solis nec aurore crepusculum illustret* sc. *eum*. Estudamos várias vezes esta construção que reaparece freqüentemente na Idade Média (Cf. *Beiträge zur spätlat. Syntax*, p. 105, *La poésie latine rythmique*, p. 102). Além disso, confira a coleção de provérbios e sentenças, publicada por Walther, 9187a *Femina quod fallit vos, est novitas neque mirum* (= *neque novitas neque mirum*); 10687 *herba nec antidotum poterit depellere letum* (= *nec herba nec antidotum*).

<sup>3</sup> **foras rivulum.** SINTAXE. — *Foras* é aqui uma preposição construída com acusativo = *ultra*; cf. o mesmo uso de *foris* e *foris de* = *extra*, Apulée, *Met.*, 1,21,4 *foris urbem prospiciunt*; Gregório, o Grande, *Epist.*, IX, 128 *foris de massa... habitare*. Como outros advérbios tornados preposições, citemos *subtus* e *desubtus* (italiano *dissotto*, francês *dessous*), por exemplo, em Quirão, *Mulomed.*, 455 *desubtus pedes e retro, deretro* (italiano *dietro*, francês *derrière*). Parte das novas preposições desenvolveu-se também a partir dos participípios; cf. *Lex Curiensis*, 4,7 *presente sacerdotes vel plebem*; 8,5,1 *a presente bonos homines*; Gregório de Tours, *Hist. Franc.*, 5,14 *excepto filiabus*; *Édit de Rothari*, 78 *excepto operas et mercedes medici*. Enfim substantivos são passados para a classe das preposições. Podem ser encontradas construções como *in gyro*, *de latus* e *latus* (antigo francês *lez*) seguidos de um acusa-

- |   |  |
|---|--|
| 10. <i>Karoli de parte vero,<br/>Albescunt campi vestimentis<br/>Velut solent in autumno</i>          | <i>Hludovici pariter<br/>mortuorum lineis,<br/>albescere avibus.</i>             |
| 11. <i>Laude pugna non est digna,<br/>Oriens, meridianus,<br/>Plangent illos qui fuerunt</i>          | <i>nec canatur melode.<br/>occidens et aquilo<br/>tali pena mortui.</i>          |
| 12. <i>Maledictus<sup>1</sup> ille dies,<br/>Numeretur, sed radatur<br/>Iubar solis nec illustrat</i> | <i>nec in anni circulo<br/>ab omni memoria,<br/>aurore crepusculum.</i>          |
| 13. <i>Nox et sequens dies illam,<br/>Nox illa que planctum mixta<br/>Hic obit et ille gemit</i>      | <i>nox que dira nimium,<br/>et dolore pariter,<br/>cum in gravi penuria.</i>     |
| 14. <i>O luctum atque lamentum!<br/>Illorum carnes vultur, corvus<br/>Orrent, carent sepulturis,</i>  | <i>Nudati sunt mortui,<br/>lupus vorant acriter.<br/>vanum iacet cadaver.</i>    |
| 15. <i>Ploratum et ululatum<br/>Unusquisque quantum potest<br/>Pro illorum animabus</i>               | <i>nec describo amplius.<br/>restringatque lacrimas.<br/>deprececur Dominum.</i> |

[TRADUÇÃO]

1. Quando a aurora, no início da manhã, dissipou os horrores da noite, este não foi o dia de Sabá, mas a caldeira de Saturno. O demônio ímpio se regozija com a ruptura da paz entre os irmãos.

---

tivo; cf. *Peregr. Eger.*, 3,8 *in giro parietes ecclesiae*; Gromatici, p. 324,3 *de latus montem*; *ibid.*, p. 313,6 *latus se*. O substantivo *litus* tomava o mesmo valor, como mostra o Geógrafo de Ravena, IV,6 *hae civitates litus maris Pontici sunt* e IV,8 *litus mare*. Cf. o uso de *ripa*, *Epist. Desiderii*, II, 12,9 *post ripa Reno pergit = postea secundum Rhenum pergit* (Ver E. Löfstedt, *Late Latin*, p. 124 e ss., J. Svennung, *Untersuchungen zu Palladius und zur lateinischen Fach- und Volkssprache*, Lund, 1935, p. 332 e ss.).

<sup>1</sup> **maledictus dies ille**. FONTE. — Cf. *Jó*, 3,4 e ss. *Dies ille... non illustretur lumine... Noctem illam tenebrosus turbo possideat; non computetur in diebus anni... Sit nox illa solitaria nec laude digna.*

2. A guerra uiva. Aqui e ali um combate sanguinolento se inicia. O irmão faz morrer seu irmão e o tio seu sobrinho, e o filho não reserva a seu pai o tratamento que lhe deve.

3. Jamais houve massacre mais horrível no campo de Marte. A lei dos cristãos é violada, o sangue corre em grande quantidade e Cérbero se alegra na porta do inferno.

4. A mão onipotente de Deus protegeu Lotário que fez pessoalmente uma bela resistência. Se os outros tivessem lutado da mesma maneira, a vitória teria sido conseguida imediatamente.

5. Mas assim como Judas outrora vendeu o Salvador, vossos generais, Senhor, vos traíram. Tomai cuidado para não ser ingênuo, ovelha que anda diante do lobo.

6. Na fala dos camponeses, Fontenoy é uma fonte e uma aldeia onde os francos foram massacrados e cortados em pedaços. Os campos, as florestas, os próprios pântanos tremem de horror.

7. Que jamais caia orvalho, aguaceiro nem chuva sobre os prados onde os guerreiros mais exercitados no combate pereceram e foram chorados por seus pais, mães, irmãs, irmãos e amigos.

8. Eu, Angilberto, vi com meus próprios olhos a realização desse enorme crime, que descrevi em versos rítmicos; eu me bati ao lado de meus camaradas, na primeira linha, e sou o único que sobrevive.

9. Do cume da colina eu olhei a planície, quando o corajoso rei Lotário resistia seus inimigos e os fazia fugir até a margem oposta da torrente.

10. Do lado de Carlos e de Luís, também vi que os campos estão brancos das vestes de linho dos mortos, como no outono ficam freqüentemente brancos de passarinhos.

11. Esta batalha não é digna de ser celebrada num canto melodioso. Que o leste, o sul, o oeste e o norte chorem todos os que foram mortos deste modo.

12. Maldito seja aquele dia, que não seja mais contado no círculo do ano, que desapareça de qualquer memória, que não seja iluminado nem pelos raios do sol nem pela alvorada matinal.

13. A noite do dia seguinte — Ah! aquela foi uma noite execrável, cheia de gritos de dor, quando um morria e outro gemia em grave penúria.

14. Que dor! Que miséria! Os mortos são postos a nu, os abutres, os corvos e os lobos devoram avidamente sua carne, seus cadáveres jazem lá rígidos, sem sepultura, abandonados.

15. Mas eu não quero descrever a choradeira e as lamentações. Que cada um retenha suas armas, se lhe for possível. Rezemos ao Senhor por suas almas.

VERSIFICAÇÃO. — O poeta não faz qualquer diferença entre as sílabas longas e breves. Ele emprega, por exemplo, diante da pausa, dissílabos trocaicos como *mane* ou pirríquios (ou pariambos) e jâmbicos como *fűit* e *sűo* indiscriminadamente. Nosso poema não é, portanto, quantitativo, mas rítmico. No caso presente, deparamos com uma imitação do verso métrico que se chama setenário trocaico. Como esse verso pode ter estruturas diversas, o resultado da

imitação rítmica varia a partir do modelo que se escolheu. O tipo clássico — — — — — — — — — — / — — — — — — — — — —<sup>1</sup> se encontra, por exemplo em Prudêncio, que compôs um hino conhecido que começa assim:

*Dá, púer, pléctrum, choréis ut cánam fidélibus*  
*Dúlce cármen ét melódum, gésta Chrísti insígnia.*  
*Húnc Caména nóstra sólum pángat, húnc láudet l'yra.*

Quando os versos são lidos com os acentos da prosa, observa-se que eles se alternam de uma maneira regular no segundo verso, enquanto há irregularidades no primeiro e no terceiro. A estrutura do primeiro hemistíquio *Dá púer pléctrum choréis* retorna no canto rítmico 14,1 *ó lúctum átque laméntum* e a acentuação do segundo *ut cánamfidélibus* nos casos seguintes: 4,3 *mox fóret victória*, e 2,2 *ne-póti avúnculus*, 4,1 *protéxit Hlothárium*, 6,2 *Francórum de sángine*, 8,2 *pugnánsque cum áliis*, 10,3 *albéscere ávibus*, 12,2 *ab ómni me-mória*, 12,3 *aurórae crepúsculum*, 13,3 *in grávi penúria*, 14,1 *nudáti sunt mórtui*. Os outros tipos de acentuação correspondem da mesma maneira em Prudêncio e em Angilberto. O hemistíquio de Prudêncio *et púer redémptor órbis* é imitado em 1,1 *auróra cum prímo máne* e, certamente, em 13,3 *híc óbit et ílle gémit*, 15,1 *plorátum et ululátum*; aquele *édidit nóstram salútem* no verso 8,1 *hóc áutem scélus peráctum*; cf. ainda 8,3; ainda existe certa semelhança entre Prudêncio *pángat húnc láudet l'yra* e Angilberto 6,3 *órrént ípsi palúdes*, 11,1 *nec canátur melóde*, 14,3 *vánum iácet cadáver*. Aqueles são os únicos versos do canto rítmico em que o final seja paroxítono.

Angilberto tentou tomar o esquema acentual que entendeu, lendo um poema quantitativo do tipo clássico. De fato, a julgar pelas

<sup>1</sup> Talvez esta forma de representação dos pés longos e breves seja mais fácil, apesar de não ser a tradicional.

palavras 11,1 *nec canatur melode*, parece ter conhecido o poema de Prudêncio de que falamos; cf. Prudêncio *dulce carmen et melodum*. Além disso, conheceu o hino pascal de Venâncio Fortunato *Pange lingua gloriosi proelium certaminis* que também é uma poesia quantitativa do mesmo gênero daquela de Prudêncio (mas apenas com vocábulos proparoxítonos no final dos versos); cf. Ven. Fort. 20 *sanguis, unda profuit* e Angilberto 3,2 e ss. *sanguinis hic profluit unda manans*. A estrutura normal do poema de Angilberto é 8p+7pp, mas, se nosso texto está exato, afasta-se 6 vezes desse esquema: colocou 3 vezes um vocábulo paroxítono ao final do verso, como mostramos acima, e 3 vezes acrescentou uma sílaba ao número ordinário: 10,2 *albescunt campi vestimentis* = 9p (cf. também 14,2), e 13,3 *cum in gravi penuria* = 8pp<sup>1</sup>.

Um outro tipo de setenário trocaico quantitativo se encontra em Santo Hilário de Poitiers, que compôs um hino de que apresentamos a primeira estrofe<sup>2</sup>:

*Adae carnis gloriosa et caduci corporis  
In caelesti rursum Adam concinamus proelia,  
Per quae primum Satanas est Adam victus in novo.*

A métrica deste hino é arcaizante, isto quer dizer que Hilário segue uma doutrina escolar que admite que em todos os pés, salvo o sétimo, o troqueu seja substituído por um espondeu: — ◡ — ◡ /— ◡ — ◡ /— ◡ — ◡ — ◡ — — —.<sup>3</sup> Mas, o que é mais interessante, em nosso ponto de vista, é que o primeiro hemistíquio é sempre dividido em duas partes iguais por uma pausa secundária. Como não era permiti-

<sup>1</sup> *Christianorum* 3,2 deve ser lido com sinérese.

<sup>2</sup> *Analecta Hymnica*, L,3.

<sup>3</sup> Talvez esta maneira de representar os pés longos e breves seja mais fácil de transcrever e de se decodificar.

do colocar um monossílabo diante da pausa, segue-se, por causa das regras de acentuação, que a alternância dos acentos é efetivamente regular em Hilário: °*dae cámis / glòriosa / èt-cadúci córporis* (indicamos por ` o acento secundário dos vocábulos). Esse tipo de métrica foi imitado, pouco tempo depois de Hilário (morto em 367) pelo autor anônimo do hino seguinte sobre o Juízo final, citado por Beda, o Venerável<sup>1</sup>:

*Apparēbit / rēpentina / dies mágna Dómini,  
Fúr obscúra / vēlut nócte / improvisos ócupans.*

Já nesses dois versos, há muitos tempos fortes em sílabas breves para que se possa tratar de uma poesia quantitativa: *rēpentina, dīes, dōmini, vēlut*. Está evidente que o poeta desconhecido seguiu de perto a estrutura acentual dos versos de Hilário, mas sem se preocupar com a métrica. Mais tarde, esse tipo de poema conheceu um enorme sucesso.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Esse poema está publicado nos *MGH, PAC*, IV, p. 507 e ss. O mesmo autor compôs, sem dúvidas, o poema *Alma fulget in caelesti*, p. 512 e ss. Tem-se admitido a hipótese de que a regularidade desses hinos mostra que eles pertencem à época de Beda, anterior à de Hilário (J. Szövérfy, *Die Annalen der lateinischen Hymnendichtung*, I, Berlim, 1964, p. 176 e ss.). Mas isto é um engano absoluto sobre a situação lingüística. Ninguém era capaz de compor uma poesia tão elegante à época merovíngia.

<sup>2</sup> Para os problemas do setenário trocaico, cf. minha *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*, p. 73 e ss.



## 8. *As seqüências*

Não necessitamos de estudar particularmente a prosa da época carolíngia. Nas obras dos melhores autores, essa prosa é escrita a partir das regras gramaticais e, freqüentemente, os escritores são muito bem sucedidos em imitar a língua e o estilo de seus modelos antigos. Mas não podemos nos dispensar de dar aqui alguns exemplos de seqüências, as mais originais criações dessa época. A primeira poesia que estudaremos, o canto do cisne, que é escrita no estilo francês, encontra-se em manuscritos do século X, mas remonta, provavelmente, já ao século precedente; a segunda é um exemplo da arte de Notker, o Gago (morto em 912); enfim, acrescentaremos um célebre exemplo do século XI, época em que a seqüência religiosa se transformou num poema com estrofes regulares<sup>1</sup>.

### A. *A seqüência do cisne*

#### 1. *Clangam, filii, Ploratione una*

---

<sup>1</sup> Para uma edição crítica dessas três seqüências, ver *Analecta hymnica*, VII, 230, LIV, 2 e W. von den Steinen, *Notker der Dichter und seine geistige Welt, Editionsband*, Berna, 1948, p. 86.

- 2a *Alitis cygni*                      b *O quam amare*  
*qui transfretavit aequora.*      *Lamentabatur, arida*<sup>1</sup>
- 3a *Se dereliquisse florigera* b *Aiens: Infelix sum avicula,*  
*Et petisse alta maria,*            *Heu mihi, quid agam misera?*
- 4a *Pennis soluta inniti*            b *Undis quator, procellis*  
*Lucida non potero*                *Hinc inde nunc allidor*  
*Hic in stilla*<sup>2</sup>.                      *Exsulata.*
- 5a *Angor inter arta*                b *Cernens copiosa*  
*Gurgitum cacumina,*              *Piscium legumina,*  
*Gemens alatizo*<sup>3</sup>                    *Non queo in denso*  
*Intuens mortifera*                *Gurgitum assumere*  
*Non conscendens supera.*        *Alimenta optima.*
- 6a *Ortus, occasus, plagae poli,* b *Sufflagitate Oriona,*  
*Administrare lucida sidera.*      *Effugitantes*<sup>4</sup> *nubes occiduas.*
- 7a *Dum haec cogitaret tacita,* b *Oppitulata afflamine*  
*Venit rutila*                        *Coepit virium*  
*Adminicula*<sup>5</sup> *aurora.*              *Recuperare fortia*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> **arida.** LEXICOGRAFIA. — É da Bíblia que se tomou *arida* por *terra* no sentido de "terra" (Ver E. Löfstedt, *Vermischte Studien*, p. 107 e ss.).

<sup>2</sup> **lucida in stilla.** LEXICOGRAFIA. — O poeta, que escreve num tom simples e que conhece muito pouco o latim literário, escolheu suas palavras, freqüentemente, de uma maneira fora do comum, mas não devemos avaliá-lo a partir da poesia clássica.

<sup>3</sup> **alatizo.** LEXICOGRAFIA. — *Alatizo*, "bater as asas", assim como v. 8 *ovatizo*, "soltar gritos de alegria" são neologismos medievais, derivados de *alatus*, "alado", e de *ovatus*, "grito de triunfo".

<sup>4</sup> **sufflagitate, effugitantes.** LEXICOGRAFIA. — O verbo *sufflagitare* que não está registrado nos léxicos, parece significar "pedir socorro". *Effugitare* é também, talvez, uma inovação do poeta anônimo, que o aproximou, não de *fugio* "fugir", mas de *fugo*, "afugentar", "enxotar".

<sup>5</sup> **adminicula.** LEXICOGRAFIA. — A forma *adminicula*, *-ae*, ao invés de *adminiculum*, *-i*, é devida, evidentemente, à tendência a empregar formas em *-a*. Nas seqüências de origem francesa, os poetas mais atrevidos se permitem as trocas de gê-

**8a Ovatizans**  
**Iam agebatur**  
**Inter alta**  
**Et consueta nubium**  
**Sidera.**

**b Hilarata**  
**Ac iucundata**  
**Nimis facta,**  
**Penetrabatur<sup>2</sup> marium**  
**Flumina.**

**9a Dulcimode catitans**  
**Volitavit ad amoena**  
**Arida.**

**b Concurrere omnia**  
**Alitum et conclamate**  
**Agmina:**

**10 Regi magno sit gloria.**

[TRADUÇÃO]

1. Eu cantarei, meus filhos, a lamentação
2. do cisne que atravessou as ondas. Ó, como se lamentava amargamente

---

nero. Empregam, assim, *agmina*, *carmina*, *claustra*, *sollemnia* e muitos outros plurais neutros como femininos; cf. *Analecta Hymnica*, VII, n° 220,1 *En virginum agmina praececellit in gloria*; 209,3 *Vox aeterna et insignis est carmina*; 133,11 *Carceris claustra clausus horrida*; 209,4 *in hac sacra sollemnia*. Menos escandaloso é o emprego feminino de neutros gregos em *-a*, como por exemplo 80,8 *repleti omnes divina pneuma*; 245,10 *plasma redempta redit ad supera* (Cf. L. Elfving, *Étude lexicographique sur les séquences limousines*, p. 26 e ss.).

<sup>1</sup> **fortia**. LEXICOGRAFIA. — Ainda é a necessidade de encontrar rimas em *-a* que levou o poeta a escolher *fortia* ao invés de *fortitudo*. Aqui, *fortia* ainda é um neutro plural; sabe-se, porém, que na língua falada, esse substantivo, tornado feminino, deu origem às formas românicas: italiano *forza*, italiano *fuorza*, francês *force* etc. Eis um exemplo latino deste emprego, tomada de um canto de Modène, *MGN, PAC*, III, p. 704,27 *Te vigilante nulla nocet fortia*.

<sup>2</sup> **penetrabatur**. MORFOLOGIA. — A forma depoente é devida, possivelmente, à analogia com *proficiscor* ou com *vehor*.

3. por ter deixado a terra florida e ter ganhado o alto mar. Ele dizia: "Eu sou infeliz passarinho. Ai de mim! Que posso fazer em minha infelicidade?"

4. Esgotadas as minhas forças, não posso mais voar daqui na água brilhante. As ondas me sacolejam e os golpes de vento me jogam de um lado para outro, longe de meu país.

5. Entre as cristas das ondas que se batem, eu me apavoro; gemendo, eu bato as asas, quando vejo a morte sem poder me elevar nos ares. Vejo em abundância as ervas que o peixes comem, mas, no movimento das ondas, eu não posso alcançar esse excelente alimento.

6. Ó, Levante, ocaso, regiões celestes, mostrai as claras estrelas e convocai Órion para ajudar, expulsai as nuvens do céu."

7. Quando ele se via livre desses pensamentos, a aurora ruborescente vinha em seu socorro. Reconfortado pela brisa da manhã, começou a recuperar as forças.

8. Com gritos de alegria, levantava-se no meio de regiões bem conhecidas das nuvens e das estrelas. Cheio de alegria e de felicidade, atravessava as ondas do mar.

9. Cantando uma melodia deliciosa, voou para a doce terra. Vinde, vós todos, bandos de passarinhos, e cantai em coro:

10. Glória ao rei supremo.

## **b. A lamentação de Raquel, de Notker, o Gago**

*1 Quid tu, virgo,*

- 2a *Mater, ploras,  
Rachel<sup>1</sup> formosa,*                      b *Cuius vultus  
Iacob delecta?*
- 3a *Ceu sororis aniculae*              b *Lippitudo<sup>2</sup> eum iuuet!*
- 4a *Terge, mater,  
Fluentes oculos!*                      b *Quam te decent<sup>3</sup>  
Genarum rimulae? —*
- 5a *Heu, heu, heu,  
Quid me incusatis fletus  
Incassum fudisse?*                      b *Cum sim orbata  
Nato, paupertatem meam  
Qui solus curaret,*
- 6a *Qui non hostibus cederet*      b *Quique stolidis fratribus,  
Angustos terminos,  
Quos mihi  
Iacob adquisivit,*                      b *Quos multos, pro dolor,  
Extuli,  
Esset profuturus. —*
- 7 *Numquid flendus est iste,  
Qui regnum possedit caeleste,  
Quique prece frequenti  
Miseris fratribus  
Apud Deum auxiliatur?*

[TRADUÇÃO]

<sup>1</sup> **Rachel.** FONTE. — Notker encontrou o tema de seu poema em *Mateus*, 2,18 *Rachel plorans filios suos et noluit consolari* (= *Jeremias*, 31,15). Era costume celebrar como a festa de um mártir a data de sua morte, isto é, o aniversário de seu nascimento para a vida celeste, e os hinos em honra dos mártires descrevem, em geral, o triunfo do santo e a vitória da Igreja. É uma originalidade de Notker ter partido do motivo contrário. Raquel, que chora seu filho martirizado simboliza a Igreja e é por isso que ela é chamada ao mesmo tempo de *virgo* e de *mater*.

<sup>2</sup> **lippitudo.** FONTE. — Cf. *Gênesis*, 29,17 *Lia lippis erat oculis, Rachel decora* (= *formosa*) *facie*. Muitas vezes, na Idade Média, Lia simboliza a sinagoga.

<sup>3</sup> **quam te decent.** SINTAXE. — *Quam* tem um sentido negativo neste ponto: *quam male te decent*.

1. Por que choras, ó virgem,
2. mãe, bela Raquel, cuja face alegrou Jacó?
3. Como, se os olhos vermelhos de tua irmã mais velha podiam ser-lhe agradáveis!
4. Enxuga os olhos lacrimejantes, mãe! Pega mal teres as faces marcadas pelo pranto. —
5. Ah, ah, ah, por que me acusais de ter vertido lágrimas em vão? Quando me afastaram de meu filho, o único amparo de minha pobreza, 6. que não teria cedido aos inimigos o estreito domínio que Jacó me adquiriu e teria ajudado todos os seus irmãos estúpidos que coloquei no mundo, ai de mim. —
7. Aquele que possui o reino celeste e que, por suas preces a Deus, constantemente ajuda seus miseráveis irmãos, precisa de chorar?

### c. A seqüência de Natal, radiante de alegria

<p><i>1a Laetabundus</i>  <i>Exsultet fidelis chorus:</i>  <i>Alleluia.</i></p>	<p><i>b Regem regum</i>  <i>Intactae profundit thorus:</i>  <i>Res miranda.</i></p>
<p><i>2a Angelus consilii<sup>1</sup></i>  <i>Natus est de virgine,</i>  <i>Sol de stella,</i></p>	<p><i>b Sol occasum nesciens,</i>  <i>Stella semper rutilans,</i>  <i>Semper clara.</i></p>
<p><i>3a Sicut sidus radium</i></p>	<p><i>b Neque sidus radio</i></p>

---

<sup>1</sup> **angelus consilii.** LEXICOGRAFIA. — Jesus Cristo é aqui chamado *o enviado do designio de Deus*; cf. a expressão "o enviado da vontade de Deus", *angelus voluntatis suae*, que se encontra já nos Padres.

*Profert virgo filium  
Pari forma.*

*Neque mater filio  
Fit corrupta.*

*4a Cedrus alta Libani  
Conformatur hyssopo  
Valle nostra,*

*b Verbum, mens altissimi,  
Corporari passum est  
Carne sumpta.*

*5a Isaias cecinit,  
Synagoga meminit,  
Numquam tamen desinit  
Esse caeca.*

*b Si non suis vatibus,  
Credat vel gentilibus  
Sibyllinis Versibus<sup>1</sup>  
Haec praedicta.*

*6a Infelix propera,  
Crede vel vetera.  
Cur damnaberis, gens misera? Ipsum genuit puerpera.*

*b Quem docet littera,  
Natum considera.*

[TRADUÇÃO]

1. Que o coro fiel exulte de alegria, aleluia. O casamento da Virgem imaculada pôs no mundo o rei dos reis, que maravilha!

2. O enviado do plano de Deus nasceu da Virgem, o sol do destino, o sol que não se põe, a estrela rutilante sempre clara.

3. Como a estrela emite um raio da mesma natureza, assim a Virgem dá o dia a seu filho. A estrela não se altera pelo raio de luz nem a mãe pelo filho.

4. O alto cedro do Líbano se transforma em hissopo em nosso vale, o Verbo, o pensamento do Altíssimo, dignou-se tomar um corpo de carne. 5. Isaías o cantou, a Sinagoga se lembra disso, mas não

---

<sup>1</sup> **Sibyllinis versibus.** SINTAXE. — A construção é: *credat haec vel a gentilibus vatibus in versibus Sibyllinis praedicta esse*. A Idade Média conhecia os versos da Sibila, sobretudo porque o diz Santo Agostinho, *De civitate Dei*, X VIII, 23.

deixa de ser cega. Se ela não crê em seus próprios profetas, creia ao menos que esse acontecimento foi anunciado pelos pagãos nos versos da Sibila.

6. Infeliz, apressa-te e confia na tradição. Por que serás julgado pobre povo? Saiba que aquele de que fala a Escritura nasceu. A jovem mãe o pôs no mundo.

VERSIFICAÇÃO. — Nas duas primeiras seqüências, o verso depende completamente da música e nada tem a ver com a métrica dos Antigos. Do ponto de vista clássico, trata-se de prosa solene, dividida em períodos e em *cola*. São os salmos e os cânticos bíblicos que se encontram na base desta forma de poesia, embora aqui as condições sejam diferentes por causa da música. Se observarmos primeiramente a seqüência francesa um pouco mais detalhadamente, veremos que cada estrofe termina pela vogal *-a* e, freqüentemente, também os versos do interior das estrofes. Já tentamos explicar isto pela hipótese de que a seqüência francesa era executada, em geral, por um solista, enquanto o coro cantava *alleluia* com muitos melismos sobre a vogal *-a*. Notker, pelo contrário, não se serve dessas rimas, possivelmente porque na Alemanha dois coros cantavam alternadamente as estrofes e as antístrofes das seqüências. A terceira seqüência é característica do início do século XI, época em que os versos desta poesia começaram a ser regularizados pelo modelo da poesia rítmica. Vê-se que a maior parte das estrofes é composta de dois versos: 4p (por exemplo *Laetabundus*) e 7pp (*angelus consilii*). Não encontramos outros versos senão nas estrofes 1,2 (*exsultet fidelis chorus* = 8p), 6,1-2 (*infelix propera* = 6pp) e 6,3 (*cur damnaberis, gens misera* = 9 pp). Antes do fim do século XI, podemos encontrar



seqüências que apresentam estrofes de uma formação completamente regular. Essas estrofes imitam as dos hinos. Adão de São Vítor, um dos mais célebres compositores de seqüências, que vivia no século XII, emprega assim a estrofe ambrosiana em sua seqüência em honra de Santa Genoveva. Ele imitou os dois versos 7pp e 4p que encontramos em *Laetabundus* numa outra seqüência:

<i>Sexta passus feria</i>	<i>Surgens cum victoria</i>
<i>Die Christus tertia</i>	<i>Collocat in gloria</i>
<i>Resurrexit.</i>	<i>Quos dilexit.</i>

O verso de 10 sílabas, 4+6pp, tão amado pelos poetas do século XII, é a base da estrofe que emprega na seqüência em honra de São Martinho:

<i>Gaude Sion quae diem recolis</i>	<i>Hic Martinus, pauper et modicus,</i>
<i>Qua Martinus, compar apostolis,</i>	<i>Servus prudens, fidelis villicus,</i>
<i>Mundum vincens, iunctus caelicolis</i>	<i>Caelo dives civis angelicus</i>
<i>Coronatur.</i>	<i>Sublimatur.</i>

Serve-se também de outros versos, mas, sobretudo do tipo seguinte, que se tornou o verso das seqüências por excelência, depois dele:

<i>Ave, virgo singularis,</i>	<i>Tota virgo sed fecunda,</i>
<i>Porta vitae, stella maris,</i>	<i>Casta corde, carne munda</i>
<i>Ave decus virginum.</i>	<i>Gignens Christum Dominum<sup>1</sup>.</i>

Em Adão, as rimas são sempre dissilábicas; esta é a regra desde o fim do século XI.

---

<sup>1</sup> Ver. F. Wellner, *Adam von Sankt Viktor, Sämtliche Sequenzen*, Munique, 2ª ed., 1955, p. 76, 126, 294, 234.

## 9. A versificação após o ano 1000

Para ilustrar a técnica dos poetas medievais, estudaremos ainda alguns exemplos de poemas compostos após o ano 1000.

### A. Quis est hic

O poema que começa por estas palavras se encontra num comentário sobre o *Cântico dos Cânticos*, escrito na Itália na metade do século XI. O autor é desconhecido; o último editor tentou atribuí-lo a São Bruno de Segni, mas a questão está para se retomar<sup>1</sup>

#### A. *QUIS EST HIC*

##### 1. *Quis est hic*

*qui pulsat ad ostium,  
Noctis rumpens somnium?*

*Me vocat: "O,*

*virginum pulcherrima,*

*Soror, coniux*

*Gemma splendidissima,*

*Cilo surgens*

---

<sup>1</sup> O texto se encontra em Migne, *Patr. Lat.*, CLXIV, col. 1266 A. Cf. M. Lokrantz, *L'opera poetica di S. Pier Damiani*, Estocolmo, 1964, p. 214.

*aperi, dulcissima!*

2. *Ego sum*

*summi regis filius,  
Primus et novissimus,  
Qui de caelo  
in has veni tenebras  
Liberare  
captivorum animas,  
Passus mortem  
et multas iniurias."*

3. *Mox ego*

*dereliqui lectulum,  
Cucurri ad pessulum,  
Ut dilecto  
domus mea pateat,  
Et mens mea  
plenissime videat,  
Quem videre  
Maxime disiderat.*

4. *At ille*

*iam inde transierat,  
Ostium reliquerat,  
Quid ergo, quid  
miserrima facerem?  
Lacrimando  
sum secuta iuvenem,  
Cuius manus  
plasmaverunt hominem.*

5. *Vigiles*

*urbis invenerunt me,  
Exspoliaverunt me,  
Abstulerunt  
et dederunt pallium,  
Cantaverunt*

*mihi novum canticum,  
Quo in regis  
inducar palatium.*

[TRADUÇÃO]

1. Quem é aquele que bate à porta e rompe o sono da noite? Ele me chama: "Ó mais bela das mulheres, minha irmã, minha esposa, a mais brilhante das gemas, levanta-te imediatamente e abre-me a porta, ó minha dulcíssima amiga.

2. Sou o filho do rei supremo, o primeiro e o último, que veio do céu nessas trevas para libertar as almas dos prisioneiros, submetendo a morte e muitas injustiças."

3. Imediatamente deixei o leito, correndo ao ferrolho para abrir a casa a meu bem amado e para que minha alma veja claramente o que deseja ardentemente ver.

4. Mas ele já se afastava, já tinha deixado a porta. Que podia eu, infeliz, que podia eu fazer? Segui, chorando, meu jovem bem amado cujas mãos fizeram o homem.

5. Os guardas da cidade me encontraram, me despojaram, tiraram meu manto para me dar um outro e me cantaram uma canção nova para me introduzir no palácio do rei.

VERSIFICAÇÃO. — O poema se compõe de cinco estrofes iguais. Observando as rimas, pode-se ver que o poeta dividiu cada estrofe em cinco versos com rimas *aabbb*. Todos os versos têm uma

terminação proparoxítona. O primeiro tem a forma 3+7pp, o segundo 7pp e os três últimos 4+7pp.

Neste canto há uma tendência muito clara para o emprego de rimas dissilábicas. Na primeira estrofe, as rimas em *-ium* e em *-ima* são perfeitas, mas nas outras, encontramos frequentemente assonâncias do tipo *-ius: -imus; -ebras: -imas: -ias; -eat: -erat; -erem: -enem: -inem; -ium: -icum* em que a vogal da primeira sílaba é quase sempre idêntica, mas não as consoantes.

O poeta que tomou as imagens, por vezes até os vocábulos do *Cântico dos Cânticos*, introduz as seguintes personagens: a esposa que simboliza a alma do homem, seu bem amado que se identifica pelas palavras *summi regis filius, primus et novissimus* e *cuius manus plasmaverunt hominem*, e, enfim, os guardas da cidade, que são os padres e os doutores da Igreja. O poema começa por uma espécie de drama. A cena da primeira estrofe, que começa por um monólogo, se passa durante a noite na cama da esposa. Ouve-se seu bem amado chamar de fora da cena. Mas na estrofe 3, o poeta abandona a ação dramática e deixa a esposa contar o que se passou em seguida. Tendo a alma descoberto sua situação, chora, converte-se e recebe o batismo das mãos dos padres que a preparam para a vida celeste no palácio do rei. O poema se move, portanto, em dois planos, um plano simbólico, tomado dos *Cânticos dos Cânticos*, e um plano real, que se deixa entrever de vez em quando. Parece-nos que o efeito do poema depende de algum modo dessa mistura de símbolos e de realidades, assim como de alternância estranha de monólogo, de diálogo e de narração. Notamos também bruscas mudanças no estado de espírito da esposa: revelada sutilmente, ela passa da alegria à dor, que se transforma logo em esperança de ser introduzida no palácio do rei.

## B. Hugues d'Orléans (Primas)

Durante a primeira metade do século XII, vivia ao norte da França um poeta erudito, original e de temperamento polêmico, ao qual os contemporâneos davam o nome de *Primas*, título honorífico de que ele mesmo se serve de boa vontade. Exprime-se em hexâmetros e em versos rítmicos com o mesmo talento e a mesma destreza natural. Todos os seus versos são rimados, dos quais damos aqui três epigramas em versos leoninos<sup>1</sup>.

*Pontificum spuma, fex cleri, sordida struma,  
Qui dedit in bruma michi mantellum sine pluma<sup>2</sup>.*

*"Hoc indumentum tibi quis dedit? An fuit emptum?  
Estne tuum?" — "Nostrum. Sed qui dedit, abstulit ostrum."*

*"Quis dedit hoc munus?" — "Presul michi prebuit unus."*

*"Qui dedit hoc munus, dedit hoc in munere funus.  
Quid valet in bruma clamis absque pilo, sine pluma?"*

---

<sup>1</sup> Esses epigramas foram publicados recentemente por K. Langosch, *Hymnen und Vagantenlieder*. Bâle, 1954, p. 184.

<sup>2</sup> **sine pluma**. LEXICOGRAFIA. — Para exprimir que o manto era usado e esfarrapado, o poeta se serve de imagens diversas e se compara a uma ave sem penas, *sine pluma*, a um animal sem pelos, *absque pilo*, ou sem pele, *sine pelle*, a um carneiro sem lã, *vellus*. Todas essas imagens são interpretadas ironicamente, como os vocábulos *abstulit ostrum* v. 4 "o doador retirou a púrpura".

*Cernis adesse nives, moriere gelu neque vives."*

*"Pauper mantelle, macer, absque pilo, sine pelle,  
Si potes, expelle boream rabiemque procelle.  
Sis michi pro scuto, ne frigore pungar acuto.  
Per te posse puto ventis obsistere tuto." —  
Tunc ita mantellus: "Michi nec pilus est neque vellus,  
Sum levis absque pilo, tenui sine tegmine filo  
Te mordax aquilo per me feriet quasi pilo.  
Si notus iratus patulos perflabit hiatus,  
Stringet utrumque latus per mille foramina flatus." —  
"Frigus adesse vides." — "Video, quia frigore strides,  
Sed michi nulla fides, nisi pelliculas clamidi des.  
Scis quid ages, Primas? Eme pelles, obstrue rimas.  
Tunc bene depellam iuncta michi pelle procellam.  
Compatior certe, moveor pietate super te  
Et facerem iussum, sed Jacob, non Esau sum."*

[TRADUÇÃO]

Ó espuma dos bispos, lia do clero, chaga hedionda, que em pleno inverno me deu um manto usado.

"Quem te deu esta roupa? Achaste-a? É tua?" "Sim. Mas a que lhe deu tem a púrpura arrancada." — "Quem te deu esse presente?" — Foi um bispo." — "O doador te prejudicou com esse presente. Que valor tem em pleno inverno um manto sem lã e sem pele? Vês que as neves estão vindo, tu morrerás de frio e não viverás mais."

"Pobre manto, tão magro, sem lã e sem pele, se podes, afugenta o vento do norte e o furor da tormenta. Seja meu escudo para que eu não seja trespassado pelo frio agudo. Espero poder resistir o vento, com tua ajuda, sem perigo." Então o manto responde: "Não tenho pele nem lã. Estou usado até à corda, sem lã, e não posso te proteger.

Não seria por mim que o vento do norte te trespassaria como um dardo de arremesso. Se o vento em cólera penetra através dos farrapos boquiabertos, ele te gelará inteiramente pelos mil buracos." — "Vês que já agora faz frio." — "Eu bercebo isto porque bates os dentes. Mas tu não podes te fiar em mim para remendar o teu manto. Sabes o que deves fazer, Primas? Compra uns pedaços de pele, tampa os buracos. Enfeitado com pele, eu desviarei o vento. Bem seguro, eu te vejo com piedade, tocado de compaixão, e gostaria de te obedecer, mas sou Jacó e não Esaú."

VERSIFICAÇÃO. — A disposição das pausas no verso é sempre na quinta sílaba e o corte rima sempre com o vocábulo final do verso. A técnica das rimas é perfeita: todas as rimas são dissilábicas, estabelecido que se leve em conta a pronúncia do latim na França. Primas pronunciou, por exemplo, a última parte de *indumentum* da mesma maneira que *emptum*. Em outros de seus poemas, encontram-se assim as rimas *sanctum: disputantum; contemptu: conventu; velox: Pelops: celos; sancte: diligam te* etc. Como no último caso, ele se diverte, por vezes, brincando com os monossílabos. O monossílabo pode ser um pronome, como por exemplo: *diverse: per se; teste: penes te; infixe: vix se; lite: pati te*; pode ser um substantivo *ursus: tegitur sus; cordis: honor dis*; e é, por vezes, um verbo; cf. v. 19 *fides: clamidi des* e v. 23 *iussum: Esau sum*<sup>1</sup>. Este exemplo mostra também que ele não diferencia consoantes dobradas de consoantes simples para o que diz respeito a rimas. Uma vogal longa pode também rimar com uma vogal breve: *nives: vives; pūto: túto; lātus: flātus* etc. É necessário observar que esta regra é válida mesmo quando

---

<sup>1</sup> Ver E. Löfstedt, *Syntactia*, I, p. 255 e ss.



esta diferença de quantidade ocasiona uma diferença de acentuação (caso dos vocábulos polissilábicos; cf. v. 15 *áquilo: píllo* e noutros poemas de Primas *rélice: amíce; láceret: quéret; púeris: véris; lácrimas: prímas*).

### C. O dilema do estudante

Os poemas líricos latinos apresentam as formas mais variadas a partir do século XII, diferenciando-se totalmente da poesia clássica. Ilustraremos aqui a nova lírica por meio de um exemplo tomado das *Carmina Burana*<sup>1</sup>.

- |  |   |
|--|---|
| <b>1a</b> <i>Vacillantis trutine</i><br><i>Libramine</i><br><i>Mens suspensa fluctuat</i><br><i>Et estuat</i><br><i>Et tumultus anxios</i><br><i>Dum se vertit</i><br><i>Et bipertit</i><br><i>Motus in contrarios.</i><br><i>O langueo;</i><br><i>Causam languoris video</i><br><i>Nec caveo</i><br><i>Videns et prudens pereo.</i> | <b>b</b> <i>Me vacare studio</i><br><i>Vult ratio;</i><br><i>Sed dum amor alteram</i><br><i>Vult operam</i><br><i>In diversa rapior.</i><br><i>Ratione</i><br><i>Cum Dione</i><br><i>Dimicante crucior.</i><br><i>O langueo;</i><br><i>Causam languoris video</i><br><i>Nec caveo,</i><br><i>Videns et prudens pereo.</i> |
| <b>2a</b> <i>Sicut in arbore</i><br><i>Frons tremula,</i><br><i>Navicula</i><br><i>Levis in equore</i><br><i>Dum caret ancore</i><br><i>Subsidio,</i>  | <b>b</b> <i>Sub libra pondero,</i><br><i>Quid melius,</i><br><i>Et dubius</i><br><i>Mecum delibero.</i><br><i>Nunc menti refero</i><br><i>Delicias</i>  |

---

<sup>1</sup> Ver *Carmina Burana*, ed. A. Hilka e O. Schumann, II, Heidelberg, 1941, n° 108.

<i>Contrario</i>	<i>Venerias;</i>
<i>Flatu concussa fluitat:</i>	<i>Que mea mihi Florula</i>
<i>Sic agitat</i>	<i>Det oscula;</i>
<i>Sic turbine sollicitat</i>	<i>Qui risus, que labellula,</i>
<i>Me dubio</i>	<i>Que facies,</i>
<i>Hinc amor, inde ratio.</i>	<i>Frons, naris aut cesaries.</i>
<i>O langueo;</i>	<i>O langueo;</i>
<i>Causam languoris video</i>	<i>Causam languoris video</i>
<i>Nec caveo,</i>	<i>Nec caveo,</i>
<i>Videns et prudens pereo.</i>	<i>Videns et prudens pereo.</i>

<b>3a</b> <i>His invitat</i>	<b>b</b> <i>Nam solari</i>
<i>Et irritat</i>	<i>Me scolari</i>
<i>Amor me blanditiis;</i>	<i>Cogitat exilio.</i>
<i>Sed aliis</i>	<i>Sed, ratio,</i>
<i>Ratio sollicitat</i>	<i>Procul abi! Vinceris</i>
<i>Et excitat</i>	<i>Sub Veneris</i>
<i>Me studiis.</i>	<i>Imperio.</i>
<i>O langueo;</i>	<i>O langueo;</i>
<i>Causam languoris video</i>	<i>Causam languoris video</i>
<i>Nec caveo,</i>	<i>Nec caveo,</i>
<i>Videns et prudens pereo.</i>	<i>Videns et prudens pereo.</i>

[TRADUÇÃO]

1a Com a incerteza de uma balança oscilante, minha alma está indecisa e flutuante quando, ansiosa, ela retorna sobre sua decisão e se divide em movimentos contrários. Ah, estou perdido, vejo a razão de minha doença, mas não me vejo, com os olhos abertos eu me perco.

1b A razão exige que eu me entregue aos estudos. Mas quando o amor deseja outra coisa, estou aflito e sofro quando a razão e Vênus se batem.

2a Sou como uma folha tremulante sobre a árvore, como um frágil barquinho sobre o mar que sem a ajuda de uma âncora é agitado pelos ventos contrários. É assim que o amor e a razão me jogam de um lado e de outro para um vento mutante.

2b Eu peso na balança e examino, hesitante, o que é melhor, o que me representa o prazer do amor, os beijos de minha pequena Flora, seus risos, seus lábios, sua face, sua testa, seu nariz, seus cabelos.

3a O amor me convida e me tenta para essas delícias, e a razão me solicita e me atrai para outros interesses,

3b porque ele quer me consolar, propondo estudos no estrangeiro. Mas, razão, **va-t-en**. O poder de Vênus triunfa de ti.

versificação. — O poema se compõe de três pares de estrofes que se diferenciam umas das outras, o que quer dizer que temos aqui a repetição progressiva característica da seqüência. Embora os versos apresente um aspecto muito variado, eles não são livres como os das primeiras seqüências, mais ritmicamente reguladas. A primeira estrofe se compõe desses versos: 2 X (7pp,4pp), 7pp, 4p, 4p, 7pp; a segunda segue o esquema 6pp, 4pp, 4pp, 6pp+6pp, 4pp, 4pp, 8pp, 4pp, 8pp, 4pp, 8pp, e a terceira 4p, 4p, 7pp, 4pp, 7pp, 4pp, 4pp. O refrão, enfim, pode ser descrito como 2 X (4pp+8pp). Comparando essas fórmulas, vê-se que os elementos rítmicos de que se compõem os versos são em número limitado. Todos os versos são ligados por rimas dissilábicas.

## 10. A prosa rimada

A retórica, da qual vimos como agiu sobre Adelmo e os autores gauleses da época merovíngia, não parou de exercer uma influência, por vezes nefasta, sobre os espíritos. Característica da última metade da Idade Média é a prosa com rimas dissilábicas e com um emprego generalizado do *cursus* rítmico. Seleccionamos aqui algumas passagens de Benzon, bispo de Alba, na Itália, que é um dos primeiros prosadores a se servir, em princípio sempre, de rimas dissilábicas. Pelo final do século XI, escreveu uma obra *Ad Heinricum IV*, em que defende a política italiana dos imperadores alemães e ataca ferozmente o Papa Gregório VII<sup>1</sup>.

*Quoniam de impiissima heresi Folleprandelli<sup>2</sup> volumus et debemus aliquid dicere, / oportet a superioribus paulisper incipere. / Constantinus igitur imperator, divina revelatione / sanctique Sil-*

---

<sup>1</sup> O texto se encontra nos *MGH, Script.*, p. 670, *Bensonis Albensis Ad Heinricum IV*, liber VII,2.

<sup>2</sup> **Folleprandelli.** LEXICOGRAFIA. — Benzon tenta designar seus adversários por meio de nomes injuriosos. Assim, ele chama Hildebrando-Gregório VII *novus Antichristelus* ou *Prandellus* ou, como aqui, *Folleprandellus* (italiano *folle* = louco), chama Rodolfo por *Merdulfus* e insulta os normandos, escrevendo *Normanni qui melius dicuntur Nullimanni* (Ver P. Lehmann, *Die Parodie im Mittelalter*, 2ª ed., Munique, 1963, p. 65).

*vestri digna predicatione / conversus ad culturam christianae religionis, / roboravit catholicam fidem multiphariam<sup>1</sup> multisque modis. / Postquam autem Romanam dignitatem et pene totam Urbem traxit secum ad apostolicae credulitatis fidem, / edicto constituit ut omnes in sacrae fidei professione sentirent unum atque idem. / Ea de causa reliquit Romae suum patricium / ad custodiendam rem publicam, / et de manu papae accipiens apocrissarium<sup>2</sup>, / voluit ut esset Constantinopoli ob disciplinam aecclesiasticam; / quatenus presumentem garrere contra fidem fieret obvius apocrissarius, / et aecclesiae Romanae volenti iniuriam inferre contradiceret patricius.*

*Et quoniam electio papae fiebat in criptis<sup>3</sup> propter metum paganorum, / precepit ut deinceps celebraretur sollempniter<sup>4</sup> in*

---

<sup>1</sup> **multiphariam.** LEXICOGRAFIA. — *Multifariam* parece ter, aqui, o sentido de "de diversas maneiras" e ser um sinônimo de *multis modis*.

ESTILÍSTICA. — A *multiphariam* Benzon acrescentou *multisque modis* para obter uma assonância dissilábica e uma rima monossilábica com *religionis*. As outras assonâncias ou rimas imperfeitas que se encontram em nosso texto são *orbis: imperatoris: electionis* (linha 28) e *patricium: comissum* (linha 28). Ao contrário, *extra* (linha 20), pronunciado *estra*, forma uma rima completa com *horchestra*, assim como *Otto: toto* (linha 38). Em geral, Benzon agrupa as rimas duas a duas e, algumas vezes, reata pela rima três ou até mais membros de frase (cf. linhas 9 e ss., 20 e ss. e 39 e ss.).

Benzon ainda não tinha aprendido as regras do *cursus* rítmico que, no século XI, só eram praticadas por São Pedro Damiano e alguns beneditinos eruditos.

<sup>2</sup> **apocrissarium.** LEXICOGRAFIA. — A forma correta desse vocábulo híbrido, cuja raiz é grega e a terminação *-arius* latina, é *apocrissarius*, que já se encontra nos textos do século VI para designar o embaixador do papa.

<sup>3</sup> **criptis.** LEXICOGRAFIA. — É difícil de precisar aqui o sentido do vocábulo *cripta*. Sabe-se que o vocábulo grego *crypta* > *cripta* está na origem do italiano *grotta* e se questiona se Benzon está pensando ou não em catacumbas.

<sup>4</sup> **Sollempniter.** FONÉTICA. — A grafia *sollempniter*, que é usual na Idade Média, deve ter causado uma pronúncia escolar do *p*, mas notamos aqui alguns casos em que as rimas mostram que a letra *p* tinha uma função puramente ortográfica.

*conventu populorum. / Taliter quidem ut, si esset imperator eo loci quo per unum vel duos menses valuisset Romana legatio ad eum attingere, datis induciis interroganda foret per legatum eius elementia, / utrum placuisset sibi interesse corporali presentia. / Si vero moras ageret cesar in longinquis partibus orbis, / cis mare vel extra, / sedente patricio in sua horchestra<sup>1</sup>, / vice imperatoris, / a clero, senatu et populo fiat secundum Deum coniventia huiusmodi electionis. / Consecrari denique nullatenus presumatur, / donec per se aut per suam epistolam imperialis consensus adhibeatur. / Quod a nullo violatum legimus, preter de Pelagio, qui suam non ausus est ad cesarem dirigere legationem, / propter Longobardorum circa Romam frequentissimam discursionem. / Cognoscens autem cesar veritatem rei per patricium, / non grave accepit quod non erat dolo commissum. / Preterea non ignotum credimus episcopis et sapientibus clericis, qualiter beatus Gregorius est inthronizatus, operante Germano patricio, / volente atque iubente imperatore Mauricio. / Usquequo vero hoc perduravit, cui est cura cognoscere, / librum pontificalem dignetur revolvere. / Illic inveniet, qualiter exarsit contra eos imperialis censura, / qui ausi sunt infringere sacrae constitutionis<sup>2</sup> intemeranda iura. / Nam neque temporibus Grecorum, / sive Francorum, aut Teutonicorum, / qui adepti fuerunt arcem Romani imperii, / evasit penas presumptor huius sacrilegii. / Tercius denique Otto, / cuius magnalia<sup>3</sup> predicantur in orbe toto, /*

---

<sup>1</sup> **horchestra.** LEXICOGRAFIA. — *Orchestra* é aqui preferida a *tribunal* por causa da rima.

<sup>2</sup> **sacrae constitutionis.** LEXICOGRAFIA. — O adjetivo *sacer* foi aplicado durante o baixo-império em tudo que dizia respeito à pessoa do imperador e a sua conversão ao cristianismo não mudou esse uso.

<sup>3</sup> **magnalia.** LEXICOGRAFIA. — *Magnalia* "grandes coisas", "maravilhas", "altos feitos" foi introduzida no latim na época cristã.

*super cuiusdam pseudopapae nefaria presumptione / ultus est in aurium, linguae nasique detruncatione, / simulque cum oculorum evulsionem. / O vir virorum, / o imperator imperatorum, / cuius liberalitas erit memorialis per secula seculorum!*

[TRADUÇÃO]

Como não podemos dispensar de mencionar a heresia ímpia de Folleprandellus, devemos retornar um pouco atrás. Quando, sob o efeito da revelação divina e da nobre pregação de São Silvestre, o imperador Constantino se converteu à religião cristã, ele consolidou a fé católica de vários modos. Depois de ter arrastado consigo a aristocracia romana e quase toda a cidade à fé dos apóstolos, ordenou a todos, por um edito, que não houvesse qualquer divergência nas matérias desta santa religião. Por esta razão é que deixou em Roma seu prefeito para defender o Estado e mandou para morar em Constantinopla o núncio que o Papa lhe deu para a fiscalização da disciplina eclesiástica; desse modo, o núncio devia opor-se a todas as pessoas que ousasse tomar a palavra contra a fé, e o prefeito devia combater todos os que quisessem fazer alguma injustiça à igreja romana. Tinha-se o hábito, por medo dos pagãos, de se eleger o papa nas criptas, mas ele ordenou que daquele dia em diante isso se fizesse solenemente na assembléia do povo. Se o imperador se encontrasse num lugar em que os comissários do senado romano pudessem chegar em um ou dois meses, devia-se esperar e perguntar-lhe se ele queria estar presente pessoalmente. Mas, se o imperador estivesse em partes distantes do mundo, deste ou do outro lado do mar, o clero, o senado e o povo elegeriam conjuntamente o papa segundo a vontade de Deus, sob a presidência do prefeito, que representaria o imperador. Mas, de



nenhum modo, devia ser consagrado antes de obter, de viva voz ou por carta, a autorização do imperador. Esta estipulação nunca foi violada por ninguém, pelo que sabemos, à exceção de Pelágio, que nem se atreveu a enviar delegação ao imperador por causa das freqüentes incursões dos lombardos nas proximidades de Roma. Quando o imperador soube, através do prefeito, do que realmente havia acontecido, não se ofendeu porque não se tratava de uma conspiração. Cremos, finalmente, que os bispos e os padres eruditos sabem como São Gregório foi entronizado pelo prefeito germânico, segundo a vontade e sob a ordem do imperador Maurício. Quem deseja conhecer a história desse regulamento pode estudar o *Liber pontificalis*. Ali se aprenderá como os imperadores puniram severamente os que tentaram menosprezar as leis invioláveis desta constituição sagrada. De fato, sejam gregos, francos ou alamanos os que ocuparam o trono do império romano, nenhum daqueles que cometeram esse sacrilégio escapou à punição. Ultimamente, Óton III, cujos altos feitos são proclamados no mundo inteiro, vingou-se da presunção criminosa de um pseudo-papa mandando cortar-lhe as orelhas, a língua e o nariz e arrancar os olhos. Ah, que homem, que imperador — sua nobreza será lembrada em todos os séculos futuros.

## 11. *A prosa narrativa*

Ao lado da prosa em que os autores fazem ostentação de seus conhecimentos de retórica, entre outros que terminam os períodos por cadências rítmicas e, muitas vezes, por rimas, existe também na Idade Média uma prosa narrativa escrita num tom bem diferente e com uma sintaxe muito simples. Os autores desta prosa se inspiram freqüentemente nos Evangelhos, que têm um estilo muito diferente do adotado pela prosa artística pagã, mas, para a maior parte dos autores, e sobretudo para os de língua românica, a língua materna era a fonte principal de que eles hauriram o vocabulário, as construções, a ordem das palavras, o emprego da coordenação ao invés da subordinação etc. Em nossa opinião, os escritores italianos são os mestres desta prosa narrativa. Seu latim tem muito pouco em comum com a língua de Cícero. Trata-se, na verdade, de um italiano ligeiramente latinizado, mas de um estilo vivo, claro e mesmo elegante, desde que não se considere o latim clássico como o modelo a partir do qual tudo está para julgar. Para se dar uma idéia disso, escolhemos uma parte da crônica dos frades menores, composta por Salimbeno de Adão pelo final do século XIII<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *Cronica fratris Salimbene de Adam*, ed. Holder-Egger, *MGH, Script.*, XXXII, p. 181 e ss.

*Iste frater Henricus Pisanos fuit pulcher homo, mediocris tamen stature, largus, curialis<sup>1</sup>, liberalis et alacer; cum omnibus bene conversari sciebat condescendendo et conformando se moribus singulorum, fratrum suorum gratiam habens et secularium, quod paucorum est. Item sollemnis<sup>2</sup> predicator et graciosus clero et populo fuit. Item sciebat scribere, miniare<sup>3</sup> — quod aliqui illuminare dicunt, pro eo quod ex minio liber illuminatur —, notare, cantus pulcherrimos et delectabiles invenire, tam modulatos, id est fractos, quam firmos<sup>4</sup>. Sollemnis cantor fuit. Habebat vocem grossam et sonoram, ita ut totum repletet chorum. Quillam<sup>5</sup> vero habebat subtilem, altissimam et acutam, dulcem, suavem et delectabilem*

---

<sup>1</sup> **curialis**. LEXICOGRAFIA. — *Curia* podia designar, na Idade Média, a corte pontifical ou a corte de um rei e, por conseguinte, *curialis* se emprega por tudo que diz respeito a corte, inclusive com o sentido de "cortês".

<sup>2</sup> **sollemnis**. LEXICOGRAFIA. — Salimbeno se serve do vocábulo *sollemnis* com o sentido de "eminente" aqui e na linha 8, onde ele chama Henrique de *sollemnis cantor*.

<sup>3</sup> **miniare**. Os dois verbos *miniare* e *illuminare* são termos técnicos para designar ilustrar manuscritos com desenhos. Nos mosteiros italianos, uma decoração desse gênero era chamada *miniatura*, vocábulo que conheceu um grande sucesso nas línguas européias.

<sup>4</sup> **cantus... tam modulatos id est fractos quam firmos**. LEXICOGRAFIA. — *Cantus firmus*, italiano *canto fermo*, era o cantochão litúrgico, *cantus modulatus* ou *fractus*, italiano *canto fratto*, o canto figurado, cujas medidas tinham um valor determinado.

<sup>5</sup> **quillam**. LEXICOGRAFIA. — *Quilla* é uma latinização do vocábulo *quilio*, "falsete", que se emprega, por exemplo, na expressão *cantare in quilio*. O texto de Salimbeno é cheio de vocábulos provenientes do italiano (ou do francês). Entre estes, encontram-se *apodiare se*, italiano *appoggiarsi*, francês *s'appuyer*; *passagium*, *potagium*, italiano *passagio*, *potaggio*; *ribaldus*, italiano *ribaldo*, para não falar de *ravioli*, p. 547,21 *Comedi primo raviolos sine crusta de pasta*.

*supra modum. Meus custos fuit in Senensi custodia<sup>1</sup> et meus magister in cantu tempore Gregorii pape noni. Et tunc vivebat frater Lucas Apulus ex ordine fratrum minorum, cuius est sermonum memoria, qui fuit scolasticus et ecclesiasticus et litteratus homo et in Apulia in theologia eximius doctor, nominatus, sollemnis atque famosus; cuius anima per misericordiam Dei requiescat in pace. Amen.*

*Item iste frater Henricus Pisanus fuit morigeratus homo et Deo devotus et beate virgini et beate Marie Magdalene. Nec mirum, quia ecclesia sue vicinie Pisis habebat vocabulum huius sancte. In civitate etiam Pisana beata virgo vocabulum habet matricis ecclesie<sup>2</sup>. In qua fui a Pisano archiepiscopo diaconus ordinatus. Multas cantilenas fecit frater Henricus et multas sequentias. Nam illam litteram fecit et cantum: "Christe Deus, Christe meus, Christe rex et domine", ad vocem cuiusdam pedissequae, que per maiorem ecclesiam Pisanam ibat cantando<sup>3</sup>: "Es tu no cure de me / e no coraro de te".*

---

<sup>1</sup> **custodia.** LEXICOGRAFIA. — Na ordem dos frades menores, as províncias eram divididas em *custodiae*, cada uma dirigida por um custódio. Salimbeno pertencia à *custodia* de Siene (Egito), como ele disse, na época do Papa Gregório IX, morto em 1241.

<sup>2</sup> **matrix ecclesia.** LEXICOGRAFIA. — A catedral é freqüentemente chamada *matrix ecclesia* ou, como se diz mais abaixo, *maior ecclesia*. Parece que Salimbeno tenha confundido aqui as seguintes proposições: *ecclesia habet vocabulum beatae virginis* e *beata virgo ecclesiae nomen dedit*.

<sup>3</sup> **ibat cantando.** SINTAXE. — No latim tardio, o ablativo do gerundivo pode servir de complemento de verbos como *stare* e *ire*. Cf. Venâncio Fortunato, *Carmina*, V, 14,5 *stat spargendo medelas*; Leo, *Alex.*, III,1 *Alexander nihil aliud optat facere nisi ire preliando et subiugando sibi gentes*. Estas são perífrases que se propagam nas línguas românicas (Ver P. Aalto, *Untersuchungen über das lateinische Gerundium und Gerundivum*. Helsinque, 1949, p. 75 e ss.).

*Item illam cantilenam fecit, litteram cum triplici cantu, scilicet: "Miser homo cogita facta Creatoris". Item cantum fecit in illa littera magistri Phylippi cancellarii Parisiensis, scilicet: "Homo quam sit pura / Michi de te cura".*

*Et quia, cum esset custos et in conventu Senensi in infirmitorio iaceret infirmus in lecto et notare non posset, vocavit me, et fui primus qui eo cantante notavi illum cantum. Item in illa alia littera, que est cancellarii similiter, cantum fecit, scilicet: "Crux, de te volo conqueri", et "Virgo, tibi respondeo", et "Centrum capit circulus", et "Quisquis cordis et oculi".*

*Et in illa sequentia: "Iesse virgam humidavit" delectabilem cantum fecit, et qui libenter cantatur, cum prius haberet cantum rudem et dissonum ad cantandum. Litteram vero illius sequentie fecit Ricardus de Sancto Victore, sicut et multas alias fecit sequentias. Item in hymnis sancte Marie Magdalene, quos fecit predictus cancellarius parisiensis, scilicet: "Pange lingua Magdalene", cum aliis sequentibus hymnis cantum delectabilem fecit. Item de resurrectione Domini fecit sequentiam, litteram et cantum, scilicet: "Natus, passus Dominus resurrexit hodie".*

*Secundum vero cantum, qui ibi est, id est contracantum, fecit frater Vita ex ordine fratrum minorum de civitate Lucensi, melior cantor de mundo<sup>1</sup> tempore suo in utroque cantu, scilicet firmo et fracto. Vocem habebat gracilem sive subtilem et delectabilem ad audiendum.*

---

<sup>1</sup> **melior cantor de mundo.** SINTAXE. — É fácil reconhecer a sintaxe das línguas românicas nesta expressão que o autor tomou da língua falada (Os cantos de Filipe, o Chanceler, mencionados por Salimbeno, foram publicados em *Analecta Hymnica*,

## [TRADUÇÃO]

O irmão Henrique de Pisa era um belo rapaz, de estatura mediana, generoso, cortês, liberal e alegre. Sabia conversar bem com todo o mundo, descendo ao nível de cada um, e era tão amado por seus confrades quanto pelos leigos, o que é muito raro. Era um notável orador, muito famoso junto ao clero e ao povo. Sabia escrever, miniar — o que alguns chamam iluminar (ornamentar com iluminuras), já que um livro é iluminado com mínio — munir os livros de notas musicais e compor agradáveis melodias, seja medidas, em *cantus fractus*, seja em *cantus firmus*. Cantava muito bem. Tinha uma voz sonora e de grande volume, que enchia todo o coro, e tinha uma voz de falsete fina, muito alta e aguda, doce, deliciosa e infinitamente agradável. Era o chefe de nossa ordem, na província de Siene<sup>1</sup>, assim como meu professor de canto, na época do Papa Gregório IX. Nesta época vivia o Irmão Lucas, o Apulião, da ordem dos irmãos menores — ainda se conserva a lembrança de seus sermões — um homem sábio, piedoso e letrado, que era um distinto, renomado, excelente e célebre doutor em Teologia em Apúlia (na Itália). Que sua alma repouse em paz, pela misericórdia de Deus, amém.

Mas, para voltar ao irmão Henrique de Pisa, este era de um bom caráter, devotado a Deus, à Santa Virgem e a Santa Maria Madalena, o que nada tem de maravilhoso, visto que a igreja vizinha, em Pisa, levava o nome desta santa. Na cidade de Pisa, a catedral em que fui ordenado diácono pelo arcebispo de Pisa, foi nomeada, de-

---

XX,89, XXI,12,14 e 168, L,363; a seqüência atribuída a Ricardo de São Vítor se encontra no tomo LIV,220.).

<sup>1</sup>Cidade do Alto Egito, famosa por seu granito vermelho.

pois, da Santa Virgem. O irmão Henrique compôs muitos cantos e diversas seqüências. Ele compôs, por exemplo, o texto e a melodia de *Christe Deus, Christe meus, / Christe rex et domine*, segundo a canção de uma pequena serva que passeava na catedral de Pisa, cantando "Se tu zombas de mim, eu não zombo de ti". Escreveu ainda o canto seguinte (o texto com três vozes): *Miser homo cogita facta creatoris*. E compôs a melodia para esse texto do maestro Filipe, o chanceler de Paris: *Homo quam sit pura / Michi de te cura*.

Quando era superior provincial e estava doente na enfermaria da Abadia de Siene, sem poder escrever notas musicais, ele me chamou e assim eu fui o primeiro a anotar esta melodia, a partir de seu canto. Além disso, ele musicou outros textos do chanceler, a saber *Crux de te volo conqueri, Virgo tibi respondeo, Centrum capit circulus* e *Quisquis cordis et oculi*.

Pela seqüência *Iesse virgam humidavit*, ele compôs uma melodia deliciosa, que se canta com prazer, enquanto a antiga melodia era bárbara e dissonante. É Ricardo de São Vítor que escreveu o texto desta seqüência, assim como as de muitas outras. Ele compôs ainda uma bela música para os hinos em honra de Santa Maria Madalena, do Chanceler de Paris acima nomeado, principalmente com base em *Pange lingua Magdalene* e noutros hinos. Enfim, escreveu o texto e compôs o método da seqüência seguinte, sobre a ressurreição do Senhor: *Natus, passus Dominus resurrexit hodie*.

A segunda voz desse canto, isto é, os contrapontos, é obra do irmão Vita, da ordem dos frades menores, da cidade de Lucques, nesta época o melhor cantor do mundo nos dois gêneros, cantochão e canto figurado, tinha uma voz aguda, sutil e agradável aos ouvidos.

## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

**A maior parte dos textos citados encontra-se nas seguintes grandes coleções:**

*Analecta Hymnica* = C. Blume, G. M. Deves, H. Bannister, *Analecta hymnica medii aevi*, I-LV, Leipzig, 1886-1922 (citamos os números dos poemas).

*Corpus Christianorum*, I-. Turnhout, 1953- DIEHL, E. *Inscriptiones Latinae Christianae veteres*, I-III. Berlim, 1924-1930.

MIGNE. *Patr. Lat. = Patrologiae cursus completus. Series Latina.*  
MGH = *Monumenta Germaniae Historica, Auct. ant. = Auctores antiquissimi.*

*Dipl. karolin., I = Die Urkunden der Karolinger, I.*

*Epist. = Epistolae.*

*Leg. sect. = Legum sectiones.*

*Mer. = Scriptores rerum Merovingicarum.*

*PAC = Poetae aevi Carolini.*

*Script. = Scriptores.*

THUROT, Ch. *Notices et extraits de divers manuscrits latins pour servir à l'histoire des doctrines grammaticales au moyen âge.* Paris, 1869.

WALTHER, H. *Proverbia sententiaeque Latinitatis medii aevi.* Goettingue, 1963-



**Para os outros textos citados serão encontradas indicações bibliográficas suficientes nas notas de pé de página.**

**O léxico do latim medieval tem sido objeto de numerosos estudos. Citaremos os títulos dos dicionários mais importantes nas notas das páginas 68 e 69, quando estaremos tratando do "latim medieval após o ano 1000". Os manuais e tratados que mencionaremos mais frequentemente são os seguintes:**

BASTARDAS PARERA, J. *El latín medieval hispánico*, *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I. Madri, 1959, p. 251-290.

———. *Particularidades sintácticas del latín medieval*. Barcelona, 1953.

BECKMANN, G. A. *Die Nachfolgekonstruktionen des instrumentalen Ablativs im Spätlatein und im Französischen*. Tübingue, 1963.

BONIOLI, M. *La pronuncia del latino nelle scuole dell'Antichità al Rinascimento*, I. Turim, 1962.

BOURCIEZ, E. *Éléments de linguistique romane*. 5ª ed. Paris, 1967.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *El latín de la península ibérica, Rasgos lingüísticos*, *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, I. Madri, 1959, p. 153-197.

———. *El latín de la liturgia hispánica, Estudios sobre la liturgia mozárabe*. Madri, 1965, p. 55-87.

ELFVING, L. *Étude lexicographique sur les séquences limousines*. Estocolmo, 1962.

FICKERMANN, N. *Thietmar von Merseburg in der lateinischen Sprach-tradition, Jahrbuch für die Geschichte Mittel- und Ostdeutschlands*, VI, 1957, p. 21-76.

HALVARSON, K. *Bernardi Cluniacensis Carmina De trinitate et de fide catholica, De castitate servanda, In libros regum, De octo vitiis*. Estocolmo, 1963.

HOFMANN-SZANTYR = HOFMANN, J. B. *Lateinische Syntax und Stilistik*. 2<sup>a</sup> ed. por A. Szantyr. Munique, 1965.

LEHMANN, P. *Erforschung des Mittelalters*, I-IV. Stuttgart, 1959-1962.

LINDHOLM, G. *Studien zum mittellateinischen Prosarhythmus*. Estocolmo, 1963.

LÖFSTEDT, B. *Studien über die Sprache der langobardischen Gesetze*. Upsala, 1961.

———. *Der hibernolateinische Grammatiker Malsachanus*. Upsala, 1965.

LÖFSTEDT, E. *Late Latin*, Oslo, 1959.

———. *Syntactica*, I-II, Lund, 1933-1942.

———. *Vermischte Studien zur lateinischen sprachkunde und Syntax*, Lund, 1936.

MEYER, W. *Gesammelte Abhandlungen zur mittellateinischen Rhythmik*, I-III. Berlin, 1905, 1936.

MOHRMANN, Chr. *Études sur le latin des chrétiens*, I-III. Roma, 1958-1965.

NORBERG, D. *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins*. Upsala, 1943.

———. *Beiträge zur spätlateinischen Syntax*. Upsala, 1944.

———. *Introduction à l'étude de la versification latine médiévale*. Estocolmo, 1958.

———. *La poésie latine rythmique du haut moyen âge*. Estocolmo, 1954.

ÖBERG, J. *Serlon de Wilton, Poèmes latins*, Estocolmo, 1965.

RICHÉ, P. *Éducation et culture dans l'Occident barbare, VI<sup>e</sup>- VIII<sup>e</sup> siècles*. 2<sup>a</sup> ed. Paris, 1967.

THORSBERG, B. *Études sur l'hymnologie mozarabe*. Estocolmo, 1962. VÄÄNÄNEN, V. *Introduction au latin vulgaire*. 2<sup>a</sup> ed. Paris, 1967.

WESTERBERGH, U. *Chronicon Salernitanum, A Critical Edition with Studies on Literary and Historical Sources and on Language*. Estocolmo, 1956.